

MEDICINA VETERINÁRIA

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO



ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2014.2



UFOB

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO OESTE DA BAHIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

IRACEMA SANTOS VELOSO
Reitora Pró-Tempore

JACQUES ANTÔNIO DE MIRANDA
Vice-Reitor Pró-Tempore

ANATÁLIA DEJANE SILVA DE OLIVEIRA
Pró-Reitora de Graduação e Ações Afirmativas

LUCIANA LUCAS MACHADO
Pró-Reitora de Pós-Graduação Pesquisa e Inovação

PAULO ROBERTO BAQUEIRO BRANDÃO
Pró-Reitor de Extensão e Cultura

ADRIANA MIGLIORINI KIECKHÖFER
Pró-Reitora Administração e Infraestrutura

POTY RODRIGUES DE LUCENA
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

MARCOS AURÉLIO SOUZA BRITO
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

DAVID DUTKIEVICZ
Pró-Reitor de Tecnologia da Informação e Comunicação

JACQUES ANTÔNIO DE MIRANDA
Superintendente Universitário

ALMIR VIEIRA SILVA
Assessoria de Políticas Nacionais e Internacionais

DANILO AZEVEDO PINTO
Assessoria de Comunicação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

JAIRO TORRES MAGALHÃES JUNIOR
Diretor do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

PAULO ROBERTO DE MOURA SOUZA FILHO
Vice-diretor do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ROMENIQUE DA SILVA DE FREITAS
Coordenador de Ensino

LARISSA JOSÉ PARAZZI
Coordenadora

FLAVIA DOS SANTOS
Vice Coordenadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE¹

LARISSA JOSÉ PARAZZI (presidente)
LAYZE CILMARA ALVES DA SILVA VIEIRA (vice-presidente)
ADÉRICO JÚNIOR BADARÓ PIMENTEL
ALEXANDRA SOARES RODRIGUES
CLIMÉRIO PAULO DA SILVA NETO
DEUSDETE CONCEIÇÃO GOMES JÚNIOR
EDUARDO GOMES DE OLIVEIRA
FLAVIA DOS SANTOS
JAIRO TORRES MAGALHÃES JUNIOR
JONATAS CAMPOS DE ALMEIDA
MARIA TALITA SOARES FRADE
TEREZINHA OLIVEIRA SANTOS

COLEGIADO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA²

LARISSA JOSÉ PARAZZI (Coordenadora)
FLAVIA DOS SANTOS (Vice Coordenadora)
LAYZE CILMARA ALVES DA SILVA VIEIRA
DEUSDETE CONCEIÇÃO GOMES JÚNIOR
JANAÍNA DE LIMA SILVA
ELLENISE ELSA EMIDIO BICALHO
TEREZINHA OLIVEIRA SANTOS
ADALGISA MARIA DE SANTANA ARAÚJO
CALIENE MELO DE ANDRADE SILVA
ANDERSON MIRANDA DE SOUZA
MARCELO JORGE NASCIMENTO SOUZA
IRANILDA COTRIM DA COSTA

¹ Portaria n°. 576/2019

² Portaria N° 541/2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

COLABORADORES

ADÉRICO JÚNIOR BADARÓ PIMENTEL

AGNALDO BARRETO DA SILVA

ALEXANDRA SOARES RODRIGUES

ALONSO PEREIRA SILVA FILHO

Associação de Médicos Veterinários do Oeste da Bahia - AMEV-OESTE

ANTONIA MIRIAN N. DE MOURA GUERRA

CLÁUDIA BISPO DE JESUS

CLIMÉRIO PAULO DA SILVA NETO

DEUSDETE CONCEIÇÃO GOMES JÚNIOR

EDUARDO GOMES DE OLIVEIRA

EDVALDO ANTÔNIO PAES

EUMARA MACIEL DOS SANTOS

EUNICE RODRIGUES MIOLLA

FILIFE FERREIRA S. NERY NEPOMOCENO

FLAVIA DOS SANTOS

HELMUTH KIECKHÖFER

JAIRO TORRES MAGALHÃES JUNIOR

JOÃO ROGÉRIO DE LIMA AZEVEDO JÚNIOR

JONATAS CAMPOS DE ALMEIDA

KELLYANNE DOS ANJOS CARVALHO

LARISSA JOSÉ PARAZZI

LAYZE CILMARA ALVES DA SILVA VIEIRA

LÁZARO BASTOS MACHADO

MARCELO JORGE NASCIMENTO SOUZA

MARIA TALITA SOARES FRADE

MÔNICA MOREIRA NUNES

PAULO ROBERTO DE MOURA SOUZA FILHO

ROBERTO BAGATTINI PORTELLA

RODRIGO SILVA SANTANA NETO

STELAMARES BOYDA DE ANDRADE

TEREZINHA OLIVEIRA SANTOS

COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA PROGRAF

PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO E INFRAESTRUTURA - PROADI

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL - PROPLAN



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização dos municípios-sede da UFOB na região Oeste da Bahia. 19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização do município de Barra	13
Quadro 2. Dados de identificação do curso de Medicina Veterinária da UFOB.....	21
Quadro 3. Dispositivos legais que regulamentam o Curso de Medicina Veterinária da UFOB. 30	
Quadro 4. Conteúdos básicos de acordo com a área de conhecimento, conteúdo e carga horária por componente e por área de conhecimento:	35
Quadro 5. Conteúdos profissionalizantes essenciais do curso de acordo com a área de conhecimento, conteúdo e carga horária por componente e por área de conhecimento.....	36
Quadro 6. Componentes Curriculares Optativos, Atividades do Trabalho De Conclusão De Curso, Estágio E Atividades Curriculares Complementares Para Integralização Da Matriz Curricular.	36
Quadro 7. Componentes Curriculares obrigatórios (OB) do curso de Medicina Veterinária da UFOB.	39
Quadro 8. Componentes Curriculares optativos do curso de Medicina Veterinária da UFOB.....	45
Quadro 9. Dados referentes à integralização curricular do curso de Medicina Veterinária da UFOB..	46
Quadro 10. Valores mínimos e máximos que devem ser contabilizados para integralização das 280 horas de ACCs para o Curso de Medicina Veterinária da UFOB.....	52
Quadro 11. Relação de componentes curriculares que promoverão aulas práticas em laboratórios da UFOB.	59
Quadro 12. Relação dos componentes curriculares do curso de Medicina Veterinária da UFOB que terão aulas de campo* e/ou visitas técnicas.	61
Quadro 13: Distribuição dos componentes curriculares obrigatórios (OB) e optativos (OP) conforme laboratório de ensino e carga horária teórico (T) e prática (P).....	105



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. CARACTERIZAÇÃO REGIONAL	11
2.1. Histórico da Instituição	14
2.2. Caracterização do Centro	19
2.3. Identificação do Curso	21
2.4. Histórico do Curso	22
3. JUSTIFICATIVA DO CURSO	24
4. OBJETIVOS DO CURSO	26
4.1. Objetivo Geral	26
4.2. Objetivos Específicos	26
5. CARACTERIZAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL DO EGRESSO	27
6. ÁREA DE CONHECIMENTO DO CURSO	29
7. MARCOS REGULATÓRIOS	30
8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	34
8.1. Representação gráfica do currículo do curso de Medicina Veterinária	37
8.2. Detalhamento da Matriz Curricular	39
8.3. Ementário e Bibliografia (APÊNDICE A)	47
8.4. Estágio Supervisionado	47
8.5. Trabalho de Conclusão de Curso	49
8.6. Atividades Curriculares Complementares	51
9. MARCOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	53
10. POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	63
11. POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE	66
12. AVALIAÇÃO	70
12.2. Avaliação da Aprendizagem	70



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

12.3. Avaliação do Curso de Medicina Veterinária	74
13.CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	78
13.2. Plano de composição do corpo docente	78
13.3. Infraestrutura.....	83
14.PROGRAMAS E PROJETOS	112
15.PROGRAMAS DE APOIO AO ESTUDANTE	116
16.ACOMPANHAMENTO DOS EGRESSOS	119
17.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXO I: COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	128
ANEXO II - COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DE MEDICINA VETERINÁRIA.....	130
APÊNDICE A - EMENTÁRIO	131
APÊNDICE B - REGULAMENTO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	243
APÊNDICE C - REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO.....	250
APÊNDICE D – REGULAMENTO DE ACC	283



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) começou a ser elaborado a partir do segundo semestre do ano de 2014, com o início do curso, e contou com o envolvimento e contribuição coletiva da Reitoria, Pró-Reitorias, especialmente a Prograf (Pró-Reitoria de Graduação e Ações Afirmativas, direção do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra (representada, no início, pela professora Antônia Mirian Nogueira de Moura Guerra), do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso, do corpo técnico-administrativo do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra (CMB) e demais colaboradores da UFOB, bem como da participação voluntária de médicos veterinários que atuam com responsabilidade e compromisso em prol do desenvolvimento da profissão e do potencial agropecuário da Região Oeste da Bahia. Não obstante, o PPC foi construído em consonância com a Resolução CNE/CES nº 01, de 18 de fevereiro de 2003, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Medicina Veterinária e com a Resolução CNE nº 2, de 18 de Junho de 2007, que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelado, na modalidade presencial, a serem observadas pelas Instituições de Ensino Superior (IESs) do País.

Baseado em decisões fundamentadas no princípio da autonomia que deu origem à UFOB, este PPC encontra-se voltado à realidade da região onde o curso está sendo implantado e ao inalienável compromisso de contribuição com o desenvolvimento socioeconômico local e regional, de maneira sustentável, através da formação de cidadãos que sejam capazes de realizar seus serviços dentro de excelentes padrões de qualidade e dos princípios de ética e bioética, haja vista que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra no ato técnico, mas com a resolução das questões de saúde em nível individual e coletivo. E, neste sentido, os princípios da igualdade, diversidade, indissociabilidade, inclusão, responsabilidade social e gestão democrática perpassariam as dimensões do fazer acadêmico.

Em respeito à garantia de soberania do Curso, a ser desenvolvido com flexibilidade, interdisciplinaridade e contextualização, apresenta-se uma proposta estruturada e elaborada sob opções que permitam a formação dos saberes a partir da interação do estudante com sua realidade, no intuito de que esse possa encontrar alternativas para a construção do seu próprio conhecimento, e não apenas voltado para aquisição de informação ou formação finalista. Assim, este projeto nasce com o propósito de promover ao estudante uma formação crítica e reflexiva,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

respaldada na importância da promoção do desenvolvimento do Oeste da Bahia e no papel da universidade como agente transformador da realidade na qual está inserida, e num processo dinâmico de desenvolvimento intelectual da sua própria realidade.

Através do trinômio ensino, pesquisa e extensão, o curso de Medicina Veterinária da UFOB pretende formar profissionais com bases intelectuais sólidas e essenciais à sustentabilidade de um território que se afirma pela construção do conhecimento, de perfil generalista e humanista, aptos a compreender e traduzir as necessidades regionais, a desenvolver tecnologias transformadoras do presente e promotoras de melhores perspectivas do futuro, desafios que devem ser enfrentados por meio da busca do conhecimento. O compromisso social e a responsabilidade ambiental pautam a proposta do curso de Medicina Veterinária da UFOB para o desenvolvimento do potencial agropecuário local. Esta perspectiva remete ao cuidado na concepção de uma estrutura física necessária para a realização dos processos pedagógicos, de modo que alcancem uma dimensão que vai além das atividades acadêmicas de ensino e pesquisa, mas também, e prioritariamente, no sentido da expansão de atividades extensionistas, com constante e consciente manutenção das três grandes áreas de formação do Médico Veterinário: Ciências Humanas e Sociais; Ciências Biológicas e da Saúde; e Ciências da Medicina Veterinária.

Portanto, além das exigências comuns a todo curso de graduação em Medicina Veterinária, estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), estão elencados nesse PPC itens estruturantes referentes à caracterização regional, justificativa e objetivos do curso, caracterização acadêmico-profissional do egresso, organização curricular e infraestrutura necessária para atendê-las, bem como outros itens necessários e imprescindíveis à execução dessa proposta. Todavia, ressalta-se que as concepções aqui apresentadas deverão ser acompanhadas e permanentemente avaliadas, a fim de permitir que ajustes sejam feitos sempre que necessários ao seu aperfeiçoamento.



2. CARACTERIZAÇÃO REGIONAL

O Oeste Baiano corresponde ao vasto território formado por 35 municípios localizados na margem esquerda do Rio São Francisco, ocupando uma área de 183 mil km² que corresponde a um percentual pouco inferior aos 35% da extensão territorial do Estado da Bahia. A região é composta de características fundiárias distintas: o Vale e o Cerrado. Margeada pelo Rio Grande, a região do Vale tem na sua topografia as depressões e saliências, assim como, a predominância da agricultura de subsistência, na qual a mandioca, o milho, o arroz, o feijão e a pecuária são as atividades mais tradicionais. A região do Cerrado apresenta-se como uma área plana, um dos fatores que colaboraram para a implantação do polo agrícola, destacando-se entre os agronegócios a soja, o algodão, o milho e o café.

Geograficamente, a Região Oeste da Bahia é a mais rica em recursos hídricos do Nordeste Brasileiro. As bacias hidrográficas formadas pelos rios Grande, Preto, Corrente e Carinhanha, composta por 29 rios perenes (atingindo 62.400 km², o que equivale a 82% das áreas dos cerrados), sendo as responsáveis pela disponibilidade hídrica. Desse modo, nas três últimas décadas, o cultivo de grãos, juntamente com a pecuária implantada com precedência secular, definiu os contornos de uma nova dinâmica de economia regional, potencializando o processo de crescimento econômico.

O local foi povoado primitivamente pelos índios acroás, na margem esquerda do Rio São Francisco, e pelos índios mocoazes, na direita, além dos Tupiniquins, Xacriabás, Caiapós, Cariris e Aricobés. Entre 1670 e 1680, a região torna-se o *locus* de uma fazenda de gado pertencente à Casa da Torre, chefiada pelo 2º Francisco Dias de Ávila Pereira. No final daquele século, no ponto em que o Rio Grande deságua no Rio São Francisco, padres franciscanos ergueram uma capela, denominada São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande do Sul, tornando essa a base de um aldeamento para os índios catequizados. A vila de Barra foi criada no ano de 1752, por Resolução Régia, constituindo-se no primeiro núcleo de colonização com o *status* de vila no Oeste baiano. Em 1873, Barra elevou-se à categoria de cidade sendo oficialmente denominada “Cidade Florescente da Barra do Rio Grande” e, em 1931, passou a chamar-se Barra.

Situada nos limites ocidentais do Sertão de Rodelas, a vila de São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande do Sul, conforme foi primitivamente denominada, serviu como cabeça-



de-ponte do governo colonial. Foi por meio da vila Barra que o Estado português se fez presente no médio São Francisco. Principal eixo político e comercial da região, a referida vila foi descrita no início do século XIX como “abastada de carne, peixe, com algum comércio e o número total dos Paroquianos incluído em mil e trinta e seis famílias”. Além de entreposto comercial, o cronista português Manoel Aires do Cazal descreve Barra em 1817 como importante polo piscatório (CAZAL, 1817, 2, p.189). Sua crescente população e importância política, já então sob governo da Província da Bahia, foi assinalada por um cronista que afirmou ser Barra “a passagem do rio de S. Francisco e muito frequentada” (SAINT MILLIET, 1845, 1, p.21).

A sua estratégica localização e a excelência do seu porto colaboraram para que, no final do século XIX e começo do século XX, Barra vivesse uma grande efervescência comercial e social, acentuando o poder da elite política, uma vez que a comunicação na região se dava majoritariamente por via fluvial. A agricultura e a pecuária, com a mão-de-obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar, tornaram-se as grandes responsáveis pelo desenvolvimento regional. Destacava-se também entre essas atividades, a produção de cachaça, rapadura e o beneficiamento de peixes e carnes. O local era ponto de passagem obrigatório para quem se dirigia ao sertão do São Francisco e para as boiadas do Piauí, Maranhão e Goiás. O reforço comercial tem seu auge em 1902, quando o vapor Saldanha Marinho começou a trafegar regularmente entre Pirapora (Minas Gerais) e Juazeiro (Bahia), somando a esse evento a exploração de borracha, a maniçoba, que naquela época era a borracha vegetal, além da cera de carnaúba que era um produto de exportação.

Barra foi a mais cosmopolita das vilas são franciscanas no século XIX. Segundo Wilson Lins, enquanto as demais vilas estabelecidas ao longo do São Francisco desperdiçavam vidas humanas em intermináveis conflitos familiares derivados de uma decadente aristocracia colonial, a vila de Barra manteve-se ao largo destas disputas pelo controle da região, mantendo uma política mais pacífica (LINS, 1983, p.61-62).

Ainda na primeira metade do século XIX, Barra se destacava como importante centro cultural e educacional. Das escolas de Barra emergiram figuras como as de João Maurício Wanderley, que teve grande influência na política externa imperial, Francisco Bonifácio de Abreu, introdutor dos estudos de Química no Brasil e chefe do serviço médico do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai, além de, Abílio Cesar Borges, possivelmente o mais influente educador brasileiro da época.



Barra teve papel fundamental no desenvolvimento da imprensa no Oeste, sendo o *Echo do São Francisco* (1874-1878), publicado na *Typ. Barrense*, o primeiro jornal impresso na região. Aquele periódico defendia a criação de uma Província do São Francisco, delimitada pelo seu redator Tomás Garcez Paranhos Montenegro, juiz de direito da comarca. Durante a República Velha ocorreu a expansão da imprensa periódica em Barra, quando foram criados mais sete jornais intitulados *Pequena Gazeta* (1893-94), *O Riso* (1894), *Três Rios* (1903-4), *O Barrense* (1904-5), *O S. Pedro* (1908-9), *A Barra* (1909-10) e *O Sertanejo* (1909).

O desenvolvimento da cidade de Barra sofreu um grande revés econômico a partir dos anos de 1960, com a construção da Rodovia Salvador/Brasília (BR-242). O rio São Francisco gradualmente deixou de ser a principal via de comunicação entre o litoral e o centro do Brasil. A BR-242 e a ponte sobre o rio São Francisco, construída em Ibotirama nos anos de 1980, reduziu o caminho por via terrestre. Barra deixou de ser a passagem obrigatória do comércio entre o litoral e o Oeste baiano, mas se mantém como importante centro cultural e político do Oeste baiano.

As informações gerais referentes à cidade de Barra estão apresentadas no Quadro 01.

Quadro 1. Caracterização do município de Barra

Caracterização do Município		Indicadores	
População	54.188 habitantes ³	Área	11.423 Km ²
Densidade	4,74 hab./km ²	PIB	R\$ 269.162.000,00
Bioma	Cerrado Caatinga	PIB <i>per capita</i>	R\$ 5.044,16

Fonte: IBGE, 2016

3 Estimativa do IBGE para 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

2.1. Histórico da Instituição

A UFOB tem sua origem no Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS), um *Campus* avançado da Universidade Federal da Bahia (UFBA) estabelecido em 2006. A UFBA pode ser considerada o mais importante projeto cultural da Bahia no século XX e reafirmar esse legado é a missão da UFOB no raiar do século XXI, contemplando o território, a diversidade cultural e as humanidades no Oeste baiano.

A UFBA foi criada pelo Decreto-Lei no. 9.155, de 8 de abril de 1946, com sede em Salvador - BA, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira e didático-científica. Apesar de instituída oficialmente como Universidade da Bahia, em 8 de abril de 1946, "sua constituição englobou a articulação de unidades isoladas de ensino superior preexistentes, públicas ou privadas" (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL/UFBA, 2012-2016, p. 8-9).

O estabelecimento do ensino superior na Bahia remonta ao século XIX, ainda que esse desenvolvimento tenha sido lento e gradual. Sua origem está no estabelecimento, por decreto régio 18 de fevereiro de 1808, do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, a mais antiga escola de estudos superiores do Brasil, atual Faculdade de Medicina. As primeiras tentativas de criação de universidades no Brasil foram abortadas pelo governo português às vésperas da Independência. O projeto de criar a Nova Athenas, com sede na Capitania da Bahia, proposto pelo acadêmico baiano Luís Antônio de Oliveira Mendes Dias Lobato, não passou pela Comissão de Instrução Pública das Cortes Extraordinárias de Portugal em 1821. Após a Independência, em 1822, tentativas de estabelecer universidades em cidades do interior baiano, à exemplo do que propôs o soteropolitano José da Silva Lisboa para a vila de Cachoeira, não encontraram apoio nas classes políticas imperiais. Na primeira metade daquele século, já na Regência, foi criado em Salvador o curso de Farmácia (1832), sendo incorporado à Escola de Cirurgia. Posteriormente, o mesmo ocorreu com o curso de Odontologia (1864). No Segundo Império foram criados o curso de Agronomia (1859) e a Academia de Belas Artes da Bahia (1877).

Já no início da República, foram criadas em Salvador a Faculdade de Direito (1891) e a Escola Politécnica da Bahia (1897). A Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia e a



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram estabelecidas já no avançar do século XX, em 1934 e 1941, respectivamente. Essas unidades de Ensino Superior constituíram o núcleo inicial da Universidade da Bahia, conforme o Decreto-Lei no. 9.155, de 8 de abril de 1946. Apesar do referido Decreto documento, foi necessário o desenvolvimento de novas unidades e órgãos complementares, com o objetivo de "constituir um efetivo sistema universitário, capaz de atender as necessidades culturais da sociedade baiana" (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL/UFBA, 2012-2016, p.8-9).

Foram imensos os desafios assumidos pelo Reitor Edgard Santos entre 1946 e 1961. Para dar continuidade ao projeto de transformar e dar visibilidade aos elementos culturais e artísticos da Bahia, em 1955 teve início a instalação das Escolas de Artes e dos Seminários Livres de Música e, no ano seguinte, das Escolas de Teatro e Dança. A Faculdade de Arquitetura e a Faculdade de Administração foram implantadas em 1959. Em 1967, foram incorporados à UFBA os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, que passou a assumir a atual denominação de Universidade Federal da Bahia. Nos anos de 1960-70 foram estabelecidos os Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências e Ciências da Saúde, as Escolas de Biblioteconomia e Comunicação e de Nutrição e a Faculdade de Educação. A antiga Faculdade de Filosofia passou a se denominar Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Os anos 1980 e 1990 foram assinalados por uma franca expansão nos programas de pós-graduação dos institutos e faculdades vinculados à UFBA.

Em 2005, o Ministério da Educação institui o Programa Expandir para a criação de novos *campi* e universidades. Naquele mesmo ano, em decorrência do referido Programa, o Conselho Universitário da UFBA aprovou a criação de duas unidades universitárias. O primeiro foi o Instituto Multidisciplinar de Saúde, *Campus* Anísio Teixeira, em Vitória da Conquista - BA. A segunda unidade foi o ICADS, localizado na cidade de Barreiras-BA, no *Campus* Professor Edgard Santos.

A implantação e inauguração do *Campus* Professor Edgard Santos, ICADS, no município de Barreiras aconteceu, oficialmente, em outubro de 2006, com a missão de promover o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão na região Oeste da Bahia. Tendo sido resultado de uma articulação entre diferentes níveis de governo e realizações de parcerias institucionais, o ICADS vislumbrou, além da própria implantação, condições ideais



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

para sua manutenção. Tendo o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável como premissas, entre os principais objetivos destacavam-se a busca, desde seu início, por projetos de colaboração com diversas instituições vinculadas ao meio ambiente, assim como com demais órgãos das administrações públicas nos três níveis, destacando-se as parcerias com prefeituras da região e com o governo do estado, com outras instituições de ensino superior, além de organizações de cunho social e iniciativa privada, quando em vista a promoção de benefícios para a coletividade.

A história da implantação do ICADS se inicia no ano anterior à sua inauguração como unidade da UFBA. No dia 21 de novembro de 2005, foi aprovada a Resolução nº 04/2005, que cria o *Campus* Professor Edgard Santos em Barreiras, pelo plenário do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia – UFBA, tendo sido regulamentado pelo Decreto nº 5.773, de 9/5/2006 do Ministério da Educação e Cultura – MEC e publicado no Diário Oficial da União – DOU nº 165, seção 1 em 27/8/2007. Quanto ao corpo funcional, o Instituto iniciou suas atividades com 40 (quarenta) professores, tendo como diretora *Pró Tempore* a Prof.^a Dr.^a Joana Angélica Guimarães da Luz. Para auxiliar nas atividades administrativas e acadêmicas, foram feitos contratos de prestação de serviços para 3 (três) pessoas, até a realização do concurso público para técnico-administrativo. Em março de 2007, com a realização do concurso, foram contratados 15 (quinze) técnicos administrativos.

Quanto à estrutura física, o ICADS foi instalado em prédio doado pela Prefeitura Municipal de Barreiras, onde funcionou durante muitas décadas o Colégio Padre Vieira. Visando permitir o funcionamento inicial da UFBA, o colégio passou por uma reforma preliminar. Vale ressaltar a importância histórica desse patrimônio para o Município, daí um marco para a cidade de Barreiras em abrigar nas dependências desse prédio o *Campus* da UFBA. Ciente dessa importância histórica, a Universidade manteve o Memorial do Colégio Pe. Vieira, um rico acervo com fotos de ex-estudantes, professores e funcionários que contam um pouco da história de Barreiras e região.

A implantação da estrutura definitiva do *Campus* tinha como projeto inicial a construção de vinte prédios, sendo construídos por etapas. Na primeira foram construídos o Prédio de Laboratórios, composto de 32 laboratórios, e o Pavilhão de Aulas II, que abriga salas de aula, gabinetes de professores e um auditório para 100 pessoas. Na segunda etapa, foram



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

entregues o Pavilhão de Aulas I, também com auditório para 100 pessoas, e o Prédio de Biblioteca.

As atividades do ICADS iniciaram em 23 de outubro de 2006 com seis cursos de graduação, sendo: Administração, Ciências Biológicas, Engenharia Sanitária e Ambiental, Geografia, Geologia e Química, sendo oferecidas 40 (quarenta) vagas anuais cada. Em julho de 2007 a Congregação do ICADS aprovou a criação do curso de graduação em Física e em janeiro de 2008 foram aprovadas as criações dos cursos de Engenharia Civil, Matemática e o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologia (BI&CT), sendo 40 (quarenta) vagas para os dois primeiros e 80 (oitenta) vagas para o BI&CT. Em 2009 foram aprovados os cursos de História e o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

Em julho de 2007, após uma consulta à comunidade acadêmica, foi escolhida a Diretoria do ICADS, tendo como diretora a Prof.^a Dr.^a Joana Angélica Guimarães da Luz e para vice-diretor o Prof. Dr. Francesco Lanciotti Júnior. Em novembro do mesmo ano houve a cerimônia de posse.

Em janeiro de 2008, o *Campus* recebeu a visita do excelentíssimo senhor governador do estado da Bahia, Jaques Wagner. Na ocasião, o Reitor da UFBA, Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, entregou ao governador, o Projeto de Desmembramento do ICADS para a criação da Universidade Federal do Oeste da Bahia. O governador se mostrou favorável à implantação da Universidade.

Em 2007 foi criada a proposta de desmembramento do *Campus*, sendo aprovada por unanimidade pela Congregação do Instituto e por aclamação pelos Conselhos Superiores da UFBA. O projeto visava contribuir com o desenvolvimento econômico e principalmente oportunizar aos moradores da região oeste da Bahia, o ingresso em uma universidade pública, visto que um Estado com as dimensões territoriais que tem a Bahia, até então, havia apenas duas Universidades Federais e ambas distantes dessa região, o que dificulta o acesso dos jovens da região. O projeto foi entregue ao Ministério da Educação e Cultura para encaminhamentos.

O projeto de lei que criou a UFOB foi sancionado no dia 05 de junho de 2013, pela presidenta Dilma Rousseff (Lei nº. 12.825). A cerimônia de assinatura dos documentos aconteceu no Palácio do Planalto, em Brasília com a presença de várias autoridades como o Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, o governador da Bahia, Jaques Wagner e a Reitora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

da Universidade Federal da Bahia, Prof.^a Dr.^a Dora Leal Rosa, pois a UFBA é a tutora no processo de implantação da UFOB.

No dia 1 de julho de 2013, o Ministro da Educação Aloísio Mercadante nomeou a Prof.^a Dr.^a Iracema Santos Veloso como Reitora *Pró Tempore* da UFOB, com posse realizada no dia 18 de julho, no ato de oficialização da instalação da UFOB. Ao lado da nova reitora, como vice-reitor, foi nomeado o diretor do antigo ICADS, Prof. Dr. Jacques Antônio de Miranda.

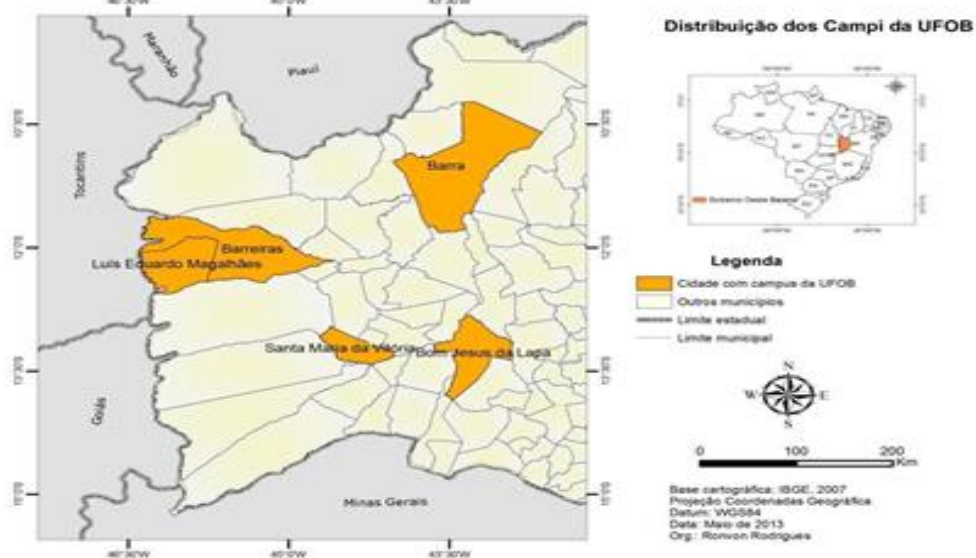
A missão da jovem universidade é tão, ou mais, desafiadora quanto a encampada sob a liderança de Edgard Santos a partir de 1946. Os desafios do século XXI exigem da Universidade Federal do Oeste da Bahia estabelecer novas conexões intelectuais, culturais, artísticas, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas entre o Oeste baiano e um mundo em processo de globalização. Neste sentido, a UFOB tem como missão promover a formação, a produção e difusão do conhecimento e o desenvolvimento da sociedade por meio de ações que efetivem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Uma característica marcante da UFOB é estar situada em uma região que encerra fronteiras com cinco estados: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Piauí e Pernambuco. Tal característica territorial estende o alcance da UFOB para tantos outros municípios e propicia uma dinâmica e maior abrangência estadual e nacional. As características do território do Oeste Baiano norteiam a estruturação da UFOB, universidade “*multicampi*”, com centros teórico-práticos nas diversas áreas do conhecimento, de maneira a evidenciar os aspectos culturais, político-econômicos específicos e essenciais da sua organização social. Este modelo institucional e acadêmico inclui a instalação de cinco *campi*, nos seguintes municípios: Barra, Bom Jesus da Lapa, Luís Eduardo Magalhães, Santa Maria da Vitória e Barreiras, onde está situado o *Campus* Reitor Edgard Santos da Universidade Federal da Bahia, que passou a integrar a estrutura da nova Universidade Federal do Oeste da Bahia (Figura 01).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Figura 1: Localização dos municípios-sede da UFOB na região Oeste da Bahia.



Fonte: Viana, 2014.

2.2. Caracterização do Centro

O município de Barra, localizado na margem esquerda do Rio São Francisco, tem experimentado importante crescimento econômico e populacional nos últimos anos, ampliando significativamente a demanda por profissionais em níveis mais avançados de qualificação. Assim, em articulação com a sociedade e com os diversos segmentos que compõem a organização da UFOB, decidiu-se por este ser o município sede do Centro Multidisciplinar que viria agregar cursos da Área de Ciências Exatas e da Terra, iniciando com a implantação de dois cursos das Ciências Agrárias, Agronomia e Medicina Veterinária, marcando o início de uma trajetória institucional de excelência, a ser materializada por meio das atividades acadêmicas e das relações construídas com a sociedade através do ensino, pesquisa e extensão.

O espaço de abrangência desse *Campus* fornece os fundamentos de caráter geográfico sobre os quais se pode planejar e gerir a capacidade de inserção dos cursos implantados nos espaços próximos, articulados à dinâmica urbano-regional da cidade. A constituição dessa abrangência se deu a partir da observância de alguns critérios que, importante salientar, pelas características atuais das formas de ingresso no sistema federal de ensino superior, se pautam no compromisso de promover uma articulação político-acadêmica constituída com outros



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

espaços do país. Por outro lado, esse processo se constitui também pela coesão cultural, simbólica e identitária.

O CMB é sede dos cursos das Ciências Agrárias e, atualmente, oferece 90 vagas anuais para os Cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, sendo 45 vagas para cada curso, ambos na modalidade Bacharelado, presenciais, diurnos, com integralização de 5 anos.

O Centro possui os seguintes órgãos estruturantes:

- I. Conselho Diretor;
- II. Diretoria;
- III. Colegiados;
- IV. Coordenação Geral de Núcleos Docentes (CGND);
- V. Núcleos Docentes.

O conselho diretor, órgão máximo de deliberação, tem a seguinte composição:

- I. Diretor, seu Presidente;
- II. Vice-Diretor;
- III. Coordenadores dos Colegiados dos cursos de Graduação do Centro;
- IV. Coordenador da CGND;
- V. Representação do corpo docente;
- VI. Representante dos servidores técnico-administrativos;
- VII. Representante estudantil.

A CGND é o órgão colegiado voltado para a viabilidade do planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades dos docentes lotados no Centro, compatibilizando os seus planos individuais de trabalho e distribuição dos encargos didáticos, submetidos à apreciação do Conselho Diretor.

O Núcleo Docente do Curso de Medicina Veterinária (Anexo I) é composto por professores do curso de Medicina Veterinária. Dentre seus membros, são eleitos um presidente e um vice-presidente para exercerem mandatos de dois anos, com direito a uma recondução. O Colegiado do Curso de Medicina Veterinária (Anexo II) é formado por nove docentes, sendo seis da área específica e três da área não específica do curso, um representante dos servidores técnico-administrativos e um representante estudantil, composição conforme Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da UFBA. Dentre os membros docentes do Colegiado, são eleitos um coordenador e um vice-coordenador para exercerem mandatos de dois anos, com direito a uma recondução.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

2.3. Identificação do Curso

O Projeto Pedagógico do curso de Medicina Veterinária da UFOB visa atender a Resolução CNE/CES nº 01 de 18 de fevereiro de 2003, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. O processo seletivo ocorre através da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A autorização da fundação do curso e demais características que o identificam estão descritas no Quadro 02.

Quadro 2. Dados de identificação do curso de Medicina Veterinária da UFOB.

IES:	UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA (18506)
Código - Nome do Curso:	1276404 - MEDICINA VETERINÁRIA
Grau:	Bacharelado em Medicina Veterinária
Modalidade:	Educação Presencial
Situação de Funcionamento:	Em atividade
Turno:	Integral
Data de Início de Funcionamento:	08/09/2014
Carga horária:	4.405 horas
Periodicidade:	10 Semestres
Integralização mínima:	5 anos
Integralização máxima:	8 anos
Vagas Autorizadas:	45
Coordenadora:	Profª DRA. LARISSA JOSÉ PARAZZI
Vice Coordenadora:	Profª DRA. FLAVIA DOS SANTOS
Ato Regulatórios	Autorização – Resolução UFOB nº. 001, de 13/11/2013; Portaria Normativa MEC/SERES nº. 24, de 25/11/2013; Decreto nº. 8.142, de 21/11/2013 Reconhecimento – Renovação de Reconhecimento -
Local de oferta do curso: Centro Multidisciplinar do <i>Campus</i> de Barra	
Cód. Endereço Município/UF	Endereço CEP
1066437 Barra/BA	Avenida 23 de agosto, 860 – Assunção 47.100-000



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

2.4 Histórico do Curso

As negociações para a escolha dos cursos a serem implantados no *Campus* de Barra começaram em 6 de outubro de 2011, em audiência pública com a presença de representantes da Universidade e prefeito da cidade, dentre outras lideranças políticas e membros da sociedade civil barrense. O pleito dos cursos foi naturalmente baseado nas expectativas desses grupos com relação aos rumos do desenvolvimento regional. Entre eles estavam cursos que favorecessem o desenvolvimento econômico e tecnológico da região, tais como Agronomia e Engenharia (Civil, Elétrica, Mecânica e da Computação). Pensou-se também em cursos que buscassem valorizar as riquezas culturais do município, como História e Artes, além de cursos como Física, Química e Matemática, para fortalecer o Ensino Básico na área de Ciências Exatas e da Terra.

A decisão de implantar o curso de Medicina Veterinária no *Campus* de Barra foi oficializada pela comissão de implantação de novos *campi* em 29 de março de 2012. Em seu cerne estava o consenso, dentre os membros da comissão, de que a distribuição dos cursos por *Campi* deveria ser temática, procurando evitar sobreposição ou marginalização de *campi*, e, nesse contexto, com cuidados especiais para o *Campus* de Barra em função da sua distância dos demais *campi*. Levando-se em conta os pedidos da população e a necessidade de apresentar uma estratégia para o desenvolvimento regional, a comissão concluiu que para essa microrregião seria lotada a área temática das Ciências Agrárias.

Em 10 de setembro de 2014 realizou-se, em praça pública, na Praça Barão de Cotegipe, a primeira Aula Inaugural dos Cursos de Agronomia e Medicina Veterinária lotados no Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra. O evento, que oficializou a implantação do *Campus*, contou com a presença dos seguintes palestrantes: Dra. Iracema Veloso (Reitora *Pró-Tempore* da UFOB); Dr. Jacques Miranda (Vice-Reitor *Pró-Tempore* da UFOB); Dra. Mirian Nogueira Guerra (Diretora *Pró-Tempore* do *Campus* da Barra); D. Frei Luís Flávio Cappio (Bispo lotado em Barra desde 1997); Dr. Trajano de Moraes Neto (vice-prefeito do Município, representando o prefeito Artur Silva Filho); Juliane Bispo Leitão (representante estudantil das primeiras turmas ingressantes – barrense, aprovada pelo SiSU para o Curso de Medicina Veterinária). A célebre ocasião contou também com apresentações culturais locais e regionais, tais como: Orquestra Sinfônica Municipal - Lira Musical Deolindo Lima; Grupo EU Negro – Organização



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Não-Governamental (ONG) local; o cancionista Xangai – reconhecido menestrel nordestino, dentre outras. Estavam presentes os estudantes das primeiras turmas ingressantes dos dois cursos, a população local e os primeiros professores da UFOB que chegaram para trabalhar no Curso de Medicina Veterinária, a saber: Stelamares Boyda de Andrade (Médica Veterinária, Professora da área de Anatomia Animal, Mestre em Patologia Experimental); Marcelo Jorge Nascimento Souza (Físico, professor da área de Física, Mestre em Engenharia Nuclear) e Kellyanne dos Anjos Carvalho (Bióloga, professora da área de Biologia Celular e Molecular, Doutora em Imunologia).

Desde então, o CMB vem recebendo anualmente 45 estudantes ingressantes do curso de Medicina Veterinária, oriundos, em sua maioria, da própria região em que é sediado, selecionados pelo ENEM/SISU. As aulas do primeiro semestre aconteceram, provisoriamente, na sede da Universidade Aberta do Brasil (UAB), situada na Av. Getúlio Vargas, s/n - Centro. E, a partir do ano de 2015, o curso vem sendo oferecido na antiga Escola Municipal Elísio Mourão – cedido pela Prefeitura Municipal e reformada pela UFOB para sediar os cursos até que as instalações definitivas sejam construídas.



3. JUSTIFICATIVA DO CURSO

O Centro Multidisciplinar de Barra teve suas atividades iniciadas em setembro de 2014 e, neste ano, abriu-se o curso de Medicina Veterinária com 45 (quarenta e cinco) vagas, em período integral, cujo quantitativo se justifica como demanda resultante das várias audiências públicas realizadas com a participação aberta e plena da sociedade na construção do projeto do *Campus* para o Território. A definição do número de vagas resultou da identificação de grande demanda social justificada pela identificação de que existem mais de 280 (duzentos e oitenta) cursos de Medicina Veterinária no Brasil, conforme dados do e-MEC (2018).

Ademais, ressalta-se que no estado da Bahia, existem 21 (vinte e uma) instituições de ensino superior que ofertam o curso de Medicina Veterinária, com maior concentração em instituições de natureza administrativa privada. Em se tratando da presença do curso de Medicina Veterinária por outras IES nos municípios sede da UFOB, identificam-se nos dados do e-MEC (2018), somente duas instituições localizadas em Barreiras, uma pública e outra privada. Nessa realidade, o curso de Medicina Veterinária da UFOB se constitui em uma condição essencial para a formação do Médico Veterinário, em uma universidade federal, pública, gratuita e de qualidade tanto no território do Velho Chico como no território do Rio Corrente.

Registra-se que em março de 2016 havia na Bahia, além do Curso na UFOB, mais 14 cursos de Medicina Veterinária registrados no site do e-MEC. Em 2017, existiam 20 cursos registrados no e-MEC em situação de atividade. Dentre esses, alguns já consolidados, como o ofertado pela Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia UFBA, situado no município de Salvador, e que foi o primeiro curso ofertado no estado da Bahia, estando em funcionamento desde 1951.

Os outros cursos foram criados depois e estão distribuídos nas seguintes instituições e municípios: Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, no sul do Estado; FTC-Itabuna, em Itabuna, também no sul do Estado; Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Barreiras) e Faculdade Regional da Bahia (FARB-Barreiras), ambas em Barreiras, no extremo Oeste do Estado; Universidade Salvador (UNIFACS), Faculdade Regional da Bahia (FARB), Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Faculdade UNISSAU Salvador e Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), todas situadas no município de Salvador, capital do Estado;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

FAS (Faculdade de Ciências Agrárias e da Saúde), em Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador; UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), situada em Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano; FTC-Feira de Santana (Faculdade de Tecnologia e Ciências) e Faculdade Anísio Teixeira (FAT), ambas situadas em Feira de Santana, no sertão baiano; FTC-Vitória da Conquista, em Vitória da Conquista, sudoeste baiano; Faculdade de Guanambi, no município de Guanambi, sudoeste baiano; Faculdade Regional de Alagoinhas (FARAL), situada em Alagoinhas, no leste do Estado; Centro Universitário Unicentro (AGES), em Paripiranga, nordeste do Estado; Faculdade de Irecê (FAI), em Irecê, oeste do Estado. A maioria dos cursos acima listados tem menos de 05 anos de implantação e, portanto, ainda estão em processo de consolidação.

Ao analisar a distribuição dos cursos no Estado, observa-se que, embora a região Oeste da Bahia corresponda a aproximadamente 35% da extensão territorial do Estado e seja responsável por cerca de 30% do PIB agropecuário do estado, apenas quatro desses cursos foram instalados nessa região, correspondendo a um quinto do total.

Não obstante, tem-se desenvolvido na região Oeste da Bahia um processo de expansão da produção agrícola, de forma dinâmica e modernizada. Nesse contexto, insere-se a UFOB, uma Universidade Federal que se originou em Barreiras-BA e se expande num modelo multicampi pelo Oeste Baiano, implantando centros multidisciplinares em outros municípios da região. Dessa forma, a cidade de Barra é identificada, por seu histórico potencial pecuarista e pela importância política, como ideal para sediar os cursos voltados ao desenvolvimento agropecuário. Assim, a implantação do curso de Medicina Veterinária representa um marco histórico ao desenvolvimento regional, onde a expectativa é que a formação de Médicos Veterinários traga benefícios no âmbito econômico, social e na saúde, já que a profissão permeia tanto a área das Ciências Agrárias quanto a área das Ciências da Saúde.

A produção agropecuária, especialmente dos produtos de origem animal, é um aspecto fundamental na vida dos agricultores familiares da Região Oeste da Bahia. E, em consonância com o papel de uma Universidade, o curso de Medicina Veterinária do CMB/UFOB vem possibilitar a promoção do bem-estar animal e do desenvolvimento social, a partir do uso sustentável dos rios São Francisco e Grande para implantação de atividades pesqueira e pecuária em escala comercial.



4. OBJETIVOS DO CURSO

4.1. Objetivo Geral

Formar profissionais com sólida base generalista, humanística, crítica e reflexiva, dotados de consciência ética e empreendedora, capacitados para identificar e solucionar problemas, suscetíveis a mudanças, a inovação científica e tecnológica, dispostos a atualizarem-se permanentemente e a trabalharem na sociedade como agentes transformadores da realidade de forma transdisciplinar, através da integração entre as áreas de saúde animal e clínica veterinária; saneamento ambiental e medicina veterinária preventiva, saúde pública e saúde única, inspeção e tecnologia de produtos de origem animal; zootecnia, produção e reprodução animal e ecologia e proteção ao meio ambiente.

4.2. Objetivos Específicos

- ✓ Contribuir para o desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, através do desempenho de competências e habilidades nas áreas específicas do Curso;
- ✓ Respeitar os princípios éticos e bioéticos, inerentes à Medicina Veterinária;
- ✓ Identificar fatores etiológicos, patogênicos e sinais clínicos das principais patologias em Medicina Veterinária;
- ✓ Interpretar exames laboratoriais e alterações morfofuncionais;
- ✓ Intervir, de forma preventiva e terapêutica, nas patologias clínico-cirúrgicas e reprodutivas dos animais domésticos, aquáticos e silvestres;
- ✓ Promover suporte técnico, teórico e prático, crítico e investigativo na produção e difusão do conhecimento científico;
- ✓ Instituir formas de comunicação, gestão administrativa, informática e de compreensão dos determinantes sociais e culturais envolvidos no exercício da profissão;
- ✓ Integrar grupos multidisciplinares, com organização, gerenciamento, execução e avaliação de projetos de cunho agropecuário, ambiental, biotecnológico, agroindustrial, pericial, entre outras áreas técnicas afins;
- ✓ Promover a Saúde Única, garantindo o equilíbrio entre a saúde humana, animal e ambiental;
- ✓ Promover o bem-estar animal e a construção de uma sociedade mais justa e solidária.



5. CARACTERIZAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL DO EGRESSO

Pressupõe-se a formação de profissionais que detenham uma visão crítica dos fenômenos sociais, com princípios éticos bem consolidados, boa iniciação científica, fundamentada na pesquisa e consciência da importância do aperfeiçoamento contínuo.

Nesse contexto, e tendo em vista que a filosofia desse curso é formar profissionais-cidadãos capazes de contribuir, com responsabilidade social, para o desenvolvimento socioeconômico, cultural, educacional, da saúde animal e humana e do ambiente na região de abrangência do curso, no Brasil e no mundo. O Médico Veterinário egresso da UFOB será um profissional com formação generalista e crítico, com reconhecida capacidade de raciocínio lógico, hábil a observar, interpretar e analisar dados e informações, com domínio dos conhecimentos essenciais de Medicina Veterinária e com autonomia para identificar e resolver problemas.

Entre as atividades inerentes ao exercício profissional, no âmbito de seus campos específicos de atuação, o Médico Veterinário egresso deve estar consciente do seu papel como profissional de saúde e das Ciências Agrárias, podendo atuar profissionalmente em diferentes campos e ser:

- ✓ Detentor de saberes que o favoreçam no desenvolvimento de ações no âmbito das áreas de Produção Animal, Produção de Alimentos, Saúde Animal e Proteção Ambiental;
- ✓ Atuante nos seus campos específicos nas áreas de: clínica e cirurgia de animais; produção, reprodução, alimentação e nutrição animal; medicina veterinária preventiva e saúde pública; inspeção e tecnologia de produtos de origem animal; saneamento ambiental, ecologia e proteção ao meio ambiente;
- ✓ Apto na busca do contínuo domínio sobre novas tecnologias de informação e comunicação, a fim de atuar de forma competente e ética nas diversas áreas da profissão para atender os anseios da sociedade;
- ✓ Profissional criativo, com consistência teórica e experiência prática, que tenha a possibilidade de construir modelos de atuação que sejam extensivos às diversas organizações e espaços populares;
- ✓ Capaz de romper paradigmas na busca da valorização do homem, através da melhoria na sua qualidade de vida e contribuição para a boa formação da sociedade brasileira e da Medicina Veterinária;



- ✓ Detentor de competências humanísticas interdependentes na atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, além de educação permanente;
- ✓ Constante na relação com as competências técnicas, de modo que chegue ao mercado de trabalho adaptável às necessidades locais, regionais e nacionais.

O trabalho do profissional Médico Veterinário vai muito além do atendimento clínico, cirúrgico e exames laboratoriais em consultórios, clínicas, hospitais veterinários, zoológicos ou propriedades rurais. Segundo o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), este profissional pode exercer atividades em mais de 80 áreas de atuação. Podendo agir em diversas atividades relacionadas à produção e inspeção dos alimentos de origem animal, para que estes cheguem com qualidade e segurança à mesa do consumidor; podem trabalhar como consultores, responsáveis técnicos, docentes e peritos criminais, judiciais e administrativos; exercer atividades em laboratórios para análise de solo, para análise da água e domissanitários, ou seja, saneantes destinados ao uso domiciliar; participam da produção de vacinas e de medicamentos de uso animal; dentre outras áreas de atuação.

O Médico Veterinário é também considerado um profissional da área de saúde, podendo atuar, em equipes multiprofissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), realizar visitas domiciliares para o diagnóstico de risco à saúde na interação entre os seres humanos, os animais e o meio ambiente, além de atuar na prevenção, no controle e no diagnóstico situacional de doenças transmissíveis ao homem pelos animais, as zoonoses; é o caso da raiva, leptospirose, brucelose, tuberculose, dengue, febre amarela, dentre outras.



6. ÁREA DE CONHECIMENTO DO CURSO

Foi em Lyon, na França, que a primeira escola de Medicina Veterinária - “École Royale de Veterinaire de Lyon”, teve sua criação autorizada pelo Rei Luís XV, em 4 de agosto de 1761. A partir desse feito visionário, praticado pelo reconhecido Patrono Mundial da Medicina Veterinária, Claude Bourgelat, a profissão, exercida desde os primórdios da civilização humana de forma empírica, nasceu como ciência. Desde então, o campo das Ciências Veterinárias vem crescendo, espalhando-se pelo mundo e, progressivamente, sendo reconhecido pela sociedade.

No Brasil, a história da Medicina Veterinária tem início em 31 de janeiro de 1818 quando um Curso de Alveitaria (Veterinária), com o objetivo de preparar pessoas para atender tropas de cavalos, foi criado anexo ao Primeiro Regimento de Cavalaria. Mais de meio século depois, em junho de 1875, o Imperador D. Pedro II, através do Decreto Imperial 5.957, criou o Imperial Instituto Baiano de Agricultura em um sítio na Bahia, atualmente conhecido como município de São Francisco do Conde, onde pretendia formar Agrônomos, Engenheiros Agrícolas, Silvicultores e Veterinários. Por carência de formação profissional, durante um longo período, Médicos Veterinários estrangeiros foram contratados para prestar serviços no Brasil. Somente em 1910 foi publicado o Decreto 2.232, autorizando a criação da Escola de Medicina Veterinária do Exército, no Rio de Janeiro, fato que aconteceu em 1914.

Na Bahia, até a década de 1940, médicos humanos, devido à inexistência de profissionais veterinários, ocupavam ativamente os locais de trabalho destinados aos Médicos Veterinários, a exemplo da área de inspeção de carnes em Matadouros. O antigo Instituto Biológico da Bahia, criado em 1947 e desativado em 1991, pode ser considerado como o formador inicial dos Médicos Veterinários nesse Estado. Finalmente, em 20 de outubro de 1951, por intervenção do Patrono da Medicina Veterinária na Bahia – Dr. Fúlvio Alice, a Lei 423 cria a primeira Escola de Medicina Veterinária da Bahia, instituindo o ensino Médico Veterinário nesse Estado.



7. MARCOS REGULATÓRIOS

Quadro 3. Dispositivos legais que regulamentam o Curso de Medicina Veterinária da UFOB.

DISPOSITIVOS LEGAIS	ÓRGÃO	CONTEÚDO DO DISPOSITIVO LEGAL
Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988	Presidência da República/Casa Civil	Art. 205- Garante a educação escolar como um direito de todos.
Lei nº 5.517, de 23/10/1968	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre o exercício da profissão de Médico Veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária.
Lei nº 9.279, de 14/05/1996	Presidência da República/Casa Civil	Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial.
Lei nº 9.394, de 20/12/1996	Presidência da República/Casa Civil	Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
Resolução nº 218, de 06/03/1997	Conselho Nacional de Saúde	Reconhece como profissional de saúde de nível superior a categoria de Médico Veterinário.
Lei nº 9.610, de 19/02/1998	Presidência da República/Congresso Nacional	Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais.
Lei nº 9.795, de 27/04/1999	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental.
Decreto nº 3.298, de 20/12/1999	Presidência da República/Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos	Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência, consolida as normas de proteção.
Lei nº 10.048, de 08/11/2000	Presidência da República/Casa Civil	Dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiência, os idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, as gestantes, as lactantes e as pessoas acompanhadas por crianças de colo terão atendimento prioritário).
Lei nº 10.098, de 19/12/2000	Presidência da República/Casa Civil	Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.
Decreto nº 3.956, de 08/10/2001	Presidência da República/Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos	Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas com Deficiência.
Parecer nº 100/2002, aprovado em 13/03/2002;	CNE/CES	Diretrizes gerais para todos os cursos de Graduação – dispõe sobre a carga horária dos cursos de graduação.
Parecer nº 105/2002, aprovado em 13/03/2002	CNE/CES	Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária.
Lei nº 10.436, de 24/04/2002	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.
Decreto nº 4.281, de 25/06/2002	Presidência da República/Casa Civil	Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental.
Resolução nº 01, de 18/02/2003	CNE/CES	Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária.
Parecer nº 67/2003, aprovado em 11/03/2003	CNE/CES	Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação.
Parecer nº 108/2003, aprovado em 07/05/2003	CNE/CES	Duração de Cursos Presenciais de Bacharelado.
Parecer nº 136/2003, aprovado em 04/06/2003	CNE/CES	Orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação – Esclarecimentos sobre o Parecer CNE/CES 776/97.
Portaria nº 3.284, de 07/11/2003	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas com deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Parecer nº 03/2004, aprovado em 10/03/2004	CNE/CP	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
Lei nº 10.861, de 14/04/2004	Presidência da República/Casa Civil	Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES.
Resolução nº 01, de 17/06/2004	CNE/ CP	Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
Lei nº 10.973, de 02/12/2004	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo.
Decreto nº 5.296, de 02/12//2004	Presidência da República/Casa Civil	Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.
Portaria nº 4.059, de 10/12/2004	MEC	Autoriza a inclusão de componente curriculares não presenciais em cursos superiores reconhecidos.
Resolução nº 02, de 04/04/2005	CNE	Modifica a Redação do parágrafo 3º do artigo 5º da Resolução CNE/CEB n. 1/2004, até nova manifestação sobre estágio supervisionado pelo Conselho Nacional de Educação.
Decreto nº 5.626, de 22/12/2005	Presidência da República/Casa Civil	Regulamenta a Inclusão da LIBRAS como Componente Curricular.
Decreto nº 5.773, de 09/05/2006	Presidência da República/Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos	Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.
Parecer nº 184/2006, aprovado em 07/07/2006	MEC/CNE/CES	Retificação do Parecer CNE/CES nº 329/2004, referente à carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
Parecer nº 261/2006, de 09/11/2006	CNE/CES	Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula.
Parecer nº 8/2007, aprovado em 31/01/2007	CNE/CES	Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
Resolução nº 02, de 18/06/2007	CNE/CES	Dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
Portaria normativa nº 40, de 12/12/2007	Gabinete do Ministro	Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições.
Lei nº 11.645, de 10/03/2008	Presidência da República/Casa Civil	Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.
Decreto Legislativo nº 186, de 09/07/2008	Senado Federal	Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo.
Lei nº 11.788, de 25/09/2008	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre o estágio de estudantes.
Decreto nº 6.949, de 25/08/2009	Presidência da República/Casa Civil	Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.
Resolução nº 01, de 17/06/2010	CONAES	Normatiza o Núcleo Docente Estruturante.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Parecer nº 04, de 17/06/2010	CONAES	Sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE.
Decreto nº 7.234, de 19/07/2010	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES.
Decreto nº 7.611, de 17/11/2011	Presidência da República/Casa Civil	Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado.
Parecer nº 08/2012, aprovado em 06/03/2012	CNE	Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
Resolução nº 01, de 30/05/2012	CNE/CP	Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
Resolução nº 02, de 15/06/2012	CNE/CP	Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
Instrução Normativa Nº 10, de 12/11/2012	2012 (Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação)	Estabelece regras para elaboração dos Planos de Gestão de Logística Sustentável de que trata o art. 16, do Decreto nº 7.746, de 5 de junho de 2012.
Lei nº 12.825, de 05/07/2013	Presidência da República/ Casa Civil	Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, por desmembramento da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e dá outras providências.
Resolução nº 01, de 13/11/2013	UFOB	Dispõe sobre a criação dos cursos de graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia, nos campi de Barreiras, Barra, Bom Jesus da Lapa, Luís Eduardo Magalhães e Santa Maria da Vitória.
Portaria nº 1.224, de 18/12/2013	MEC	Institui normas sobre a manutenção e guarda do Acervo Acadêmico das Instituições de Educação Superior (IES) pertencentes ao sistema federal de ensino.
Portaria Normativa nº 24, de 25/12/2013	MEC/Gabinete do Ministro	Regulamenta o art. 2º do Decreto nº 8142, de 21 de novembro de 2013 e o art. 35 do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, com as alterações dadas pela redação do Decreto nº 8.142, de 2013.
Lei nº 12.764, de 27/12/2013	Presidência da República/Casa Civil	Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.
Lei nº 13.005, de 25/06/2014	Presidência da República/Casa Civil	Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE.
Resolução nº 01, de 14/07/2014	UFOB/ Conepe	Dispõe sobre as orientações para elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da UFOB.
Resolução nº 002, de 14/07/2014	UFOB/ Conepe	Regulamenta as normas complementares para o Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica na UFOB.
Resolução nº 004, de 18/08/2014	UFOB/ Conepe	Regulamenta a organização do calendário acadêmico e o funcionamento dos turnos da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Portaria nº 202, de 08/09/2014	UFOB	Nomeia Núcleo Docente Estruturante – NDE do Curso de Medicina Veterinária do Centro Multidisciplinar <i>Campus</i> da Barra.
Resolução nº 005, de 22/09/2014	UFOB/ Conepe	Dispõe sobre os Critérios para Constituição e Certificação de Grupos de Pesquisa sediados na UFOB.
Resolução nº 1076, de 11/12/2014	CFMV	Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para Acreditação dos Programas de Residência e de Aprimoramento Profissional em Medicina Veterinária.
Resolução nº 009, de 15/12/2014	UFOB/ Conepe	Normatiza a Avaliação Curricular dos concluintes de graduação da UFOB.
Resolução nº 12, de 16/01/2015	MEC/SECADI	Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência das pessoas travestis e transexuais – e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização.
Resolução nº 003, de 30/01/2015	UFOB/ Conepe	Dispõe sobre a inserção de conteúdos relativos à responsabilidade ética e social, nos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Resolução nº 004, de 30/01/2015	UFOB/ Conepe	Regulamenta os Componentes Curriculares do Núcleo Comum dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Resolução nº 006, de 04/05/2015	UFOB/ Conepe	Aprova o Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Lei nº 13.146, de 06/07/2015	Presidência da República/ Casa Civil	Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Lei nº 13.168, de 06/11/2015	Presidência da República/ Casa Civil	Altera a redação do § 1º do Art. 47 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
Resolução nº 002, de 19/11/2015	UFOB/ Consuni	Regulamenta a Composição da Comissão Própria de Avaliação (CPA).
Resolução nº 003, de 19/11/2015	UFOB/ Consuni	Aprova a criação do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Resolução nº 009, de 23/11/2015	UFOB/ Conepe	Estabelece o critério de inclusão regional, para estimular o acesso à UFOB dos estudantes que residem no seu entorno.
Resolução nº 008, de 30/11/2015	UFOB/ Conepe	Aprova o Regulamento da Atividade Complementar Curricular (ACC) e a Integralização Curricular da Extensão no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Resolução nº 010, de 10/12/2015	UFOB/ Conepe	Regulamenta a Carga horária máxima dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Resolução nº 002 de 26/08/2016	UFOB/ Conepe	Regulamenta o Programa de Monitoria de Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
Resolução nº 003 de 09/09/2016	UFOB/ Conepe	Altera a Resolução UFOB/ Conepe nº 004, de 30/01/2015
Resolução nº 004 de 23/11/2016		Altera a Resolução Conepe nº 009, de 23/11/2015 e dá outras providências.
Resolução nº 001 de 16/03/2017	UFOB/ Conepe	Estabelece a obrigatoriedade da matrícula em componentes curriculares e regulamenta o desligamento de estudantes de Cursos de Graduação por ausência de matrícula semestral.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O curso de Medicina Veterinária da UFOB tem sua matriz curricular organizada em conformidade com o artigo 6º da Resolução CNE/CES nº 1/2003, que trata dos conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Medicina Veterinária, contemplando as áreas das Ciências Humanas e Sociais, das Ciências Biológicas e da Saúde, e das Ciências da Medicina Veterinária. Apresenta ainda os componentes curriculares que constituem o núcleo comum da UFOB, que são oferecidos obrigatoriamente em todos os cursos.

A proporção em carga horária das áreas está de acordo com a recomendada pelo Parecer CNE/CES nº 8/2007, em que se deve “evitar ao máximo a fixação de conteúdo específicos, com cargas horárias pré-determinada, as quais não poderão exceder 50% da carga horária total dos cursos”.

Os Quadros 04 e 05 revelam a distribuição dos componentes curriculares de acordo com as áreas de conhecimento, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. O Quadro 6 trata da carga horária de componentes curriculares optativos, das atividades do Trabalho de Conclusão de Curso, do Estágio Curricular Supervisionado e das Atividades Curriculares Complementares para integralização da matriz curricular.



Quadro 4. Conteúdos básicos de acordo com a área de conhecimento, conteúdo e carga horária por componente e por área de conhecimento:

Área de conhecimento		Componente curricular obrigatório	Carga horária	
Conteúdo				
Ciências Humanas e Sociais	Núcleo comum da UFOB	Filosofia e História das Ciências	60h/a*	
		Oficina de Leitura e Produção textual	60h/a	
		Oficina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos	60h/a	
			Metodologia da Pesquisa	30h/a
			Economia Rural	45h/a
			Administração Rural	60h/a
			Extensão Rural	45h/a
			Deontologia e Ética Profissional	30h/a
Carga horária por área de conhecimento			390h/a	
Ciências Biológicas e da Saúde	Base química, celular e genética	Química Básica Experimental	75h/a	
		Introdução à Medicina Veterinária	30h/a	
		Estatística Aplicada às Ciências Agrárias	90h/a	
		Biologia Celular e Molecular	90h/a	
		Genética	60h/a	
		Farmacologia Veterinária	60h/a	
	Estrutura, função, processos bioquímicos e biofísicos	Anatomia dos Animais Domésticos I	90h/a	
		Embriologia e Histologia Básica	60h/a	
		Anatomia dos Animais Domésticos II	90h/a	
		Histologia Veterinária	60h/a	
		Biofísica e Fisiologia Veterinária I	90h/a	
		Fisiologia Veterinária II	60h/a	
		Bioquímica Básica	60h/a	
		Bioquímica Veterinária	60h/a	
	Processo saúde-doença	Microbiologia Básica	60h/a	
		Microbiologia Veterinária	60h/a	
		Imunologia	60h/a	
		Parasitologia Veterinária	60h/a	
		Toxicologia Veterinária	60h/a	
		Patologia geral	90h/a	
Carga horária por área de conhecimento			1.365/a	
Percentual			33,2%	

* h/a = hora/aula



Quadro 5. Conteúdos profissionalizantes essenciais do curso de acordo com a área de conhecimento, conteúdo e carga horária por componente e por área de conhecimento.

Área de conhecimento		Componente curricular obrigatório	Carga horária
Conteúdo			
Ciências da Medicina Veterinária	Zootecnia e Produção Animal	Forragicultura e Pastagens	60h/a
		Melhoramento Animal	45h/a
		Bioclimatologia e Preservação Ambiental	45h/a
		Bioética e Bem-Estar animal	60h/a
		Nutrição e Alimentação Animal	60h/a
		Avicultura	45h/a
		Suinocultura	45h/a
		Ovinocaprinocultura	60h/a
		Bovinocultura de Corte e de Leite	90h/a
		Equideocultura	60h/a
		Aquicultura	60h/a
	ITPOA*	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	90h/a
		Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90h/a
	MVP** e Saúde Pública	Epidemiologia	60h/a
		Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60h/a
		Defesa Sanitária Animal	60h/a
		Doenças Infecciosas dos Animais	90h/a
		Doenças Parasitárias	60h/a
	Clínica Veterinária: Clínica, cirurgia e fisiopatologia da reprodução	Semiologia Veterinária	60h/a
		Diagnóstico por Imagem	60h/a
		Patologia Clínica Veterinária	90h/a
		Patologia Veterinária Especial	90h/a
		Anestesiologia Veterinária	60h/a
		Técnica Cirúrgica Veterinária	90h/a
		Clínica e Manejo de Suínos	60h/a
		Clínica e Manejo de Aves	60h
		Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	75h/a
		Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	75h/a
		Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	90h/a
		Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais II	90h/a
		Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	75h/a
		Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	75h/a
Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução		90h/a	
Ginecologia e Obstetrícia Veterinária		75h/a	
Carga horária por área de conhecimento			2.355h/a
Percentual			44,6%

*Inspeção e Tecnologia dos Produtos de Origem Animal, **MVP, Medicina Veterinária Preventiva.



Quadro 6. Componentes Curriculares Optativos, Atividades do Trabalho De Conclusão De Curso, Estágio E Atividades Curriculares Complementares Para Integralização Da Matriz Curricular.

		Carga horária
Componentes curriculares optativos	Componente Optativo I	60h/a [*]
	Componente Optativo II	60h/a
	Componente Optativo III	60h/a
	Componente Optativo IV	60h/a
	Carga horária total de CCO	240h/a
	Percentual	4,5%
Atividades do Trabalho de Conclusão de Curso	Projeto de Pesquisa	45h/a
	TCC	15h/a
	Carga horária total	60h/a
	Percentual	1,1%
Estágio	Estágio Curricular Supervisionado	540h/a
	Percentual	10,3%
Atividades Curriculares Complementares	Atividades Curriculares Complementares	280h ^{**}
	Percentual	6,4%

* h/a = hora/aula

** h = hora/relógio



8.1. Representação gráfica do currículo do curso de Medicina Veterinária

MEDICINA VETERINÁRIA – 2014.2

1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre	9º Semestre	10º Semestre
T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT	T P CHT
BAR0004 60 30 90 BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR	BAR1004 30 30 60 EMBRIOLOGIA E HISTOLOGIA BÁSICA	BAR1010 30 30 60 HISTOLOGIA VETERINÁRIA	BAR1016 60 - 60 EPIDEMIOLOGIA	BAR1021 30 30 60 ANESTESIOLOGIA VETERINÁRIA	BAR1028 30 15 45 AVICULTURA	BAR1035 60 30 90 FISIOPATOLOGIA E BIOTECNOLOGIA DA REPRODUÇÃO	BAR1042 60 30 90 INSPEÇÃO E TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL I	BAR1048 60 30 90 INSPEÇÃO E TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL II	BAR2120 - - 540 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO
BAR1001 45 30 75 QUÍMICA BÁSICA EXPERIMENTAL	BAR1005 45 15 60 BIOQUÍMICA BÁSICA	BAR1011 45 15 60 BIOQUÍMICA VETERINÁRIA	BAR0008 30 30 60 FORRAGICULTURA E PASTAGENS	BAR1022 45 - 45 BIOCLIMATOLOGIA E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL	BAR1029 30 30 60 DIAGNÓSTICO POR IMAGEM	BAR1036 45 15 60 OVINOCAPRINOCULTURA	BAR1043 45 30 75 CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE EQUÍDEOS I	BAR1049 45 30 75 CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE EQUÍDEOS II	BAR2119 - - 15 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BAR1002 30 60 90 ANATOMIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS I	BAR1006 30 60 90 ANATOMIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS II	BAR1012 60 30 90 BIOFÍSICA E FISIOLOGIA VETERINÁRIA I	BAR1020 45 - 45 MELHORAMENTO ANIMAL	BAR1023 60 30 90 PATOLOGIA CLÍNICA VETERINÁRIA	BAR1030 60 - 60 MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA	BAR1037 30 30 60 CLÍNICA E MANEJO DE SUINOS	BAR1044 60 30 90 CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS I	BAR1050 60 30 90 CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS II	
BAR1003 30 - 30 INTRODUÇÃO À MEDICINA VETERINÁRIA	BAR1007 30 30 60 MICROBIOLOGIA BÁSICA	BAR1013 30 30 60 MICROBIOLOGIA VETERINÁRIA	BAR1017 45 15 60 FARMACOLOGIA VETERINÁRIA	BAR1024 30 30 60 SEMILOGIA VETERINÁRIA	BAR1031 30 15 45 SUINOCULTURA	BAR1038 30 30 60 CLÍNICA E MANEJO DE AVES	BAR1045 45 30 75 CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE RUMINANTES I	BAR1051 45 30 75 CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE RUMINANTES II	
BAR0002 60 - 60 FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS	BAR1008 90 - 90 ESTATÍSTICA APLICADA AS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	BAR0009 60 - 60 GENÉTICA	BAR1018 45 15 60 FISIOLOGIA VETERINÁRIA II	BAR1027 60 - 60 BIOÉTICA E BEM-ESTAR ANIMAL	BAR1032 30 60 90 TÉCNICA CIRÚRGICA VETERINÁRIA	BAR1039 60 30 90 BOVINOCULTURA DE CORTE E DE LEITE	BAR2056 30 30 60 AQUICULTURA	BAR1052 45 15 60 DEFESA SANITÁRIA ANIMAL	
BAR0001 30 30 60 OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	BAR0003 30 30 60 OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS	BAR1015 45 15 60 PARASITOLOGIA VETERINÁRIA	BAR1019 45 15 60 IMUNOLOGIA	BAR1025 45 15 60 TOXICOLOGIA VETERINÁRIA	BAR1033 60 30 90 PATOLOGIA VETERINÁRIA ESPECIAL	BAR1040 45 15 60 EQUIDECULTURA	BAR2118 45 - 45 PROJETO DE PESQUISA	BAR1053 45 30 75 GINECOLOGIA E OBSTETRICIA VETERINÁRIA	
BAR0006 45 - 45 ECONOMIA RURAL	BAR1009 30 - 30 METODOLOGIA DA PESQUISA	BAR1014 30 - 30 DEONTOLOGIA E ÉTICA PROFISSIONAL	BAR0007 45 - 45 EXTENSÃO RURAL	BAR1026 60 30 90 PATOLOGIA GERAL	BAR1034 60 30 90 DOENÇAS INFECCIOSAS DOS ANIMAIS	BAR1041 45 15 60 DOENÇAS PARASITÁRIAS	60 - 60 OPTATIVA III	60 - 60 OPTATIVA IV	
		BAR0005 60 - 60 ADMINISTRAÇÃO RURAL	60 - 60 OPTATIVA I	BAR0011 30 30 60 NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO ANIMAL	60 - 60 OPTATIVA II				
450	450	480	450	525	540	480	495	525	555

CARGA HORÁRIA TOTAL (50 min) - 4.950 h/a + ACC

CARGA HORÁRIA TOTAL (60 min) - 4.405 h

EIXO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

EIXO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

EIXO DAS CIÊNCIAS DA MEDICINA VETERINÁRIA

NÚCLEO COMUM INTEGRADO AO BÁSICO

NÚCLEO DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES 280h



8.2. Detalhamento da Matriz Curricular

Os Componentes Curriculares obrigatórios e optativos, bem como informações sobre carga horária teórica e prática, pré-requisitos, número máximo de estudantes por turma e dados referentes à integralização curricular estão detalhadas nos Quadros 07, 08 e 09.

Quadro 7. Componentes Curriculares obrigatórios (OB) do curso de Medicina Veterinária da UFOB.

1º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR0004	Biologia Celular e Molecular	90	60	30	-	45	23	OB
BAR1001	Química Básica Experimental	75	45	30	-	45	23	OB
BAR1002	Anatomia dos Animais Domésticos I	90	30	60	-	45	23	OB
BAR1003	Introdução à Medicina Veterinária	30	30	-	-	45	-	OB
BAR0006	Economia Rural	45	45	-	-	45	-	OB
BAR0001	Oficina de Leitura e Produção Textual	60	30	30	-	30		OB
BAR0002	Filosofia e História das Ciências	60	60	-	-	-	-	OB
Carga Horária Total do Semestre		450h/a						

2º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1004	Embriologia e Histologia Básica	60	30	30	BAR0004	45	15	OB
BAR1005	Bioquímica Básica	60	45	15	BAR1001	45	23	OB
BAR1006	Anatomia dos Animais Domésticos II	90	30	60	BAR1002	45	23	OB
BAR1007	Microbiologia Básica	60	30	30	BAR0004	45	23	OB
BAR1008	Estatística Aplicada às Ciências Agrárias	90	90	-	-	45	-	OB
BAR0003	Oficina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos	60	30	30	BAR0001	30		OB
BAR1009	Metodologia da Pesquisa	30	30	-	-	45	-	OB
Carga Horária Total do Semestre		450h/a						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

3º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1010	Histologia Veterinária	60	30	30	BAR1004	45	15	OB
BAR1011	Bioquímica Veterinária	60	45	15	BAR1005	45	23	OB
BAR1012	Biofísica e Fisiologia Veterinária I	90	60	30	BAR1004, BAR1006	45	23	OB
BAR1013	Microbiologia Veterinária	60	30	30	BAR1007	45	23	OB
BAR0009	Genética	60	60	-	BAR1008	45	-	OB
BAR1014	Deontologia e Ética Profissional	30	30	-	-	45	-	OB
BAR1015	Parasitologia Veterinária	60	45	15	-	45	15	OB
BAR0005	Administração Rural	60	60	-	BAR0006	45	-	OB
Carga Horária Total do Semestre		480h/a						

4º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1016	Epidemiologia	60	60	-	BAR1008	45	-	OB
BAR0008	Forragicultura e Pastagens	60	30	30	-	45	23	OB
BAR1017	Farmacologia Veterinária	60	45	15	BAR1011	45	23	OB
BAR1018	Fisiologia Veterinária II	60	45	15	BAR1012	45	23	OB
BAR1019	Imunologia	60	45	15	BAR1004	45	23	OB
BAR1020	Melhoramento Animal	45	45	-	BAR0009	45	-	OB
BAR0007	Extensão Rural	45	45	-	-	45	-	OB
***	Optativa I	60	60	-	-	45	-	OP
Carga Horária Total do Semestre		450h/a						



5º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1021	Anestesiologia Veterinária	60	30	30	BAR1017, BAR1018	45	15	OB
BAR1022	Bioclimatologia e Preservação Ambiental	45	45	-	BAR1018	45	-	OB
BAR1023	Patologia Clínica Veterinária	90	60	30	BAR1018, BAR1019	45	23	OB
BAR1024	Semiologia Veterinária	60	30	30	BAR1018	45	23	OB
BAR1025	Toxicologia Veterinária	60	45	15	BAR1017	45	23	OB
BAR1026	Patologia Geral	90	60	30	BAR1013, BAR1015, BAR1010, BAR1018, BAR1019	45	23	OB
BAR0011	Nutrição e Alimentação Animal	60	30	30	BAR0008 BAR1011	45	23	OB
BAR1027	Bioética e Bem-Estar animal	60	60	-	BAR1018	45	-	OB
Carga Horária Total do Semestre		525h/a						

6º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1028	Avicultura	45	30	15	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027	45	23	OB
BAR1029	Diagnóstico por Imagem	60	30	30	BAR1006	45	15	OB
BAR1030	Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública	60	60	-	BAR1016	45	-	OB
BAR1031	Suinocultura	45	30	15	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027	45	23	OB
BAR1032	Técnica Cirúrgica Veterinária	90	30	60	BAR1006, BAR1021	45	15	OB
BAR1033	Patologia Veterinária Especial	90	60	30	BAR1026	45	23	OB
BAR1034	Doenças Infecciosas dos Animais	90	60	30	BAR1013, BAR1017, BAR1019	45	23	OB
***	Optativa II	60	60	-	-	45		OP
Carga Horária Total do Semestre		540h/a						



7º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1035	Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução	90	60	30	BAR1024, BAR1033	45	23	OB
BAR1036	Ovinocaprino cultura	60	45	15	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027	45	23	OB
BAR1037	Clínica e Manejo de Suínos	60	30	30	BAR1023, BAR1024, BAR1031	45	23	OB
BAR1038	Clínica e Manejo de Aves	60	30	30	BAR1023, BAR1024, BAR1028	45	23	OB
BAR1039	Bovino cultura de Corte e de Leite	90	60	30	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027	45	23	OB
BAR1040	Equideocultura	60	45	15	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027	45	23	OB
BAR1041	Doenças Parasitárias	60	45	15	BAR1015, BAR1017, BAR1019	45	15	OB
Carga Horária Total do Semestre		480h/a						

8º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1042	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	90	60	30	BAR1033	45	15	OB
BAR1043	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	75	45	30	BAR1023, BAR1024, BAR1032, BAR1033	45	15	OB
BAR1044	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	90	60	30	BAR1023, BAR1024, BAR1032, BAR1033	45	15	OB
BAR1045	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	75	45	30	BAR1023, BAR1024, BAR1032, BAR1033	45	15	OB
BAR2056	Aquicultura	60	30	30	BAR0008, BAR1020, BAR1027	45	23	OB
BAR2118	Projeto de Pesquisa	45	45	-	BAR0003, BAR0009	45	-	OB
***	Optativa III	60	60	-	-	45	-	-
Carga Horária Total do semestre		495h/a						



9º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR1048	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	90	60	30	BAR1042	45	15	OB
BAR1049	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	75	45	30	BAR1043	45	15	OB
BAR1050	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais II	90	60	30	BAR1044	45	15	OB
BAR1051	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	75	45	30	BAR1045	45	15	OB
BAR1052	Defesa Sanitária Animal	60	45	15	BAR1016, BAR1034, BAR1041	45	15	OB
BAR1053	Ginecologia e Obstetrícia Veterinária	75	45	30	BAR1032, BAR1035	45	15	OB
***	Optativa IV	60	-	-	-	45	-	OP
Carga Horária Total do Semestre		525h/a						

10º Semestre								
Código	Componente	CH	T	P	Pré-Requisito	Módulo		Natureza
						T	P	
BAR2120	Estágio Curricular Supervisionado	540	-	-				OB
BAR2119	Trabalho de Conclusão de Curso	15	15	-	BAR2118	45	-	OB
Carga Horária Total do Semestre		555h/a						

O Quadro 08 mostra que alguns componentes curriculares optativos só podem ser cursadas mediante pré-requisito. Isso decorre do fato de que o aproveitamento do estudante ficaria prejudicado nesses componentes curriculares caso ele não tenha cursado o seu pré-requisito.

Alguns componentes curriculares optativos demandam algum conhecimento prévio para que possam ser conduzidos de forma satisfatória, sem prejuízo a formação acadêmica do estudante, bem como o desenvolvimento dos diferentes temas durante as aulas. Por exemplo: sem cursar o componente curricular obrigatório Anatomia dos Animais Domésticos II (BAR1006), que fornece conhecimentos básicos sobre Anatomia Animal, não há como o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

estudante cursar o componente optativo Anatomia Topográfica, que nada mais é do que o aprofundamento dos conhecimentos de Anatomia dos Animais Domésticos II.

Dessa forma, os componentes curriculares optativos que exigem um pré-requisito podem ser compreendidos como estudos mais específicos de componentes curriculares obrigatórios que tenham despertado o interesse do acadêmico.

Também cabe ressaltar que todos os pré-requisitos dos componentes curriculares optativos são referentes a componentes curriculares obrigatórios, de forma que o estudante terá contato com esses componentes curriculares, tornando-o apto a cursar componentes optativos. Por fim, é importante salientar que não foram utilizados componentes optativos como pré-requisito. Tal situação os tornaria, equivocadamente, obrigatórios.

Aproximadamente 29 (29,01) pontos percentuais da carga horária (4395 horas/a) do curso de Medicina Veterinária correspondem a atividades práticas (1245 horas/a), que serão realizadas em laboratórios, aulas de campo e/ou visitas técnicas. Dentro deste percentual não estão inclusos estágio curricular obrigatório (540 h/a) e TCC (15 h/a), ofertados no décimo semestre (Quadro 7).



Quadro 8. Componentes Curriculares optativos do curso de Medicina Veterinária da UFOB.

Código	COMPONENTE CURRICULAR OPTATIVO	CARGA HORÁRIA	T	P	PRÉ-REQUISITO
BAR2005	Anatomia e Morfologia Vegetal	60h	30	30	BAR0004
BAR1065	Anatomia Topográfica	60h	-	60	BAR1006
BAR1061	Animais de Laboratório e Bioterismo	60h	60	-	BAR1027
BAR2081	Apicultura	60h	30	30	-
BAR1067	Biotécnicas aplicadas à Reprodução	60h	30	30	BAR1035
BAR1068	Bubalinocultura	60h	45	15	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027
BAR1069	Ciência Tecnologia e Inovação	60h	60	-	BAR1009
BAR0018	Comercialização de Produtos Agropecuários	30h	30	-	-
BAR2035	Construções rurais	60h	30	30	BAR2004
BAR2087	Cooperativismo e Associativismo	30h	30	-	-
BAR2004	Desenho técnico Básico	60h	-	60	-
BAR2018	Ecologia e gestão ambiental na agricultura	60h	60	-	-
BAR2020	Entomologia agrícola	60h	30	30	BAR2013
BAR2013	Entomologia Geral	60h	30	30	BAR2006
BAR1072	Entomologia Médica e Veterinária	60h	45	15	BAR1015
BAR1059	Epidemiologia de Zoonoses	60h	60	-	BAR1015, BAR1013
BAR2023	Estatística Experimental	60h	60	-	BAR1008
BAR2024	Fisiologia Vegetal	60h	30	30	BAR1005, BAR2005
BAR0021	Fontes Alternativas de Energia na Agricultura	30h	30	-	BAR2018
BAR0022	Formulação e Fabricação de Rações	60h	60	-	BAR0011
BAR2046	Gestão em Agricultura Familiar	60h	60	-	-
BAR2073	Informática Instrumental	45h	-	45	-
BAR1071	Introdução à Produção Animal	60h	60	-	-
BAR1073	Língua Brasileira de Sinais – Libras	60h	30	30	-
BAR1074	Manejo de Dejetos de Animais	60h	30	30	-
BAR2049	Manejo e Conservação dos Recursos Naturais	60h	30	30	-
BAR1075	Medicina Veterinária Legal	60h	45	15	BAR1026



BAR1076	Oftalmologia Veterinária	60h	30	30	BAR1032, BAR1021
BAR1077	Ortopedia Veterinária	60h	30	30	BAR1032, BAR1033
BAR1060	Plantas Tóxicas	60h	45	15	BAR1026
BAR0019	Políticas de Desenvolvimento Rural	30h	30	-	BAR0003
BAR1078	Prática Hospitalar em Cirurgia de Grandes Animais	60h	-	60	BAR1032
BAR1079	Prática Hospitalar em Cirurgia de Pequenos Animais	60h	-	60	BAR1032
BAR1058	Saúde única, Cultura e Sociedade	60h	60	-	-
BAR2109	Soberania e Segurança Alimentar	30h	30	-	-
BAR2110	Tecnologia de Bebidas	60h	30	30	BAR1007
BAR1080	Terapêutica Veterinária	60h	30	30	BAR1017
BAR2121	Tópicos Especiais em Cirurgia de Pequenos Animais	60h	30	30	BAR1032
BAR1062	Tópicos Especiais em Medicina Veterinária I	60h	60	-	-
BAR1063	Tópicos Especiais em Medicina Veterinária II	60h	30	30	-
BAR1064	Tópicos Especiais em Medicina Veterinária III	60h	-	60	-
BAR2006	Zoologia Agrícola	60h	30	30	BAR0004

*Componentes terão código mediante oferta nos cursos

Quadro 9. Integralização da carga horária total do curso de Medicina Veterinária da UFOB.

COMPONENTES CURRICULARES	CH 50min	CH 60min	CH Total do Curso (CH 60 min)
Componentes Curriculares Obrigatórios	4110	3425	4.405
Componentes Curriculares Optativos	240	200	
Trabalho de Conclusão de Curso	60	50	
Estágio Curricular Supervisionado	540	450	
Atividades Curriculares Complementares	-	280	



8.3. Ementário e Bibliografia (APÊNDICE A)

8.4. Estágio Supervisionado⁴

O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório, compreendido como atividade que articula teoria e prática, em um espaço formativo que possibilita ao estudante vivenciar situações de efetivo exercício profissional. Desta forma, “visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (Lei nº. 11.788, de 2008, § 2º do art. 1º).

É um tempo de aprendizagem profissional que, mediante “um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício”. Ainda é importante informar que (...) “supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um estudante estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular supervisionado” (PARECER CNE/CP nº. 28/2001).

Ao compreender o estágio curricular supervisionado como um tempo de aprendizagem reconhece-se que o seu exercício se dá pela apropriação de conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória formativa do estudante no curso de graduação. Daí a importância de o período de estágio ser planejado com objetiva intencionalidade, realizado com acompanhamento e supervisão, bem como ser registrado de forma a evidenciar o significado dos conjuntos experiências formativas vividas no curso pelo futuro profissional. Dessa forma, o estágio supervisionado torna-se tempo e espaço de identificação, pelo concluinte, com a profissão.

São diretrizes do estágio supervisionado comuns aos cursos de graduação da UFOB:

- a) Articulação entre teoria e prática;
- b) respeito à natureza e especificidades da profissão;
- c) Valorização do exercício de estágio como atividade de pesquisa;

⁴ A relação nominal das instituições e organizações conveniadas com a UFOB estão disponíveis no site <https://proplan.ufob.edu.br>. Acesse painel de convênios.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- d) Valorização de atividades que possibilitem à resolução de problemas na área de formação;
- e) Garantia de orientação e acompanhamento por professor da Universidade;
- f) Formalização dos espaços de estágio mediante estabelecimento de convênios;
- g) Respeito e estabelecimento de diálogo com os profissionais que atuam nos espaços onde os estudantes da UFOB realizam estágio;
- h) Trabalho sustentado pelos princípios éticos da profissão;
- i) Valorização de produções acadêmico-científicas como trabalho de conclusão de curso, advindas de experiências de estágios;
- j) Valorização da socialização das experiências de estágio entre os estudantes.

São objetivos do estágio:

- a) Permitir experiência prática na área de interesse do acadêmico, respeitando-se a multidisciplinaridade do curso;
- b) Estimular o aprimoramento e preparação para a futura vida profissional;
- c) Contextualizar a matriz curricular do Curso de Medicina Veterinária da UFOB com o trabalho profissional e com a prática social do cidadão;
- d) Conduzir os acadêmicos à vivência de fundamentos científicos-tecnológicos em espaços ampliados;
- e) Incentivar a participação do formando em empreendimentos e/ou projetos de interesse no desenvolvimento das Ciências Agrárias e da Saúde.

O estudante poderá desenvolver suas atividades de estágio em universidades públicas e privadas, clínicas e hospitais veterinários públicos e privados, serviços públicos e privados da área da saúde, propriedades rurais, empresas do setor agropecuário e agroindústria, empresas do setor de produção, alimentação e nutrição animal, cooperativas, laboratórios públicos e privados e organizações não governamentais (ONGs).

De acordo com o conjunto de diretrizes que o norteia, observar-se-á que:

- a) O Estágio Supervisionado é um componente obrigatório da Matriz Curricular, a ser realizado no décimo semestre do curso - com 540 h/a - conforme a Resolução CNE/CES 01 de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

18 de fevereiro de 2003 que, em seu Art. 7º, dispõe que a carga horária mínima do Estágio Curricular Supervisionado deve atingir 10% da carga horária total do curso.

b) De acordo com a Resolução supracitada “poderá ser realizado na Instituição de Ensino Superior e/ou fora dela, em instituição/empresa credenciada, com orientação docente e supervisão local, devendo apresentar programação previamente definida em razão do processo de formação” e podendo ser realizado em até um total de 40 (quarenta) horas semanais.

c) O Estágio Supervisionado apenas poderá ser realizado por acadêmico regularmente matriculado e aprovado em todos os Componentes Curriculares Obrigatórios (exceto o TCC – que também será cursado no décimo semestre) e mínimo de optativos exigidos pela instituição, para integralização do curso.

d) A nota do Estágio Supervisionado será obtida pela média aritmética da nota atribuída pelo preceptor (orientador do estudante na instituição na qual ele foi realizar o Estágio) – que avaliará, através de ficha pré-elaborada pelo Colegiado do Curso de Medicina Veterinária da UFOB, o estudante no desenvolvimento das atividades do Estágio, bem como dará anuência acerca do Relatório de Estágio Supervisionado – e da nota do orientador do Curso de Medicina Veterinária do Centro Multidisciplinar da Barra, que avaliará o Relatório de Estágio Supervisionado.

e) Os objetivos, definições, atribuições, avaliação do estagiário, detalhamento dos procedimentos e modelos de documentos necessários para a realização desse Estágio Obrigatório estão regulamentados no “Regulamento de Estágio Curricular do Curso de Medicina Veterinária” (APÊNDICE B).

8.5. Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária na UFOB, sendo resultado de um trabalho acadêmico individual. Está previsto na matriz curricular do curso como componentes obrigatórios, a saber:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- Projeto de Pesquisa, onde os estudantes escolherão um tema e um professor orientador e elaborarão um projeto para desenvolverem durante o período que antecede o TCC ou que poderá ser conduzido também durante o período deste último.

- TCC, que estará automaticamente vinculado à entrega de um trabalho escrito e à apresentação formal dos resultados do projeto, que serão submetidos à avaliação de uma comissão julgadora composta por três examinadores, previamente selecionada, podendo fazer parte desta, docentes da área e/ou áreas correlatas, da própria UFOB ou convidados de outras IES. O trabalho escrito deverá ser entregue na forma de artigo, ou trabalho de revisão bibliográfica ou estudo de caso, seguindo normas no Apêndice C.

A modalidade de TCC adotada pelo Curso de Medicina Veterinária da UFOB possibilita que o estudante, após elaborar o projeto de TCC (no Projeto de Pesquisa, oitavo semestre do curso), tenha tempo hábil para executá-lo - e/ou fazer ajustes e adaptações – e, então, apresentar o trabalho finalizado, demonstrando os resultados obtidos, no décimo semestre do curso (período do TCC).

Ambos, Projeto de Pesquisa e TCC, serão desenvolvidos pelos estudantes, sob a orientação de um dos docentes, preferencialmente, lotado no *Campus* Barra e serão supervisionados pelo docente responsável dos respectivos componentes curriculares. Cada estudante deverá obrigatoriamente, ao concluir os componentes curriculares relacionados aos TCC, encaminhar uma cópia revisada e finalizada do trabalho escrito aprovado para a biblioteca do *Campus* de Barra.

Objetiva-se, com essa modalidade de TCC, avaliar habilidades de síntese, arguição, proposição e/ou solução de situações-problema, fundamentais para formação de um profissional capacitado, ciente de seu papel transformador na sociedade e no desenvolvimento regional. As características, organização, requisitos, atribuições, avaliação, detalhamento dos procedimentos e modelos de documentos necessários para a realização do TCC estão regulamentados no “Regulamento de Trabalho de Conclusão do Curso de Medicina Veterinária” (APÊNDICE C), aprovado pelo Conselho Diretor do CMB/UFOB.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

8.6. Atividades Curriculares Complementares

Atividades Complementares Curriculares (ACC) representam um instrumento a ser utilizado no aprimoramento da formação básica e profissionalizante do futuro médico veterinário e/ou de seu aperfeiçoamento pessoal em proveito das mesmas. Essas atividades constam de duzentas e oitenta (280) horas totais, a serem cumpridas ao longo do Curso – podendo ser integralizadas a partir do início do Curso de Medicina Veterinária, conforme barema disponível no APÊNDICE D.

Enquanto requisito obrigatório as ACC respondem ao princípio da flexibilidade, pelo qual o estudante tem a possibilidade de decidir sobre uma parte do currículo, sendo ordenadas por suas legislações específicas: pela determinação constante na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Superior – 9.394/1996, a qual estabelece em seu artigo 3º a “valorização da experiência extraclasse” e na mesma lei em seu capítulo IV artigo 43º, que trata da finalidade da educação superior.

Segundo a Resolução 08/2015 aprovada pelo Conepe da UFOB, a ACC é uma ação de natureza acadêmica, científica, técnica, socioambiental e artístico-cultural dos cursos de graduação da UFOB que, pela sua autonomia atribuída ao estudante na escolha das atividades a realizar, favoreçam a diversificação e ampliação de sua formação integral. Ainda segundo a referida resolução, as diferentes atividades de ACC compõem cinco grupos. Para garantir uma distribuição mínima satisfatória das ACC entre os diferentes grupos, foram definidas porcentagens mínimas e máximas de carga horária que devem ser contabilizadas para efeito de integralização das 280 horas necessárias, conforme o Quadro 10.



Quadro 10. Valores mínimos e máximos que devem ser contabilizados para integralização das 280 horas de ACC para o Curso de Medicina Veterinária da UFOP.

Categorias	Mínimo	Máximo
Ensino	-	30%
Pesquisa	10%	40%
Extensão	10%	40%
Representação Estudantil	-	20%
Iniciação ao Trabalho	-	30%

A contabilização destas atividades, incluindo a verificação de carga horária máxima e mínima exigidas, deverá ser feita semestralmente pelo setor acadêmico do centro, sendo que para as comprovações das atividades serão utilizadas cópias dos certificados/declarações, após a marcação de confere com a original.

O barema do CMB, conforme o Art. 8º, da Resolução nº 08, de 30 de novembro de 2015 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFOP, está disponibilizado no APÊNDICE D.



9. MARCOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

As práticas pedagógicas, que serão adotadas ao longo do curso de Medicina Veterinária, estão alicerçadas na produção de aprendizagem contínua, seguindo os quatro pilares clássicos da educação: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a ser, assegurando conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais nos componentes curriculares oferecidos de forma multi e interdisciplinar e promovendo a interação dos núcleos Ensino, Pesquisa e Extensão.

Para tanto, serão abordadas estratégias de articulação entre teoria e prática, como aulas práticas em laboratórios específicos, para contextualização do conteúdo; estudos de caso relacionados aos diferentes componentes curriculares, tanto dos conteúdos básicos quanto dos conteúdos profissionalizantes; realização de seminários e debates em sala de aula, bem como visitas técnicas, visando atualização do estudante quanto à atuação profissional e inserção no mercado, bem como o despertar do profissional quanto ao seu papel social, estimulando-o a desenvolver ações extensionistas; desenvolvimento de pesquisas de acordo com o contexto regional onde está inserido, sem perder de vista a probabilidade de expansão e aplicabilidade da pesquisa, visando a popularização da ciência e transferência de tecnologias; a organização de simpósios e outros eventos de caráter científico e extensionista, fortalecendo a interdisciplinaridade e competências humanísticas. Ressaltando que todos os estudantes que apresentarem algum tipo de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, necessidades especiais ou qualquer tipo de necessidade de atendimento diferenciado e/ou especializado, será assegurado o acesso às metodologias propostas, bem como a adaptação dos instrumentos de avaliação, disponibilização de materiais didáticos e pedagógicos, entre outros, seguindo as Políticas de Acessibilidade Institucionais.

Considerando o disposto no artigo 2º da Resolução Conepe nº 003/2015, a UFOB concebe a inclusão na Educação Superior, na perspectiva dos direitos, que são inerentes a todos os estudantes e profissionais da universidade, independentemente de sua condição social, física, sensorial, étnica, religiosa, entre outras. Além do mais, trabalhará para a equiparação de condições, a fim de que todas as pessoas possam ter acesso a todas as atividades e serviços, como os demais cidadãos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

A Universidade Federal do Oeste da Bahia regulamentou como política institucional de caráter obrigatória a inserção de conteúdos de responsabilidade ético social nos cursos de graduação, mediante a Resolução nº 003/2015 aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, que trata das seguintes temáticas:

- a) História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Lei nº. 11.645, de 10/03/2008; Resolução CNE/CP nº. 01, de 17/06/2004 e Lei nº. 10.639, 09/01/2003);
- b) Política de Educação Ambiental (Resolução CNE/CP nº. 02, de 15/06/2012; Decreto nº. 4.281, de 25/06/2002 e Lei nº. 9795, de 27/04/1999);
- c) Educação em Direitos Humanos (Resolução CNE/CP nº. 01/2012, de 30/05/2012);
- d) Língua Brasileira de Sinais (Decreto nº.5626, de 22/12/2005; Lei nº. 10.436, de 24/04/2002 e Resolução CNE/CEB nº. 02, de 11/12/2001).

Com relação à política de Educação Ambiental, a UFOB institucionalizou um evento de periodicidade anual, denominado Semana do Meio Ambiente. Neste evento, as questões referentes a esta temática são trabalhadas pelo envolvimento de diferentes cursos de graduação e de pós-graduação com a participação de estudantes e servidores docentes e técnicos-administrativos, realizando palestras, oficinas, visitas técnicas, minicursos, entre outras. Tais atividades são capitaneadas pela Superintendência do Meio Ambiente, órgão complementar da Reitoria responsável pela promoção de ações voltadas para a sustentabilidade ambiental nos *campi* da universidade. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) será trabalhada mediante oferta de componente curricular optativo, bem como no envolvimento dos estudantes em eventos de natureza científico-culturais que poderão ser realizados no período da Escola de Estudos Temáticos, regulamentada pela Resolução 004/2014 Conepe. As temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e Educação em Direitos Humanos serão abordadas em palestras e projetos de extensão que envolvam a comunidade acadêmica e regional, aproximando-os.

Além disso, os componentes curriculares Filosofia e História das Ciências, Deontologia e Ética Profissional, Extensão Rural, Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública, Bioclimatologia e Preservação Ambiental, Saúde Única, Cultura e Sociedade, Manejo e Conservação de Recursos Naturais, Língua Brasileira de Sinais, de forma transversal e transdisciplinar abordam os conteúdos de responsabilidade ética e social descritos acima, desenvolvendo no estudante a capacidade para análise crítica e transformadora da sociedade na



qual está inserido, utilizando conhecimentos transmitidos e discutidos durante a sua formação acadêmica.

É compromisso da Universidade Federal do Oeste da Bahia a inclusão e acessibilidade nas atividades de ensino, pesquisa e extensão aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, assegurando a equidade de condições nas metodologias propostas, bem como a adaptação dos instrumentos de avaliação, disponibilização de materiais didáticos e pedagógicos, respeitando as diferenças e as individualidades, conforme preveem as Políticas de Acessibilidade Institucionais.

Na materialização das atividades de inclusão e exposição dos estudantes aos conteúdos, seja de forma individual ou coletiva, os estudantes deverão atentar para a seleção de metodologias que lhes permitam uma leitura crítica da relação ensino-aprendizagem, processo que envolve ação-reflexão-ação, guiado pelos objetivos a ele inerentes. Essa prática reflexiva, de acordo com Zabala (1998, p.17), “não pode se reduzir ao momento que se produzem os processos educacionais na aula”, sendo assim, o planejamento e a avaliação, na agência docente, constituem-se o seu núcleo, tendo na atividade ou tarefa, ainda segundo o autor, sua unidade de análise.

As atividades ou tarefas desenvolvidas de modo presencial, poderão ser compreendidas como técnicas de abordagem dos conteúdos, representadas pelas aulas expositivas, aulas práticas em diferentes espaços, a exemplo das práticas laboratoriais e das viagens a campo, os seminários, simpósios, debates com temas geradores, as pesquisas, elaboração de mapas conceituais, listas de exercícios, estudo dirigido, entre outras, sem perder de vista as condições e necessidades de suas aplicabilidades e a autonomia docente na condução de sua prática, em prol de uma aprendizagem significativa.

Os docentes, além de fornecer conteúdos teóricos e atividades práticas, adotarão estratégias para o desenvolvimento de projetos e atividades complementares, como monitoria de ensino, iniciação científica, atividades de extensão e grupos de estudos, com o objetivo de proporcionar ao estudante o fortalecimento de habilidades e competências necessárias para o trabalho profissional em Medicina Veterinária, numa concepção humanística. A metodologia norteadora será pautada na interdisciplinaridade curricular, promovendo a comunicação entre as diversas áreas dos conteúdos básicos e profissionalizantes, estimulando, principalmente, o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

desenvolvimento das competências humanísticas, tais como: comunicação, tomada de decisões, liderança, administração e gerenciamento, educação permanente, atenção à saúde, consciência da diversidade e a adaptação a ambientes passíveis de mudanças, adequando o futuro profissional às necessidades atuais do mercado de trabalho e da sociedade contemporânea.

Os componentes curriculares envolvidos nesta proposta, terão acompanhamento do colegiado deste curso, que realizará avaliações periódicas para possíveis adaptações metodológicas e/ou promoção de formação de docentes e estudantes, visando sempre uma melhor relação professor-estudante, produção de aprendizagem em sua ampla concepção, direcionando o foco do ensino para o aprender do estudante, buscando incorporar as vivências do mesmo no processo de construção do conhecimento, agregando os saberes do indivíduo ao desenvolvimento da prática profissional, e não apenas o ensino enquanto transferência unidirecional do conhecimento.

As aulas práticas serão realizadas em laboratório de ensino, durante atividades de campo ou visitas técnicas, conforme seu conteúdo programático, para garantir ao estudante a vivência prática necessária para a sua vida profissional. Estas atividades terão como objetivo fornecer uma visão prática do fenômeno estudado na teoria, bem como oferecer um campo de treinamento, sempre supervisionado por um profissional experiente, permitindo desta forma que o estudante consolide técnicas e expertises exigidas na vida profissional.

Desse modo, algumas atividades práticas poderão ser executadas por meio de atendimentos em consultas e cirurgias realizadas no Hospital Veterinário da UFOB, bem como a campo, dando suporte a produtores rurais, associações e cooperativas, com o propósito de conhecer a casuística regional e a adequada intervenção médico veterinária no âmbito sanitário, clínico e cirúrgico.

As visitas técnicas serão realizadas em locais que desenvolvam atividades na área da Medicina Veterinária como: abatedouros, fábricas de ração, laticínios, centros de zoonoses, além de entrepostos que manipulam, transportam, armazenam e comercializam produtos de origem animal, áreas de aquicultura, apicultura, cunicultura, avicultura, suinocultura, bovinocultura, caprinovinocultura, bubalinocultura e equideocultura. O Quadro 12 relaciona os componentes curriculares do curso de Medicina Veterinária da UFOB que terão aulas de campo e/ou visitas técnicas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

As atividades de cunho profissional, sobretudo aquelas realizadas em campos de práticas e como atividades de extensão, disponibilizarão aos estudantes uma experiência real da convivência exigida pelo profissional Médico Veterinário, seja nas relações pessoais com os colegas de profissão, clientes e sociedade em geral, ou seja, na relação interespecífica com o seu paciente animal.

As aulas em laboratório serão desenvolvidas nas estruturas laboratoriais do CMB, conforme descrição no Quadro 11. Para tanto, serão rigorosamente seguidos os princípios de biossegurança exigidos para laboratórios de ensino, sendo, entre outros cuidados essenciais, obrigatório o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e Equipamentos de Proteção Coletivo (EPCs).

Nos semestres sexto, sétimo, oitavo e nono, os estudantes terão uma semana de aulas/vivências práticas em ambientes de rotina médico veterinária de referência para inclusão dos estudantes em um cenário real de casuística e produção. O propósito pontual de realização dessas práticas nestes períodos é de contemplar as diversas áreas no campo da Medicina Veterinária, direcionando o desenvolvimento de profissionais e mão-de-obra qualificada para aptidão produtiva do país, especialmente para a região Nordeste e Oeste Baiano, como por exemplo: avicultura, suinocultura, bovinocultura, caprinocultura, ovinocultura, equideocultura, aquicultura, apicultura, inspeção e produção de produtos de origem animal, além de saúde pública. Nesta ocasião, os professores e estudantes dos referidos períodos se afastarão do *campus*, cujas condições necessárias serão oferecidas pela UFOB. Os estudantes ficarão responsáveis pela elaboração dos relatórios das visitas técnicas. O Quadro 12 relaciona os componentes curriculares do curso de Medicina Veterinária da UFOB que terão aulas de campo e/ou visitas técnicas.

O item norteador na mediação do conhecimento serão os planos de ensino, os quais levam em conta que os jovens e adultos que compõem a demografia da sala de aula dos cursos universitários da UFOB sejam sujeitos representantes de uma grande diversidade cultural, bem como das mais diferentes formas de acesso aos saberes que circulam dentro e fora do *campus*. Assim, na organização do trabalho pedagógico, considerando o nível de estruturação do curso de Medicina Veterinária, é salutar o conhecimento das unidades curriculares, em suas ementas, e de que maneira essas estabelecem diálogos com outras oferecidas nas respectivas etapas



semestrais para que o fazer docente adquira uma coerência discursiva entre os pares. Essa ação tem na Semana Pedagógica sua relevância maior, uma vez que esse tempo/espço pode ser caracterizado como parte do processo formativo docente nas suas discussões e alinhamentos da proposta interdisciplinar aqui preconizada.

O Plano de Ensino constitui-se, então, um documento fundamental definido pelo professor, respeitando o programa do componente curricular, cabendo ao Conselho Diretor sua aprovação final. Em relação à avaliação da aprendizagem, este Projeto Pedagógico tem como referencial o conceito explanado no Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da UFBA, tutora da UFOB, em seu Art. 106: “Entende-se por avaliação da aprendizagem o processo contínuo de apreciação e verificação da construção de conhecimento dos estudantes, bem como acompanhamento, diagnóstico e melhoria do processo de ensino-aprendizagem”. Nesse sentido, os procedimentos de avaliação, durante o semestre letivo, compreenderão as estratégias elencadas pelo docente, previamente apresentadas em seu Plano de Ensino e firmadas com a comunidade estudante, sempre que houver necessidade de alteração do planejamento.

A avaliação da unidade curricular terá como base os seguintes critérios:

1. O estudante deverá ter frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) às aulas e demais atividades acadêmicas;
2. A atribuição de notas às atividades acadêmicas;
3. Compreenderão, no mínimo, duas avaliações parciais discursiva e/ou objetiva;
4. Para ser aprovado, o estudante deverá ter nota igual ou superior a 5,0(cinco);
5. Nos componentes, cujo aproveitamento do estudante não pode ser avaliado por nota, registrar-se-á a situação final do estudante como aprovado ou reprovado.

Por fim, a flexibilização curricular é assegurada nesse projeto, pois condições de mudanças e transformações no âmbito do curso precisam ser garantidas para acompanhar as possíveis demandas da realidade sociopolítica, econômica, cultural e educacional, bem como para atender questões provenientes da produção de conhecimentos e do mercado de trabalho, configurando uma forma de contribuição contínua no fortalecimento do bem comum e do espaço público dentro e fora do mundo acadêmico, legitimando-o socialmente.



Quadro 11. Relação de componentes curriculares que promoverão aulas práticas em laboratórios da UFOB.

Componente Curricular	Natureza	Laboratórios
Biologia Celular e Molecular	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de diagnóstico molecular e imunológico
Química Básica Experimental	OB	Laboratório de química e bioquímica
Anatomia dos Animais Domésticos I	OB	Laboratório morfofuncional
Embriologia e Histologia Básica	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de Histopatologia
Microbiologia Básica	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia
Anatomia dos Animais Domésticos II	OB	Laboratório morfofuncional
Bioquímica Básica	OB	Laboratório de química e bioquímica
Biofísica e Fisiologia Veterinária I	OB	Laboratório multifuncional e morfofuncional
Histologia Veterinária	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de Histopatologia
Microbiologia Veterinária	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia
Bioquímica Veterinária	OB	Laboratório de química e bioquímica
Farmacologia Veterinária	OB	Laboratório de química e bioquímica
Fisiologia Veterinária II	OB	Laboratório multifuncional e morfofuncional
Imunologia	OB	Laboratório de diagnóstico molecular e imunológico
Patologia Geral	OB	Laboratório multifuncional, Laboratório de Histopatologia e morfofuncional
Patologia Clínica Veterinária	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de Patologia Clínica e Parasitologia
Toxicologia Veterinária	OB	Laboratório de química e bioquímica
Doenças Infecciosas dos Animais	OB	Laboratório Diagnóstico Molecular e Imunológico
Parasitologia Veterinária	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de patologia clínica e parasitologia
Forragicultura e Pastagens	OB	Laboratório de Bromatologia
Nutrição e Alimentação Animal	OB	Laboratório de Bromatologia
Técnica Cirúrgica Veterinária	OB	Laboratório morfofuncional
Patologia Veterinária Especial	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de Histopatologia e morfofuncional
Doenças Parasitárias	OB	Laboratório multifuncional e Laboratório de patologia clínica e parasitologia
Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução	OB	Laboratório de Reprodução Animal
Clínica e Manejo de Aves	OB	Laboratório de Histopatologia, Laboratório de patologia clínica e parasitologia, Laboratório Diagnóstico Molecular e Imunológico, Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Clínica e Manejo de Suínos	OB	Laboratório de Histopatologia, Laboratório de patologia clínica e parasitologia, Laboratório Diagnóstico Molecular e Imunológico, Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	OB	Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	OB	Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal
Defesa Sanitária Animal	OB	Laboratório de Histopatologia, Laboratório de patologia clínica e parasitologia, Laboratório Diagnóstico Molecular e Imunológico, Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia
Anatomia Topográfica	OP	Laboratório morfofuncional
Entomologia Médica e Veterinária	OP	Laboratório multifuncional e Laboratório de patologia clínica e parasitologia

OB: componente curricular obrigatório; OP: componente curricular optativo.



Quadro 12. Relação dos componentes curriculares do curso de Medicina Veterinária da UFOB que terão aulas de campo* e/ou visitas técnicas.

Componente Curricular	Natureza	Tipo	Local de realização
Bioclimatologia e Preservação Ambiental	Obrigatório	visita técnica	Propriedades rurais
Anestesiologia Veterinária	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Cirúrgico de pequenos e grandes animais) / Propriedades rurais
Diagnóstico por Imagem	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário - Setor de Diagnóstico por imagem, Clínico e Cirúrgico de pequenos e grandes animais
Forragicultura e Pastagens	Obrigatório	visita técnica	Propriedades rurais
Semiologia Veterinária	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico de pequenos e grandes animais) / Propriedades rurais
Patologia Geral	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Laboratório de Histopatologia) / Propriedades rurais
Patologia Veterinária Especial	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Laboratório de Histopatologia) / Propriedades rurais
Doenças Parasitárias	Obrigatório	visitas técnicas	Propriedades rurais
Bovinicultura de Corte e de Leite	Obrigatório	visitas técnicas	Propriedades rurais
Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes animais) / Propriedades rurais
Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de pequenos animais)
Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes e pequenos animais) / Propriedades rurais e Laboratório de Reprodução Animal
Ovinocaprinocultura	Obrigatório	visita técnica	Propriedades rurais
Técnica Cirúrgica Veterinária	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes e pequenos animais)
Equideocultura	Obrigatório	visita técnica	Propriedades rurais
Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes animais) / Propriedades rurais
Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais II	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de pequenos animais)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Avicultura	Obrigatório	hora/aula de campo/visita técnica	Setor Produtivo de Aves da Fazenda Escola/Propriedades rurais e empresas
Suínocultura	Obrigatório	hora/aula de campo/visita técnica	Setor Produtivo de Suínos da Fazenda Escola/Propriedades rurais e empresas
Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes animais) / Propriedades rurais
Defesa Sanitária Animal	Obrigatório	visita técnica	Eventos agropecuários e propriedades rurais
Ginecologia e Obstetrícia Veterinária	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes e pequenos animais) / Propriedades rurais
Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	Obrigatório	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico e Cirúrgico de grandes animais) / Propriedades rurais
Aquicultura	Obrigatório	hora/aula de campo/visita técnica	Unidade de Aquicultura da Fazenda Escola/Propriedade rurais e empresas
Clínica e Manejo das Aves	Obrigatório	hora/aula de campo/visita técnica	Setor Produtivo de Aves da Fazenda Escola/Propriedades rurais e empresas
Clínica e Manejo de Suínos	Obrigatório	hora/aula de campo/visita técnica	Setor Produtivo de Suínos da Fazenda Escola/Propriedades rurais e empresas
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	Obrigatório	visita técnica	Propriedades rurais, Frigoríficos e Laticínios
Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	Obrigatório	visita técnica	Propriedades rurais, Frigoríficos e Laticínios
Apicultura	Optativo	visita técnica	Propriedades rurais e empresas
Biotécnicas Aplicadas a Reprodução	Optativo	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor Clínico de grandes e pequenos animais) / Propriedades rurais e Laboratório de Reprodução Animal
Bubalinocultura	Optativo	visita técnica	Propriedades rurais e empresas
Manejo de Dejetos de Animais	Optativo	visita técnica	Propriedades rurais e empresas
Ortopedia Veterinária	Optativo	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor clínico e cirúrgico de grandes e pequenos animais)
Terapêutica Veterinária	Optativo	hora/aula de campo	Hospital Veterinário (Setor clínico e cirúrgico de grandes e pequenos animais)

* As aulas de campo e visitas técnicas terão duração mínima de 50 minutos, mas podem sofrer alterações conforme o plano de ensino do componente curricular elaborado pelo docente responsável



10. POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Na Universidade Federal do Oeste da Bahia o ensino de graduação é objetivo norteador de todos os atos, processos e movimentos, concomitantes ou não, já acontecidos e que venham a acontecer. Igualmente, no Curso de Medicina Veterinária o ensino permitirá que a integração com as demais atividades acadêmicas, pesquisa e extensão, seja construída através de um eixo comum e harmônico. Por ser uma Universidade em construção, a UFOB tem o consciente dever de resgatar, de forma efetiva, o verdadeiro valor do ensino de graduação, não apenas como uma mera obrigatoriedade, mas também como reconhecimento de ser este um pilar fundamental para que a história institucional venha a ser edificada.

A pesquisa, na matriz curricular do Curso de Medicina Veterinária, surgirá como elemento associado ao ensino de graduação e, na medida do possível, o engajamento dos estudantes na busca de soluções para problemas sociais correspondentes a sua área de formação será fomentado dentro do curso, seja através do desenvolvimento de projetos de pesquisa e/ou de programas de iniciação científica. O objetivo dessa articulação é auxiliar o despertar da consciência do estudante para a vivência com processos e dinâmicas que envolvem, de modo sistemático, a geração de conhecimento por meio da pesquisa científica. Nesse sentido, tem-se como principais metas a serem atingidas:

- Identificar linhas de pesquisa prioritárias, que estejam conectadas com as expertises dos professores e que sejam socialmente relevantes;
- Constituir equipes de trabalho que definam as linhas de pesquisa prioritárias, formando assim grupos de pesquisa vinculados ao diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq;
- Reconhecer fontes de captação de recursos e desenvolver mecanismos de apoio à pesquisa e à prestação de serviços;
- Promover a realização de eventos científicos para a divulgação das pesquisas;
- Participar de projetos de pesquisa interinstitucionais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Como exemplos práticos de viabilização destas metas, tem-se o Programa de Iniciação Científica da UFOB que possui bolsas concedidas pelo CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB e pela própria Instituição. Desse modo, os estudantes do Curso de Medicina Veterinária têm a oportunidade de obterem bolsas de iniciação científica ou mesmo atuarem como voluntários para realizarem suas atividades de pesquisa. Além disto, o Grupo de Pesquisa em Ciências Agrárias do Semiárido Baiano, formado por professores do curso de Medicina Veterinária e vinculado ao CNPq desde maio de 2016, pretende organizar as atividades de pesquisa dos professores do curso, direcionando-as para um horizonte comum de estudos relacionados ao empoderamento do semiárido baiano e suas populações, com destaque para a produção agrícola ambientalmente sustentável e socialmente justa.

A atividade de extensão também será uma prática cultivada dentro do Curso de Medicina Veterinária da UFOB. Para isso, o ensino de graduação será elemento agregador e fundamentador do seu desenvolvimento. Por ser um elemento que, reconhecidamente, configura-se numa excelente oportunidade para o acadêmico exercitar a aplicação dos conhecimentos adquiridos em prol do desenvolvimento da comunidade, a extensão também contribui com sua inserção social, de modo plural. Através da extensão, o ensino e a pesquisa, já integrados, buscam soluções de problemas e atendimento às aspirações da sociedade.

Neste sentido, a UFOB busca estreitar o contato com a comunidade por meio de cursos de capacitação, eventos culturais, serviços, e outras atividades de extensão. Em relação aos serviços oferecidos para a sociedade, o curso de Medicina Veterinária da UFOB dispõe de grande interesse e importância na região, pois, devido ao enorme potencial agropecuário no Oeste da Bahia, associado à escassez de mão de obra qualificada, o Hospital Veterinário e demais serviços assistenciais possibilitarão espaços capacitados para um atendimento completo dos animais, melhorando assim a saúde animal, bem como a saúde ambiental da área.

Além disso, o Curso de Medicina Veterinária da UFOB efetuará projetos de extensão visando um processo educativo, cultural e técnico-científico que garanta a articulação indissociável com o ensino e a pesquisa e sua socialização junto à comunidade regional, numa perspectiva multidisciplinar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Neste tocante, todos os cursos da UFOB contam com o apoio institucional para organização anual da Semana de Integração Universitária e a Escola de Estudos Temáticos, conforme Resolução nº. 04/2014 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFOB.

A Semana de Integração compreende um conjunto de atividades que envolvem toda a comunidade acadêmica e realizada anualmente, sempre nos primeiros cinco dias letivos do primeiro semestre. Neste período, as atividades explicitarão um caráter científico, tecnológico, artístico e cultural, tendo como finalidades:

I – Promover o envolvimento entre docentes, técnicos-administrativos e estudantes, calouros e veteranos, para além da relação estabelecida em sala de aula;

II – Incentivar a construção de uma prática relacional acolhedora e de integração entre os estudantes da Universidade, para criação de vínculos acadêmicos e sociais diferenciados que se estenderão durante todo o período de formação acadêmica;

III – Aproximar o estudante do campo de atuação profissional relacionado ao curso de Medicina Veterinária;

IV – Promover o conhecimento da universidade e seu funcionamento acadêmico administrativo.

Por outro lado, a Escola de Estudos Temáticos compreende um conjunto de atividades de ensino, pesquisa e extensão de natureza acadêmica, científica e cultural pela articulação dos diferentes conhecimentos. Este evento consta no calendário oficial da UFOB, com a garantia de 15 dias para a sua realização no segundo semestre de cada ano letivo, a partir da premissa de articulação de ações de divulgação e intercâmbio da produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento. Sendo um período profícuo, para organização de eventos científicos, cursos de extensão, palestras, debates, entre outras atividades de integração entre os três núcleos centrais da universidade.



11. POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE

A acessibilidade é mais que a eliminação de barreiras urbanísticas, arquitetônicas e de transporte. Trata-se, da mesma forma, da supressão de obstáculos nas comunicações e informações (FIGUEIREDO et al, 2011), de forma que as pessoas com qualquer tipo de deficiência possam ter acesso a todos os âmbitos da vida.

Nesse sentido, o CMB, como parte integrante da UFOB, planejará e implementará metas de acessibilidade, preconizadas pela legislação em vigor, assim como fará a monitoria das matrículas dos ingressantes com deficiência, a fim de promover condições de pleno acesso e permanência no ensino superior. Pois, pressupõe que a acessibilidade relaciona-se com a possibilidade de compreender e interagir com os espaços na sociedade, independentemente de limitações motoras ou sensoriais, como prevê a Lei 10.098/2000.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define acessibilidade como sendo a “possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos” (NBR 9050/2004). A partir dessa concepção, o Curso de Medicina Veterinária, em consonância com a UFOB como um todo, reconhece como condições necessárias para a acessibilidade quatro núcleos estruturantes, assim discriminados:

- Arquitetônico: Orientação e adequação na estrutura física;
- Pedagógico: Promoção do acesso do estudante com deficiência; seu ingresso e permanência com aprendizagem, por meio de ações que qualifiquem as condições de ensino e as alternativas de avaliação de acordo com as especificidades apresentadas;
- Atitudinal: Incentivar, apoiar e valorizar a mudança de atitudes norteadas pelas políticas de inclusão, mobilizando a comunidade acadêmica, a fim de ampliar os campos de ação em favor da acessibilidade;
- Tecnológico: Incentivar, apoiar e valorizar a Tecnologia Assistiva para promoção da inclusão, mediante processos de pesquisas que potencializem a criação de ações e instrumentos favoráveis à acessibilidade.

A Política de Inclusão e Acessibilidade assumida pela UFOB fundamenta-se na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), promulgada no Brasil



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

com *status* de Emenda Constitucional, por meio do Decreto Legislativo nº. 186/2008 e Decreto Executivo nº. 6.949/2009, na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) e no Documento Orientador do Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior (SECADI/SESU, 2013).

Além desses decretos e leis, o trabalho da Universidade ampara-se em um conjunto de legislações correlatas (portarias, pareceres, resoluções), os quais direcionam a efetivação dos compromissos e metas previamente estabelecidos, tendo em vista a construção de um ambiente institucional inclusivo e acessível. A articulação entre políticas públicas de inclusão e práticas institucionais aponta para a adoção de ações específicas que assegurem a equidade de condições a estudantes e servidores com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, nas diferentes atividades da instituição.

Em consonância com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), entende-se *inclusão* como respeito à diferença/deficiência, como parte da diversidade humana; por sua vez a *acessibilidade* é compreendida como a eliminação de obstáculos e barreiras que impedem o desenvolvimento pessoal e social das pessoas com deficiência.

Nestes termos, adotamos uma proposta de acessibilidade abrangente, ultrapassando o viés da acessibilidade como remoção de barreiras físicas e arquitetônicas. Não se trata, portanto, de uma mudança apenas conceitual, mas, sobretudo política e pedagógica que perpassa desde a articulação da tríade ensino-pesquisa-extensão à organização dos processos avaliativos, metodológicos e pedagógicos acessíveis.

A proposta de *acessibilidade na perspectiva abrangente* nos remete a dois grandes compromissos quanto à condução dos processos formativos na Universidade. O primeiro consiste em fazer com que a política de inclusão/acessibilidade se torne efetiva e se traduza em ações concretas. Uma outra ação implica em adaptar os instrumentos de avaliação e o tempo de sua realização, além de disponibilizar materiais didáticos e pedagógicos acessíveis, entre outros. O segundo compromisso é aproximar a comunidade acadêmica do debate sobre educação inclusiva, uma vez que “a formação do preconceito geralmente ocorre em contextos sociais marcados pela carência de experiência e de reflexão diante daquilo que causa estranheza” (SANTOS, 2013).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

A partir dessa concepção, profissionais e estudantes vinculados ao curso serão estimulados a participarem de discussões que sensibilizem a sociedade em relação às pessoas com deficiência, com vistas a eliminar preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações. Nesse propósito, todos estarão apoiados pelo trabalho do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), aprovado pela Resolução Consuni/UFOB nº. 003/2015.

Integra ainda a Política de Inclusão e Acessibilidade da Universidade o Atendimento Educacional Especializado (AEE), um dos pilares da educação inclusiva. Trabalhamos de acordo com o previsto no Decreto nº. 7.611/2011, que define o serviço de maneira articulada com a proposta curricular desenvolvida pelos docentes, cujas ações devem ser institucionalizadas para apoiar, complementar e suplementar o atendimento aos estudantes com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Reportamo-nos à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) e ao Censo escolar anual do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), os quais apresentam as seguintes definições para deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação:

Pessoa com Deficiência é aquela que tem impedimentos de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.

Transtornos Globais de Desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nessa definição estudantes com Autismo Infantil, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett e Transtorno Desintegrativo da Infância.

Altas Habilidades/Superdotação são aquelas que se manifestam em pessoas com potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, artes e psicomotricidade; também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Considerando essas definições, a Universidade assume um compromisso de promover um trabalho formativo, que envolva processos didático-pedagógicos, previstos em planejamentos de ensino que contemplem as adaptações necessárias ao atendimento das



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

necessidades específicas do estudante, independentemente de sua condição física, sensorial e intelectual. Portanto, os materiais didáticos, bem como as metodologias de ensino e práticas avaliativas considerarão as diferentes possibilidades de ver, ouvir, falar, perceber e entender, de maneira que a interação necessária aos processos de ensino-e-aprendizagem se constitua em um contexto caracterizado pela diversidade.



12. AVALIAÇÃO

A avaliação se constitui em um ato formativo que visa a construção de um processo sistemático e intencional objetivado para atingir finalidades, visando identificar, compreender e analisar o desenvolvimento das ações realizadas com vistas à melhoria, aperfeiçoamento e retroalimentação da realidade avaliada. Deste modo, não possui uma finalidade em si mesma, pois seus resultados subsidiam ações nos processos de tomada de decisão.

De acordo com as políticas institucionais regulamentadas pelo Conselho Superior da UFOB, existem dois tipos de avaliação no contexto da graduação na UFOB: a avaliação da aprendizagem e a avaliação de curso. Seus processos e resultados são assumidos como instrumentos político-pedagógicos de gestão acadêmica em prol da permanente qualidade.

12.2. Avaliação da Aprendizagem

A avaliação da aprendizagem é um ato pedagógico formal que se institui na relação dos processos de ensino-aprendizagem, objetivando identificar os conhecimentos apropriados pelos estudantes em cada componente curricular previsto no Projeto Pedagógico do curso de graduação.

Com esse propósito, possui uma função diagnóstica, com caráter formativo, na medida em que, por meio de critérios e instrumentos de avaliação, constata o nível de conhecimento dos estudantes, compara com os objetivos propostos e toma decisões para promover a aprendizagem. De acordo com Freitas (1995), a avaliação incorpora os objetivos, aponta uma direção. Com seus resultados, permite que estudantes e docentes os confrontem com o momento final idealizado, antes pelos objetivos.

Os processos de avaliação da aprendizagem realizados no curso de Medicina Veterinária são regulamentos conforme estabelecido no Regulamento de Ensino de Graduação. Ademais, registramos abaixo a proposta de avaliação da aprendizagem dos estudantes do curso:

Entende-se por avaliação da aprendizagem o processo contínuo de acompanhamento e registro da construção de conhecimento dos estudantes, para fins de diagnóstico e melhoria



do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação da aprendizagem será realizada por semestre letivo, compreendendo:

- a) a apuração e registro da frequência nas aulas e demais atividades de ensino;
- b) a atribuição de notas às atividades de ensino.

A avaliação da aprendizagem far-se-á em cada componente curricular ou conjunto de componentes curriculares. O conjunto de componentes curriculares do curso de Medicina Veterinária corresponde a um trabalho com enfoque interdisciplinar que deve ser ministrado, por conveniência didática, de maneira integrada.

Os procedimentos de avaliação para conjunto de componentes curriculares do curso de Medicina Veterinária estarão especificados nos planos de ensino dos componentes curriculares.

Os instrumentos de avaliação compreendem todas as atividades realizadas com fins de verificação da aprendizagem. Parágrafo único. Todo instrumento avaliativo deve ter indicação dos critérios que subsidiarão o diagnóstico da aprendizagem adquirida pelo estudante.

Os instrumentos de avaliação da aprendizagem, respeitados a ementa e conteúdos do componente curricular, serão definidos pelo professor ou grupo de professores no respectivo plano de ensino.

As atividades de ensino passíveis de avaliações deverão ser agendadas e figurar no plano de ensino do componente curricular, respeitados os dias e horários previstos.

O reagendamento de avaliação deve ser realizado com pelo menos 05 (cinco) dias letivos de antecedência e respeitados os dias e horários da oferta da disciplina.

A avaliação da aprendizagem se dará ao longo do semestre letivo, resultando de, no mínimo, 02 (duas) avaliações. Parágrafo único. O resultado da avaliação de aprendizagem obedecerá a uma escala de “0” (zero) a 10 (dez), com uma casa decimal.

Será considerado aprovado, em cada componente curricular, o estudante que cumprir a frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) nas aulas e nas atividades de ensino e obtiver nota final igual ou superior a 5,0 (cinco).

Será considerado reprovado, em cada componente curricular, o estudante que:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

a) deixar de cumprir a frequência mínima de 75 % (setenta e cinco por cento) às aulas e às atividades de ensino;

b) não obtiver nota final igual ou superior a 5,0 (cinco).

Para fins de registro no histórico escolar, os resultados da avaliação obedecerão a seguinte terminologia:

A formalização dos resultados da aprendizagem pela atribuição de notas, definida no Regulamento de Ensino de Graduação, equivale à função somativa do processo avaliativo. Nesse caso, representa o registro do que o estudante está sendo acompanhado quanto sua aprendizagem em seu percurso de formação acompanhado pelo docente.

A avaliação da aprendizagem requer um trabalho sistemático dos docentes, os quais, em articulação dialógica com os estudantes, assumem o compromisso pedagógico de orientar, acompanhar a construção de conhecimentos, atitudes e valores necessários à formação de competências políticas, éticas, estéticas e técnicas inerentes à formação na graduação. O ato avaliativo não se resume a uma ação pontual, aligeirada, pela utilização de instrumentos, ao contrário, faz-se necessário que o docente realize um levantamento de informações por meio de uma diversidade de instrumentos que contemplem conceitos, procedimentos, entre outros aspectos, trabalhados ao longo de um período letivo que permitam constatar que os objetivos previstos no plano de ensino foram ou não alcançados.

Sob esse ponto de vista, entende-se que os instrumentos de avaliação são, segundo Luckesi (2005), recursos de coleta de dados que têm a função de permitir ao docente à ampliação de suas condições de constatar e analisar a realidade avaliada para, em seguida, registrá-la em seus contornos e desempenhos.

Ressalta-se que no que concerne à natureza dos conteúdos/conhecimentos trabalhados, bem como os objetivos de ensino propostos para cada componente curricular do curso, adotamos um conjunto de instrumentos, visando que os estudantes manifestem sua aprendizagem. Esses dados permitem a tomada de decisões e a formalização de resultados mais coerentes com os percursos de ensino e aprendizagem.



Reitera-se que, a definição, no planejamento, de quais instrumentos serão importantes no processo de coleta de dados é uma decisão do docente, balizada pelos objetivos de ensino propostos.

Outra decisão do docente é a definição de critérios de avaliação para cada instrumento. Os critérios são indicadores de correção do conteúdo/conhecimento apresentado pelo estudante, cuja definição precisa ser conhecida por ele e pelo docente, os dois sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem. Sua função é orientar a correção dos instrumentos. Por isso, são formulados levando-se em consideração as especificidades seja do componente curricular e ou dos conteúdos/conhecimentos.

É importante registrar que a definição de instrumentos e critérios não pode perder de vista a caracterização acadêmico-profissional do estudante, que são referências de apoio ao trabalho docente para analisar, apreciar, comparar e formular um juízo de valor do que está sendo avaliado e do desempenho esperado.

Os resultados das avaliações, cujas normas estão disciplinadas no Regulamento de Graduação, precisam ser continuamente comunicados aos estudantes para que se constituam, numa perspectiva dialogada, negociada, transparente e ética em novas aprendizagens no seu percurso formativo.

Diferentes abordagens pedagógicas devem ser estimuladas com o objetivo de reforçar a formação do Médico Veterinário, dentre elas: realização de estudos de caso e situações-problema, referentes a temas do componente curricular, buscando estabelecer relação entre teoria e prática; visitas coordenadas à empresas, indústrias, cooperativas, assegurando a inserção do acadêmico no mercado de trabalho; atividades em laboratório de ensino, enfatizando a prática do conteúdo teórico; realização de seminários e debates em ambiente de aula, abordando assuntos atuais e essenciais para a plena atuação do futuro profissional; resolução de exercícios práticos voltados ao conteúdo teórico, estimulando o acadêmico a desenvolver situações comuns a rotina da profissão; aulas teóricas com abordagens mais interativas; projetos interdisciplinares facilitando a compreensão de temas teórico-práticos.

A aquisição de conhecimentos e habilidades é fruto da harmônica relação entre teoria e prática, elementos necessários para a formação profissional, englobando aspectos como capacidade crítica, analítica e criativa para o enfrentamento de diferentes situações na área de



atuação. A oferta e realização de aulas práticas para cada componente curricular da matriz deverá compor cada plano de ensino segundo suas características, sendo desenvolvido sob a responsabilidade do docente e com o acompanhamento dos diferentes setores envolvidos na sua realização. A infraestrutura disponível, laboratórios didáticos e de pesquisa, viabilizará a execução das atividades práticas propostas no plano de ensino.

12.3. Avaliação do Curso de Medicina Veterinária

Na UFOB, o curso de graduação é uma organização que objetiva nas diversas áreas do conhecimento, promover a formação acadêmica ou acadêmico-profissional de estudantes, mediante intenções e itinerários estabelecidos no projeto pedagógico do curso de Medicina Veterinária em consonância com fundamentos e princípios do trabalho acadêmico que instituição promove.

O curso de Medicina Veterinária vem se constituindo em objeto de avaliação no contexto das políticas institucionais da UFOB, conforme o estabelecido na Resolução CONEPE nº. 01/2018, mediante processo composto por uma diversidade de elementos conceituais-metodológicos, políticas, atividades, ações e sujeitos que, coletivamente, desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem e concretizam a formação de estudantes, sob determinadas condições humanas e materiais da instituição.

Este processo acontece mediante a Avaliação Interna de Curso de Graduação que levanta e sistematiza um conjunto de informações e dados que podem subsidiar processos de tomada de decisão em prol da melhoria e qualificação dos cursos de graduação.

No contexto da UFOB, a avaliação interna ou autoavaliação do curso está regulamentada no Regulamento de Ensino de Graduação, cuja coleta de dados é semestral com apresentação de relatório à comunidade acadêmica, seguida de discussão pelo Colegiado do Curso. Neste texto, configura-se pela concepção formativa, ou seja, como “um processo aberto de comunicação entre sujeitos para compreender, valorar e transformar uma dada realidade” (DIAS SOBRINHO, 2008, p.197). Trata-se de um trabalho que busca compreender de forma articulada as diversas dimensões do curso, situando-o no contexto da Universidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Neste curso, a autoavaliação tem como objetivo apreender e analisar as condições de ensino e aprendizagem planejadas e desenvolvidas, visando o aprimoramento dos processos formativos mediante diagnóstico global de políticas, processos e práticas institucionais.

Com essa intenção, produz-se um conjunto de informações sobre o curso, abordando as seguintes dimensões, entre outras, previstas na política de avaliação externa do curso de graduação, regulamentada pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES): Organização Didático-Pedagógica; Processos de Ensino e Aprendizagem; Corpo Docente; Corpo Discente; Infraestrutura. Para tanto, docentes e estudantes são considerados sujeitos políticos que pela condição de atores institucionais, observam, analisam e se posicionam no curso construindo significados e sentidos peculiares, podendo alertar para problemas, potencialidades e conquistas.

Assim, a avaliação não é um fim em si mesma, uma vez que permite como insumo do processo de planejamento institucional, diagnosticar necessidades e fragilidades para a retroalimentação contínua das ações implementadas que são seu objeto de análise. Várias razões justificam a realização da Avaliação Interna de um Curso de Graduação no âmbito da UFOB, entre elas explicitam-se:

- I. responsabilidade social com a qualidade do curso de graduação e da Universidade;
- II. Globalidade do curso, considerando um conjunto significativo de dimensões;
- III. Reconhecimento à diversidade de cursos, identidade, objetivos e percursos formativos;
- IV. Continuidade do processo avaliativo;
- V. Legitimidade política e técnica do processo avaliativo.

A avaliação interna consiste em um importante instrumento para a gestão acadêmica do Curso de Medicina Veterinária, oferecendo elementos para a elaboração de ações pedagógicas e administrativas no âmbito do Colegiado do Curso e do Campus Multidisciplinar de Barra que afirmem potencialidades e/ou superem possíveis fragilidades.

Participam docentes, estudantes, técnicos administrativos vinculados aos Colegiados, bem como Coordenadores do curso de graduação, sujeitos políticos que pela condição de atores institucionais, observam, analisam e se posicionam sobre aspectos do curso construindo significados e sentidos que lhes são peculiares. O resultado dessa reflexão no âmbito do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Colegiado do Curso de Medicina Veterinária no âmbito do Campus Multidisciplinar da Barra vem apoiando o compromisso político, pedagógico e institucional, visando a melhoria da qualidade dos processos formativos.

Nesta política, o estudante avalia o curso e a infraestrutura, pelas questões: i) se conhece os objetivos, a matriz curricular e o perfil acadêmico-profissional contidos no projeto pedagógico do curso; ii) aponta se as temáticas trabalhadas nas atividades acadêmicas de extensão e pesquisa, promovidos pela Universidade atendem aos objetivos do curso; iii) sinaliza se o acervo de livros disponível na biblioteca atende a proposta do curso; iv) aponta se as salas de aula e laboratórios apresentam infraestrutura (tamanho, mobiliário, climatização e equipamentos) adequada ao curso, quando couber; v) indica se os laboratórios de ensino atendem aos objetivos do curso, quando for o caso; vi) sinaliza se os recursos tecnológicos da Universidade atendem às necessidades formativas do curso; e por fim, vii) indica se existe acessibilidade metodológica (flexibilização do currículo e utilização de tecnologias assistivas) para viabilizar a aprendizagem de estudantes com deficiência.

Estas informações geram o relatório que é compartilhado semestralmente em reunião com docentes e estudantes, para análise dos resultados e planejamento de ações com metas e estratégias que buscam a melhoria das questões avaliadas.

Nesta conjuntura, os estudantes se autoavaliam e também avaliam a atuação docente no curso nas seguintes questões: i) demonstra que o componente curricular é importante para a formação acadêmica e profissional do estudante; ii) apresenta no início do semestre o plano de ensino com: ementa, objetivos, conteúdos, metodologia, recursos, avaliação, cronograma e referências bibliográficas; iii) trabalha conteúdos que contribuem para o alcance dos objetivos do componente curricular; iv) demonstra domínio de conteúdo do componente curricular; v) explica o conteúdo de forma que facilita a aprendizagem dos estudantes; vi) utiliza metodologias de ensino que facilitam a aprendizagem; vii) valoriza a participação dos estudantes em sala de aula; viii) utiliza variedades de recursos didáticos em aula; ix) trabalha a bibliografia prevista no plano de ensino; x) diversifica as formas de avaliação (prova, trabalhos, seminários, relatórios, entre outros); xi) divulga os critérios de avaliação da aprendizagem dos estudantes no(s) componente curricular; xii) explica antecipadamente como faz a distribuição de notas no componente curricular; xiii) relaciona os conteúdos abordados nas avaliações aos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

trabalhados em aula; xiv) discute os conteúdos e questões das avaliações em aula no momento da entrega dos resultados; xv) valoriza um ambiente de respeito mútuo em aula; xvi) disponibiliza horário de atendimento individual; xvii) comparece às aulas conforme previsto no cronograma de seu plano de ensino; xviii) cumpre o horário da aula do início até o final; xix) cumpre a carga horária do componente curricular no semestre.

Estas informações geram o relatório que é compartilhado semestralmente em reunião com docentes e estudantes, para análise dos resultados e planejamento de ações com metas e estratégias que buscam a melhoria das questões avaliadas.

Nestes termos, a Avaliação Interna de Curso de Graduação, não visa punição nem premiação, ao contrário, sua ação central é a reconstrução, o aprimoramento, a melhoria.

No contexto da UFOB, esta política de avaliação se configura como um processo sistemático, dinâmico e cíclico de conhecimento e autoconhecimento sobre a realidade do Curso de Graduação, com informações e dados que subsidiem processos de tomada de decisão, em prol da qualidade formativa do curso e da instituição que o oferta. (RESOLUÇÃO CONEPE nº. 01/2018).



13. CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO DO CURSO⁵

13.2. Plano de composição do corpo docente

Nome	Titulação	Perfil	Regime de Trabalho	Encargos Semestrais/ Semestre Par	Encargos Semestrais/ Semestre Impar	Área do Conhecimento	Nome
*Kellyanne dos Anjos Carvalho	Doutor	Graduação em Biologia com doutorado em Imunologia	DE	06	08	Biologia Celular e Molecular	Biologia Celular e Molecular
							Microbiologia Básica
*Terezinha Oliveira Santos	Doutor	Graduação em Letras com doutorado em Linguística	DE	06	06	Leitura e Produção de textos	Oficina de Leitura e Produção Textual
							Oficina de Leitura e Produção de textos Acadêmicos
Stelamares Boyda de Andrade	Mestre	Graduação em Medicina Veterinária com mestrado em Patologia Humana	DE	10	10	Anatomia Animal Comparada	Anatomia dos animais domésticos I
							Anatomia dos animais domésticos II
*Climério Paulo da Silva Neto	Doutor	Graduação em Física com doutorado em Ensino, Filosofia e História da Ciência	DE	02	04	Filosofia e História das Ciências	Filosofia e História das Ciências
							Metodologia da Pesquisa

⁵ O conteúdo do item 13 (item 13.1 – encargos de ensino por docente e 13.2 - infraestrutura) ainda será objeto de apreciação do Conselho Universitário.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

-	-	-	DE	-	07	Química Geral e Química Orgânica	Química Básica Experimental
Alexandra Soares Rodrigues	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com doutorado em Ciência Animal nos Trópicos com ênfase em Biotecnologia e Fisiologia da Reprodução	DE	05	17	Fisiologia/ Fisiologia Veterinária/ Ginecologia e Obstetrícia Veterinária	Fisiologia Veterinária II
							Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução
							Ginecologia e Obstetrícia Veterinária
*Marcelo Jorge Nascimento Souza	Doutor	Graduação em Física com doutorado em Matemática Pura ou Aplicada	DE	06	-	Física Geral	Estatística Aplicada às Ciências Agrárias
-	-	-	DE	09	13	Semiologia veterinária/ Bioética e bem-estar animal/ Clínica médica de ruminantes	Semiologia Veterinária (Grandes Animais)
							Clínica médica e cirúrgica de ruminantes I
							Clínica médica e cirúrgica de ruminantes II
*Adérico Júnior Badaró Pimentel	Doutor	Graduação Agronomia com doutorado em Genética e Melhoramento	DE	-	04	Melhoramento Vegetal	Genética
Jairo Torres Magalhães Junior	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com doutorado em Ciência Animal nos Trópicos	DE	08	12	Imunologia/ Microbiologia veterinária/ Parasitologia veterinária	Parasitologia Veterinária
							Imunologia
							Projeto de Pesquisa
							Doenças Parasitárias



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

-	-	-	DE	16	08	Embriologia/ Histologia básica e veterinária/ Patologia geral e veterinária	Embriologia e Histologia Básica Patologia Geral Patologia Veterinária Especial
Eduardo Gomes de Oliveira	Mestre	Graduação em Medicina Veterinária com Mestrado em Ciência Animal	DE	10	10	Bioquímica básica/ Bioquímica veterinária/ Toxicologia veterinária/ Farmacologia aplicada a medicina veterinária	Bioquímica básica Bioquímica Veterinária Toxicologia Veterinária Farmacologia Veterinária
-	-	-	DE	03	07	Gestão e Empreendedoris mo em Ciências Agrárias	Economia Rural Administração Rural Extensão Rural
*Caio Victor Damasceno Carvalho	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com Doutorado em Zootecnia	DE	-	13	Produção de Ruminantes e Melhoramento Animal	Ovinocaprinocultura Bovinocultura de Corte e de Leite
-	-	-	DE	08	12	Epidemiologia/ Medicina Veterinária	Deontologia e Ética Profissional Epidemiologia Bioética e Bem-estar Animal Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

						Preventiva/ Saúde Pública	Defesa Sanitária Animal
*Janaína Lima da Silva	Doutor	Graduação em Zootecnia com Doutorado em Zootecnia	DE	06	06	Nutrição e Alimentação Animal	Forragicultura e Pastagens
							Nutrição e alimentação animal
Layze Cilmar Alves da Silva Vieira	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com Doutorado em Medicina Veterinária	DE	08	14	Patologia Clínica/ Doenças Infecciosas e Parasitárias dos Animais	Microbiologia Veterinária
							Patologia Clínica Veterinária
							Doenças infecciosas dos animais
Deusdete Conceição Gomes Junior	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com Doutorado em Ciência Animal nos Trópicos	DE	14	8	Anestesiologia/ Técnica Cirúrgica/	Anestesiologia Veterinária
							Técnica cirúrgica veterinária
*Flávia dos Santos	Mestre	Graduação em Medicina Veterinária com Mestrado em Ciência Animal nos Trópicos com ênfase em Saúde Animal	DE	04	14	Clínica/ Produção e Manejo das Aves	Histologia Veterinária
							Avicultura
							Clínica e Manejo de aves
Beatriz da Silva Frasão	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com Doutorado em Medicina Veterinária com ênfase em Higiene Veterinária e Processamento Tecnológico de POA	DE	10	10	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal	Inspeção e Tecnologia de produtos de origem animal I
							Inspeção e Tecnologia de produtos de origem animal II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

*Larissa José Parazzi	Doutor	Graduação em Medicina Veterinária com Doutorado em Ciências com ênfase em Nutrição e Produção Animal	DE	07	11	Clínica/ Produção e Manejo de Suínos	Introdução à Medicina Veterinária
							Melhoramento Animal
							Suinocultura
							Clínica e Manejo de Suínos
Dinamérico de Alencar Santos Júnior	Mestre	Graduação em Medicina Veterinária com Mestrado em Medicina Veterinária	DE	09	14	Clínica Médica e Cirúrgica de Equinos	Bioclimatologia e preservação ambiental
							Equideocultura
							Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I
Jéssica Fontes Veloso	Mestre	Graduação em Medicina Veterinária com Mestrado em Ciência Animal	DE	08	14	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos animais II
							Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos animais I
*Anderson Miranda de Souza	Doutor	Graduação em Zootecnia com Doutorado em Zootecnia com ênfase em Produção e Nutrição Animal	DE	05	-	Aquicultura, Manejo e Conservação de Recursos Naturais e Agricultura Familiar	Aquicultura
-	-	-	DE	8	14	Diagnóstico por Imagem/ Semiologia Veterinária/ Biofísica e Fisiologia Veterinária/	Diagnóstico por Imagem
							Semiologia Veterinária (Pequenos Animais)
							Biofísica e Fisiologia Veterinária I

*Docentes com encargos no curso de Agronomia



13.3. Infraestrutura

Os recursos didáticos-pedagógicos utilizados pelo curso de Medicina Veterinária da UFOB, no sentido de aprimorar a formação dos estudantes, serão: salas de aula, auditório, laboratórios multidisciplinares de ensino, biblioteca, hospital veterinário e fazenda escola, projetados para atender as necessidades funcionais e de formação dos estudantes e visando cumprir as diretrizes institucionais estabelecidas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Toda a infraestrutura descrita a seguir foi planejada e será executada em atendimento a Política de Inclusão e Acessibilidade assumida pela UFOB, descrita detalhadamente no item 11 “Políticas de Acessibilidade”, ao Decreto Legislativo nº. 186/2008 e Decreto Executivo nº. 6.949/2009, na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008), ao Documento Orientador do Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior (SECADI/SESU, 2013) e as políticas públicas de inclusão e práticas institucionais aponta para a adoção de ações específicas que assegurem a equidade de condições a estudantes e servidores com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

13.3.1. Salas de aula

Com capacidade para 45 estudantes para atender todos os componentes curriculares ministrados ao longo do curso, equipadas com projetor multimídia, quadro branco e computador com acesso à internet.

13.3.2. Sala de estudos e biblioteca

Ambiente para estudos individual e coletivo anexo a uma biblioteca com acervo bibliográfico com títulos da referência básica, complementar e recomendada conforme ementas dos componentes curriculares.

13.3.3. Sala de Professor

Ambiente com mesas individuais e armários para os docentes prepararem aula, pesquisas e atendimento ao estudante.



13.3.4. Sala de reuniões

Local para reuniões dos servidores do campus, equipada com projetor de multimídia, quadro branco, televisão.

13.3.5. Auditório

Local onde serão realizadas reuniões, palestras, cursos e eventos, com capacidade para acomodar 150 pessoas. Equipado com projeto multimídia, quadro branco, caixa de som, púlpito e mesa.

13.3.6. Laboratórios

- **Laboratório Morfofuncional**

Este laboratório deverá conter 2 salas de aula, 2 salas de estudo extra-aula de peças anatômicas, 1 sala de preparo de peças anatômicas, 2 salas de armazenamento de peças anatômicas, 1 sala para armazenamento dos ossos (ossário), 1 sala para simuladores e esqueletos articulados, 1 sala administrativa e 1 banheiro, além de estar vinculado a 1 sala de maceração (mais distante). Tais ambientes devem apresentar as seguintes condições:

✓ **2 Salas de aula:** devem ser amplas e, cada uma, conter 7 mesas de aço inox - com rodas nos 4 pés, valadas, com centro de escoamento e baldes inox (6 para comportar 4 alunos em cada uma, e uma mesa para as peças de exposição do professor), 25 bancos de inox (sem rodas nos pés e com assentos estofados de forro impermeável) e pias com porta-sabão líquido, porta papel-toalha e uma lixeira de pedal próxima (1 pia para lavar as mãos e 1 pia para lavar peças que serão retiradas do formol). Além disso, essas salas devem ter cabides (para jalecos), armários (para guardar instrumentos cirúrgicos, botas e livros). Devem ter quadro branco, suporte para atlas e para data-show. Devem ter condições adequadas de iluminação e ventilação, com sistema de exaustão, ar condicionado e ventiladores de teto (4 em cada sala).

✓ **2 Salas de estudo extra-aula de peças anatômicas:** são locais para assegurar a presença dos estudantes a qualquer tempo em que eles queiram rever peças anatômicas para consolidar o aprendizado. Podem ser menores que as salas de aula e devem conter, cada uma, 5 mesas de aço inox - com rodas nos 4 pés, valadas, com centro de escoamento e baldes inox -



23 bancos de inox (sem rodas nos pés e com assentos estofados de forro impermeável) e pias com porta-sabão líquido, porta papel-toalha e uma lixeira de pedal próxima (1 pia para lavar as mãos e 1 pia para lavar peças que serão retiradas do formol). Além disso, essa sala deve ter cabides (para jalecos), armários (botas e livros). Deve ter quadro branco, suporte para atlas e para *data-show*. Deve ter condições adequadas de iluminação e ventilação, com sistema de exaustão, ar condicionado e ventiladores de teto (4 em cada sala).

✓ **1 Sala de preparo de peças anatômicas:** Sala com uma mesa inox, com rodas nos 4 pés, valada, com centro de escoamento e baldes inox. 1 banco inox estofado com forro impermeável e sem rodas. 1 lupa grande (tipo de dentista) e 2 lupas de cabeça (com lanterna), além de lupas de mão. Armários para guardar instrumentos cirúrgicos, facas, espátulas, filtros etc. 1 suporte para atlas e livros. 2 freezers horizontais e 1 geladeira. Bancadas para o apoio de material, com 2 pias (1 para mãos e outra para peças), cada uma com porta-sabão líquido, porta papel-toalha e uma lixeira de pedal próxima. Este local também deve conter prateleiras de material impermeável. Essa sala deve ter porta ampla, com rampa, e ter acesso para a sala de maceração por porta larga, para transporte de cadáveres animais de vários portes - a sala de maceração deve estar a um mínimo 30 m de distância dessa sala. Deve ter também uma outra porta, igualmente ampla, que comunique essa Sala com a sala de estudos e a sala de aulas. É importante que as mesas circulem de uma sala para outra através das portas de interligação. É preciso bancadas de mármore para apoio do material em fase de confecção. Deve ter condições adequadas de iluminação e ventilação, com sistema de exaustão, ar condicionado e 2 ventiladores de teto.

✓ **2 Salas de armazenamento de peças anatômicas:** salas relativamente amplas que devem conter, cada uma, 4 cubas de inox, com rodinhas nos pés, (2 grandes o suficiente para conter os membros anteriores e posteriores de animais de grande porte e 2 possíveis para a preservação de animais de médio porte, a exemplo de caprinos e ovinos inteiros, com tampas vedáveis. Estas salas devem diversas prateleiras impermeáveis para armazenamento de peças anatômicas (línguas, cabeças, estômagos, úteros, encéfalos, corações, rins etc) de várias espécies animais, em caixas de polietileno vedadas.

✓ **1 Sala para armazenamento de ossos (ossário):** Esse local deve ser comunicável com as salas de aula e as salas de estudos. Deve conter prateleiras diversas, de material impermeável, para armazenamento dos ossos. Deve também conter armários com prateleiras internas



impermeáveis e portas com visores de vidro. Além disso, ter condições adequadas de iluminação e ventilação, ar condicionado e 2 ventiladores de teto.

✓ **1 Sala para simuladores e esqueletos articulados:** sala ampla para guardar os esqueletos articulados das diferentes espécies de animais (bovinos, equinos, caprinos, caninos, felinos etc), bem como simuladores de grandes e pequenos animais e peças anatômicas sintéticas e mistas. Deve ser considerado um espaço de exposição e visitação, com janelões e algumas paredes de vidro e sistemas de prateleiras móveis, de inox (para os pequenos modelos sintéticos e mistos). Espaço com condições adequadas de iluminação e ventilação, ar condicionado e 4 ventiladores de teto.

✓ **1 Sala administrativa:** Local para impressora, computadores, armários-arquivos, armários para livros, mesas e cadeiras para o(s) professor(es) e para o **técnico em Anatomia**. Esse é o espaço onde haverá o controle do acervo e de todas as atividades administrativas (produção e manutenção das peças, pesquisa, monitorias, extensão, termos de doação etc) do laboratório.

✓ **1 Banheiro:** para professores e técnicos (conforme o padrão da Universidade).

✓ **1 Sala de maceração:** local amplo para realização de necrópsias de grandes animais, que deverá conter 4 cubas de inox de vários tamanhos (para animais de pequeno, médio e grande porte), com local de escoamento, rodinhas nos pés, tampas vedáveis. A sala deve ter um sistema de lavagem e secagem por pressão. As pias (mínimo de 2) devem ser grandes com porta-sabão líquido, porta papel-toalha e lixeiras de pedal próxima. Lava-botas na entrada. Porta de entrada ampla (para passagem de cadáveres de grandes espécies animais). 1 mesa inox, valada, com escoamento central e balde inox (para necropsia). Armário para instrumentos cirúrgicos e equipamentos. Bancadas de mármore, para apoio e trabalho com as peças. Esta sala deve estar distante de todas as outras dependências da universidade, estando mais próximo apenas da Sala de Preparo de Peças Anatômicas do laboratório morfofuncional (uns 20 a 30 m de distância). Condições adequadas de iluminação e ventilação, ar condicionado, sistema de exaustão e 2 ventiladores de teto.

✓ **Observação 1:** Próximo ao Laboratório de Anatomia Animal deve haver lava-olhos; chuveiro de emergência; extintores de incêndio e lava-botas.



✓ **Observação 2:** Todas as dependências do Laboratório de Anatomia Animal devem ter pisos e paredes impermeáveis, de fácil higienização. Sua construção deve estar próxima ao Hospital Veterinário.

✓ **Observação 3:** O Laboratório de Anatomia Animal deve ter sistema de escoamento para esgoto, revestidos de material lavável e resistente a substâncias químicas. É importante que esse sistema seja adequado para escoamento de material biológico infectável e de substâncias químicas perigosas. Deve ser considerado o risco ao meio-ambiente, ao homem e aos animais.

- **Laboratório Multifuncional**

Composto por bancadas, bancos, pias e instalações apropriadas para realização de aulas práticas de diferentes componentes curriculares. Com presença de equipamentos como: agitadores magnéticos, autoclaves, balanças analíticas, de precisão e semi-analíticas, banho-maria, banho seco, bomba a vácuo, centrífuga refrigerada, contador de colônias, espectrofotômetro, freezers, geladeiras, estufas, microscópios ópticos, barriletes, capela com fluxo laminar, contador de células, pHmetro de bancada, purificador de água, tipo milli-Q, chuveiro com lava-olhos, extintor, capela de exaustão para sistema de gases, bem como água e eletricidade.

- **Laboratório de Química e Bioquímica**

Composto por bancos, bancadas, pias, chuveiro com lava-olhos, capela de exaustão, instalações apropriadas para sistema de gases. Saída de emergência, entrada de água para bancadas, entrada de eletricidade para bancadas, luz de emergência dentro do laboratório, prateleiras grandes com portas de vidro, bombonas para descarte de resíduo, extintor de incêndio dentro do laboratório, eletricidade e água. Com presença de equipamentos como: projetor de multimídia, centrífuga, chapa aquecedora, manta aquecedora, agitador magnético, lavadora ultrassônica, ponto de fusão, espectrofotômetro, balanças analíticas, de precisão e semi-analíticas, bomba de vácuo, banho-maria, micro-ondas, capela de fluxo laminar, rotaevaporador, forno mufla, estufa bacteriológica e redutec.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- **Laboratório de Informática**

Equipado com mesas, cadeiras, projetor multimídia, quadro branco, computadores com acesso à internet.

- **Laboratório de Diagnóstico Molecular e Imunológico**

Composto por bancadas, bancos, pias e instalações apropriadas para realização de aulas práticas de diferentes componentes curriculares. O espaço terá capacidade para aulas práticas com 25 estudantes e contará com estrutura mínima necessária para laboratório de nível de biossegurança 2 (NB-2), contendo entre outros equipamentos: microscópio óptico binocular, estereoscópio binocular, microscópio trinocular com sistema para imunofluorescência, estufa de secagem e esterilização (27 litros), estufa bacteriológica (40 litros), pHmetro de bancada, agitador magnético com aquecimento, agitador de plataforma basculante, agitador de tubos tipo vórtex (0 a 2800 rpm), banho-maria sorológico digital (9 litros), banho-seco de bloco (*dry block*), centrífuga de bancada digital, microcentrífuga de bancada digital, destilador de água (20 litros/hora), cuba horizontal para eletroforese, fonte para eletroforese 600V, transluminador UV para eletroforese com captura de imagem, termociclador, botijão de nitrogênio, cabine para PCR, capela de exaustão de gases, fluxo laminar horizontal de bancada, balança semi-analítica digital com calibração automática, balança analítica com calibração automática, freezer vertical, geladeira duplex, micropipeta monocanal (volume variável), micropipeta multicanal com volume (8 canais).

- **Laboratório de Inspeção e Tecnologias de Produtos de Origem Animal (POA)**

Laboratório capaz de oferecer aos estudantes, treinamento em análises sensorial e microbiológica dos alimentos de origem animal, com instalações de equipamentos adequados para fabricação experimental, inspeção de produtos de origem animal e cozinha industrial. A mesma deverá apresentar capacidade para 25 pessoas.

Equipamentos e mobiliários: três ambientes amplos para poder contemplar o processamento tecnológico dos produtos de origem animal, as análises microbiológicas e as análises físico-químicas. Deve possuir instalação de gás encanado, ar condicionado e destiladores de água. As pias, bancadas e instalações devem ser adequadas para um laboratório de controle físico-químico e microbiológico de alimentos. Na área de processamento



tecnológico as pias, mesas e bancadas devem ser de aço inoxidável. Alguns dos equipamentos são: exaustores, ar-condicionado, refrigeradores, freezer horizontal e vertical, ultrafreezer a -80°C, câmara frigorífica, câmara de maturação, câmara de defumação, estufas de fermentação, cutter, misturador, moedor de carne, embutideira, liquidificador, Ultra Turrax, processador, tanque de recebimento de leite, tanque de fabricação de queijos, pasteurizador de placas, evaporador rotativo a vácuo, estufas para análise microbiológica, estufa BOD, autoclave, stomacher, “Eddy Jet”, termociclador, equipamento para PCR em tempo real, capela de exaustão, equipamento para obter água Milli-Q, balanças analíticas, balanças semi-analíticas, equipamento de medir umidade, equipamento de medir atividade de água, pHmetro, calorímetro, analisador de textura, reômetro cone-placa, computadores para análise sensorial, Cromatografia líquido de alta eficiência, cromatógrafo gasoso, cromatógrafo líquido acoplado ao massas, espectrofotômetro, centrífuga de tubos, centrífuga de eppendorf, centrífuga de butirometros, equipamento de kjeldahl para análise de proteína, mesa agitadora, vortex, cuba de eletroforese, banho maria, máquina de gelo, micro-ondas analítico, analisador de mercúrio, estufa de secagem com ventilação, moedor de grãos industrial, entre outros equipamentos. Além dos equipamentos citados, deverá também ter os utensílios de elaboração de produtos de origem animal, pipetadores automáticos de diversos volumes, eppendorfs, grades, espátulas, tubos de vidro, tubos tipo Falcon, placas de petri, cubetas de eletroforese de tamanhos variados e de vidro, butirômetros, entre outros.

A cozinha industrial possuirá áreas suficientes para comportar 25 pessoas mais os equipamentos e mobiliário. Deve possuir três ambientes amplos para poder contemplar o processamento tecnológico dos produtos de origem animal, as análises microbiológicas e as análises físico-químicas. Deve possuir instalação de gás encanado, ar condicionado e destiladores de água. As pias, bancadas e instalações devem ser adequadas para um laboratório de controle físico-químico e microbiológico de alimentos. Na área de processamento tecnológico as pias, mesas e bancadas devem ser de aço inoxidável. Alguns dos equipamentos são: exaustores, ar condicionado, refrigeradores, freezer horizontal e vertical, ultrafreezer a -80°C, câmara frigorífica, câmara de maturação, câmara de defumação, estufas de fermentação, cutter, misturador, moedor de carne, embutideira, liquidificador, Ultra Turrax, processador, tanque de recebimento de leite, tanque de fabricação de queijos, pasteurizador de placas, evaporador rotativo a vácuo, estufas para análise microbiológica, estufa BOD, autoclave,



stomacher, “Eddy Jet”, termociclador, equipamento para PCR em tempo real, capela de exaustão, equipamento para obter água Milli-Q balanças analíticas, balanças semi-analíticas, equipamento de medir umidade, equipamento de medir atividade de água, pHmetro, calorímetro, analisador de textura, reômetro cone-placa, computadores para análise sensorial, Cromatografia líquido de alta eficiência, cromatógrafo gasoso, cromatógrafo líquido acoplado ao massas, espectrofotômetro, centrífuga de tubos, centrífuga de eppendorf, centrífuga de butirômetros, equipamento de kjeldahl para análise de proteína, mesa agitadora, vortex, cuba de eletroforese, banho maria, máquina de gelo, micro ondas analítico, analisador de mercúrio, estufa de secagem com ventilação, moedor de grãos industrial, entre outros equipamentos. Além dos equipamentos citados, deverá também ter os utensílios de elaboração de produtos de origem animal, pipetadores automáticos de diversos volumes, eppendorfs, grades, espátulas, tubos de vidro, tubos tipo Falcon, placas de petri, cubetas de eletroforese de tamanhos variados e de vidro, butirômetros, entre outros.

- **Laboratório de Bromatologia**

O Laboratório de Bromatologia tem como finalidade atender os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária e deverá disponibilizar estrutura necessária para a realização de aulas práticas para as seguintes disciplinas: Nutrição e Alimentação Animal e Forragicultura e Pastagens. Além disto fornecerá as condições para as atividades de pesquisa na identificação da composição químico-bromatológica dos alimentos (matéria seca, matéria mineral, matéria orgânica, proteína bruta, extrato etéreo, fibra em detergente neutro, fibra em detergente ácido) e avaliação da digestibilidade dos alimentos. Estas avaliações são necessárias para avaliação das dietas fornecidas aos animais, auxiliando no atendimento dos requerimentos nutricionais dos animais.

O laboratório de Bromatologia deverá apresentar capacidade para 45 alunos, com bancadas nas laterais, lousa branca com estrutura metálica, mesa para escritório, armários de vidro, pias, bancos, bancadas para aulas práticas. O laboratório deverá conter os seguintes equipamentos de proteção coletiva (EPC): chuveiro, lavador de olhos, capela e extintor de incêndio. O laboratório deverá ser equipado de vidrarias e equipamentos necessários para a realização das aulas práticas.



Além disso deverá apresentar:

- ✓ Sala de recepção e preparação de material (contendo bancadas para separação de material, balança, moinhos para preparo de amostra e estufa para desidratação e conservação do material a ser analisado).
- ✓ Sala de processamento técnico (contendo refrigerador, freezer, balanças analíticas e equipamentos para análise químico-bromatológica).

A sala de recepção e preparação de amostras deverá conter: bancadas, balança para pesagem de amostras coletadas no campo, estufa com ventilação forçada para pré-secagem de alimentos, estufa sem ventilação forçada para secagem definitiva dos alimentos, forno micro-ondas, freezer horizontal, moinho de facas do tipo Willey, moinho do tipo bola, bomba a vácuo.

A sala de processamento técnico deverá conter: bancadas de estudo e bancadas para os equipamentos laboratoriais, aparelho de ar condicionado, refrigerador, balanças analíticas e semi-analíticas de precisão, liquidificador e processador, máscara de proteção contra gases, liofilizador para secagem de amostras congeladas, mufla, capela para exaustão de gases, potenciômetro digital, pipetas automáticas, agitador de tubos, banho-maria, bloco digestor, destilador de nitrogênio “Kjeldahl”, titulador, autoclave, extrator de gordura “Soxhlet”, chapas de aquecimento com e sem agitação, bomba calorimétrica, centrífuga refrigerada e não refrigerada, dessecadores de vidro, peneira para análises granulométricas, transdutor de pressão, termômetro de máxima e mínima, espectrômetro NIR ("Near Infrared Reflectance").

Para mão de obra serão necessários pelo menos um técnico em química para auxílio nas análises químico-bromatológicas e um auxiliar de serviços gerais.

13.3.7. Hospital Veterinário

A estrutura hospitalar será construída com o intuito de oferecer aos alunos um ambiente moderno e capaz de atender as diversas áreas no âmbito da Medicina Veterinária, contribuindo para formação acadêmica dos estudantes. Neste contexto, a UFOB oferecerá à comunidade da região do oeste baiano, por meio do Hospital Veterinário, atendimento clínico de baixa, média e alta complexidade para as diferentes espécies de animais domésticos e silvestres, podendo utilizar casos de interesse acadêmico para fins didáticos e científicos. Atingindo desta forma, a atuação do *Campus* nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, favorecendo o desenvolvimento regional.



Serão realizadas aulas teórico-práticas, atendimentos clínico-cirúrgico e exames laboratoriais, para tanto, contará com: 1. *Corpo Técnico-Administrativo*, contando com uma mão-de-obra qualificada, envolvendo professores, técnicos-administrativos de nível médio e superior, pessoas de serviços gerais e vigilância/segurança. Setores de apoio como: a secretaria geral, almoxarifado, farmácia, setor de desinfecção, esterilização e lavanderia. Além de um programa de residência médica. E 2. *Infraestrutura* para atendimento de pequenos e grandes animais, como: ambulatórios, salas e laboratórios para diagnósticos, salas de reabilitação e tratamento intensivo, centro cirúrgico.

O Hospital Veterinário terá, uma estrutura administrativa com Diretor de Unidade e um Conselho Administrativo - contendo quatro professores do curso de Medicina Veterinária. Esta estrutura administrativa deverá ser capaz de gerenciar o funcionamento do hospital e da fazenda do ponto de vista de pessoal, equipamentos, e cuidados com animais, ao longo de todo o ano, mesmo no período de férias acadêmicas. Seu trabalho estará focado no atendimento das necessidades pedagógicas do curso de Medicina Veterinária da UFOB.

Os recursos disponíveis no *Campus* das Ciências Agrárias, relacionados ao Curso de Medicina Veterinária estão descritos abaixo.

- **Corpo Técnico Administrativo**

- **Técnico Administrativo Superior**

- ✓ Clínica de pequenos animais;
- ✓ Cirurgia de pequenos animais;
- ✓ Clínica e Cirurgia de grandes animais;
- ✓ Diagnóstico por imagem;
- ✓ Patologia clínica veterinária;
- ✓ Microbiologia veterinária;
- ✓ Reprodução animal;
- ✓ Parasitologia veterinária;
- ✓ Anestesiologia veterinária;
- ✓ Necropsia veterinária;
- ✓ Farmacêutico.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

A atuação de Médicos Veterinários nestas especialidades destinar-se-á ao atendimento clínico-cirúrgico de pequenos e grandes animais, que será necessário na rotina hospitalar. O farmacêutico é profissional obrigatório para manipulação de medicamentos e organização da farmácia veterinária. Estes profissionais oferecerão estágios aos estudantes desta e de outras instituições conveniadas com a UFOB. Dessa forma, abranger-se-á um ensino prático, uma pesquisa direcionada à realidade regional e a extensão do ensino e aprendizagem.

➤ **Técnico Administrativo Nível Médio**

- ✓ Auxiliar de laboratório;
- ✓ Técnico agropecuário.

Os técnicos de nível médio auxiliarão na rotina hospitalar e na preparação de aulas práticas ao longo do curso, além da manutenção e produção de reagentes e materiais a serem utilizados.

➤ **Serviços Gerais**

Funcionários de limpeza, tratadores para a rotina diária com os animais internados, jardinagem, seguranças/vigilantes e funcionários para o setor administrativo (secretaria, recepção, almoxarifado).

➤ **Programa de Residência:**

Haverá seleção de residentes nas modalidades de atendimento do hospital, que serão responsáveis pelo atendimento da rotina clínica. Esta especialização será importante para a capacitação dos alunos e oportunizará a aquisição de experiência para vida profissional.

• **Infraestrutura:**

➤ **Setor Administrativo**

- ✓ Recepção;
- ✓ Sala de espera;
- ✓ Diretoria;
- ✓ Secretaria da diretoria;
- ✓ Arquivo de prontuários;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- ✓ Almoxarifado;
- ✓ Gabinete para docentes;
- ✓ Lanchonete e restaurante;
- ✓ Banheiros;

Este setor é necessário para organização do público, com abertura de fichas e espera para o atendimento. As fichas clínicas e prontuários após o atendimento ficarão arquivadas no setor de Arquivo de prontuários. Contará com secretaria e direção administrativa que ficará responsável pelo funcionamento e a normatização dos atendimentos.

- **Setor Clínico Cirúrgico para Pequenos Animais**

- ✓ Ambulatórios (três salas);
- ✓ Farmácia;
- ✓ Sala de reabilitação e tratamento intensivo;
- ✓ Bloco cirúrgico;
- ✓ Duas salas cirúrgicas.
- ✓ Área para antissepsia;
- ✓ Sala de tricotomia e limpeza;
- ✓ Vestiário;
- ✓ Banheiros;

Área destinada ao atendimento clínico e cirúrgico de pequenos animais, incluindo atendimentos emergenciais e consultas de rotina, coleta de materiais para análises laboratoriais e, quando necessário, encaminhamento para demais setores do hospital veterinário para realização de raio-x ou ultrassonografia, biópsia, cirurgia eletiva ou emergencial e necropsia. Tendo como finalidade, prestar atendimento ambulatorial a animais de companhia como cães e gatos, além de outras espécies. No ambulatório serão realizados exames clínicos e coleta de materiais durante o atendimento de rotina. Os animais serão avaliados e, quando necessário, encaminhados para o centro cirúrgico onde serão realizados procedimento de baixa, média e alta complexidade.



A infraestrutura contará com: dois consultórios para atendimento da rotina e um para atendimento emergencial, duas salas de cirurgia, uma sala para fluidoterapia e outra para os pacientes do pós-operatório, além de uma sala para antissepsia e uma para tricotomia dos pacientes. Estes ambientes serão devidamente equipados para atender as necessidades de rotina.

A área cirúrgica de pequenos animais contará com vestiário, cuja finalidade será paramentar apropriadamente a equipe cirúrgica; áreas de pias de escarificação para degermação das mãos e antebraços referente aos cuidados do pré-operatório; local para uso de aventais e luvas; área de circulação para acesso a sala de cirurgia; sala de indução e recuperação anestésica, com janela de acesso ao centro cirúrgico para passagem do paciente. Setor de sedação, contenção e tricotomia no pré-cirúrgico e para prática de curativos, aplicações de medicamentos e local onde os pacientes serão monitorados até sua recuperação completa; sala cirúrgica, em que serão realizadas os procedimentos operatórios dos animais de companhia, composta por duas mesas cirúrgicas em aço inox acopladas a um foco giratório com dois braços móveis, dois aparelhos de anestesia inalatória e três acessos, uma para a entrada de material esterilizado, outra para entrada e saída de animais, e a última para descarte de material contaminado; sala de suprimentos (anestésico e manutenção), com equipamentos necessários anestesia e manutenção e setor de desinfecção, esterilização e lavanderia.

- **Setor Clínico Cirúrgico para Grandes Animais**

- ✓ Brete para equídeos;
- ✓ Brete para bovinos;
- ✓ Carro cirúrgico;
- ✓ Baias pequenas para internamentos de bezerros, ovinos e caprinos;
- ✓ Baias maiores para internamentos de equídeos;
- ✓ Piquetes de internamento para ruminantes;
- ✓ Farmácia;
- ✓ Sala de Ração;
- ✓ Sala de arquivo dos prontuários.
- ✓ Sala de cirurgia com parede de vidro;
- ✓ Cama cirúrgica;
- ✓ Brete fixo para cirurgias com o animal em estação;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- ✓ Calha cirúrgica para ruminantes e equídeos de pequeno porte;
- ✓ Sala de antissepsia;
- ✓ Vestiário;
- ✓ Banheiros.

Esta área contemplará atendimento clínico-cirúrgico de animais domésticos de médio e grande porte. Abrangerá atendimentos emergenciais e consultas de rotina, coleta de materiais para análises laboratoriais, além de outros exames complementares como raio-x, ultrassonografia, biópsia, cirurgia eletiva ou emergencial e necropsia. A finalidade é prestar atendimento ambulatorial de rotina para animais de produção, entre eles os ruminantes e os equídeos, além de outras espécies. Os “bretes” serão utilizados para conter os animais e posterior avaliação clínica do paciente. Quando necessário, os animais poderão ser encaminhados para o centro cirúrgico, para realização de procedimentos de baixa, média e alta complexidade.

A infraestrutura contará com: um curral com passarela e desembarcadouros de grandes animais, acoplado a uma seringa, tronco de contenção e balança. Além de galpão com ‘bretes’ ou “troncos”, específico para ruminantes e outro para equídeos, baias para internação de animais de médio e grande porte, baias para internamento, reabilitação, fluidoterapia e tratamento intensivo dos pacientes do atendimento da rotina, uma sala para antissepsia e uma sala para tricotomia dos pacientes, além de um quarto para arreio e outro para ração. Estes ambientes serão devidamente equipados para atender as necessidades de rotina.

O bloco cirúrgico contará com: área para vestiário, com finalidade de paramentar apropriadamente a equipe cirúrgica; áreas de pias de escarificação para degermação das mãos e antebraços referente aos cuidados do pré-operatório; local para uso de aventais e luvas; área de circulação (corredor) para acesso a sala de cirurgia; sala de indução e recuperação anestésica e acesso ao centro cirúrgico. Local reservado para sedação, contenção e tricotomia no pré-cirúrgico e à prática de curativos, aplicações de medicamentos e onde os pacientes serão monitorados até sua recuperação completa; sala cirúrgica, onde serão realizadas as intervenções cirúrgicas dos animais de produção com cama cirúrgica com densidade específica para grandes animais, além de “brete” cirúrgico para procedimento com o animal em estação, calha cirúrgica para intervenção cirúrgica em animais de pequenos porte, carro cirúrgico para realização de



manobras obstétricas e procedimentos cirúrgicos a campo, além de aparelho de anestesia inalatória. Sala de indução e de recuperação, com talha móvel para levar ou trazer o animal até a mesa cirúrgica; sala de suprimentos (anestésico e manutenção), com equipamentos necessários para anestesia e manutenção anestésica; setor de desinfecção, esterilização e lavanderia.

- **Setor de esterilização**

No setor de esterilização será realizada a limpeza, desinfecção e esterilização dos materiais utilizados no hospital. Dará suporte às aulas práticas dos diversos componentes curriculares e à rotina de atendimento clínico e cirúrgico de pequenos e grandes animais. Deverá apresentar: sala de recepção e desinfecção de material e sala de esterilização. As salas devem conter armários, pias e bancadas, sendo projetadas para comportar os seguintes equipamentos: máquinas de lavar, estufas e autoclaves.

- **Laboratório de Histopatologia**

Além de atender as necessidades do ensino de graduação, constituirá um setor de serviço de diagnóstico que visa atender a rotina diagnóstica do Hospital Veterinário e à pesquisa. Também constitui um serviço de extensão, uma vez que os resultados das amostras processadas são voltados para comunidade em geral, proprietários de pequenos e grandes animais, bem como animais silvestres. Poderão ser processadas amostras de animais internos ou atendidos no Hospital Veterinário, bem como do encaminhamento de outras instituições ou por Médicos Veterinários autônomos.

Este Laboratório compreende uma unidade que realiza a análise morfológica de órgãos, tecidos e células, tendo como objetivo o diagnóstico de lesões/doenças, com implicações no tratamento e no prognóstico das doenças, bem como na sua prevenção. A análise compreende o estudo histopatológico de biópsias, peças cirúrgicas e necropsias.

Deverá apresentar:

- ✓ **Sala de Macroscopia e Necropsia**

- Área de exame macroscópico e cadavérico (técnica de necropsia);
- Área de descrição e clivagem;
- Área para arquivo de peças;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- Área para armazenamento temporário de cadáveres (Câmara fria/frigorífica), com finalidade de conservação do cadáver para priorizar a realização da necropsia nas aulas práticas dos componentes curriculares de Patologia Geral e Patologia Veterinária Especial;
- Área para destino de carcaça e resíduos teciduais (Incinerador);
- Área para armazenamento de Equipamentos de Proteção Individual e Vestiário para paramentação.
- Área para armazenamento de instrumental necessário para realização da necropsia: tesoura cirúrgica curva romba-fina, tesoura cirúrgica reta romba-romba, tesoura cirúrgica reta romba-fina, pinça cirúrgica dente-de-rato, facas (grande, média, pequena), costótomos, pedras de afiar, chairas e machadinhas.

A sala deve ser ampla, com mesas de inox para realização de necropsia e descrição macroscópica de peças, de modo que permita à circulação do profissional e também a permanência de estudantes durante a realização de aulas práticas com distância entre mesas e entre a parede, que permita manejar cadáveres de pequenos e grandes animais.

✓ **Sala de Processamento Técnico (Laboratório de Histoquímica e Histopatologia)**

Área histológica (confeção de lâminas histológicas: inclusão em parafina, microtomia, coloração e montagem): Deve dispor de iluminação, ventilação e sistema de exaustão. Bancada apropriada para uso de equipamentos, como: processador de tecidos, dispensador de parafina, micrótomo, banho histológico (banho-maria), placa aquecida histológica, placa refrigerada histológica, estufa de secagem, citocolor e balança analítica. Deve dispor ainda de armários para guarda de vidrarias e material de consumo, refrigerador para kits de coloração e pia com água corrente.

Área de microscopia, descrição, diagnóstico e emissão de laudos com microscópios ópticos, computador e impressora.

✓ **Sala de Microscopia**

A sala deverá conter 23 microscópios.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- **Laboratório de Patologia Clínica e Parasitologia**

Contemplará atividades de ensino, pesquisa e extensão, sobretudo no atendimento clínico aberto à comunidade, no que concerne a realização de análises hematológicas e bioquímicas, exame dos líquidos cavitários, urinálise, exames coproparasitológicos, diagnóstico e caracterização de ectoparasitos.

Área suficiente para comportar 25 pessoas, além dos equipamentos e mobiliário. Bancadas, bancos, pias e instalações apropriadas para realização de exames laboratoriais. Alguns dos equipamentos são: Centrífuga de macro, micro centrífuga de mesa, microscópio com sistema de vídeo e monitor acoplados, geladeira, freezer, labquest®, hemogasômetro, pHmetro, Equipamento de Hemograma Veterinário e Banho maria.

- **Laboratório de Diagnóstico por Imagem**

Este setor, terá por finalidade, realizar exames radiográficos e ultrassonográficos, dando suporte à rotina hospitalar, realização de aulas práticas e pesquisas científicas.

Área capaz de comportar 25 pessoas, além dos equipamentos e mobiliário. As instalações para Radiodiagnóstico deverão possuir segurança de irradiação, paredes e portas com blindagem de chumbo para proteção radiológica. Serão necessários aparelhos de Raio-X, vestimenta plumbífera preservada sobre superfície horizontal ou em suporte apropriado (avental, protetor de tireoide e luva), câmara escura e cubas para revelação do Raio-X, além de negatoscópios e aparelho de ultrassom com transdutor de varredura eletrônica linear, convexa e micro convexa.

O equipamento de Raios-X deverá estar instalado em local que permita à equipe se distanciar do cabeçote de pelo menos dois metros.

- **Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia**

Este laboratório fornecerá as condições para as atividades de ensino, pesquisa e extensão na identificação de microrganismos relevantes e potencialmente infectantes para animais domésticos.

O espaço terá capacidade para aulas práticas com 25 pessoas e contará com estrutura mínima necessária para laboratório de nível de biossegurança 2 (NB-2), contendo bancadas de estudo acopladas a bico de gás (bico de bunsen) e possuindo entre outros equipamentos: estufa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

de secagem; estufa bacteriológica; centrífuga; destilador de água; balança analítica; capela de fluxo laminar; contador de colônias; banho-maria; lupa de mesa com lâmpada fluorescente; microscópios binoculares, incluindo uma unidade com sistema de vídeo acoplado; refrigerador; e freezer horizontal.

- **Laboratório de Reprodução Animal**

O Laboratório de Reprodução Animal é um setor que realiza o atendimento clínico e exames complementares para o diagnóstico de distúrbios reprodutivos e obstétricos, com implicações no tratamento e prevenção das doenças. O setor também desenvolve trabalhos em fisiologia e biotecnologias avançadas da reprodução com objetivo de aumentar a eficiência reprodutiva de pequenos e grandes animais. O referido laboratório dará suporte aos setores de pequenos e grandes animais atendendo a rotina do Hospital Veterinário no que se refere à casuística de enfermidades reprodutivas e obstétricas. Contribuirá também para o suprimento das necessidades da Fazenda Escola, por meio do controle e execução do manejo reprodutivo do rebanho, bem como no desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão visando suprir as carências da pecuária da região. Deverá apresentar: Sala de recepção e preparação de material e Sala de processamento técnico. As salas devem conter armários, pias e bancadas, sendo projetados para comportar 25 pessoas. Deverá estar equipada com: mesas de aço inox, geladeira, freezer, microscópios de contraste de fase, estereomicroscópios, microscópio de fluorescência, microscópios ópticos didáticos, botijão de nitrogênio líquido, equipamento portátil de ultrassonografia, laparoscópio, macas, vaginas artificiais, eletroejaculadores, agitadores magnéticos, autoclaves, estufas, balanças de precisão, banho-maria, pHmetro, osmômetro, centrífugas, destilador, purificador de água tipo milli-Q, deionizador, pipetas automáticas, aplicadores, pipetas de inseminação artificial, espéculos vaginais, placa aquecedora e instrumental cirúrgico, obstétrico e equipamentos para manobras obstétricas e fetotomia.

13.3.8. Fazenda Escola

Terá como objetivo oferecer condições apropriadas para o ensino, pesquisa e extensão. Contudo, contará com unidades e centro de pesquisa nas mais diversas áreas da agropecuária, sobretudo as de potencial regional. Além de aulas práticas e desenvolvimento de pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

técnico-científica, esta unidade pretende contribuir com tecnologias e conhecimentos aos produtores para sua capacitação e treinamento da mão-de-obra.

A fazenda fica localizada no município de Barra (BA), composta por 100 ha de área propícios para criação de animais das mais diferentes espécies.

A Fazenda Escola terá uma estrutura administrativa com Diretor de Unidade e um Conselho Administrativo - contendo quatro professores do curso de Medicina Veterinária. Esta estrutura administrativa deverá ser capaz de gerenciar o funcionamento da fazenda do ponto de vista de pessoal, equipamentos, e cuidados com animais, ao longo de todo o ano, mesmo no período de férias acadêmicas. Seu trabalho estará focado no atendimento das necessidades pedagógicas do curso de Medicina Veterinária da UFOB.

➤ **Técnico Administrativo Nível Médio**

- ✓ Técnico agropecuário para cada setor.

Os técnicos de nível médio auxiliarão na rotina diária e na preparação de aulas práticas ao longo do curso, além da manutenção e produção animal.

➤ **Serviços Gerais**

Funcionários de limpeza, jardinagem, seguranças/vigilantes.

• **Centro de Pesquisa de Ruminantes e Equídeos**

Desenvolverá uma área de demonstração e experimentos científicos nas áreas de bovinocultura de corte e leite, ovino e caprinocultura, biotecnologia da reprodução, nutrição, metabolismo e sanidades dos ruminantes. Com isso, tem como objetivos estimular, gerar tecnologias e difundir a eficiência produtiva na agropecuária. A adoção de um modelo técnico-educativo, envolvendo ensino, pesquisa e extensão (através da geração do conhecimento, formação e aprimoramento técnico-profissional) promoverá a capacidade produtiva e empreendedora dos produtores rurais.

O espaço será composto por: Aprisco suspenso para ovinos e caprinos; curral de manejo e “bretes” individuais de contenção para realização de exames, aplicação de medicamentos e inseminação artificial; área coberta para implantação de sistema de confinamento de ruminantes



de grande porte; sala de ordenha para vacas, búfalas e cabras (equipada adequadamente, com tanque de resfriamento e ordenhadeiras mecânicas); galpão com sala para o armazenamento de ração e forrageiras conservadas, sala para materiais, arreios e banheiro; piquetes com bebedouros, cochos e área para a produção de alimento estratégico para às épocas de estiagem, nas formas de silagem e feno irrigada com um sistema de irrigação por aspersão (para cobrir toda área plantada) e uma bomba d'água apropriada.

Às áreas de pastagem contarão com instalações adequadas para a subdivisão de piquetes, por cerca elétrica, para utilização de pastejo rotacionado. Além de área de sombreamento para os animais, podendo ser localizado na área de circulação entre os piquetes.

- **Unidade de Produção de Suínos, Aves e Coelhos**

Centro de criação e produção de suínos, aves de corte e poedeiras, além de coelhos com o objetivo de utilização em aulas práticas e pesquisas científicas no que se refere à criação dos monogástricos. Servirá como modelo demonstrativo para os produtores desta região.

- **Setor Produtivo de Coelhos**

A cunicultura contará com um galpão, composto por antessala para armazenamento de medicamentos e vacinas em geladeira, sala para armazenamento de ração e área com gaiolas suspensas para os animais, bebedouros tipo nipple e comedouros específicos para a espécie.

- **Setor Produtivo de Suínos**

A Suinocultura Escola será mantida em sistema intensivo e ciclo completo, abrangendo todas as categorias animais, com atividades para os alunos em processo de aprendizagem, estágios, pesquisas científicas e extensão, abrangendo a comunidade da região.

A granja escola de suínos será composta pelos seguintes setores construídos em alvenaria e telhas de barro ou tipo sanduíche: galpão reprodução, onde permanecerão em média 120 matrizes de reposição e em gestação, criadas em baias coletivas com capacidade para 6 animais/baia e 6 machos em baias individuais; galpão maternidade, onde serão alojadas as fêmeas em época de parição e durante a lactação em baias individuais; creche, para alojamento



de leitões desmamados; crescimento e terminação, para alojamento de leitões vindos da creche até a época apropriada para o abate e sala para ensaios de digestibilidade.

O galpão reprodução contará com uma sala para colheita de sêmen (gaiola para higienização dos machos e manequim para monta) e laboratório para a preparação das doses para inseminação artificial (placa aquecedora, banho maria, geladeira para armazenamento das doses, microscópio e ar condicionado). Nesta sala serão armazenados os materiais para os procedimentos, além de vacinas e medicamentos (armários, geladeira e freezer).

As instalações das matrizes e reprodutores serão equipadas com ventiladores e aspersores para conforto térmico. A instalação de maternidade será equipada com ventiladores e aspersores para conforto térmico das matrizes e escamoteadores para os leitões com fonte de aquecimento, lâmpadas incandescentes e comedouros iniciais para alimentação dos leitões. As instalações de creche serão equipadas com gaiolas suspensas e fontes de aquecimento a gás ou piso aquecido para manter a temperatura ambiente adequada à idade dos animais, cortinas laterais, termômetro com temperatura ambiental de marcação máxima e mínima para acompanhamento diário.

As instalações de crescimento e terminação serão equipadas com ventiladores, aspersores e lâminas d'água. Uma rampa será posicionada na saída do galpão para acesso dos animais ao caminhão de transporte. Uma balança central na granja será utilizada para acompanhamento do peso dos animais e corredores de manejo em alvenaria farão a ligação entre os galpões para manejo dos animais.

Todos os galpões serão equipados com silos centrais de distribuição de ração e comedouros automáticos e bebedouros específicos para cada categoria animal.

○ **Setor produtivo de Aves**

Neste setor, serão desenvolvidas aulas práticas, além de atividades de pesquisa e extensão, possibilitando a realização de estudos de doenças e manejo geral em aves.

Os galpões para criações de frango de corte terão como características o chão cimentado, com capacidade para criar no mínimo 1.000 aves por um determinado período, sendo necessário que em cada galpão tenha um silo, tanques de armazenamento de água e depósito de material de consumo e equipamentos. Alguns dos equipamentos são: comedouros, bebedouros, aquecedores, ventiladores, exaustores, nebulizadores, balança, cortinas acionadas por roldanas, gerador de energia, controladores do ambiente, termohigrômetro digital, círculos de proteção



para confecção de pinteiros, caixas transportes para frangos com capacidade de 25 kg/m² por caixa e maçarico (vassoura de fogo).

Os galpões para criação de poedeiras terão como características as gaiolas com aparadores de ovos, sendo necessário que em cada galpão tenha um silo, tanques de armazenamento de água e depósito de material de consumo e equipamentos. Alguns dos equipamentos são: comedouros semi-automáticos, bebedouros do tipo “nipple” com aparador, ventiladores, exaustores, nebulizadores, balança, cortinas acionadas por roldanas, gerador de energia, controladores do ambiente, termohigrômetro digital e maçarico (vassoura de fogo).

Os galpões para criação de galinhas caipiras terão como características o chão cimentado, com acesso a piquetes para pastejo, sendo necessário que em cada galpão tenha um silo, tanques de armazenamento de água e depósito de material de consumo e equipamentos. Alguns dos equipamentos são: comedouros, bebedouros, ventiladores, nebulizadores, círculos de proteção para confecção de pinteiros, balança, cortinas acionadas por roldanas, gerador de energia, controladores do ambiente, termohigrômetro digital, maçarico (vassoura de fogo), debicador, ninhos, poleiros e chocadeira automática com ovoscópio.

- **Unidade de Apicultura**

Centro de criação e produção de abelhas regionais para desenvolvimento de pesquisa e realização de aulas práticas, além de cursos informativos e demonstrativos para comunidade, estimulando a organização e conscientização da exploração desta cadeia produtiva de forma sustentável.

- **Unidade de Aquicultura**

Área de apoio para as aulas práticas, além de atividades de pesquisa e extensão, nos eixos, manejo geral, nutrição e reprodução de organismos aquáticos. A produção contribuirá com os pequenos produtores da região no manejo, desenvolver pesquisas com vistas a obtenção de dados que possam ser utilizados no desenvolvimento da piscicultura no município de Barra e região.

Para isto, necessitará de um galpão experimental fechado composto por um sistema de recirculação de água com biofiltro físico e biológico, com as seguintes estruturas:

- ✓ Tanques de cultivos



- ✓ Decantadores e filtros mecânicos
- ✓ Biofiltros
- ✓ Sistema de aeração/oxigenação
- ✓ Sistema de bombas e tubulações de drenagem e retorno
- ✓ Unidade de quarentena

Ao lado do galpão experimental possibilitará a escavação de viveiros escavados (10X20) ou aquisição de Vinitank (30.000 L) para engorda e terminação dos organismos aquáticos. Para esta estrutura necessitará de equipamentos hidráulicos para entrada e saída de água.

O Quadro 13 resume a disposição dos laboratórios solicitados, indicando os componentes curriculares, que utilizarão o espaço indicado carga horária (teórica e prática), semestre de oferta e natureza (obrigatório e optativo).

Quadro 13: Distribuição dos componentes curriculares obrigatórios (OB) e optativos (OP) conforme laboratório de ensino e carga horária teórico (T) e prática (P)

Laboratório de Ensino	Componente(s) Curricular(es)	Curso	Carga Horária		Semestre de oferta	Natureza
			T	P		
Fazenda Escola	Forragicultura e Pastagens	Medicina Veterinária	30	30	4° Semestre	OB
	Semiologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	5° Semestre	OB
	Nutrição e Alimentação Animal	Medicina Veterinária	30	30	5° Semestre	OB
	Avicultura	Medicina Veterinária	30	15	6° Semestre	OB
	Suinocultura	Medicina Veterinária	30	15	6° Semestre	OB
	Ovinocaprinoicultura	Medicina Veterinária	45	15	7° Semestre	OB
	Bovinocultura de Corte e de Leite	Medicina Veterinária	60	30	7° Semestre	OB
	Equideocultura	Medicina Veterinária	45	15	7° Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Aves	Medicina Veterinária	30	30	7° Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Suínos	Medicina Veterinária	30	30	7° Semestre	OB



	Aquicultura	Medicina Veterinária	30	30	8º Semestre	OB
	Apicultura	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB
Informática	Oficina de Leitura e Produção Textual	Medicina Veterinária	60	-	1º Semestre	OB
	Estatística Aplicada às Ciências Agrárias	Medicina Veterinária	60	-	2º Semestre	OB
	Oficina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos	Medicina Veterinária	60	-	2º Semestre	OB
	Metodologia da Pesquisa	Medicina Veterinária	30	-	2º Semestre	OB
	Genética	Medicina Veterinária	60	-	3º Semestre	OB
	Epidemiologia	Medicina Veterinária	60	-	4º Semestre	OB
Diagnóstico por Imagem	Técnica Cirúrgica Veterinária	Medicina Veterinária	30	60	6º Semestre	OB
	Diagnóstico por Imagem	Medicina Veterinária	30	30	6º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	Medicina Veterinária	60	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais II	Medicina Veterinária	60	30	9º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB



	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB
Setor Clínico Cirúrgico para Pequenos Animais (Hospital Veterinário)	Semiologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	5º Semestre	OB
	Anestesiologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	5º Semestre	OB
	Técnica Cirúrgica Veterinária	Medicina Veterinária	30	60	6º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	Medicina Veterinária	60	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais II	Medicina Veterinária	60	30	9º Semestre	OB
	Oftalmologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Prática Hospitalar em Cirurgia de Pequenos Animais	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Tópicos Especiais em Cirurgia de Pequenos Animais	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Ortopedia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
Setor Clínico Cirúrgico para Grandes Animais (Hospital Veterinário)	Semiologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	5º Semestre	OB
	Técnica Cirúrgica Veterinária	Medicina Veterinária	30	60	6º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB



	Prática Hospitalar em Cirurgia de Grandes Animais	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
Morfofuncional	Anatomia dos Animais Domésticos I	Medicina Veterinária	30	60	1º Semestre	OB
	Anatomia dos Animais Domésticos II	Medicina Veterinária	30	60	2º Semestre	OB
	Biofísica e Fisiologia Veterinária I	Medicina Veterinária	60	30	3º Semestre	OB
	Fisiologia Veterinária II	Medicina Veterinária	45	15	4º Semestre	OB
	Oftalmologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Ortopedia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Anatomia Topográfica	Medicina Veterinária	-	60	-	OP
Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas e Microbiologia (Hospital Veterinário)	Microbiologia Básica	Medicina Veterinária	30	30	2º Semestre	OB
	Microbiologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	3º Semestre	OB
	Doenças Infecciosas dos Animais	Medicina Veterinária	60	30	6º Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Aves	Medicina Veterinária	30	30	7º Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Suínos	Medicina Veterinária	30	30	7º Semestre	OB
	Defesa Sanitária Animal	Medicina Veterinária	45	15	9º Semestre	OB
Laboratório de Histopatologia (Hospital Veterinário)	Embriologia e Histologia Básica	Medicina Veterinária	30	30	2º Semestre	OB
	Histologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	3º Semestre	OB
	Patologia Geral	Medicina Veterinária	60	30	5º Semestre	OB
	Patologia Veterinária Especial	Medicina Veterinária	60	30	6º Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Aves	Medicina Veterinária	30	30	7º Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Suínos	Medicina Veterinária	30	30	7º Semestre	OB
	Defesa Sanitária Animal	Medicina Veterinária	45	15	9º Semestre	OB



	Aquicultura	Medicina Veterinária	30	30	8º Semestre	OB
	Medicina Veterinária Legal	Medicina Veterinária	45	15	-	OP
	Plantas Tóxicas	Medicina Veterinária	45	15	-	OP
	Ortopedia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Oftalmologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	Medicina Veterinária	60	30	8º Semestre	OB
Laboratório de Patologia Clínica e Parasitologia (Hospital Veterinário)	Patologia Clínica Veterinária	Medicina Veterinária	60	30	5º Semestre	OB
	Parasitologia Veterinária	Medicina Veterinária	45	15	3º Semestre	OB
	Toxicologia Veterinária	Medicina Veterinária	45	15	5º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais I	Medicina Veterinária	60	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais II	Medicina Veterinária	60	30	9º Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Aves	Medicina Veterinária	30	30	7º Semestre	OB
	Clínica e Manejo de Suínos	Medicina Veterinária	30	30	7º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Ruminantes II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos I	Medicina Veterinária	45	30	8º Semestre	OB
	Clínica Médica e Cirúrgica de Equídeos II	Medicina Veterinária	45	30	9º Semestre	OB
	Doenças Parasitárias	Medicina Veterinária	45	15	7º Semestre	OB
		Embriologia e Histologia Básica	Medicina Veterinária	30	30	2º Semestre



Laboratório de Reprodução Animal (Hospital Veterinário)	Ginecologia e Obstetrícia Veterinária	Medicina Veterinária	45	30	7º Semestre	OB
	Diagnóstico por imagem	Medicina Veterinária	30	30	6º Semestre	OB
	Fisiopatologia e Biotecnologia da Reprodução	Medicina Veterinária	60	30	7º Semestre	OB
	Biotécnicas Aplicadas a Reprodução	Medicina Veterinária	30	30	-	OP
Laboratório de Diagnóstico Molecular e Imunológico	Biologia Celular e Molecular	Medicina Veterinária	60	30	1º Semestre	OB
	Imunologia	Medicina Veterinária	45	15	4º Semestre	OB
	Doenças Infecciosas dos Animais	Medicina Veterinária	60	30	6º Semestre	OB
	Doenças Parasitárias	Medicina Veterinária	45	15	7º Semestre	OB
	Aquicultura	Medicina Veterinária	45	15	8º Semestre	OB
	Defesa Sanitária Animal	Medicina Veterinária	45	15	9º Semestre	OB
Laboratório Multifuncional	Biologia Celular e Molecular	Medicina Veterinária	60	30	1º Semestre	OB
	Embriologia e Histologia Básica	Medicina Veterinária	30	30	2º Semestre	OB
	Microbiologia Básica	Medicina Veterinária	30	30	2º Semestre	OB
	Histologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	3º Semestre	OB
	Biofísica e Fisiologia Veterinária I	Medicina Veterinária	60	30	3º Semestre	OB
	Microbiologia Veterinária	Medicina Veterinária	30	30	3º Semestre	OB
	Parasitologia Veterinária	Medicina Veterinária	45	15	3º Semestre	OB
	Fisiologia Veterinária II	Medicina Veterinária	45	15	4º Semestre	OB
	Imunologia	Medicina Veterinária	45	15	4º Semestre	OB
	Patologia Geral	Medicina Veterinária	60	30	5º Semestre	OB
	Patologia Clínica Veterinária	Medicina Veterinária	60	30	5º Semestre	OB



	Patologia Veterinária Especial	Medicina Veterinária	60	30	6º Semestre	OB
	Doenças Infecciosas dos Animais	Medicina Veterinária	60	30	6º Semestre	OB
	Doenças Parasitárias dos Animais	Medicina Veterinária	45	15	7º Semestre	OB
Laboratório de Química e Bioquímica	Química Básica Experimental	Medicina Veterinária	45	30	1º Semestre	OB
	Bioquímica Básica	Medicina Veterinária	45	15	2º Semestre	OB
	Bioquímica Veterinária	Medicina Veterinária	45	15	3º Semestre	OB
	Farmacologia Veterinária	Medicina Veterinária	45	15	4º Semestre	OB
	Toxicologia Veterinária	Medicina Veterinária	45	15	5º Semestre	OB
Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Produção de Origem Animal	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal I	Medicina Veterinária	60	30	8º Semestre	OB
	Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal II	Medicina Veterinária	60	30	9º Semestre	OB
	Defesa Sanitária Animal	Medicina Veterinária	45	15	9º Semestre	OB

OB: componente curricular obrigatório; OP: componente curricular optativo



14. PROGRAMAS E PROJETOS

Programas para os cursos de graduação da UFOB consistem em unidades de planejamento advindas das políticas institucionais, operacionalizados mediante implementação de projetos. Projetos são conjuntos de atividades inter-relacionadas, coordenadas para alcançar determinados objetivos. Atividades são ações específicas que materializam a intencionalidade prevista nos projetos. A seguir apresentamos alguns Programas vinculados a este curso:

Programa de Educação Tutorial – PET			
O PET é um programa “desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do País orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial” (MEC, 2015 ⁶). Processo de seleção mediante Edital institucional.			
Base legal	Lei n°. 11.180, de 23/09/2005; Portaria n°. 3.385, de 29/09/2005; Portaria n°. 1.632, de 25/09/2006; Portaria MEC n°. 976, de 27/07/2010; Portaria MEC n°. 343, de 24/04/2013; Resolução FNDE n°. 36, de 24/09/2013; Resolução FNDE n°. 42, de 04/11/2013.	Atividade	Ensino, Pesquisa e Extensão
Alocação Institucional	Prograf		

⁶ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pet>



Programa de Bolsa Permanência – PBP

O PBP consiste em “uma ação do Governo Federal de concessão de auxílio financeiro a estudantes matriculados em instituições federais de ensino superior em situação de vulnerabilidade socioeconômica e para estudantes indígenas e quilombolas. (...) acumulável com outras modalidades de bolsas acadêmicas, a exemplo da bolsa do Programa de Educação Tutorial – PET, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação” (MEC, 2015⁷). Processo de seleção mediante Edital institucional.

Base legal	Lei n.º. 5.537, de 21/11/1968; Decreto n.º. 7.237, de 19/07/2010; Lei n.º. 12.711, de 29/08/2012; Decreto n.º. 7.824, de 11/10/2012; Lei n.º. 12.801, de 24/04/2013; Portaria n.º. 389 de 09/05/2013	Atividade	Ação Afirmativa
Alocação Institucional	Prograf		

PROGRAMA ANDIFES DE MOBILIDADE ACADÊMICA

O PROGRAMA ANDIFES DE MOBILIDADE ACADÊMICA destina-se a estudantes “regularmente matriculados em cursos de graduação de universidades federais, que tenham concluído pelo menos vinte por cento da carga horária de integralização do curso de origem e ter no máximo duas reprovações acumuladas nos dois períodos letivos que antecedem o pedido de mobilidade. Este Convênio não se aplica a pedidos de transferência de alunos entre as IFES, que serão enquadrados em normas específicas. O aluno participante deste Convênio terá vínculo temporário com a IFES receptora, dependendo, para isto, da existência de disponibilidade de vaga e das possibilidades de matrícula na(s) disciplina(s) pretendida(s)” (ANDIFES, 2015⁸). Processo de seleção mediante Edital institucional.

Base legal	Resolução CONEPE/UFOB n.º. 02, de 14/07/2014. Convênio Andifes de Mobilidade Acadêmica de 2015.	Atividade	Ensino
Alocação Institucional	Prograf		

⁷ Disponível em <http://permanencia.mec.gov.br/>

⁸ Disponível em <http://www.andifes.org.br/mob-academica/>



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC			
<p>O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) busca apoiar a política de Iniciação Científica das Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, através da distribuição de bolsas de Iniciação Científica a alunos de graduação, regulamente matriculados, inseridos em atividades de pesquisa desenvolvidas na Instituição. Uma quota de bolsas de Iniciação Científica, com duração de doze meses, é concedida para a UFOB através de concessão fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).</p>			
Base legal	Resolução Normativa CNPq n°. 017, de 13/07/2006; Resolução Normativa CNPq n°. 042, de 21/11/2013.	Atividade	Pesquisa
Alocação Institucional	Propgpi		

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO – PIBIT			
<p>O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBITI busca apoiar as atividades de iniciação tecnológica e de inovação nas Instituições de ensino e/ ou pesquisa, por meio da concessão de bolsas de iniciação tecnológica a estudantes de cursos de graduação. O Programa na UFOB é financiado pelo CNPq com os seguintes objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • contribuir para a formação científica e inserção de estudantes em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação; • contribuir para a formação de recursos humanos que se dedicarão ao fortalecimento da capacidade inovadora do País; • possibilitar a interação entre a graduação e a pós-graduação; • contribuir para a formação do cidadão pleno, com condições de participar de forma criativa e empreendedora na sua comunidade. 			
Base legal	Resolução n° 017/2006 do CNPq; Resolução 01/2012 e Resolução 01/2013 do CAPEX/UFBA	Atividade	Iniciação Tecnológica
Alocação Institucional	PROPGPI		



PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS – ISF			
<p>“O Programa Idiomas sem Fronteiras -IsF, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESu), em conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem como principal objetivo incentivar o aprendizado de línguas. O Programa IsF abrange diferentes tipos de apoio à aprendizagem de línguas estrangeiras.</p>			
Base legal	PORTARIA N°. 973, de 14/11/2014	Atividade	Ensino
Alocação Institucional	Reitoria		

PROGRAMA DE MONITORIA DE ENSINO			
<p>A Monitoria de Ensino é um programa formativo que incentiva e amplia os espaços de aprendizagem do estudante de graduação, compartilhando com o professor vivências relacionadas às atividades de ensino, mediante participação em projetos acadêmicos, sob a orientação de um professor, no âmbito desta universidade. Processo de seleção mediante Edital institucional. Está classificada em duas categorias: Monitoria Voluntária e Monitoria Remunerada por Bolsa.</p> <p>O Programa de Monitoria de Ensino da UFOB tem como objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • contribuir para a melhoria da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem mediante a participação do estudante de graduação em atividades acadêmicas de ensino; • estimular a cooperação entre estudantes e professores nas atividades de ensino de graduação; • despertar o interesse pela docência mediante o envolvimento do estudante do Projeto de Monitoria de Ensino em práticas e experiências didático-pedagógicas; • contribuir com a política de inclusão e permanência do estudante em processos formativos diferenciados; • promover a troca de experiências didático-pedagógicas em seminários e outros eventos similares que envolvam todos os docentes e estudantes da instituição. 			
Base legal	Resolução n°. 002/2016/CONEPE, de 26/08/2016, que Regulamenta o Programa de Monitoria de Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia; Lei n° 9.394, de 20/12/1996.	Atividade	Ensino
Alocação Institucional	Prograf		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

15. PROGRAMAS DE APOIO AO ESTUDANTE

Os programas de apoio ao estudante da UFOB, apresentados a seguir, se articulam ao Plano Nacional de Assistência Estudantil regidos pelos seguintes princípios:

I) a afirmação da educação superior como uma política de Estado; II) a gratuidade do ensino; III) a igualdade de condições para o acesso, a permanência e a conclusão de curso nas IFES. IV) a formação ampliada na sustentação do pleno desenvolvimento integral dos estudantes; V) a garantia da democratização e da qualidade dos serviços prestados à comunidade estudantil; VI) a liberdade de aprender, de ensinar, de pesquisar e de divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; VII) a orientação humanística e a preparação para o exercício pleno da cidadania; VIII) a defesa em favor da justiça social e a eliminação de todas as formas de preconceitos; IX) o pluralismo de ideias e o reconhecimento da liberdade como valor ético centra (PNAES, 2010, p.14).

1- Programa AAFIM – Ações Afirmativas em Movimento

O Programa AAFIM – Ações Afirmativas em Movimento, apoia, estimula e promove a participação dos estudantes como protagonistas de ações formativas que contribuem para a afirmação social, o respeito aos direitos humanos e a valorização da diversidade. Desenvolvido por meio de três ações distribuídas ao longo do ano letivo: Agenda da Diversidade; Evidências e Fórum da Diversidade.

2 - Programa de Acompanhamento Sociopsicopedagógico – PAS

O PAS é uma ação afirmativa multidisciplinar voltada aos aspectos socioeconômicos, psicológicos e pedagógicos do estudante deste curso, responsável pela promoção de atividades de acolhimento, acompanhamento e apoio. A articulação das três áreas de conhecimento (Psicologia, Assistência Social e Pedagogia), acontece a partir da atuação de equipes multidisciplinares em todos os *campi* da UFOB, conforme detalhamento a seguir.

a) O Acompanhamento Social no PAS, realizado pelo Assistente Social mediante atividades diversas voltadas para a identificação de demandas individuais dos estudantes, relacionadas às questões sociais e econômicas que implicam em dificuldades em sua permanência neste curso. Além disso, realizam-se ações de acompanhamento, orientação e encaminhamento, independentemente da situação socioeconômica em que se encontram o estudante.

b) O Serviço de Psicologia consiste em duas ações principais: acolhimento psicológico e grupos socioeducativos, ambos visando a promoção do bem-estar integral do estudante. O acolhimento psicológico consiste em atendimentos individuais que acolhe o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

estudante em ações de orientação e, se for o caso de encaminhamentos internos ao serviço social e/ou de apoio pedagógico, bem como encaminhamentos externos à rede pública. Os grupos socioeducativos constituem um ambiente de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de conhecimentos individuais e valores éticos e políticos, que fortalecem a promoção do acesso, compreensão e processamento de novas informações, estimulando a convivência pessoal e social.

c) O Apoio Pedagógico consiste no desenvolvimento de atividades que promovam a conquista da autonomia do estudante na relação pedagógica com sua aprendizagem, orientando-os quanto às necessidades de organização e desenvolvimento de práticas de estudo. Para tanto, promove encontros individuais e atividades coletivas que auxiliem os estudantes nos processos de: afiliação ao ensino superior; fortalecimento da autoestima, enriquecimento do universo cultural e desenvolvimento de habilidades sociais no planejamento da vida acadêmica e envolvimento no conjunto de ações que visem o desenvolvimento da autonomia estudantil.

3 - Programa de Análise Socioeconômica – PASE

O Programa de Análise Socioeconômica está diretamente vinculado ao trabalho dos Assistentes Sociais dos *Campi*. Sua realização se dá mediante editais com fins de concessão de auxílios e bolsas, em conformidade com o regulamento institucional da Assistência Estudantil.

4 - Programa de Apoio Financeiro ao Estudante – PAFE

O Programa de Apoio Financeiro ao Estudante – PAFE, em consonância com o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e a Política de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da Universidade Federal do Oeste da Bahia, tem como finalidade buscar condições para assegurar os direitos de acesso dos estudantes regularmente matriculados e frequentes neste curso que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica à Assistência Estudantil. Este processo acontece mediante seleção pública por meio de Edital, publicado anualmente.

5 - Programa de Acompanhamento de Estudantes-Beneficiários de Auxílio – ABA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

O Programa ABA consiste no desenvolvimento de ações de monitoramento do desempenho acadêmico dos estudantes vinculados ao Programa de Apoio Financeiro ao Estudante – PAFE.

6 - Programa de Assistência à Saúde - Cuida Bem de Mim

Este Programa realiza atividades junto a todos estudantes do curso, vinculados ou não a Programas de Assistência Estudantil, mediante:

- a) Avaliação clínica (ambulatorial) e nutricional que desenvolve atividades de atendimento, acompanhamento de saúde e, quando for o caso, encaminhamentos;
- b) Acolhimento psicológico e campanhas socioeducativas.

O acolhimento psicológico consiste em atender o estudante mediante a perspectiva da Psicologia Escolar e, se for o caso, encaminhamentos internos e externos.

As campanhas socioeducativas são desenvolvidas nos campi durante os semestres letivos, abordando temáticas referentes à convivência entre os estudantes. As campanhas podem ainda oferecer material complementar para as temáticas e aprendizagens desenvolvidas nos grupos socioeducativos.



16. ACOMPANHAMENTO DOS EGRESSOS

O Acompanhamento de Egressos dos cursos de graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia objetiva possibilitar a sistematização de dados que auxiliam na elaboração de políticas institucionais e ações acadêmicas, mediante articulação de informações sobre a trajetória dos estudantes no curso e as advindas de suas relações e experiências na sociedade como um todo e no mundo do trabalho. Para tanto, são considerados egressos, os estudantes que por motivos diversos, se encontram na condição de desistentes, evadidos, transferidos e diplomados.

Esse trabalho de monitoramento de egresso, oferece condições para que as políticas institucionais e ações acadêmicas materializadas em programas e projetos podem ser elaboradas, contemplando ações afirmativas, assistência estudantil, orientação acadêmica, acompanhamento e avaliação de cursos, reestruturação curricular, articulação da Universidade com a Educação Básica e o mundo do trabalho. Ademais, funcionam como instrumentos de gestão que orientam as atividades de ensino, pesquisa e extensão, tendo em vista a formação inicial, continuada e iniciação à atividade profissional.

São diretrizes do trabalho de Acompanhamento de Egressos na UFOB:

- a) Permanente comunicação e integração da Universidade com os alunos egressos;
- b) Valorização do egresso em sua trajetória acadêmica e profissional;
- c) Estímulo à produção de políticas institucionais e ações acadêmicas para a graduação com base nas informações advindas de egressos.
- d) Reconhecimento da validade de informações sobre expectativas, trajetórias e experiências de egressos como balizadoras de decisões institucionais;

As informações serão obtidas semestralmente, por meio de questionário eletrônico, vinculado ao sistema acadêmico da Universidade para alimentação do banco de dados.

A produção e implementação dessas políticas alinham-se às diretrizes do Programa de Acompanhamento de Egressos da UFOB e demonstram a responsabilidade social e cidadã da Universidade com seus estudantes, valorizando seus contextos de vida, formação e atuação profissional, reconhecendo a diversidade sócio-política, econômica e cultural que os identifica, na perspectiva da inclusão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

17. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Nylsin Paim de (org.). Constituição Federal: promulgada em 05 de outubro de 1988. 6. ed. Porto Alegre, RS: Verbo Jurídico, 200.

ABNT. **NBR 9050**: Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência a Edificações, Espaço, Mobiliário e Equipamento Urbano. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: ABNT. 2004.

APEB, **Caixa 3452**: APEB. Republicano. Fundo: Interior e Justiça. 1931. Caixa 3452. Maço 113. p.23.

APEB, **Caixa 3452**: APEB. Republicano. Fundo: Interior e Justiça. 1939. Caixa 3452. Maço 113.

APEB, **Março 2342**: APEB. Seção: Provincial e Colonial. Série: Juízes – Carinhonha (1883 – 1889). 1889. Maço: 2342. p.21.

ARAS, Lina Maria Brandão. As províncias do Norte: administração, unidade nacional e estabilidade política (1824 – 1850). In.: CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja Cordeiro. **Múltiplas visões**: cultura histórica no oitocentos. João Pessoa – PB: Editora Universitária da UFPB. 2009. p.181-182.

ARAS, Comarca do São Francisco: A política Imperial na conformação regional. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos (Orgs.). **História Regional e Local**: discussões e práticas. Salvador – BA: Quarteto, 2010. p.208-209.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Um território indiferenciado dos sertões: a geografia pretérita do Oeste baiano (1501 – 1827). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia-GO. v. 29, n. 01, p. 47 - 56, jan. - jun. 2009. p.48.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. A formação territorial do Oeste Baiano: a constituição do “Além São Francisco” (1827 – 1985). In.: **Geotextos**. V. 06, n. 01, p. 35 – 50, jul. 2010.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Um território indiferenciado dos sertões: a geografia pretérita do Oeste baiano (1501 – 1827). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia-GO. v. 29, n. 01, p. 47 - 56, jan. - jun. 2009.

BRASIL. Governo Federal. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de Abril de 2002, que Disposição sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, DF, 2005.

_____. Lei nº. 10.436, de 24 de Abril de 2002. Disposição sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - e outras providencias. Brasília, DF, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 de set. 2008.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. Parecer CES/CNE 105/2002, Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 de abril de 2002, Seção 1, p. 14. Resolução CES/CNE 01/2003, Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 de fevereiro de 2003, Seção 1, p. 15.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. Parecer CNE/CES n. 08/2007, homologação publicada no DOU 13/06/2007, Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 setembro 2007, Seção 1, p. 11.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. Parecer CNE/CES n. 261/2006, Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 junho 2007.

_____. Ministério da Educação. Portaria Normativa GM nº. 24 de 2013. Regulamenta o decreto nº 8.142, de 21 de novembro de 2013, que altera o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 novembro 2013.

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP n. 01. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 junho 2004.

_____. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP n. 01. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 maio 2006.

_____. Ministério da Educação. Resolução CONAES n. 01. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, de 17 de junho de 2010.

BRASIL. Aviso Circular nº. 277/MEC/GM de 08 de maio de 1996. Dirigido aos Reitores das IES, solicitando a execução adequada de uma política educacional dirigida aos portadores de necessidades especiais. Brasília, 1996.

BRASIL. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. 4.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. Decreto Legislativo nº. 186, 09 de julho de 2008. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

BRASIL. **Decreto nº. 6.949**, de 25 de agosto de 2009, promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - ONU. Diário Oficial da União, Brasília, 2009.

BRASIL. **Resolução nº. 4/2009**. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2009.

BRASIL. **Decreto nº. 6.040**, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm em 10/07/2015.

BRASIL. **Decreto nº. 7.611**, de 17 de novembro de 2011, dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado. Diário Oficial da União, Brasília, 2011.

BRASIL. **Documento orientador do Programa Incluir**. Brasília, DF, 2013. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=495 &id=12257 &option=com_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=495&id=12257&option=com_content&view=article)> Acesso em: 29 fev. 2016.

BRASIL. INEP. **Censo da Educação Superior**, 2013. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: 05 de outubro. 2015.

BRASIL. **Lei nº. 10.861**, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

BRASIL. **Lei nº. 11.788**, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes.

BRASIL. **Lei nº. 12.288**, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Acessado em <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012em> 10/07/2015.

BRASIL. **Lei nº. 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

BRASIL. **Lei nº. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Acessado em http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.639.htm em 10/07/2015 às 19:24.

BRASIL. **Lei nº. 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm em 10/07/2015 às 19:24.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

BRASIL. **Lei nº. 9.475**, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9475.htm.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. **Direito à educação**: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais - orientações gerais e marcos legais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº. 028**, de 2 de outubro de 2001b. Conselho Nacional de Educação.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC; SEEP. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. **Portaria nº. 3.284**. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port3284.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2016.

BRASIL. **Resolução MEC/CNE/CEB nº. 8**, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Acessado em http://www.educacao.rs.gov.br/dados/dp_cga_diretrizes_quilombola.pdf em 10/07/2015.

BRASIL. **Resolução nº. 12**, de 16 de janeiro de 2015. Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais – e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Acessado em <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012> em 10/07/2015.

CARRARA, Ângelo Alves. Paisagens de um grande sertão: a margem esquerda do médio-São Francisco nos séculos XVIII a XX. In.: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (Org.). **Nomes e números**: alternativas metodológicas para a história econômica e social. Juiz de Fora – MG: Editora UFJF, 2006. p.257-276.

CARVALHO NETO, Joviniano S. de. Proclamação da República na Bahia no olhar de um cientista político. In.: **Revista do Instituto Geográfico Histórico da Bahia**. V. 106, p. 87 – 114, jan - dez 2011.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Nós, afro-descendentes**: história africana e afro-descendentes na cultura brasileira. In: Ministério da Educação e Cultura. História da educação do negro e outras histórias. Brasília: SECAD/MEC, 2005. p. 249-273.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação Educativa: produção de sentidos com valor de formação. Avaliação: **Revista de Avaliação da Educação Superior**. Campinas, v.13, n.1, p.193-207, mar. 2008.

FONAPRACE. 20 anos. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Fórum Fonaprace**, 2007. 69p.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. Oeste da Bahia: formação histórico-cultural (primeira parte). In.: **Cadernos do CEAS**. Salvador, n. 181, maio/jun.1999.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. Oeste da Bahia: formação histórico-cultural (segunda parte). In.: **Cadernos do CEAS**. Salvador, n. 182, jul/ago.1999b.

FREITAS, Luís Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papyrus, 1995.

GALVÃO, Ana Lúcia de Oliveira; FERREIRA, Cristiano Fernandes; ROSSATO, Renata Membribes; REINO, José Carlos Ribeiro; JANSEN, Débora Campos; VILELA, Cláudia do Val. Breve Descrição Do Patrimônio Espeleológico Do Município De São Desidério – Ba. In: **Revista Brasileira de Espeleologia**. V 02, n. 01, p. 13 – 28, ano 2012. p.25
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 abril 2014.

JCBL, **Alvará de 03 de junho 1820: JOHN CARTER BROWN LIBRARY (JCBL)**. O Código Brasiliense. Alvará de 03 de junho de 1820. Disponível em
<http://www.brown.edu/Facilities/John_Carter_Brown_Library/CB/1820_docs/L12_p01.html>. Acesso em 02 fev 2015.

LORDELO, José Albertino Carvalho; DAZZANI, Maria Virgínia Machado (orgs.). **Estudos com Estudantes Egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX: uma província no Império**. 2.ed. Tradução Yedda de Macedo Soares. Rio de Janeiro – RJ: Editora Nova Fronteira S.A., 2004, p.62.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e Sentidos**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**, 2006.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

PENA, Mônica Diniz. **Acompanhamento de egressos**: análise conceitual e sua aplicação no âmbito educacional brasileiro. *Educação Tecnológica*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 25- 30, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www2.cefetmg.br/dppg/revista/arqRev/revistan5v2-artigo3.pdf>>. Acesso em: 29 de junho de 2015.

PIERSON, Donald. **O Homem no vale do São Francisco**. Tradução: Maria Aparecida Madeira Kerberg; Ruy Jungmann. Tomo I. Rio de Janeiro – RJ: SUVALE, 1972. p.228-229.

PINHO, José Ricardo Moreno. **Escravos, quilombolas ou meeiros?** Escravidão e cultura política no médio São Francisco (1830 – 1888). 2001. 119 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador – BA, 2001. p.34.

PITTA, Ignez. **Padre Vieira: um marco novo para a religião, cultura e educação de Barreiras**. In: SILVA, D. Josafá M. da; PORTELA, Adriano. **Padre Vieira: missionário, construtor e educador em Barreiras**. Salvador: EGBA, 2015.

QUILOMBOS da Bahia. Direção: Antonio Olavo. Produção: Portfolium laboratório de imagens. Roteiro: Antonio Olavo. Lauro de Freitas: Portfolium laboratório de imagens. DVD, 2004. 98 minutos.

ROCHA, Geraldo. **O rio São Francisco**: fator precípua da existência do Brasil. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

SAMPAIO, Teodoro. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAMPAIO, Mateus. Oeste da Bahia: capitalismo, agricultura e expropriação de bens de interesse coletivo. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária: “Territórios em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro”, 21, 2012, Uberlândia. **Anais eletrônicos do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Uberlândia: UFU, 2012. PDF. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1125_2.pdf>. Acesso em 15 jan 2015.

SANTANA, Napoliana Pereira. **Família e Microeconomia escrava no sertão do São Francisco (Urubu-BA, 1840 a 1880)**. 2012. 218 f. Dissertação (mestrado em História), Departamento de Ciências Humanas, Programa de Mestrado em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2012.

SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos. Oeste baiano: ocupação econômica, formação social e modernização agrícola. In NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertões da Bahia**: formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural. Salvador: Arcádia, 2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

SANTOS, Jaciete Barbosa. **Preconceito e inclusão**: trajetórias de estudantes com deficiência na universidade. 2013. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, campus Salvador – BA.

SILVA, Cândido da Costa e. **Segadores e a messe**: o clero oitocentista na Bahia. Salvador: SCT/EDUFBA, 2000.

SILVA, Rafael Sancho Carvalho da. **“E de mata faria fogo”**: o banditismo no sertão do São Francisco, 1848 – 1884. 2011. 148 f. Dissertação (mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SIMÕES, Maria Lúcia; MOURA, Milton. Proálcool despeja morte no Rio São Francisco. **Caderno do CEAS**, nº. 93. Setembro/outubro de 1984.

SOBRINHO, José de Sousa. **O camponês geraizeiro no Oeste da Bahia**: as terras de uso comum e a propriedade capitalista da terra. 2012. 436 f. Tese (Doutorado em Geografia humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TORRES, Geraldo Cezar de Vinhães. A medicina veterinária da Bahia: memórias de uma evolução. Salvador: Champion, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação, 2015. Salvador, BA: 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária, 2010. Chapecó, SC: 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária, 2013. Viçosa, AL: 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA. Projeto Político-Pedagógico Institucional, 2014. Barreiras, BA: 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA. Resolução CONEPE n. 04 de 30 de janeiro de 2015. Barreiras, BA: 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/favet> >. Acesso em: 30 abril 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária, 2011. Petrolina, PE: 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária, 2010. Belém, PA: 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Veterinária, 2006. Mossoró, RN: 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Trad. Ernani. F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO I: COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

PORTARIA Nº 576 / 2019 - CMB (11.01.14.01)

Nº do Protocolo: 23520.006082/2019-41

Barreiras-BA, 09 de Maio de 2019

O Diretor do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra (CMB), no uso das atribuições que lhe conferem a Portaria n.º 056/2019, de 05 de abril de 2019,

RESOLVE:

Art. 1º DISPENSAR os docentes Kellyanne dos Anjos Carvalho e Alonso Pereira Silva Filho da Composição do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Medicina Veterinária do Centro Multidisciplinar *Campus* de Barra da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

Art. 2º RECOMPOR O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso De Medicina Veterinária do Centro Multidisciplinar *Campus* de Barra da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) com os seguintes membros:

- I - Larissa José Parazzi (presidente)
- II - Layze Cilmara Alves da Silva Vieira (vice-presidente)
- III - Adérico Júnior Badarô Pimentel
- IV - Alexandra Soares Rodrigues
- V - Climério Paulo da Silva Neto
- VI - Deusdete Conceição Gomes Júnior
- VII - Eduardo Gomes de Oliveira
- VIII - Flavia dos Santos
- IX - Jairo Torres Magalhães Junior
- X - Jonatas Campos de Almeida
- XI - Maria Talita Soares Frade
- XII - Terezinha Oliveira Santos

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação

(Assinado digitalmente em 09/05/2019 09:22)
JAIRO TORRES MAGALHAES JUNIOR
DIRETOR
Matricula: 1202342

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sjg.ufob.edu.br/documentos/> informando seu número: 576, ano: 2019, tipo: PORTARIA, data de emissão: 09/05/2019 e o código de verificação: d2c2e4fddf



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar de Barra

PORTARIA Nº 67 DE 15 DE DEZEMBRO DE 2017 - CAMPUS BARRA/ UFOB

Dispensa e recompõe membros do Núcleo Docente Estruturante – NDE do curso de Medicina Veterinária do Multidisciplinar do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra.

O VICE-DIRETOR PRO TEMPORE DO CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE BARRA, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE:

Art.º 1º - Dispensar, a pedido, a docente Stelamares Boyda de Andrade da composição do Núcleo Docente Estruturante – NDE do curso de Medicina Veterinária do Multidisciplinar do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra.

Art.º 2º - Recompôr o Núcleo Docente Estruturante – NDE do curso de Medicina Veterinária do Multidisciplinar do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra, com os seguintes membros:

- I- Larissa José Parazzi (Presidente);
- II- Layze Cilmara Alves da Silva Vieira (Vice-presidente);
- III- Adérico Júnior Badaró Pimentel;
- IV- Alexandra Soares Rodrigues;
- V- Alonso Pereira Silva Filho;
- VI- Climério Paulo da Silva Neto;
- VII- Deusdete Conceição Gomes Júnior;
- VIII- Eduardo Gomes de Oliveira;
- IX- Flávia dos Santos;
- X- Jairo Torres Magalhães Junior;
- XI- Jonatas Campos de Almeida;
- XII- Kellyanne dos Anjos Carvalho;
- XIII- Maria Talita Soares Frade;
- XIV- Terezinha Oliveira Santos.

Esta portaria passa a vigorar a partir desta data e revoga as anteriores.

Publique-se, cumpra-se e registre-se.

Barra, 15 de dezembro de 2017.

Jairo Torres Magalhães Júnior
SIAPE: 1202342
Docente
UFOB - CAMPUS BARRA

Prof. Jairo Torres Magalhães Junior

Vice-diretor *Pro Tempore* do Centro Multidisciplinar de Barra-UFOB

Avenida 23 de Agosto, s/n, Bairro Assunção, Barra, Bahia – CEP: 47100-000
Contato: (74) 3662-1880, E-mail: campus.barra@ufob.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO II - COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DE MEDICINA VETERINÁRIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

PORTARIA Nº 541 / 2019 - CMB (11.01.14.01)

Nº do Protocolo: 23520.005791/2019-17

Barreiras-BA, 30 de Abril de 2019

O Diretor do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra (CMB), no uso das atribuições que lhe conferem a Portaria n.º 056/2019, de 05 de abril de 2019,

RESOLVE:

Art. 1º **REVOGAR** a Portaria Nº 436 / 2019 - CMB (11.01.14.01).

Art. 2º **DESIGNAR** os seguintes membros da Comunidade Acadêmica do CMB para compor o Colegiado do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB):

- I - Larissa José Parazzi (Coordenadora);
- II - Flavia dos Santos (Vice-coordenadora);
- III - Layze Cilmara Alves da Silva Vieira (Docente área específica de Medicina Veterinária - Titular);
- IV - Deusdete Conceição Gomes Júnior (Docente área específica de Medicina Veterinária - Titular);
- V - Janaina de Lima Silva (Docente área não específica - Titular);
- VI - Ellenise Elsa Emídio Bicalho (Docente área não específica - Titular);
- VII - Terezinha Oliveira Santos (Docente área não específica - Titular);
- VIII - Adalgisa Maria de Santana Araújo (Representante técnico-administrativo - Titular);
- IX - Caliene Melo de Andrade Silva (Representante discente - Titular);
- X - Anderson Miranda de Souza (Docente área não específica - Suplente);
- XI - Marcelo Jorge Nascimento Souza (Docente área não específica - Suplente);
- XII - Iranilda Cotrim da Costa (Representante discente - Suplente).

Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação

(Assinado digitalmente em 30/04/2019 11:16)

JAIRO TORRES MAGALHAES JUNIOR

DIRETOR

Matricula: 1202342

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.ufob.edu.br/documentos/> informando seu número: 541, ano: 2019, tipo: PORTARIA, data de emissão: 30/04/2019 e o código de verificação: 1b11991e98



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

PORTARIA N° 108 / 2018 - CMB (11.01.14.01)

N° do Protocolo: 23520.003582/2018-40

Barreiras-BA, 21 de Março de 2018

O Diretor *Pro Tempore* do Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra (CMB), no uso das atribuições que lhe conferem a Portaria n.º 198/2017, de 09 de junho de 2017, considerando: o Art. 207 da CF/88, o Art. 3º da Lei 12.825/2013, a Resolução n.º 01/2013 da Magnífica Reitora da UFOB e a Resolução Normativa n.º 20/2014 do Ministério da Educação, no Art. 2º, Inciso VI, e, conforme determinação da Portaria n.º 147/2017 MEC,

RESOLVE:

Designar os os seguintes membros da Comunidade Acadêmica do CMB para compor o Colegiado do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB):

- I - Maria Talita Soares Frade (Coordenadora);
- II - Jonatas Campos de Almeida (Vice-coordenador);
- III - Alonso Pereira Silva Filho (Docente área específica de Medicina Veterinária - Titular);
- IV - Jairo Torres Magalhães Júnior (Docente área específica de Medicina Veterinária - Titular);
- V - Layze Cilmar Alves da Silva Vieira (Docente área específica de Medicina Veterinária - Titular);
- VI - Flávia dos Santos (Docente área específica de Medicina Veterinária - Titular);
- VII - Janaina de Lima Silva (Docente área não específica - Titular);
- VIII - Ellenise Elsa Emidio Bicalho (Docente área não específica - Titular);
- IX - Terezinha Oliveira Santos (Docente área não específica - Titular);
- X - Adalgisa Maria de Santana Araújo (Representante técnico-administrativo - Titular);
- XI - Zayan Silva Pereira (Representante discente - Titular);
- XII - Larissa José Parazzi (Docente área específica de Medicina Veterinária - Suplente);
- XIII - Deusdete Conceição Gomes Júnior (Docente área específica de Medicina Veterinária - Suplente);
- XIV - Anderson Miranda de Souza (Docente área não específica - Suplente);
- XV - Marcelo Jorge Nascimento Souza (Docente área não específica - Suplente);
- XVI - Layla Stefani Porto Nascimento Reis (Representante técnico-administrativo - Suplente);
- XVII - Caliene Melo de Andrade Silva (Representante discente - Suplente).

Este documento digital corresponde à Portaria física n.º 10/2018 - Centro Multidisciplinar de Barra.

Esta portaria revoga as anteriores.

Publique-se, cumpra-se e registre-se.

(Assinado digitalmente em 21/03/2018 11:41)

JAIME HONORATO JUNIOR

DIRETOR

Matrícula: 2265381



APÊNDICE A - EMENTÁRIO

EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA DOS COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS (OB)

1º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 1º	
BAR 0004		BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	-
EMENTA						
Origem e evolução da célula. Organização das células procariótica e eucariótica. Integração morfofuncional dos componentes celulares. Organelas transdutoras de energia. Ciclo de divisão celular e morte celular programada. Aspectos gerais sobre os mecanismos genéticos básicos (fluxo da informação genética). Métodos de estudo em Biologia Celular e noções sobre técnicas em Biologia Molecular.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica: ALBERTS, B.; JOHNSON, A.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. Biologia Molecular da Célula . 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. AMON, A. Biologia Celular e Molecular . 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. CARVALHO, H. F.; RECCO-PIMENTEL, S.M. A célula . 3. ed. Barueri: Manole, 2013. COOPER, G.M. A Célula. Uma abordagem molecular . 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. COX, M. M.; DOUDNA, J. A.; O'DONNELL, M. Biologia Molecular: princípios e técnicas . 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. LODISH, H.; BERK, A.; KAISER, C. A.; KRIEGER, M.; BRETSCHER, A.; PLOEGH, H.; AMON, A. Biologia Celular e Molecular . 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. ROBERTIS, E. M. F.; HIB, J. Bases da Biologia Celular e Molecular . 16. ed. Guanabara Koogan, 2014.						
Bibliografia Complementar: ALBERTS, B., BREY, D., JOHNSON, A., LEWIS J., RAFF, M., ROBERTS, K., WALTER P., Fundamentos de Biologia Celular . 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. JUNQUEIRA, L. C. U.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular . 9. ed. Guanabara Koogan, 2012. WATSON, J., BAKER, T. A., BELL, S. P., GANN, A., LEVINE, M., LOSIK, R. Biologia Molecular do Gene . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.						
Bibliografia Recomendada: WATSON, J. D., MYERS R. M., CAUDY, A. A.; WITKOWSKI, A. DNA Recombinante - Genes e Genomas . 3. ed. Artmed. 2009. ZAHA, A.; FERREIRA, H. B.; PASSAGLIA, L. M. P. Biologia molecular básica . 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 1º	
BAR 1001		QUÍMICA BÁSICA EXPERIMENTAL				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	30	75	45	23	OB	-
EMENTA						
Conceitos básicos sobre estrutura atômica e periodicidade química. Ligações químicas. Forças intermoleculares. Propriedades das soluções. Reações químicas. Relações estequiométricas. Ácidos e Bases. Química do carbono. Isomeria. Propriedades das funções orgânicas. Principais reações orgânicas.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica: ATKINS, P.; LORETTA, J. Princípios de Química . São Paulo: Editora Bookman, 2001. BARNES, J. D.; DENNEY, R. C.; MENDHAM, J.; THOMAS, M. J. K. Vogel: Análise Química Quantitativa . 6ª ed., Rio de Janeiro: Editora LTC, 2002. BRADY, J.E.; HUMISTON, G.E. Química Geral . Rio de Janeiro: Editora Livros Técnicos e Científicos, 1996. BROWN, T. L.; LEMAY, Jr., H. E.; BURSTEN, B. E. Química: Ciência Central . 7ª ed., Rio de Janeiro: Editora Livros Técnicos e Científicos, 1999. BRUCE, P.Y. Química Orgânica . São Paulo: Pearson Prentice Hal. 2004. ROSEMBERG, J.; E. LAWRENCE, M. Química Geral . 8ª ed., São Paulo: Editora Bookman Companhia, 2003. VOLHARDT, P.C.; NEIL, E. Química orgânica . 4ª ed., Bookman, Porto Alegre, 2004.						
Bibliografia Complementar: COLLINS, C.; BRAGA, G. Introdução a métodos cromatográficos . 4ª ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997. HARRIS, D. C. Análise Química Quantitativa . 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2001. RUSSEL, J.B. Química Geral . 2ª ed., São Paulo: Editora McGraw-Hill, 1994. SOLOMONS, T.W.G.; FRYHLE, C.B. Química Orgânica . 2. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2005. ZUBRICK, J.W. Manual de sobrevivência no laboratório de química orgânica . Rio de Janeiro: Editora LTC, 2005.						
Bibliografia Recomendada: CONSTANTINO, M. G. Química Orgânica: curso básico universitário . Rio de Janeiro: Editora LTC Livros técnicos e científicos, 2008. MORITA, T.; ASSUMPCÃO, R. M. V. Manual de Soluções, reagentes e solventes . 2ª ed., Editora Blucher, 2007. PAVIA D. L.; LAMPAMAN, G. M.; KRIZ G. S.; ENGEL R. G. Química orgânica experimental: técnicas de escala pequena . 2ª ed., Bookman, Porto Alegre, 2009.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 1º	
BAR 1002		ANATOMIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS I				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	60	90	45	23	OB	-
EMENTA						
Introdução à anatomia veterinária: histórico, definições, importância e aplicações. Princípios gerais da nomenclatura anatômica. Terminologia de posicionamento e direcionamento das partes do corpo animal. Aparelho locomotor: osteologia, sindesmologia e miologia comparada dos animais domésticos. Sistema Circulatório: coração, artérias e veias. Sistema Tegumentar.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
DANGELO, J.G.; FATTINI, C. A. Anatomia Humana Básica . 2ed. São Paulo: Atheneu, 2011. 184 p.						
DYCE, K. M. Tratado de Anatomia Veterinária . 4ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 840 p.						
GETTY, R. Sisson/Grossman - Anatomia dos Animais Domésticos . 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2 v. 1986. 2048 p.						
POPESKO, P. Atlas de Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos . 5ed. São Paulo: Manole, 2012. 608 p.						
SCHALLER, O. Nomenclatura Anatômica Veterinária Ilustrada . 1ed. São Paulo: Manole, 1999. 613 p.						
Bibliografia Complementar						
CLAYTON, H. M. et al. Atlas Colorido de Anatomia Aplicada dos Grandes Animais . 3 ed. São Paulo: Manole, 2002. 162 p.						
KONIG, H. E.; LIEBICH, H. G. Anatomia dos Animais Domésticos: Texto e Atlas colorido . Porto Alegre: ARTMED, 2016.						
MACHADO, A.; HAERTEL, L. M. Neuroanatomia Funcional . 3ed. São Paulo: Atheneu, 2014. 363 p.						
REECE, W. O. Anatomia Funcional e Fisiologia dos Animais Domésticos . 3ed. São Paulo: Roca. 2008, 480 p.						
Bibliografia Recomendada						
BUDRAS, K. et al. Anatomia do cão. Texto e Atlas . 5ed. São Paulo: Manole: 2012. 219 p.						
FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. Anatomia e Fisiologia dos Animais de Fazenda . 7ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2011, 432 p.						
McCRACKEN, T. O.; KAINER, R. A.; SPURGEON, T. L. Atlas Colorido de Anatomia de Grandes Animais. Fundamentos . 1ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004, 220p						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: 1º
BAR 1003		INTRODUÇÃO À MEDICINA VETERINÁRIA				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OB	-
EMENTA						
Histórico da Medicina Veterinária. Papel social, econômico e ambiental do Médico Veterinário. Conselho e Legislação Profissional. Ética profissional. Áreas de conhecimento e de atuação da Medicina Veterinária.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
ALBUQUERQUE, J. L.; CALLADO, A. L. C. Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos, ferramentas e aplicações . São Paulo (SP): Atlas, 2009.						
BRASIL. Conselho Federal de Medicina Veterinária. A História da Medicina Veterinária Brasileira . Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária, 2001.						
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Manual do Responsável Técnico . Salvador, 2007.						
FLOSI, F. Plano de marketing na Veterinária . 2.ed. São Paulo: Varela, 2001.						
KOTLER, P.; KOTLER, P.; KELLER, K. L. Administração de Marketing . 14. ed. Editora: Pearson Education, 2012.						
SILVA, R. A. G. Administração Rural - Teoria e Prática . 3. ed. Editora: Jurua, 2009.						
TORRES, Geraldo Cezar de Vinhães. A Medicina Veterinária da Bahia: memórias de uma evolução . Salvador: Champion, 2011.						
Bibliografia Complementar						
BRANDT, S. A. Comercialização agrícola . Piracicaba: Livroceres, 1980.						
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Manual de Orientação Profissional . Goiânia, 1995.						
BRASIL. Lei n. 8078, de 11 de setembro de 1990 . Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 set. 1990.						
BRASIL. Lei N.º 5.517, de 23 de Outubro de 1968 . Dispõe sobre o exercício da profissão de Médico Veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária, out. 1968.						
KAHN, C.M.T. Manual Merck de Veterinária . 9. ed. São Paulo, SP: Roca, 2008.						
MENDES, Judas Tadeu G.; JÚNIOR, João B. P. Agronegócio: Uma Abordagem Econômica . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, 369p.						
Bibliografia Recomendada						
BRASIL. Lei n. 6.638, de 1979 . Estabelece normas para a prática didático-científica da vivisseção de animais e determina outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 maio 1979. Disponível em: < http://www.imepa.org.br/lei6638.html >.						
BRASIL. Lei n. 9.605, de 1998 . Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências, Capítulo V, Dos Crimes Contra o Meio Ambiente, Seção 1, Art. 32, § 1º e § 2º. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Seção 1, p. 1. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9605.htm >.						
COLÉGIO BRASILEIRO DE EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL/COBEA. Princípios Éticos na Experimentação Animal . 1991. Disponível em: < http://www.cobea.org.br/etica.htm#3 >.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0006			NOME DO COMPONENTE ECONOMIA RURAL			SEMESTRE: 1º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	-	45	45		OB	-
EMENTA						
Economia como ciência social. A organização da atividade econômica. Tópicos de microeconomia e macroeconomia. Teoria de preços. Teoria do consumidor. Teoria da produção. Estrutura e funcionamento de mercado. Estratégia de comercialização agrícola. Análise de censos agropecuários. Políticas governamentais para o setor agrícola. Políticas macroeconômicas e o agronegócio. O agronegócio brasileiro.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica: ARBAGE, A.P. Fundamentos de Economia Rural . 1. ed. Chapecó: Argos, 2006. 272p. BACHA, C.J.C. Economia e Política agrícola no Brasil . 1. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 226p. BATALHA, M. O. Gestão Agroindustrial . 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. 800p. CALLADO, A.A.C. Agronegócio . 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 203p. VASCONCELLOS, M.A.S. Economia: micro e macro . 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 443p.						
Bibliografia Complementar: ANTUNES; L.M.; ENGEL, A.; Manual de administração rural: custos de produção . 3. ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 196 p. BRANSON, W.H. Macroeconomia: teoria e política . 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 935 p. CASIMIRO FILHO, F.; SHIKIDA, P.F.A. Agronegócio e desenvolvimento regional . 1. ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999. 207 p. KOTLER, P.O. Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados . 5. ed. São Paulo: Futura, 2000. 305 p. PINHO, D.B.; VASCONCELLOS, M.A.S.; TONETO JÚNIOR, R. Manual de Introdução à Economia . 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. 304 p.						
Bibliografia Recomendada: BATALHA, M.O. (Coord.). Recursos humanos para o agronegócio brasileiro . 1. ed. Brasília: CNPQ, 2000. 284 p. COSTA, F.N. Economia em 10 lições . 1. ed. São Paulo: Makron Books, 2000. 430 p. PASSOS, C.R.M.; NOGAMI, O. Princípios de economia . 4. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2003.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0001			NOME DO COMPONENTE OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL		SEMESTRE: 1º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	30	-	OB	-
EMENTA						
Concepções de linguagens, língua, leitura e escrita. Texto e discurso. Os processos de leitura e de escrita como práticas sociais. Interpretação, análises e produção de textos de gêneros diversos.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica CAVALCANTE, M. M. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012. CITELLI, A. O texto argumentativo. São Paulo: Scipione, 1994. FOUCAULT, M. O que é um autor. In: _____. Ditos e escritos III. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. KOCH, I.V. ELIAS, V.M. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008. SAUTCHUK, I. Perca o medo de escrever - da frase ao texto. São Paulo: Saraiva, 2011. VAL, M. G. C. Redação e Textualidade. 2.ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999. VAN DICK, T. A. Discurso e poder. São Paulo: Contexto, 2008.</p> <p>Bibliografia Complementar BARTHES, R. A morte do autor. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 2.ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996. ILARI, R. Introdução à semântica: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001. MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. Análise e produção de textos. São Paulo: Contexto, 2012.</p> <p>Bibliografia Recomendada AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da língua portuguesa. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008. BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 31.ed. São Paulo: Nacional, 1987. CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. Nova gramática do português contemporâneo. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. GARCEZ, L. H. do C. Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001. MIRA MATEUS, M. H. et al. Gramática da língua portuguesa. 5.ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003. ROCHA LIMA, C. H. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. XAVIER, A. C. Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa. São Paulo: Respel, 2010.</p> <p>Dicionários FERREIRA, A. B. de H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001 PERINI, M. Gramática descritiva do português. São Paulo: Ática, 1995.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0002			NOME DO COMPONENTE FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS			SEMESTRE: 1º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	Obrigatória	-
EMENTA						
Teoria do conhecimento: aspectos históricos e conceituais. Relação sujeito-objeto na produção do conhecimento filosófico e científico. Realidade, concepções de mundo e de ciência. Atitude filosófica e metodologia científica. Contexto de descoberta e contexto de justificação.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica</p> <p>BACON, F. O progresso do conhecimento. São Paulo: Unesp, 2007.</p> <p>DESCARTES, R. Discurso do método. São Paulo: Martins Fontes, 2014.</p> <p>EINSTEIN, A.; INFELD, L. A evolução da física. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.</p> <p>GALILEI, G. Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano. São Paulo: Editora 34, 2011.</p> <p>HUME, D. Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral. São Paulo: Unesp, 2004.</p> <p>NEWTON, I. Princípios matemáticos da filosofia natural. São Paulo: Nova Stella/Edusp, 1990.</p> <p>POPPER, K. O conhecimento objetivo. São Paulo: Cultrix, 2014.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>CASSIRER, E. Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>FEYERABEND, P. Contra o método. São Paulo: Unesp, 2011.</p> <p>FRENCH, S. Ciência. Conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2009.</p> <p>KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.</p> <p>ROSSI, P. A ciência e a filosofia dos modernos. São Paulo: Unesp, 1992.</p> <p>Bibliografia Recomendada</p> <p>ABRANTES, P. Método e ciência: uma abordagem filosófica. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.</p> <p>ARISTÓTELES. Metafísica. Madri: Gredos, 1990. Tradução Tomás Calvo Martínez.</p> <p>_____. Física. Madri: Gredos, 1992. Tradução Valentín Garcia Yebra.</p> <p>BACHELARD, G. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2002.</p> <p>_____. O novo espírito científico. Lisboa: Edições 70, 2008.</p> <p>_____. O materialismo racional. Lisboa: edições 70, 1990.</p> <p>CANGUILHEM, G. Estudos de História e de Filosofia das Ciências: concernentes aos vivos e à vida. Rio de Janeiro: Forense, 2012.</p> <p>_____. O conhecimento da vida. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.</p> <p>CASSIRER, E. El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia modernas. 3 vols. México: Fondo de cultura económica, 1993.</p> <p>_____. Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>CHALMERS, A. F. O que é a ciência afinal? Rio de Janeiro: Brasiliense, 1993.</p> <p>CUPANI, A. Filosofia da tecnologia: um convite. Santa Catarina: UFSC, 2013.</p> <p>DESCARTES, R. Meditações metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2006.</p> <p>DUTRA, L. H. A. Introdução à teoria da ciência. Santa Catarina: UFSC, 2009.</p>						



- EINSTEIN, A. **A teoria geral da relatividade**. Porto Alegre: LP&M, 2013.
- FEYERABEND, P. **Adeus à razão**. São Paulo: Unesp, 2010.
- _____. **A ciência em uma sociedade livre**. São Paulo: Unesp, 2011.
- GARIN, E. **Ciência e vida civil no renascimento italiano**. São Paulo: Unesp, 1996.
- GRANGER, G. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Editora da Unesp, 1994.
- HABERMAS, J. **Discurso Filosófico da Modernidade**. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HARRISON, P. (org.). **Ciência e religião**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2014.
- HEMPEL, C. G. **Filosofia da ciência natural**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- HENRY, J. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento – quarto volume das atas do Colóquio internacional sobre filosofia da ciência, realizado em Londres em 1965**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979.
- LAUDAN, L. et al. **Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica**. In: “Revista Estudos Avançados”, 7(19), 1993.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Estudos de história do pensamento filosófico**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- KUHN, T. **A revolução copernicana**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- MERTON, R. **Ensaio de Sociologia da Ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia/Editora 34, 2013.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- NOUVEL, P. **Filosofia das ciências**. Campinas: Papyrus, 2013.
- POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2014.
- _____. **Conjecturas e refutações**. Coimbra: Almedina, 2006.
- _____. **Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.
- REDONDI, P. **Galileu herético**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ROSSI, P. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: Edusc, 2001.
- _____. **A chave universal: Arte da memorização e lógica**. Bauru: Edusc, 2004.
- SANTOS, B. S. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SIQUEIRA-BATISTA, R. **A ciência, a verdade e o real: variações sobre o anarquismo epistemológico de Paul Feyerabend**. In: Caderno Brasileiro do Ensino de Física. v. 22, n. 2, ago. 2005, p. 240-262.
- Bibliografia instrumental:**
- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GRECO, J.; SOSA, E. **Compêndio de epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TSUI-JAMES, E. P.; BUNNIN, N. **Compendio de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2007.



2º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1004			NOME DO COMPONENTE EMBRIOLOGIA E HISTOLOGIA BÁSICA			SEMESTRE: 2º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	15	OB	BAR0004
EMENTA						
Preparação de tecidos para estudo histológico e microscopia. Etapas da formação e desenvolvimento embrionário nas espécies domésticas. Conhecimento da origem, das características estruturais e dos aspectos funcionais dos tecidos fundamentais componentes do organismo animal: Tecido Epitelial; Tecidos Conjuntivos (Tecido Conjuntivo Propriamente dito – Frouxo e denso; Tecido conjuntivo de propriedades especiais – Adiposo, elástico, reticular e mucoso; Tecido conjuntivo de suporte – Cartilagem e osso); Sangue e hemocitopoese; Tecido Muscular; e Tecido Nervoso.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ALMEIDA, J.M. Embriologia Veterinária Comparada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 176 p. GARCIA, S.M.L.; JECKEL NETO, E.; FERNANDES, G.C. Embriologia. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2012. 651 p. GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Atlas Colorido de Histologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 452 p. GARTNER, L.P.; HIATT, J.L. Tratado de Histologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 592p. JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia Básica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. 556 p. MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N.; TORCHIA, M. G. Embriologia Básica. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 348 p. SAMUELSON, D. A. Tratado de histologia veterinária. Rio de Janeiro, Elsevier, 2007. 527 p.</p> <p>Bibliografia Complementar DIFIORE, M. S. H. Atlas de Histologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 229 p. HIB, J. Di Fiore - Histologia - Texto e Atlas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 530 p. HYTTEL, P.; SINOWATZ, F.; VEJLSTED, M. Embriologia veterinária. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 472 p. LEBOFFE, M.J. Atlas Fotográfico de Histologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 220p. PIEZZI, R. S. Novo Atlas de Histologia Normal de Di Fiore. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 336 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada JUNQUEIRA, L.C. Biologia Estrutural dos Tecidos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 244 p. KIERSZENBAUM, A. L.; TRES, L. L. Histologia e Biologia Celular - Uma Introdução à Patologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 720 p. ROSS M. H.; PAWLINA W. Histologia: Texto E Atlas - Em Correlação Com Biologia Celular E Molecular. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 1008 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1005			NOME DO COMPONENTE BIOQUÍMICA BÁSICA			SEMESTRE: 2º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR1001
EMENTA						
<p>Água, equilíbrio ácido-base e sistemas tamponantes nos organismos. Estrutura e função das biomoléculas: Carboidratos; Lipídios; Aminoácidos; Proteínas; Ácidos nucleicos; e Vitaminas. Enzimologia. Coenzimas. Metabolismo dos carboidratos: glicólise; fermentação; ciclo de Krebs; cadeia respiratória; via das pentoses; gliconeogênese; glicogênese; glicogenólise; fotossíntese. Metabolismo dos lipídios; aminoácidos e proteínas. Integração e regulação metabólica energético.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica CAMPBELL, M. K.; FARRELL, S. O. Bioquímica. São Paulo: Thomson, 2007. HARVEY, R. A.; FERRIER, D. R. Bioquímica ilustrada. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 520 p. LEHNINGER, A. L.; COX, M. M.; TERMIGNONI, C. Princípios de bioquímica de Lehninger. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 1298 p. MURRAY, R. T. K. Bioquímica ilustrada de Harper. 29. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. xi, 818 p. VOET, D.; VOET, J. G. PRATT, C. W. Fundamentos de bioquímica: a vida em nível molecular. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 1200 p.</p> <p>Bibliografia Complementar ALBERTS, B. et al. Fundamentos da biologia celular. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 844 p. CONN. Introdução à bioquímica. 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1980. 525 p. DEVLIN, T. M. Manual de bioquímica com correlações clínicas. 7.ed. Norte Americana. São Paulo: E. Blücher, 2011. 1007 p. KARP, G. Biologia celular e molecular. 3. ed. Barueri: Manole, 2005. 786 p. MASTERTON, W. L.; SLOWINSKI, E. J.; STANITSKI, C. L. Princípios de química. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, c1990. 681 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada PRATT, C. W.; CORNELLY, K. Bioquímica essencial. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 740p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1006			NOME DO COMPONENTE ANATOMIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS II			SEMESTRE: 2°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	60	90	45	23	OB	BAR1002
EMENTA						
Estudo anatômico comparativo dos Sistemas Nervoso, Respiratório, Digestório, Urogenital e Sensorial - com seus respectivos anexos - nas diferentes espécies de animais domésticos.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica DYCE, K. M. Tratado de Anatomia Veterinária. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 840 p. GETTY, R. Sisson/Grossman - Anatomia dos Animais Domésticos. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2 v. 1986. 2048 p. MACHADO, A.; HAERTEL, L. M. Neuroanatomia Funcional. 3 ed. São Paulo: Atheneu, 2014. 363 p. POPESKO, P. Atlas de Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos. 5 ed. São Paulo: Manole, 2012. 608 p. TORTORA, G. J.; GRABOWSKI, S. R. Princípios de Anatomia e Fisiologia. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1088 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BOYD, J. S. Atlas de Anatomia Clínica do Cão e do Gato. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002. 190 p. CLAYTON, H. M. et al. Atlas Colorido de Anatomia Aplicada dos Grandes Animais. 3. ed. São Paulo: Manole, 2002. DANGELO, J.G.; FATTINI, C. A. Anatomia Humana Básica. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2011. KONIG, H. E. & LIEBICH, H-G. Anatomia dos Animais Domésticos: Texto e Atlas colorido. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2016. SCHALLER, O. Nomenclatura anatômica veterinária ilustrada. 1 ed. São Paulo: Manole, 1999.</p> <p>Bibliografia Recomendada CONSTATINESCU, G. M. Anatomia Clínica de Pequenos Animais. 1ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, 384 p. McCracken, T. O.; KAINER, R. A.; SPURGEON, T. L. Atlas Colorido de Anatomia de Grandes Animais. Fundamentos. 1ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004, 220p. REECE, W. O. Anatomia Funcional e Fisiologia dos Animais Domésticos. 3. ed. São Paulo: Rocca, 2008. 468 p. SALOMON, F. V.; GEYER, H. Atlas de Anatomia Aplicada dos Animais Domésticos. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1007			NOME DO COMPONENTE MICROBIOLOGIA BÁSICA			SEMESTRE: 2º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	BAR0004
EMENTA						
<p>Histórico e evolução do conhecimento em Microbiologia. Classificação e caracterização geral dos microrganismos (bactérias, fungos e vírus). Crescimento, metabolismo e genética bacteriana. Métodos de estudo em Microbiologia. Técnicas de cultivo, isolamento, observação e quantificação de microrganismos. Métodos de controle microbiano. Noções sobre antimicrobianos e mecanismos de resistência bacteriana.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; BENDER, K. S.; BUCKLEY, D. H.; STAHL, D. A. Microbiologia de Brock. 14ªed. Porto Alegre: Artmed, 2016, 1032 p. TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia. 12ªed., Porto Alegre: Artmed, 2017, 964 p. TRABULSI, L. R.; ALTERTHUM, F. Microbiologia. 5ªed. São Paulo: Atheneu. 2008. VERMELHO, A. B.; PEREIRA, A. F.; COELHO, R. R. R.; SOUTO-PADRÓN, T. Práticas de Microbiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 239 p. WINN, W. C.; ALLEN, S. D.; JANDA, W. M.; KONEMAN, E. W.; PROCOP, G. W.; SCHRECKENBERGER, P. C.; WOODS, G. L. Koneman, diagnóstico microbiológico: texto e atlas colorido. 6ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, 1760 p.</p> <p>Bibliografia Complementar JAWETZ, E.; MELNICK, J. L.; ADELBERG, E. A.; BROOKS, G. F. Microbiologia médica. 26. ed. Porto Alegre, AMGH, 2014, 803 p. LEVINSON, W. E.; KYAW, M. M. M. Microbiologia Médica e Imunologia, 12ªed. Artmed. 2014, 663 p. MURRAY, P. R.; ROSENTHAL, K. P.; PFALLER, M. A. Microbiologia Médica. 7ªed. Elsevier, 2014, 873 p. QUINN P. J.; MARKEY B. K.; CARTER M. E., Microbiologia Veterinária e Doenças Infecciosas. Porto Alegre: Artmed, 2005, 512p.</p> <p>Bibliografia Recomendada OPLUSTIL, C. P. Procedimentos básicos em microbiologia clínica. 3.ed. São Paulo: Sarvier, 2010, 530 p. SIDRIM, J. J. C.; ROCHA, M. F. G. Micologia Médica à Luz de Autores Contemporâneos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1008			NOME DO COMPONENTE: SEMESTRE: 2º Semestre ESTATÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS AGRÁRIAS			
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
90	-	90	45	-	OB	-
EMENTA						
<p>Álgebra dos Números Reais. Estudo de funções elementares. Noções de probabilidade. Distribuição de probabilidade: Binomial, Poisson, Normal ou Guassiana. Noções básicas de estatística. Série e gráficos estatísticos. População e amostra. Amostragem e inferência. Distribuições de frequências. Medidas de tendência central. Medidas de dispersão. Estatística descritiva. Probabilidades. Variáveis aleatórias. Modelos de distribuições discretas. Modelos de distribuições contínuas. Testes de hipóteses. Correlação e Regressão.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ARANGO, H. G. Bioestatística: Teórica e Computacional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. FERREIRA, R. S. Matemática Aplicada às Ciências Agrárias: análise de dados e modelos; UFV; 1999. FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. Curso de Estatística. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. MARTINS, G. A. Estatística Geral e Aplicada. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 417p. MORETTIN, L. G. Estatística básica: probabilidade e inferência. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W. O. Estatística básica. 8. ed. São Paulo: Saraiva, c2013. SPIEGEL, M. R. Estatística. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.</p> <p>Bibliografia Complementar BISQUERRA, A. R.; SARRIERA, J. C.; MARTÍNEZ, F. Introdução à Estatística: Enfoque Informático com o Pacote Estatístico SPSS. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOWNING, D.; CLARK, J. Estatística Aplicada. 3. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2011. FREUND, J. E; SIMON, G. A. Estatística Aplicada: Economia, Administração e Contabilidade. 11. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2006. KAZMIER, L. J. Estatística Aplicada a Economia e a Administração. Porto Alegre, RS: Bookman, 2007. LOPES, P. A. Probabilidades e Estatística. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 1999.</p> <p>Bibliografia Recomendada PINHEIRO, J. I. D. et al. Estatística Básica: A Arte de Trabalhar com Dados. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009; SPIEGEL, M. R. Estatística. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. TRIOLA, M. F. Introdução à Estatística: Atualização da Tecnologia. 11. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 2°	
BAR 0003		OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	30	-	OB	BAR0001
EMENTA						
Escrita e conhecimento. Texto e argumentação. Gêneros textuais acadêmicos. Leitura e produção de textos acadêmicos.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica CARVALHO, G. T.; MARINHO, M. Cultura, escrita e letramento . Belo Horizonte: UFMG, 2010. CITELLI, A. O texto argumentativo . São Paulo: Scipione, 1994. DUCROT, O. O dizer e o dito . Campinas: Pontes, 2004. HISSA, C. E. V. Entrenotas: compreensões de pesquisa . Belo Horizonte: UFMG, 2013. MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. Produção textual na universidade . São Paulo: Parábola Editorial, 2010. OLIVEIRA, L. A. Manual de sobrevivência universitária . Campinas: Papyrus, 2004. PERRELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. Tratado da argumentação: A nova retórica . São Paulo: Martins Fontes, 2002.						
Bibliografia Complementar BARTHES, R. O prazer do texto . Tradução de J. Guinsburg. Revisão de Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Perspectiva, 2004. FOUCAULT, M. A ordem do discurso . 2.ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996. FOUCAULT, M. As palavras e as coisas . Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002. LEITE, M. Q. Resumo . São Paulo: Paulistana, 2006. RIOLFI, C. R.; ALMEIDA, S.; BARZOTTO, V. H. Leitura e escrita: impasses na universidade . São Paulo: Paulistana, 2013.						
Bibliografia Recomendada ANDRADE, M. M. Introdução a Metodologia do Trabalho Científico . 4.ed. São Paulo: Atlas, 2000. BARROS, A. J. S. Fundamentos de Metodologia Científica: Guia para Iniciação Científica . 2.ed. São Paulo: Makron Books, 2000. FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa . Trad. Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. MARCONI, M. A. et al. Fundamentos de Metodologia Científica . 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003. MIGUEL, P. A. C. (org). Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção e Gestão de Operações . Rio de Janeiro: Campus, 2009. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico . São Paulo: Cortez, 2000. XAVIER, A. C. Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos . São Paulo: Respel, 2011.						
GRAMÁTICAS AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da língua portuguesa . 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 31.ed. São Paulo: Nacional, 1987.
CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
MIRA MATEUS, M. H. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5.ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.
PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

DICIONÁRIOS

FERREIRA, A. B. H.. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1009			NOME DO COMPONENTE METODOLOGIA DA PESQUISA		SEMESTRE: 2º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OB	-
EMENTA						
Fundamentos da Metodologia Científica. A Comunicação Científica. Métodos e técnicas de pesquisa. A comunicação entre orientados/orientadores. Normas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. O pré-projeto de pesquisa. O Projeto de Pesquisa. O Experimento. A organização de texto científico (Normas ABNT).						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica</p> <p>CARVALHO, A. M. et al. Aprendendo metodologia científica. Uma orientação para os alunos de graduação. Nome da Rosa, 2000.</p> <p>DEMO, P. Metodologia do Conhecimento Científico. Atlas, 2000.</p> <p>GONSALVES, E. P. Iniciação à Pesquisa Científica. Alínea, 4 ed revisada, 2007</p> <p>LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 270 p.</p> <p>LUNA, S.V. Planejamento de Pesquisa. Uma introdução. PUCSP Educ. 2006.</p> <p>KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.</p> <p>SEABRA, G. F. Pesquisa Científica: O Método em Questão. UNB, 2001</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>BOAVENTURA, E. M. Como ordenar as idéias. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997. 59 p.</p> <p>MEDEIROS, J. B. Correspondência: técnicas de comunicação criativa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1989. 318p.</p> <p>MEDEIROS, J. B. Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão. São Paulo: Atlas, 2002. 433 p.</p> <p>SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. Ética. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 260 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada</p> <p>CAMPANA, A. O. Investigação Científica na Área Médica. Manole, 2001.</p> <p>DEMO, P. Certeza da incerteza: ambivalências do conhecimento e da vida. Plano, 2000.</p> <p>MARCONI; LAKATOS. Metodologia Científica. Atlas, 2007.</p>						



3º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1010		NOME DO COMPONENTE HISTOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 3º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	15	OB	BAR1004
EMENTA						
Organização especial dos tecidos dos animais domésticos, com base no estudo histológico dos órgãos dos sistemas nervoso, respiratório, circulatório, linfático, digestório, urinário, endócrino, reprodutor e órgãos dos sentidos.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica BACHA, W. J.; BACHA, L. M. Atlas colorido de histologia veterinária . 2.ed. São Paulo: Roca, 2003. 457 p. BANKS, W. J. Histologia Veterinária Aplicada . 2. ed. São Paulo: Editora Manole, 1992. 629 p. EURELL, J. A.; FRAPPIER, B. L. Histologia Veterinária de Dellmann . 6. ed. São Paulo: Editora Manole, 2012. 412 p. GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Atlas Colorido de Histologia . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 452 p. GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Tratado de Histologia . 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 592 p. JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia Básica . 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. 556 p. KIERSZENBAUM, A. L.; TRES, L. L. Histologia e Biologia Celular - Uma Introdução à Patologia . 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 720 p.						
Bibliografia Complementar DIFIORE, M. S. H. Atlas de Histologia . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 229 p. HIB, J. Di Fiore - Histologia - Texto e Atlas . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 530 p. LEBOFFE, M. J. Atlas Fotográfico de Histologia . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 220 p. PIEZZI, R. S. Novo Atlas de Histologia Normal de Di Fiore . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 336 p. SAMUELSON, D. A. Tratado de histologia veterinária . Rio de Janeiro, Elsevier, 2007. 527 p.						
Bibliografia Recomendada JUNQUEIRA, L. C. Biologia Estrutural dos Tecidos . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 244 p. ROSS, M. H.; PAWLINA W. Histologia: Texto E Atlas - Em Correlação Com Biologia Celular E Molecular . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 1008 p. TOLOSA, E. M. C.; RODRIGUES, C.J.; BEHMER, O. A.; FREITAS NETO, A.G. Manual de técnicas para histologia normal e patológica . 2. ed. São Paulo: Manole, 2003. 331 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1011			NOME DO COMPONENTE BIOQUÍMICA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 3º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR1005
EMENTA						
Ciclo da Matéria na Biosfera. Bioenergética. Metabolismo Intermediário. Alterações do equilíbrio ácido-base nos organismos. Bioquímica dos sistemas: nervoso; endócrino; digestório do monogástricos e poligástricos; reprodução e lactação. Ciclo da ureia. Perfil bioquímico do sangue. Metabolismo do grupo heme.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BACILA, M. Bioquímica Veterinária. 2ª ed. São Paulo: Robe, 2003. 583p. CUNNINGHAM J. G. Tratado de Fisiologia Veterinária. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 624p. DEVLIN, THOMAS M. Manual de bioquímica com correlações clínicas. 7.ed. Norte Americana. São Paulo: E. Blücher, 2011. 1007 p. GONZÁLEZ, F. H. D.; DA SILVA, S. C. Introdução à Bioquímica Clínica Veterinária. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 360p. KOZLOSKI, G. V.. Bioquímica dos ruminantes. 2. ed. rev. e ampl. -. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. 214 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BARACAT-PEREIRA, M. C. Bioquímica de Proteínas. Viçosa: UFV. 2014. 298p. CISTERNAS, J. R.; VARGA, J.; MONTE, O. Fundamentos de Bioquímica Experimental. São Paulo: Atheneu. 2001. 254p. LEHNINGER, A. L.; NELSON, M. D. L.; COX, M. M. Princípios de Bioquímica, 6ª edição. Rio de Janeiro: Artmed, 2014. 1328p. PRATT, C. W.; CORNELLY, K. Bioquímica essencial. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 740p. VOET, D.; VOET, J. G. PRATT, C. W. Fundamentos de bioquímica: a vida em nível molecular. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 1200 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada KATZUNG, B. G.; MASTERS, S. B.; TREVOR, A. J. Farmacologia Básica e Clínica. 12ª ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2014. 1242p. DELUCIA, R.; OLIVEIRA-FILHO, R. M.; PLANETA, C. S.; GALLACCI, M.; AVELLAR, M.C.W. Farmacologia integrada. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007. 701p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1012			NOME DO COMPONENTE BIOFÍSICA E FISILOGIA VETERINÁRIA I			SEMESTRE: 3°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR 1004, BAR1006
EMENTA						
Estudo das soluções e propriedades coligativas das soluções biológicas; membranas biológicas. Fisiologia comparada das principais espécies domésticas: estudo da fisiologia do sistema nervoso; biomecânica e fisiologia do sistema músculo esquelético; fisiologia do sistema cardiovascular e respiratório. Radioatividade: sua utilização e efeitos da radiação.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica COLVILLE, T.; BASSERT, J. M. Anatomia e Fisiologia Clínica para Medicina Veterinária. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2010. 543p. GARCIA, E. A. C. Biofísica. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 2002. 388 p. HENEINE, I. F. Biofísica básica. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010. 400 p. KLEIN, B. G. Cunningham Tratado de Fisiologia Veterinária. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2015. 607p. REECE, W. O. Dukes: fisiologia dos animais domésticos. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. 725p.</p> <p>Bibliografia Complementar BERNE, M.; LEVY, M. N. Fisiologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 1100p. RANDALL, D.; BURGGREN, W.; FRENCH, K. Eckert - Fisiologia Animal. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2011. WILKE, W. L.; FAILS, A. D.; FRANDSON, R. D. Anatomia e Fisiologia dos Animais de Fazenda. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 472 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada CONSTANZO, L. S. Fisiologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 728 p. GUYTON, A. C.; HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 1264 p. DURÁN, J. E. R. Biofísica: Fundamentos e aplicações. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2011. 332p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1013			NOME DO COMPONENTE MICROBIOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 3º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	BAR1007
EMENTA						
Estudo das principais características morfológicas, antigênicas, metabólicas, bioquímicas, sorológicas e epidemiológicas dos agentes causadores de doenças infecciosas nos animais domésticos, dando ênfase as bactérias, fungos e vírus, especificando aspectos relacionados a sua patogenicidade, diagnóstico laboratorial, profilaxia e controle.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica FLORES, E. F. Virologia veterinária - virologia geral e doenças víricas. 2.ed. UFSM, 2012. FRANCO, B. D. G. M.; LANDGRAF, M. Microbiologia dos Alimentos. Atheneu, 2005. HIRSH, D. C.; ZEE, Y. C. Microbiologia Veterinária. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. MCVEY, D. S.; KENNEDY, M.; CHENGAPPA, M. M. Microbiologia Veterinária. 3.ed. Guanabara Koogan, 2016 QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; CARTER, M. E.; DONNELLY, W. J.; LEONARD, F. G. Microbiologia Veterinária e Doenças Infecciosas. São Paulo: Artmed, 2005. TORTORA, G. T.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia. 8.ed. São Paulo: Artmed, 2005. WINN JR., W.; ALLEN, S.; JARDA, W.; KONEMAN, E.; SCHRECKENBERGER, P.; WOODS, G. Diagnóstico microbiológico: Texto e Atlas Colorido. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 1565 p.</p> <p>Bibliografia Complementar JAY, J. M. Microbiologia de Alimentos. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. Microbiologia De Brock. 10ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. TORTORA et al. Microbiologia. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. TRABULSI et al. Microbiologia. 3.ed. Atheneu, 1999. VERMELHO, A. B.; PEREIRA, A. F.; COELHO, R. R. R.; SOUTO-PADRÓN, T. Práticas de Microbiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 239 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada CANN, A. J. Principles of Molecular Virology. 2. ed. Academic Press, 1997. FIELDS, B. N.; KNIPE, D. M.; HOWLEY, P. M. (Ed.). Fields Virology. 3. ed. Philadelphia: Lippincott - Raven Publishers, 1996. MURPHY, F. A.; FAUQUET, C. M.; BISHOP, D. H. L.; GHABRIAL, S. A.; JARVIS, A. W.; MARTELLI, G. P.; MAYO, M. A.; SUMMERS, M. D. Virus taxonomy. Classification and nomenclature of viruses. Sixth report of the International Committee on taxonomy of Viruses. Archives of Virology, supplement 10, 1995.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0009			NOME DO COMPONENTE GENÉTICA			SEMESTRE: 3°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OB	BAR1008
EMENTA						
<p>Importância da Genética na agropecuária. Identificação do material genético. Genética Molecular. Bases citológicas da herança e gametogênese. Regulação da expressão gênica. Mendelismo. Interações alélicas e não alélicas. Alelismo múltiplo. Ligação, permuta, mapa genético e pleiotropia. Efeitos do ambiente na expressão gênica. Genética quantitativa. Genética de populações. Evolução. Probabilidade e testes de proporções genéticas.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica GRIFFITHS, A. J. F. et al. Introdução à Genética. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. 710p. KREUZER, H.; MASSEY, A. Engenharia genética e biotecnologia. 2. ed. Artmed, 2002. OTTO, P. G. Genética Básica para Veterinária. 5. ed. São Paulo: Roca, 2012. 336p. RAMALHO, M. A. P. et al. Genética na Agropecuária. 5. ed. Lavras: UFLA, 2012. 566p. SNUSTAD, D. P.; SIMMONS, M. J. Fundamentos de genética. 62a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. 760p. VIANA, J. M. S.; CRUZ, C. D.; BARROS, E. G. Genética: Fundamentos. 2. ed. Viçosa: UFV, 2003. 330p. ZAHA, A.; FERREIRA, H. B.; PASSAGLIA, L. M. P. Biologia Molecular Básica. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 403p.</p> <p>Bibliografia Complementar CRUZ, C. D. Princípios de genética quantitativa. Viçosa: UFV, 2005. 395p. CRUZ, C. D.; VIANA, J. M. S.; CARNEIRO, P. C. S.; BHERING, L. L. Genética: Fundamentos. GBOL. 2. ed. Viçosa: UFV, 2011. 326 p. v. 2. JUNQUEIRA, L. C. U.; CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 352p. NICHOLAS, F. W. Introdução à Genética Veterinária. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 346p. WATSON, J. D. et al. Biologia molecular do gene. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. 882p.</p> <p>Bibliografia Recomendada KARP, G. Biologia celular e molecular: conceitos e experimentos. 3. ed. São Paulo: Manole, 2005. RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. Biologia vegetal. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2007. 856p. ROBERTIS, E. M. F.; HIB, J. Bases da biologia celular e molecular. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1014			NOME DO COMPONENTE DEONTOLOGIA E ÉTICA PROFISSIONAL			SEMESTRE: 3º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OB	-
EMENTA						
Identificação, reconhecimento, análise e aplicação dos fundamentos filosóficos da Deontologia e ética profissional. Legislação e regulamentação que rege a profissão, estudo do código de ética e agravos à responsabilidade profissional, estudo da legislação vigente relacionada à atuação do médico veterinário (Leis, Decretos, Resoluções do CFMV, Portarias), estudo dos Projetos de Lei vinculados à medicina veterinária. Exercício ilegal da profissão. Abordagem sobre Eutanásia.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica						
ARRUDA, M. C. C.; WHITAKER, M. C.; RAMOS, J. M. R. Fundamentos de ética empresarial e econômica . 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.						
FRANÇA, G. V. Fundamentos de Medicina Legal . 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 330p.						
FRANÇA, G. V. Medicina Legal , 9ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 417p.						
MARTINS, C. L. Medicina Legal . 5ª Ed. Rio de Janeiro: Campus - Elsevier, 2012. 288p.						
SA, A. L. Ética profissional . 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009.						
MOREIRA FILHO, G. Criminologia e Vitimologia Aplicada . 2ª Ed. São Paulo: Jurídica Brasileira, 2006. 223pp.						
SAWAYA, M. C. T.; ROLIM, M. R. S. Manual Prático de Medicina Legal no Laboratório . 1ª Ed. Curitiba: Juruá, 2008. 148pp.						
Bibliografia Complementar						
COOPER, J. E.; COOPER, M. E. Introduction to Veterinary and Comparative Forensic Medicine . Oxford: Blackwell, 2007. 415pp.						
PAARMANN, K. Medicina Veterinária Legal . 2ª Ed. São Paulo: Autor, 2006. 178p.						
PORTAL CFMV/CRMVs. Conselho Federal de Medicina Veterinária. Legislação . Disponível em: < http://www.cfmv.org.br >.						
COOPER, J. E.; COOPER, M. E. Wildlife Forensic Investigation: Principles and Practice . 1st Ed. Florida: CRC, 2013. 742p.						
SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; PALERMO-NETO, J. Toxicologia Aplicada a Medicina Veterinária . 1ª Ed. Barueri, SP: Manole, 2008. 942p.						
Bibliografia Recomendada						
MERCK, M. Veterinary Forensics: Animal Cruelty Investigations . 2nd Ed. Oxford: Blackwell, 2012. 424 pp.						
GFELLER, R. W.; MESSONNIER, S. P. Manual de Toxicologia e Envenenamentos em Pequenos Animais . 2ª Ed. São Paulo: Roca, 2006. 392p.						
RUN, M. Ética e educação ambiental: a conexão necessária . 14. ed. Campinas: Papirus, 2011.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1015		NOME DO COMPONENTE PARASITOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 3º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	15	OB	-
EMENTA						
Interações entre parasito e hospedeiro com o meio ambiente. Identificação das principais categorias taxonômicas de parasitos. Regras internacionais de nomenclatura zoológica. Caracterização morfológica dos principais grupos de parasitos. Classificação sistemática, morfologia, aspectos biológicos da nutrição, hospedeiros, localização e ciclo evolutivo dos principais parasitos dos animais domésticos de protozoários e artrópodes, bem como das principais classes de helmintos - Nematoda, Cestoda e Trematoda. Técnicas de exames coproparasitológicos.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica: AMATO NETO, V. Parasitologia: uma abordagem clínica . Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. xix, 434 p. FORTES, E. Parasitologia veterinária . 4. ed. São Paulo: Ícone, 2004. MARCONDES, C. B. Entomologia Médica e Veterinária . 2ª ed. Atheneu, 2011. MONTEIRO, S. G. Parasitologia na Medicina Veterinária . 2ª ed. Roca, 2017. NEVES, D. P. Parasitologia Humana , 12ª ed. Atheneu, 2011. TAYLOR, M. A; COOP, R. L; WALL, R. L. Parasitologia veterinária . 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, 742p.						
Bibliografia Complementar: REY, L. Bases da Parasitologia Médica . 4ª ed. Guanabara Koogan, 2008 URQUHART, S. Parasitologia Veterinária . 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2010. 768p. BOWMAN, D. D. G. Parasitologia Veterinária . 3ª ed. São Paulo: Elsevier, 2010. 448 p. FOREYT, W. J. Parasitologia Veterinária: manual de referência . 5ª ed. São Paulo: Roca, 2005, 240p. UENO, H.; GONÇALVES, P. C. Manual de Diagnósticos dos Helmintos de Ruminantes . 4ª ed., Tokyo, JICA, 143 p. 1998.						
Bibliografia Recomendada: KOHEK, I. Guia de controle de parasitas internos em animais domésticos . São Paulo, Nobel. LEMONS, R. A. A.; BARROS, N.; BRUM, K. B. Enfermidades de interesse econômico em bovinos de corte . Campo Grande: UFMS, 2002. SLOSS, M. W.; ZAJAC, A. M.; KEMP, R. L. Parasitologia Clínica Veterinária . 6ª ed. Rio de Janeiro: Manole, 1999.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: 3°
BAR 0005		ADMINISTRAÇÃO RURAL				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OB	BAR0006
EMENTA						
A ciência administrativa e a administração rural. Planejamento e estratégia administrativa. Elementos de contabilidade rural. A empresa rural. Administração financeira. Contabilidade rural. O patrimônio da empresa. Capitais e custos de produção. Conceitos financeiros básicos. Elaboração e Avaliação de Projetos Agropecuários. Avaliação econômica da empresa rural. Comércio interno. Comércio externo. História do cooperativismo. Cooperativismo no Brasil. Sistemas de cooperativismo. Noções de <i>Marketing</i> .						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica: BATALHA, M. O. Gestão agroindustrial . 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 440p. Vol 2. BIALOSKORKI, NETO, S. Economia e gestão de organizações cooperativas . 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012, 231 p. CREPALDI, S. A. Contabilidade Rural: uma abordagem decisorial . 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012. 432p. SANTOS, G. J.; MARION, J. C.; SEGATTI, S. Administração de custos na agropecuária . 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009, 168p. SILVA, R. A. G. Administração Rural: teoria e prática . 2 ed. Curitiba: Juruá, 2009, 230p.						
Bibliografia Complementar: ANTUNES, L. M.; ENGEL, A. Manual de administração rural: custo de produção. 3.ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 196p. BUARQUE, C.R. C. Avaliação econômica de projetos . Rio de Janeiro: Campus, 1984. 266 p. CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração . 9. ed. São Paulo: Manole, 2014. 651 p. HOFFMAN, R. Administração da Empresa Agrícola . São Paulo: Pioneira, 1983. VALE, S. M. L. R. Manual de escrituração da empresa agrícola . Viçosa: UFV, 2011.						
Bibliografia Recomendada: KEELLING, R.; BRANCO, R. H. F. Gestão de projetos: uma abordagem global . 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2014. 286p. MAXIMIANO, A. C. A. Administração de Projetos: como transformar ideias em projetos . 5. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 424 p. VALLE, A. B. et al. Fundamentos do gerenciamento de projetos . 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2014. 180 p.						



4º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: 4º
BAR 1016		EPIDEMIOLOGIA				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OB	BAR1008
EMENTA						
Histórico e introdução a epidemiologia básica. Conceituação básica da epidemiologia de doenças. Interação dos fatores relativos ao hospedeiro, parasito e ambiente, que contribuem para a ocorrência de doenças em populações. Principais desenhos epidemiológicos; Indicadores e sistemas de informação em saúde; Epidemiologia descritiva e quantitativa; Métodos para a avaliação quantitativa de doenças e meios para prevenção, erradicação e controle das mesmas. Exercícios sobre inquéritos epidemiológicos. Vigilância Epidemiológica.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica: BLAHA, T. Epidemiologia Especial Veterinária . Editorial Acribia, SA.1995. FRANCO, L. J.; PASSOS, A. D. C. (Org.). Fundamentos de epidemiologia . São Paulo: Manole, 2005. 380 p. JEKEL, J. F.; KATZ, D. L.; ELMORE, J. G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva . Porto Alegre: Artmed, 2006. PEREIRA, M. G. Epidemiologia: teoria e prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. ROUQUAYROL, Z.; ALMEIDA FILHO, N. Introdução à epidemiologia . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan/Medsi, 2006. 282 p. THRUSFIELD, M. Epidemiologia Veterinária . 2. ed. Editora Roca, 2004. 556 p.						
Bibliografia Complementar: COSTA, N. R. Lutas urbanas e controle sanitário: origens das políticas de saúde no Brasil . Petrópolis: Vozes/ABRASCO, 1985. LAURENTI, R.; MELLO, J. M. H. P.; LEBRÃO, M. L.; GOTLIEB, S. L. D. Estatísticas de saúde . São Paulo: EPU, 1987. FLETCHER, R. H., FLETCHER, S. W. Epidemiologia Clínica – Elementos Essenciais . 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. ROTHMAN, K. Epidemiologia Moderna . 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.						
Bibliografia Recomendada: MELLO, J. M. H. P.; GOTLIEB, S. L. D. As condições de saúde no Brasil . Retrospecto de 1979 a 1995. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000. MONTEIRO, C. A. (Org.). Velhos e novos males da saúde no Brasil . A evolução do país e suas doenças. São Paulo: HUCITEC/NUPENS-USP, 2000. OFFICE INTERNACIONAL DES ÉPIZOOTIES - OIE. Código zoonitário internacional . Disponível em: < http://www.OIE.int/eng/normes/manual/A-000550.htm >.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0008			NOME DO COMPONENTE FORRAGICULTURA E PASTAGENS			SEMESTRE: 4°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	-
EMENTA						
<p>Introdução à Forragicultura. Plantas C3, C4 e CAM e as especificidades das forrageiras. Interação clima-solo-planta-animal. Características gerais da família das gramíneas. Características gerais da família das leguminosas. Valor nutritivo e manejo de pastagens. Manejo ecológico de pastagens. Sistemas de formação de pastagens: Barreirão, Santa Fé, Rotação cultura anual/pasto. Sistemas de pastejo. Pastoreio Racional Voisin. Processo de Ensilagem. Processo de Fenação. Reconhecimento das principais espécies de gramíneas e leguminosas (Campo Agrostológico). Produção de sementes de espécies forrageiras.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BENEDETTI, E. Leguminosas na Produção de Ruminantes nos Trópicos. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2005. 228 p. FONSECA, D. M.; MARTUSCELLO, J. A. Plantas forrageiras. Viçosa: UFV, 2010. 537 p. MACHADO, L. C. P. Pastoreio racional Voisin: tecnologia agroecológica para o terceiro milênio. 2. ed. Cinco Continentes, 2010. 376 p. PIRES, W. Manual de pastagem: Formação, manejo e recuperação. 1. ed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2006. 302 p. REIS, R. A.; BERNARDES, T. F.; SIQUEIRA, G. R. Forragicultura: Ciência, tecnologia e gestão dos recursos forrageiros. 1. ed. Jaboticabal: Funep, 2014. 714 p. SANTOS, M. E. R.; FONSECA, D. M. Adubação de Pastagens em Sistemas de Produção Animal. Viçosa: UFV, 2016. 311 p. VILELA, H. Pastagem: seleção de plantas forrageiras, implantação e adubação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005. 283 p.</p> <p>Bibliografia Complementar LOPES, E. B. Palma forrageira: cultivo, uso atual e perspectivas de utilização no semiárido nordestino. 1. ed. João Pessoa: EMEPA/FAEPA, 2007. 130 p. PEDREIRA, A. G. S. et al. Teoria e Prática da Produção Animal em Pastagens. Piracicaba: FEALQ, 2005. 403 p. SILVA, J. C. P. M.; VELOSO, C. M.; VITOR, A. C. P. Integração lavoura-pecuária na formação e recuperação de pastagens. 1. ed. Viçosa: Aprenda fácil, 2010. 125 p. SILVA, S. Plantas tóxicas: inimigo indigesto. 1. ed. Viçosa: Aprenda fácil, 2010. 179 p. SILVA, S. C.; NASCIMENTO JÚNIOR, D.; EUCLIDES, V. B. P. Pastagens: conceitos básicos, produção e manejo. 1. ed. Viçosa: Suprema Gráfica e Editora Ltda, 2008. 115 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada ALCÂNTARA, P. B.; BUFARAH, G. Plantas forrageiras: gramíneas e leguminosas. 5. ed. São Paulo: Nobel, 1998. BENEDETTI, E. Bases Práticas para produção de leite a Pasto. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2008. 210 p. HEINRICH, R.; SOARES FILHO, C. V. Adubação e manejo de pastagens. 1. ed. Birigui: Boreal, 2014. 180 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1017			NOME DO COMPONENTE FARMACOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 4°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR1011
EMENTA						
Estudo farmacocinético e farmacodinâmico dos fármacos e das suas interações medicamentosas nos animais domésticos. Farmacologia especial: do sistema nervoso; dos aparelhos cardiovascular; respiratório; endócrino; renal; e digestório. Antibióticos e Quimioterápicos. Anti-inflamatórios não esteroidais e esteroidais. Autacóides.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica						
ADAMS, H. R.. Farmacologia e terapêutica em veterinária . 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. 1034 p.						
KATZUNG, B. G; MASTERS, S. B; TREVOR, A. Farmacologia básica e clínica . 12. ed. Rio de Janeiro: AMGH, 2014,1228 p.						
OLIVEIRA, J. E. Z. et al. Plantas medicinais: guia terapêutico . Viçosa: UFV, 2012. 94 p.						
SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à medicina veterinária . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. xxi, 824 p.						
WEBSTER, C. R. L. Farmacologia clínica em medicina veterinária . São Paulo: Roca, 2005, 155 p.						
Bibliografia Complementar						
BRASILEIRO FILHO, G. Bogliolo: Patologia . 7ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.						
COTRAN, R. S.; KUMAR, V.; ROBBINS, S. L. Patologia Estrutural e Funcional . 7ª ed. Philadelphia: Saunders, 2005.						
CUNNINGHAM, J. G. Tratado de Fisiologia Veterinária . 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.						
GUYTON; HALL. Tratado de Fisiologia Médica , 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.						
LEHNINGER, A. L., NELSON, M. D. L., COX, M. M. Princípios de Bioquímica , 5ª edição. Rio de Janeiro: Sarvier, 2011.						
Bibliografia Recomendada						
COOPER, G. M., HAUSMAN, R. E. A Célula: Uma Abordagem Molecular , 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.						
HARDMAN, J. L. G.; LIMBIRD, L. E.; GILMAN, A. G. As bases farmacológicas da terapêutica . 10. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2003.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1018			NOME DO COMPONENTE FISIOLOGIA VETERINÁRIA II			SEMESTRE: 4°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	45	15	45	23	OB	BAR1012
EMENTA						
Fisiologia comparada das principais espécies domésticas: Estudo fisiológico do sistema endócrino, sistema excretor, sistema reprodutor, glândula mamária e aparelho digestório.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica BERNE, M.; LEVY, M. N. Fisiologia . 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 1100 p. COLVILLE, T.; BASSERT, J. M. Anatomia e Fisiologia Clínica para Medicina Veterinária . Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. KLEIN, B. G. Cunningham Tratado de Fisiologia Veterinária . 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2015. 607p. REECE, W. O. Dukes: fisiologia dos animais domésticos . 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. 725p. WILKE, W. L.; FAILS, A. D.; FRANDSON, R. D. Anatomia e Fisiologia dos Animais de Fazenda . 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 472 p.						
Bibliografia Complementar CONSTANZO, L. S. Fisiologia . 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 406 p. GUYTON, A. C.; HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica . 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 1264 p. RANDALL, D.; BURGGREN, W.; FRENCH, K. Eckert - Fisiologia Animal . 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2011.						
Bibliografia Recomendada MOYES, C. D.; SCHULTE, P. M. Princípios de Fisiologia Animal . 2. ed. Porto Alegre: Editora ARTMED, 2010. 792 p. REECE, W. O. Anatomia Funcional e Fisiologia dos Animais Domésticos . 3 ed. São Paulo: Editora Roca, 2008. 468p. DOUGLAS, C. R. Tratado de Fisiologia Aplicado à Saúde . 5. ed. São Paulo: Editora Robe Editorial, 2002. 1582p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1019			NOME DO COMPONENTE IMUNOLOGIA			SEMESTRE: 4º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR1004
EMENTA						
<p>Propriedades gerais das respostas imunes. Aspectos morfológicos e funcionais das células e órgãos do sistema linfóide; mecanismos de imunidade inata e imunidade específica; Processamento e apresentação de antígenos. Ativação e regulação das respostas imunes, celular e humoral. Interações celulares e produção de anticorpos, interações antígeno-anticorpo; Sistema de Complemento; Resposta a bactérias, Resposta a vírus; Resposta a parasitas; Resposta a fungos; Resposta a tumores; Reações de hipersensibilidade; Tolerância imunológica; Imunidade neonatos; Aspectos gerais sobre métodos imunodiagnósticos, imunoterapia e imunoprofilaxia; Vacinas.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H.; PILLAI, S. Imunologia básica: Funções e distúrbios do sistema imunológico. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013 ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H.; POBER, J. S.: Imunologia Celular e Molecular, 7ª ed. Philadelphia, W. B. Saunders Company, 2012. MALE, D.; BROSTOFF, J.; BROTH, D.; ROITT, I. Imunologia. 8ª ed. Elsevier, 2014. MURPHY, K. Imunobiologia de Janeway. 8ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 868 p. ROITT, I. M. et al. Fundamentos de imunologia. 12ª ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2013. TIZARD, I. R. Imunologia Veterinária. 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.</p> <p>Bibliografia Complementar VAZ, A. J.; TAKEI, K.; BUENO, E. C. Imunoensaios: Fundamentos e aplicações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. COICO, R.; SUNSHINE, G. Imunologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. ERNEST, J.; WARREN, L. Microbiologia Médica e Imunologia, 12ª ed. Artmed. 2014. ACTOR, J. K. Imunologia e Microbiologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. KINDT; GOLDSBY; OSBORNE. Imunologia de Kuby. 6ª ed. Bookman, 2008.</p> <p>Bibliografia Recomendada DOAN, T.; MELVOLD. R.; VISSELI. S.; WALTENBUGH. C. Imunologia Ilustrada. Porto Alegre: Artmed, 2008. PAUL, W. E. Fundamental Immunology. 7ª ed. Philadelphia: Wolters Kluwer Health/Lippincott Williams & Wilkins, 2013. QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; CARTER, M. E.; DONNELLY, W. J. & LEONARD, F. C. Microbiologia Veterinária e Doenças Infecciosas. São Paulo: Artmed. 2005.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1020			NOME DO COMPONENTE MELHORAMENTO ANIMAL			SEMESTRE: 4º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	-	45	45	-	OB	BAR0009
EMENTA						
Importância do melhoramento animal e seus objetivos. Conservação de recursos genéticos. Genética de populações. Genética quantitativa. Interação genótipos x ambientes. Seleção e ganho genético. Consanguinidade e cruzamentos. Métodos de seleção. Avaliação genética de animais. Biotecnologia no melhoramento animal. Melhoramento de espécies de interesse zootécnico.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica CRUZ, C. D. Princípios de genética quantitativa . Viçosa: UFV, 2005. 395p. KINGHORN, B.; VAN DER WERF, J.; RYAN, M. Melhoramento animal: uso de novas tecnologias . Piracicaba: FEALQ, 2006. 367p. LOPES, P. S. Teoria do Melhoramento Animal . 1. ed. Belo Horizonte: FEPMVZ, 2005. 118p. LUCIARI FILHO, A.; MOURÃO, G. B. Melhoramento, raças e seus cruzamentos na pecuária de corte brasileira . Pirassununga: Albino Luchiari Filho, 2006. 142p. NICHOLAS, F. W. Introdução à Genética Veterinária . 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 346p. PEREIRA, J. C. C. Melhoramento Genético Aplicado à Produção Animal . 5. ed. Belo Horizonte: FEPMVZ, 2008. 618p. QUEIROZ, S. A. Introdução ao Melhoramento Genético de Bovinos de Corte . Guaíba: Agrolivros, 2012. 152p.						
Bibliografia Complementar GIANNONI, M. A.; GIANNONI, M. L. Genética e melhoramento de rebanhos nos trópicos . 2. ed. rev. São Paulo: Nobel, 1987. 463 p. LOPES, P. S.; FREITAS, R. T. F.; FERREIRA, A. S. Melhoramento de Suínos . Viçosa: UFV, 1994. 39p. RESENDE, A. S. C.; COSTA, M. D. Pelagem de Equinos: Nomenclatura e Genética . 3. ed. Belo Horizonte: FEPMVZ, 2012. p.112. RESENDE, M. D. V.; ROSA-PEREZ, J. R. H. Genética e Melhoramento de Ovídeo . Curitiba: UFPR, 2002. 184p. SILVA, J. C. P. M.; VELOSO, C. M. Melhoramento Genético do Gado Leiteiro . Viçosa: Aprenda Fácil, 2011. 112p.						
Bibliografia Recomendada LAZZARINI NETO, S. Reprodução e Melhoramento Genético . 2ª Ed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000. OTTO, P. G. Genética Básica para Veterinária . 5. ed. São Paulo: Roca, 2012. 336p. RAMALHO, M. A. P. et al. Genética na Agropecuária . 5. ed. Lavras: UFLA, 2012. 566p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0007			NOME DO COMPONENTE EXTENSÃO RURAL			SEMESTRE: 4°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	-	45	45	-	OB	-
EMENTA						
<p>Caracterização do meio rural e da Extensão rural no Brasil: história e bases teóricas sob uma visão crítica; Globalização e reorganização do espaço agrário; Êxodo rural e Reforma agrária; Revolução verde e modernização da agropecuária; Associativismo/cooperativismo e as novas ruralidades; Extensão rural e sistemas locais de conhecimento e inovação: prática dialógica, comunicação e metodologia; Modelos pedagógicos, métodos e técnicas sociais em extensão rural; Planejamento da ação extensionista; Estado, centralização e descentralização: extensão e pesquisa agropecuária; Elaboração de projetos do desenvolvimento local sustentável em contextos populares. Política Nacional de Assistência técnica e Extensão Rural; Assistência Técnica Pública e Privada, novas instâncias participativas, desafios e perspectivas; Modelos de Comunicação e Efeitos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica: BROSE, M. (org.) Metodologia Participativa: Uma introdução a 29 instrumentos. 2° ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. BUARQUE, S. C. Construindo o desenvolvimento local sustentável: Metodologias de planejamento. vol.1, Rio de Janeiro: Garamond, 2002. FREIRE, P. Extensão ou comunicação? vol.1, 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. MILAGRES, C. S. F; SOUZA. Cooperativismo, extensão rural e processos participativos. Tocantins: UFT, 2016. SCHMITZ, H. Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa. Annablume, 2010, 348 p.</p> <p>Bibliografia Complementar: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 2ªed. Porto Alegre: UFRGS, 1998. FOLADORI, G. Limites do desenvolvimento sustentável. Campinas: UNICAMP, 2001. FONSECA, M.T.S. da. A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital. São Paulo, Loyola, 1985. SILVA, J.G.; STOLCKE, V. A questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1981. VEIGA, J.E. O que é reforma agrária. São Paulo: Brasiliense, 1881.</p> <p>Bibliografia Recomendada: BROSE, M. Participação na extensão rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004.</p>						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- CALLOU, A. B. F. (org.). **Comunicação rural e o novo espaço agrário**. São Paulo: Intercom, 1999.
- CALLOU, A. B. F.; LIMA, J. R. T.; SILVA, J. S.; FIGUEIREDO, M. A. B.; PIRES, M. L. L. S.; SANTOS, M. S. T. **Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável**. 2º ed. Recife: Bagaço. 2005. 146p.
- DIAS, J. C. L. **Metodologia e dinâmica dos métodos usados no trabalho de assistência técnica e extensão rural**. 2a ed. Belo Horizonte, EMATER/MG, 1987.
- FRIEDRICH, O. A. **Comunicação rural: proposta crítica de uma nova concepção**. 2a ed. Brasília, Embrater, 1988.
- MARTINE, G.; GARCIA, R. C. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.
- RAMOS, L.; TAVARES, J. (Org.). **Assistência técnica e Extensão Rural: construindo o conhecimento agroecológico**. Manaus: Ed. Bagaço, 2006.
- RIBEIRO, J. P. **Objetivos, princípios e conceitos de extensão rural**. Brasília, Embrater, 1984. (Série de leituras selecionadas).
- SILVEIRA, M. A.; CANUTO, J. C. **Estudos de comunicação rural**. São Paulo: Intercom, 1988.
- TAVARES, J.; RAMOS, L. **Assistência Técnica e Extensão Rural: Construindo o conhecimento agroecológico**. Manaus: Bagaço. 128p. 2006.
- VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006, p. 65.



5º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO			NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 5º
BAR 1021			ANESTESIOLOGIA VETERINÁRIA			
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	15	OB	BAR1017 e BAR 1018
EMENTA						
<p>Conceitos e classificação dos tranquilizantes, sedativos, hipnoanalgésicos, miorelaxantes, anestésicos locais, dissociativos e gerais. Anestesia local. Anestesia dissociativa. Planos anestésicos. Anestesia geral injetável. Anestesia geral inalatória. Contenção química. Recuperação anestésica. Utilização de fármacos vasoativos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ADAMS, H. R. (Ed.). Farmacologia e Terapêutica em Veterinária. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2003. 1048 p. FANTONI, D. T.; CORTOPASSI, S. Anestesia em Cães e Gatos. 2. ed. São Paulo: Roca, 2009. 622 p. GRIM, K. A. et al. Lumb & Jones - Anestesiologia e Analgesia Veterinária. 5.ed. São Paulo: ROCA, 2017. 1056 p. MASSONE, F. Anestesiologia veterinária: farmacologia e técnicas – texto e atlas. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 428 p. SPINOSA, H. S. Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2011. 918 p.</p> <p>Bibliografia Complementar DOBERTY, T.; VALVERDE, A. Manual de Anestesia e Analgesia em Equinos. 1. ed. São Paulo: Roca, 2008. 352 p. GREENE, S. A. Segredos em Anestesia Veterinária e Manejo da Dor. 1. ed. São Paulo: ARTMED, 2004. 448 p. NATALINI, C. C. Teoria e Técnicas em Anestesiologia Veterinária. Porto Alegre: Artimed, 2007. 296 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada CARROLL, G. L. Small Animal Anesthesia & Analgesia. Editora John Wiley. 2008. 283 p. PADDLEFORD, R. R. Manual de Anestesia em Pequenos Animais. São Paulo: Roca, 2001. 436 p. WEBSTER, C. R. L. Farmacologia Clínica em Medicina Veterinária. 1. ed. São Paulo: Editora Roca, 2005. 168 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1022		NOME DO COMPONENTE BIOCLIMATOLOGIA E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL				SEMESTRE: 5°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	-	45	45	-	OB	BAR1018
EMENTA						
Introdução ao estudo da bioclimatologia animal: interação ambiente-animal. Conforto térmico. Termorregulação: Mecanismos de regulação térmica dos animais domésticos. Proteção e conforto ambiental: Combinações dos elementos climáticos, macro e microclimas. Efeito do estresse térmico e termorregulação específica dos animais: Efeitos do ambiente sobre o animal (crescimento, fertilidade, nutrição e produtividade dos animais domésticos). Adaptação e evolução dos animais. Atuação do homem no bem-estar dos animais: Ambiência, construções rurais e produção animal (uso de recursos técnicos para amenizar os efeitos negativos do clima sobre a produção animal).						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica BAETA, F. C.; SOUZA, C. F. Ambiência em edificações rurais . 2. ed. Viçosa: UFV, 2010, 269 p. BARRY, R. G; CHORLEY, R. J. Atmosfera, Tempo e Clima . 9. ed. Porto Alegre: , 2012. 528p. MULLER, P. B. Bioclimatologia aplicada aos animais domésticos . 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1989, 262 p. PEREIRA, J. C. C. Fundamentos de bioclimatologia aplicados à produção animal . Belo Horizonte: FEPMVZ, 2005. 195 p. SILVA, R. G. Introdução à bioclimatologia animal . São Paulo: Nobel, 2000, 286 p.						
Bibliografia Complementar ARNOLD, G. W.; DUDZINSKI, M. L. Ethology of free - ranging domestic animals . Amsterdam: Elsevier, 1978. 189 p. CUNNINGHAM J. G. Tratado de Fisiologia Veterinária . 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 624 p. FERREIRA, R. A. Maior produção com maior ambiente para aves, suínos e bovinos . Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 528 p. FRASER, A. F.; BROOM, D. M. Farm animal behavior and welfare . 3 ed. London: Bailliere Tindall, 1997. 437 p. HAFEZ, E. S. E. The Behaviour of Domestic Animals . 3. ed. London: Bailliere, Tindall of Cassell, 1979. 532 p.						
Bibliografia Recomendada HOLMES, C. W.; WILLSON, G. F. A milk production from pasture , Campinas: Instituto Campineiro. 1990. 718 p. PHILLIPS, C.; PIGGINS, D. Farm Animals and the Environment . Ed. Cambridge-UK, 1992, 430 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1023			NOME DO COMPONENTE PATOLOGIA CLÍNICA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 5°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR1018 e BAR1019
EMENTA						
Coleta e remessa de material biológico para exames laboratoriais; análise, interpretação e avaliação de resultados: hematologia, análise bioquímica, urinálise, citologia, exame de líquido, líquidos cavitários (exsudatos e transudatos) e líquido ruminal, para definição de diagnósticos laboratoriais de afecções que acometem os animais.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica FELDMAN, B. F.; SINK, C. A. Urinálise e Hematologia Laboratorial para o Clínico de Pequenos Animais. 1ed. São Paulo: Roca, 2006. GARCIA-NAVARRO, C. E. K. Manual de hematologia veterinária. 2ed. São Paulo: Livraria Varela, 2005. 206 p. GARCIA-NAVARRO, C. E. K. Manual de urinálise veterinária. 2ed. São Paulo: Livraria Varela, 2005. 95 p. KERR, M. G. Exames laboratoriais em medicina veterinária: bioquímica clínica e hematologia. 2ed. São Paulo: Roca, 2003. 436 p. RASKIN, R. E.; MEYER, D. J. Citologia Clínica de cães e gatos: atlas colorido e guia de interpretação. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. STOCKHAM, S. L., SCOTT, M. A. Fundamentos de Patologia Clínica Veterinária. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. THRALL, G. et al. Hematologia e Bioquímica Clínica Veterinária. 2ed. Rio de Janeiro: Roca, Guanabara Koogan, 678p. 2015.</p> <p>Bibliografia Complementar ARCHER, R. K.; JEFFCOTT, L. B.; LEHMAN, H. Comparative Clinical Hematology. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1977. FERREIRA NETO, J. M. et al. Patologia clínica veterinária. 2ed. Belo Horizonte: Copiadora e editora Rabelo Brasil. 1979. 293p. JAIN, N. C. Essentials of veterinary hematology. Philadelphia: Lea & Febiger, 1993. 417p. KANEKO, J. J.; HARVEY, J. W.; BRUSS, M. L. Clinical biochemistry of domestic animals. 6. ed. London: Elsevier, 2008. MEYER, D. J.; COLES, E. H.; RICH, L. Medicina de laboratório veterinária e interpretação e diagnóstico. São Paulo: Roca, 1995. 308p.</p> <p>Bibliografia Recomendada JAIN, N. C. Schalm's Veterinary Hematology. Philadelphia: Lea & Febiger, 1986. 1221p. MATOS, M. S.; MATOS, P. F. Laboratório clínico médico veterinário. 2ed. São Paulo: Atheneu, 1988. 238p. MEYER, D. J.; COLES, E. H.; RICH, L. Medicina de laboratório veterinária e interpretação e diagnóstico. São Paulo: Roca, 1995. 308p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1024			NOME DO COMPONENTE SEMIOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 5°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	15	OB	BAR1018
EMENTA						
Introdução ao estudo de semiologia; Conceitos semiológicos básicos; Procedimentos de exploração semiológica que possibilitem o reconhecimento dos sinais clínicos; Métodos de abordagem e contenção dos animais domésticos para realização do exame clínico; Plano de exame clínico dos animais domésticos; Anamnese e estado geral; Exploração semiológica das funções vitais e suas alterações dos, sistemas auditivo, óptico, linfático, pele e anexo, mucosas visíveis, nervoso, locomotor, respiratório, cardiovascular, digestório, fígado e vias biliares, urinário e reprodutor.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
FEITOSA, F. L. F. Semiologia veterinária: a arte do diagnóstico: cães, gatos, equinos, ruminantes e silvestres. 3° ed. São Paulo: Roca, 2014, 640 p.						
JERICÓ, M. M. Tratado de medicina interna de cães e gatos. 1ed. São Paulo: Roca, 2015, 2464 p.						
NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais. 4° ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, 1504 p.						
PUGH, D. G. (Ed.). Clínica de Ovinos e Caprinos. São Paulo: Roca, 2004. 528 p.						
RADOSTITS, O. M.; MAYHEW, I. G. J.; HOUSTON, D. M. Exame clínico e diagnóstico em Veterinária. Ed. Guanabara Koogan, 2002, 591 p.						
Bibliografia Complementar						
FORD, R. B.; BISTNER, S. I. Manual de Procedimentos veterinários e tratamento emergencial. 7° ed. Roca, 2001. 950 p.						
ROCKETT, J. Procedimentos Clínicos Veterinários na Prática de Grandes Animais. 1° ed. Cengage Learning, 2012.						
ROSENBERGER, G. Exame clínico dos bovinos. 3° ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. 419 p.						
SPEIRS, V. C. Exame clínico de equinos. Porto Alegre: ARTES MEDICAS, 1999. 366p.						
STASHAK, T. S. Claudicação em Equinos Segundo Adams. 5° ed. São Paulo: Roca, 2006.						
TAYLOR, S. M. Semiotécnica de pequenos. 1° ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.						
Bibliografia Recomendada						
LORENZ, M. D. Diagnóstico Médico em Pequenos Animais. 3° ed. Roca, 2012.						
NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina Interna de Pequenos Animais. 4° ed. Elsevier, 2010.						
SMITH, B. P. Medicina Interna de Grandes Animais. São Paulo: Manole, 2006. 1785p.						
FOWLER, E. M. Restrain and handling of wild and domestic animals. Iowa State: Blackwell Publishing Company, 1995.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1025			NOME DO COMPONENTE TOXICOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 5°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR1017
EMENTA						
Aspectos conceituais em toxicologia; Principais Compostos Orgânicos e inorgânico tóxicos de interesse veterinário. Plantas Tóxicas de interesse regional. Acidentes por Animais Peçonhentos. Etiopatogenia das micotoxicoses.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica GFELLER, R. W.; MESSONNIER, S. P. Manual de toxicologia e envenenamento em pequenos animais. 2. ed. São Paulo: Roca, 2006. 376 p. NOGUEIRA. Manual de Toxicologia Veterinária. São Paulo: Roca, 2011. OSWEILER, G. D. Toxicologia Veterinária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 526p PIRES, R. C. Toxicologia veterinária: guia prático para o clínico de pequenos animais. Campinas: Edições HP, 2005. SPINOSA, H. de S.; GÓRNIAC, S. L.; PALERMO-NETO, J. Toxicologia aplicada à medicina Veterinária. São Paulo: Manole, 2008.</p> <p>Bibliografia Complementar ANDRADE FILHO, A.; CAMPOLINA, D.; DIAS, M. B. Toxicologia clínica. Belo Horizonte: Folium, 2001. CARDOSO, J. L. C.; FRANÇA, F. O. S.; WEN, F. H.; MÁLAQUE, C. M. S.; HADDAD JUNIOR, V. Animais peçonhentos no Brasil: biologia, clínica e terapêutica dos acidentes. São Paulo: Sarvier, 2003. 468 p. PEREIRA, C. A. Plantas tóxicas e intoxicações na veterinária. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.475p. SCHVARTSMAN, S. Plantas venenosas e animais peçonhentos. São Paulo: Sarvier, 1992. 288 p. TOKARNIA, C. H.; DÖBEREINER, J.; PEIXOTO, P. V. Plantas tóxicas do Brasil. Rio de Janeiro: Helianthus, 2000. 320 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à medicina veterinária. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 848p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1026			NOME DO COMPONENTE PATOLOGIA GERAL			SEMESTRE: 5º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR1013, BAR1015, BAR1010, BAR1018, BAR1019
EMENTA						
Introdução à Patologia Geral. Causas e mecanismos de lesão celular. Lesões celulares reversíveis e irreversíveis. Morte somática e alterações cadavéricas. Pigmentos e pigmentações patológicas. Calcificação. Distúrbios circulatórios. Inflamação e reparação tecidual. Distúrbios do desenvolvimento e do crescimento. Neoplasias. Técnica de necropsia nos animais domésticos.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica</p> <p>CHEVILLE, N. F. Introdução À Patologia Veterinária. 3. ed. São Paulo: Editora Manole, 2009. 482 p.</p> <p>FILHO, G. B. Bogliolo - Patologia. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 1524 p.</p> <p>FRANCO, M.; MONTENEGRO, M. R., BRITO, T.; BACCHI, C. E.; ALMEIDA, P. C. Patologia – Processos gerais. 6. ed. São Paulo: Atheneu, 2015. 362 p.</p> <p>JONES, T. C., HUNT R. D.; KING, N. W. Patologia Veterinária. 6. ed. São Paulo: Editora Manole, 2000. 1415 p.</p> <p>KUMAR, V.; ABBAS, A.; FAUSTO, N.; ASTER, J. Robbins - Patologia Básica. 9. ed. Saunders Elsevier, 2013. 928 p.</p> <p>MCGAVIN M. D.; ZACHARY J. F. Bases da Patologia em Veterinária. 5. ed. (tradução). Rio de Janeiro: Mosby Elsevier, 2013. 1344 p.</p> <p>MITCHELL, R. N.; KUMAR, ABBAS, V. A. K. Robbins & Cotran - Fundamentos de Patologia. 8. ed. Elsevier, 2012. 718 p.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>CARLTON, W. W.; MCGAVIN, M. D. Patologia Veterinária Especial de Thomson. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 672.</p> <p>MOURA, V. M. B. D.; MATOS, M. P. C.; THOMÉ, H. E; BRITO, L. A. B. FISCHER, P. Técnica de Necropsia e Colheita de Material para Exames Laboratoriais em Ruminantes, Equinos e Suínos. Medvet, 2015. 92 p.</p> <p>SANTOS, R. L.; ALESSI, A. C. Patologia Veterinária. São Paulo: Roca, 2016. 856 p.</p> <p>SILBERNAGL, S.; LANG, F. Fisiopatologia: texto e atlas. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.</p> <p>WERNER, P. R. Patologia Geral Veterinária Aplicada. São Paulo: Roca, 2011. 369 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada</p> <p>PIRES, M. DOS A.; TRAVASSOS, F.; GARTNER, F. Atlas de Patologia Veterinária. Lisboa: Lidel, 2004.</p> <p>VAN DIJK J. E.; GRUYS E.; MOUWEN J. M. V. M. Atlas Colorido de Patologia Veterinária. 2. ed. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2008. 200 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR0011			NOME DO COMPONENTE NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO ANIMAL			SEMESTRE: 5°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	BAR1011, BAR0008
EMENTA						
<p>Conceito e importância da bromatologia. Estudo químico e nutricional dos constituintes fundamentais dos alimentos. Métodos de amostragem. Determinação dos constituintes fundamentais dos alimentos. Alimentos dotados de toxidez intrínseca. Alimentos dotados de toxidez extrínseca. Aspectos bioquímicos, fisiológicos e de metabolismo (glicídios, lipídios, proteínas, nitrogênio não proteico, minerais, vitaminas e água). Aditivos e suplementos. Exigências nutricionais. Principais ingredientes para formulação de rações. Formulação e balanceamento de dietas para animais. Alternativas alimentares para os animais domésticos. Laboratório de Análise Bromatológica.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. Nutrição de ruminantes. 2. ed. BETERCHINI, A. G. Nutrição de monogástricos. 2. ed. Lavras: UFLA, 2012. 373 p. Jaboticabal: FUNEP, 2011. 616 p. DETMANN, E. et al. Métodos para Análise de Alimentos – INCT Ciência Animal. Viçosa: UFV, 2012. 214p. KOZLOSKI, G.V. Bioquímica dos Ruminantes. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2011. 214p. ROSTAGNO, H.S. Tabelas brasileiras para aves e suínos. 3. ed. Viçosa: UFV/DZO, 2011. 252p. SILVA, D. J.; QUEIROZ, A. C. Análise de alimentos: métodos químicos e biológicos. 3. ed. Viçosa: UFV, 2006. 235 p. VALADARES FILHO, S.C. et al. Tabelas Brasileiras de composição de alimentos para ruminantes. 1. ed. Viçosa: UFV, 2015. 473p.</p> <p>Bibliografia Complementar NATIONAL RESEARCH COUNCIL - NRC. Nutrient Requirements of Small Ruminants: Sheep, Goats, Cervids, and New World Camelids. Washington, D.C.: National Academy of Science, 2007. 384p. NATIONAL RESEARCH COUNCIL - NRC. Nutrient requirements of the dairy cattle. 7.ed. Washington, D.C.: 2001. 363p. SAKOMURA, N. K.; ROSTAGNO, H. S. Métodos de Pesquisa em Nutrição de Monogástricos. 2. ed. Jaboticabal: FUNEP, 2016. 262 p. SELAIVE, A. B.; OSÓRIO, J. C. S. Produção de Ovinos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Ed. Roca, 2014. 644p. VALADARES FILHO et al. Exigências Nutricionais de Zebuínos Puros e Cruzados. Viçosa: UFV, 2016. 327 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada ANDRIGUETTO, J. M. et al. Nutrição animal: Alimentação animal. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1985. v.2. 425 p. LANA, R. P. Nutrição e alimentação animal (Mitos e Realidades). 2.ed. Viçosa-MG: UFV, 2007. 344p. PEIXOTO, A. M.; MOURA, J. C.; FARIA, V. P. Nutrição de Bovinos: Conceitos Básicos e Aplicados. 1 ed. Piracicaba: FEALQ, 2004. 563 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1027			NOME DO COMPONENTE BIOÉTICA E BEM-ESTAR ANIMAL			SEMESTRE: 5º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OB	BAR1018
EMENTA						
<p>Noções de Bioética: conceito, histórico e princípios. Experimentação animal, neoeugenia, eutanásia. Introdução, Legislação e Indicadores de Bem-Estar Animal; Bem-Estar de animais de companhia, de produção, de laboratório, silvestres e de cativeiro. Importância do bem-estar animal na Medicina Veterinária. Interação homem-animal; O papel da profissão e do profissional; Educação humanitária (procedimentos para eutanásia e abate); Exploração comercial e de entretenimento da vida animal; A Religião e os animais. Biologia da Conservação e o Comportamento. Enriquecimento Ambiental. Uso da Etologia para o controle de animais problema. Avaliação do bem-estar animal das diferentes espécies de interesse na Medicina Veterinária. Interação homem x animal, aspectos éticos e econômicos.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BAYS, T. B.; LIGHTFOOT, T. M. Comportamento de animais exóticos de companhia: aves, répteis e mamíferos de pequeno porte. 1. ed. São Paulo: Editora Roca, 2009. 322 p. BROOM, D. M.; FRASER, A. F. Comportamento e Bem-Estar de Animais Domésticos. 4. ed. Barueri: Manole, 2010. CAMPOS PEREIRA, J. C. Fundamentos de bioclimatologia aplicados à produção animal. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005. DALL'AGNOL, D. Bioética. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2005. 58p. DEL-CLARO, K. Comportamento Animal. Uma Introdução à Ecologia Comportamental. Jundiaí: Livraria Conceito, 2004. FARACO, C.; SOARES. Fundamentos do comportamento canino e felino. MedVet. 1. ed., 2013. YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO, G. L. Comportamento animal. 1. ed. Natal-RN: UFRN, 2007. v. 1. 295 p.</p> <p>Bibliografia Complementar DEL-CLARO, K. F. As distintas faces do comportamento animal. São Paulo: Livraria conceito, 2003. LORENZ, K. Fundamentos da Etologia. São Paulo: Editora UNESP, 1995. PINHEIRO MACHADO, F. L. C. Fundamentos da etologia. In: REUNIÃO ANUAL DA SBZ, XXII 1985. Anais. Balneário Camboriú, 1985.</p> <p>Bibliografia Recomendada DIAS, E. C. A tutela jurídica dos animais. Belo Horizonte: Editora Mandamentos, 2000. MILLS, D. S.; NANKERVIS, K. J. Comportamento equino: princípios e prática. 1. ed. São Paulo: Editora Roca, 2005. 224 p. DINIZ, D.; GUILHEM, D. O que é bioética. Coleção primeiros passos. São Paulo. Brasiliense. 2002. 71p.</p>						



6° Semestre

CÓDIGO BAR 1028			NOME DO COMPONENTE AVICULTURA		SEMESTRE: 6°	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	15	45	45	23	OB	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027
EMENTA						
Importância econômica e social da avicultura. Situação e perspectiva da avicultura brasileira. Evolução e classificação das aves, raças e marcas comerciais. Anatomia e fisiologia das aves. Alimentação e nutrição das aves de produção. Planejamento e instalação de aviários. Produção e manejo geral na criação de frangos de corte, poedeiras e matrizes. Manejo geral no incubatório.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica ALBINO, L. F. T.; TAVERNARI, F. C. Produção e Manejo de Frangos de Corte . Viçosa: UFV, 2008. 88 p. MACARI, M.; MENDES, A. A. Manejo de matrizes . 2. ed. Campinas: Fund. FACTA, 2005. 421 p. MACARI, M.; GONZALES, E.; PATRÍCIO, I. S.; NÄÄS, I. A.; MARTINS, P. C. Manejo da incubação . 3. ed. Campinas: Fund. FACTA, 2013. 465 p. MACARI, M.; MENDES, A. A.; MENTEN, J. F. M.; NÄÄS, I. A. Produção de frangos de corte . 2. ed. Campinas: Fund. FACTA, 2014. 565 p. MORENG, R.; AVENS, J. S. Ciência e produção de aves . São Paulo: Roca, 1990. 394 p. Bibliografia Complementar ALBINO, L. F. T.; CARVALHO, B. R.; MAIA, R. C.; BARROS, V. R. S. M. Galinhas Poedeiras- Criação e Alimentação . Viçosa: Aprenda Fácil, 2002. 377 p. BERCHIERI JR, A.; SILVA, E. N.; DI FÁBIO, J.; SESTI, L.; ZUANAZE, M. A. F. Doenças das aves . 2. ed. Campinas: Fund. FACTA, 2009. 1.104 p. FERREIRA, R. A. Maior produção com maior ambiente para aves, suínos e bovinos . Viçosa: Aprenda Fácil, 2012. 528 p. MACARI, M.; GONZALES, E.; FURLAN, R. L. Fisiologia aviária aplicada a frangos de corte . Campinas: Fund. FACTA, 2008. 375 p. PALERMO-NETO, J.; SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L. Farmacologia aplicada a avicultura . São Paulo: Roca, 2005. 366 p. Bibliografia Recomendada GUELBERT SALES, M. N. Criação de galinhas em sistemas agroecológicos . Vitória-ES: Incaper, 2005. 262 p. JANDAHAV, N. V. Manual prático para cultura de aves . 2. ed. São Paulo: Andrei, 2006. 176 p. SILVA, I. J. O. Ambiência na produção de aves em clima tropical . Piracicaba: Funep, 2001. 210 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1029		NOME DO COMPONENTE DIAGNÓSTICO POR IMAGEM				SEMESTRE: 6°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	15	OB	BAR1006
EMENTA						
Estudo dos métodos de diagnóstico por imagem e sua importância no âmbito da medicina veterinária. Princípios gerais e aplicações da radiologia e ultrassonografia em medicina veterinária. Capacitação do aluno para requisição de exames e execução de laudos empregando a terminologia técnica correta. Diagnóstico por imagem das principais enfermidades dos sistemas locomotor, neurológico, cardiovascular, respiratório, digestório, urinário, reprodutor feminino e masculino. Introdução às bases da endoscopia, ressonância magnética, tomografia computadorizada e outras técnicas avançadas de aplicação em veterinária.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica CARVALHO, C. F. Ultra-sonografia em pequenos animais . São Paulo: Roca, 2004. FARROW, C. S. Diagnóstico por imagens do cão e gato . 1. ed. São Paulo: Roca, 2006. 768 p. HAN, C. M.; HURD, C. D. Diagnóstico por Imagem para a Prática Veterinária . São Paulo: Roca, 2007. KEALY, J. K.; MCALLISTER, H.; GRAHAM, J. P. Radiologia e Ultrassonografia do Cão e do Gato . Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2005. 436p. NYLAND, T. G.; MATTON, J. S. Ultra-som diagnóstico em pequenos animais . São Paulo: Roca, 2005. 469 p. O'BRIEN, T. R. Radiologia de eqüinos . São Paulo: Roca, 2006. THRALL, D. Diagnóstico de radiologia veterinária . Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2014. 862p.						
Bibliografia Complementar BOON, J. A. Ecocardiografia Bidimensional e em Modo-M para o Clínico de Pequenos Animais . São Paulo: Roca, 2005. 97 p. CARVALHO, C. F. Ultrassonografia doppler em pequenos animais . 1. ed. São Paulo: Roca, 2009. 274p. FELICIANO, M. A. R.; OLIVEIRA, M. E. F.; VICENTE, W. R. R. Ultrassonografia na Reprodução Animal . São Paulo: MedVet, 2013. HUDSON, J. A.; BRAWNER, W. R.; HOLLAND, M. Radiologia abdominal para o clínico de pequenos animais . São Paulo: Roca, 2003. LAPEIRE, C. Semiologia Radiológica nos Pequenos Animais . São Paulo: Andrei, 1986.						
Bibliografia Recomendada KEALLY, J. K. Diagnostic Radiology of the Dog and Cat . 5.ed. Philadelphia: Saunders, 2011. PEREIRA, S. M. Atlas radiográfico do esqueleto imaturo de cães e gatos , 1. Ed. São Paulo: Revinter. 2010, 64 p. NYLAND, T. G.; MATTON, J. S. Veterinary Diagnostic Ultrasound . 3 ed. Philadelphia: Saunders, 2015.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1030			NOME DO COMPONENTE MEDICINA VETERINÁRIA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA		SEMESTRE: 6º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OB	BAR1016
EMENTA						
<p>Conceituação, identificação e caracterização do processo saúde/doença, com ênfase nos aspectos populacionais e preventivos, bem como em suas relações com o ecossistema. Situação da saúde no Brasil. Modelos de atenção à saúde através dos tempos. História das Conferências de Promoção à Saúde e da Saúde Pública no Brasil. Sistema Único de Saúde (SUS). Discussões e reflexões sobre o conceito de saúde pública e saúde coletiva. Fundamentos teóricos e metodológicos para o desenvolvimento das práticas educativas em saúde. Higiene no Processo Produtivo. Gerenciamento de Resíduos dos Serviços de Saúde. Atuação do Médico Veterinário no NASF. Conceito de Saúde Única. Controle de agentes reservatórios e de vetores. Água – propriedades, captação, tratamento e distribuição; Lixo e dejetos.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BERTOLLI FILHO, C. História da saúde pública no Brasil. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008. BRASIL. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Lei Orgânica da Saúde. Brasília, 1990. BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. Guia Brasileiro de Vigilância Epidemiológica. 5. ed. rev. Ampl. Brasília, 1998. CAMPOS, G. W. S.; GUERRERO, A. V. P. Manual de práticas de atenção básica. Saúde ampliada e compartilhada. São Paulo: editora Hucitec, 2008. CAMPOS, G. W. S. et al. (Org.). Tratado de saúde coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. Promoção de saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. DOMINGUES, P. F.; LANGONI, H. Manejo Sanitário Animal. Rio de Janeiro: EPUB, 2001.</p> <p>Bibliografia Complementar CRUZ, J. F. G. Assistência à Saúde no Brasil: evolução e o Sistema Único de Saúde. Pelotas: Educat, 1998. DUNCAN, B. B.; SCHMIDT, M. I.; GIUGLIANE, E. R. J. Medicina ambulatorial: condutas clínicas em atenção primária. 2. ed. São Paulo: ArtMed Editora, 1996. FINKELMAN, J. (Org.). Caminhos da Saúde Pública no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. PAIM, J. S.; FILHO, N. A. A Crise da Saúde Pública e a Utopia da Saúde Coletiva. Salvador: Casa da Qualidade Editora, 2000. TAUKE - TORNISIELO, S. M. Microorganismos como indicadores de impactos ambientais. In: MAIA, N.B. (coord.) Indicadores ambientais. Sorocaba: Martos, 1997. p. 157 -184.</p> <p>Bibliografia Recomendada ALMEIDA FILHO, N.; ROUQUAYROL, M. Z. Introdução à Epidemiologia Moderna. 2 ed. Belo Horizonte: Coopmed/Apce/Abrasco, 1992. 184 p. AMARAL, L. A; ROSSI JÚNIOR, O. D., NABER FILHO, A; ALEXANDRE, A. V. Avaliação da qualidade higiênico-sanitária da água de poços rasos localizados em uma área urbana: utilização de colifagos em comparação com indicadores bacterianos de poluição fecal. Revista de Saúde pública, v. 28, n. 5, p. 345 - 348, 1994.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1031			NOME DO COMPONENTE SUINOCULTURA			SEMESTRE: 6º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático	OB	BAR0008, BAR 0011, BAR1020, BAR1027
30	15	45	45	23		
EMENTA						
<p>Importância da criação de suínos. Perspectivas da suinocultura no Brasil e no mundo. Sistemas de produção. Ambiência e equipamentos na suinocultura. Raças, cruzamentos e melhoramento genético. Criação e manejo de reprodutores. Criação de leitões: nascimento, creche, crescimento e terminação. Alimentação e nutrição de suínos. Gestão e dimensionamento da produção de suínos. Manejo de dejetos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica CAVALCANTI, S. S. Suinocultura dinâmica. Belo Horizonte: FEP/MVZ , 2000. 494 p. BERTECHINI, A. G. Nutrição de monogástricos. UFLA. 373 p., 2012 FERREIRA, R. A. Suinocultura: Manual Prático de Criação. Aprenda Fácil, 433 p., 2012. MAFESSONI, E. L. Manual Prático de Suinocultura. 1. ed. UPF, 2008. 2v. MAFESSONI, E. L. Manual prático para produção de suínos. Agrolivros. 472 p., 2014. SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. Doenças dos suínos. Goiânia: Cãnone Ed., 2012. 960p. ZIMMERMAN, J. J.; KARRIKER, L.; RAMIREZ, A.; SCHWARTZ, K. J.; STEVENSON N, G.W. Diseases of Swine. 10th ed. Iowa, Ames: Wiley Blackwell, 2012</p> <p>Bibliografia Complementar BONETT, L. P. et al. Suínos: Coleção 500 perguntas/500 respostas. EMBRAPA. 1998. 244 P. GODINHO, J. F. Suinocultura: tecnologia moderada formação e manejo de pastagens. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1995. 263 p. LEMAN, A. D. Diseases of Swine. Iowa State University Press. Ames, Iowa, 1986. OLIVEIRA, C. G. Instalações e manejo para suinocultura empresarial. São Paulo: Ícone, 1997. 96 p. SOBESTIANSKY, J. et al. Suinocultura intensiva: produção, manejo e saúde do rebanho. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1998. 388 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada SEGANFREDO, M. A. Gestão ambiental na suinocultura. EMBRAPA. 302 p. SOBESTIANSKY, J.; WENTZ, I.; SILVEIRA, P. R. S. da; SESTI, L. A. C. Suinocultura Intensiva: Produção, Manejo e Saúde do Rebanho. 1. ed. Concórdia: EMBRAPA, 1998, v.01, 388p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1032			NOME DO COMPONENTE TÉCNICA CIRÚRGICA VETERINÁRIA			SEMESTRE: 6º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático	OB	BAR1006 e BAR1021
30	60	90	45	15		
EMENTA						
<p>Introdução à técnica operatória veterinária. Nomenclatura técnica. Estrutura e funcionamento de um Centro Cirúrgico propício à intervenções cirúrgicas. Conceitos gerais sobre técnica cirúrgica asséptica (asepsia, antisepsia, desinfecção e esterilização); paramentação e instrumentação; pré-operatório, trans e pós-operatório. Princípios da Diérese, Hemostasia e Síntese. Técnicas cirúrgicas gerais e especiais. Princípios básicos da cirurgia em pequenos e grandes animais domésticos. Procedimentos cirúrgicos e complicações pós-operatórias. Contenção mecânica e química. Suturas, fios e instrumentação.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BOJRAB, M. J. Técnicas Atuais em Cirurgia de Pequenos Animais. 1. ed. São Paulo: Roca, 1996. 920 p. FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais. 4. ed. São Paulo: Roca, 2014. 1640 p. HENDRICKSON, D. A. Técnicas Cirúrgicas em Grandes Animais. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 332 p. KNECHT, C. D.; ALLEN, A. R.; WILLIAMS, D. J.; JOHNSON, J. H. Técnicas Fundamentais em Cirurgia Veterinária. 2. ed. São Paulo: Roca, 1997. 324 p. SLATTER, D. H. Manual de cirurgia dos pequenos animais. 3. ed. São Paulo: Manole, 2007. 2830 p. 2 v. TUDURY, E. A; POTIER, G. M. A. Tratado de técnica cirúrgica veterinária. São Paulo: MedVet, 2009. 447p.</p> <p>Bibliografia Complementar BOJRAB, M. J. Mecanismos das doenças em cirurgia de pequenos animais. 3.ed. São Paulo: Roca, 2014. 1040 p. GARNERO, O.; PERUSIA, O. Manual de Anestesia e Cirurgia de Bovinos. Tecmed, 2006. 144 p. MADORRÁN, A. C. Manual de Técnicas Cirúrgicas e Anestésicas em Clínica Equina. 1. ed. Medvet, 2015. 214 p. OLIVEIRA, A. L. A. Técnicas Cirúrgicas em Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 492 p. TOBIAS, K. M. Manual de Cirurgia de Tecidos Moles em Pequenos Animais. 1. ed. São Paulo: Roca, 2012. 526 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada HICKMAN, J.; WALKER, R. G. Atlas de Cirurgia Veterinária. 2. ed. Guanabara Koogan, 1983. TURNER, A. S.; McILWRAITH, C. W. Técnicas cirúrgicas em animais grande porte. 1. ed. São Paulo: Ed Roca, 1985. 341 p</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1033			NOME DO COMPONENTE PATOLOGIA VETERINÁRIA ESPECIAL			SEMESTRE: 6º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR1026
EMENTA						
<p>Aplicação dos conhecimentos adquiridos na Patologia Geral para o estudo das patologias dos sistemas: respiratório, nervoso, cardiovascular, hematopoiético, digestório, urinário, tegumentar e aparelho locomotor. Descrição e interpretação das lesões macroscópicas em animais domésticos. Não lesões/Lesões de pouco significado clínico/ Achados incidentais em animais domésticos. Discussão dos achados de necropsia: Estudo macro e microscópico dos órgãos, utilizando conceitos básicos para o entendimento dos mecanismos gerais de formação das doenças e alterações morfológicas e funcionais dos tecidos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica CARLTON, W. W.; MCGAVIN, M. D. Patologia Veterinária Especial de Thomson. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 672. CHEVILLE, N. F. Introdução À Patologia Veterinária. 3. ed. São Paulo: Editora Manole, 2009. 482 p. JONES, T. C., HUNT R. D.; KING, N. W. Patologia Veterinária. 6. ed. São Paulo: Editora Manole, 2000. 1415 p. MCGAVIN M.D.; ZACHARY J.F. Bases da Patologia em Veterinária. 5. ed. (tradução). Rio de Janeiro: Mosby Elsevier, 2013. 1344 p. KUMAR, V.; ABBAS, A.; ASTER, J. Robbins - Patologia Básica. 9. ed. Saunders Elsevier, 2013. 928 p. MITCHELL, R. N.; KUMAR, ABBAS, V. A. K. Robbins & Cotran - Fundamentos de Patologia. 8. ed. Saunders Elsevier, 2012. 718 p. SANTOS, R. L.; ALESSI, A. C. Patologia Veterinária. São Paulo: Editora Roca, 2016. 856 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BARCELLOS, D. E. S. N.; SOBESTIANSKY, J. Doenças dos suínos. 2. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012. 959 p. GREENE, C. E. Doenças infecciosas em cães e gatos. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. 1404 p. RIET-CORREA F.; SCHILD A. L.; LEMOS R. A. A.; BORGES J. R. Doenças de Ruminantes e Equídeos. ed. Santa Maria, RS: Pallotti, 2007. NASCIMENTO, E. F.; SANTOS, R. L. Patologia da reprodução dos animais domésticos. 3. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2012. 172 p. REVOLLEDO, L.; FERREIRA, A. J. P. Patologia aviária. São Paulo: Manole, 2008. 510 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada GRANDI, F.; BESERRA, H. E. O.; COSTA, L. D. Citopatologia Veterinária Diagnóstica. Medvet, 2014. 163 p. GROSS, L. T.; IHRKE, J. P.; WALDER, E. J.; AFFOLTER, V. K. Doenças de Pele do Cão e do Gato - Diagnóstico Clínico e Histopatológico. 2. ed. São Paulo: 2009. 904 p. MOURA, V. M. B. D.; MATOS, M. P. C.; THOMÉ, H. E; BRITO, L. A. B. FISCHER, P. Técnica de Necropsia e Colheita de Material para Exames Laboratoriais em Ruminantes, Equinos e Suínos. Medvet, 2015. 92 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1034			NOME DO COMPONENTE DOENÇAS INFECCIOSAS DOS ANIMAIS			SEMESTRE: 6°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR1013, BAR1017, BAR1019
EMENTA						
Estudo da etiologia, sinonímia, patogenia, sinais clínicos, diagnóstico, prognóstico e tratamento das doenças infecciosas dos animais domésticos causadas por bactérias, fungos e vírus, com ênfase nas características epidemiológicas e às medidas de profilaxia e controle das enfermidades.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BARR, S. C. Doenças Infecciosas e Parasitárias em Cães e Gatos. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. FLORES, E. F. Virologia veterinária - virologia geral e doenças víricas. 2.ed. UFSM, 2012. GREENE, C. G. E. Doenças infecciosas em cães e gatos. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. MCVEY, D. S.; KENNEDY, M.; CHENGAPPA, M. M. Microbiologia Veterinária. 3.ed. Guanabara Koogan, 2016. MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C. Doenças Infecciosas Em Animais de Produção e de Companhia. Roca, 2016. 1272 p. QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; CARTER, M. E.; DONNELLY, W. J.; LEONARD, F.C. Microbiologia Veterinária e Doenças Infecciosas. 1. ed. Artmed, 2005. RAMSEY, I. K.; TENNANT, B. J. Manual de Doenças Infecciosas Em Cães e Gatos. 1. ed. Roca, 2010.</p> <p>Bibliografia Complementar CARTER, G. R. Fundamentos de Bacteriologia e Micologia Veterinária. São Paulo: Roca, 1998. 266 p. CRUZ, L. C. H. Micologia veterinária. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. MUELLER, R. S. Dermatologia para o Clínico de Pequenos Animais. Roca, 2003. 176 p. RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A. et al. Doenças de Ruminantes e Equinos. 3ed. v 2, Santa Maria: Pallotti, v 1. 719 p. 2007. RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A. et al. Doenças de Ruminantes e Equinos. 3ed. v 2, Santa Maria: Pallotti, v 2. 677 p. 2007.</p> <p>Bibliografia Recomendada KRAUSS, H. Zoonoses: Infectious diseases transmissible from animals to humans. 3.ed. Washington: ASM Press, 2003. MURPHY, F. A.; GIBBS, E. P. J.; HORZINEK, M. C.; STUDDERT, M. J. Veterinary Virology. 3. ed. San Diego, California: Academic Press, 1999. STRAW, B. E. Diseases of swine. 9. ed. Blackwell Publishing, 2006. 1145 p.</p>						



7º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 7º	
BAR 1035		FISIOPATOLOGIA E BIOTECNOLOGIA DA REPRODUÇÃO				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR1024, BAR1033
EMENTA						
<p>Fisiopatologia da Reprodução: Diferenciação sexual dos mamíferos; morfofisiologia do aparelho reprodutor; endocrinologia da reprodução; ciclos reprodutivos nos animais domésticos; placentação; exame ginecológico e diagnóstico de gestação; avaliação da saúde reprodutiva do macho; principais patologias reprodutivas; diagnóstico e tratamento das afecções que interferem na fertilidade. Biotecnologia da Reprodução: estação de monta; controle farmacológico do ciclo estral; tecnologia do sêmen e tecnologias do embrião.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica GONÇALVES, P. B. D.; FIGUEIREDO, J. R.; FREITAS, V. J. F. Biotécnicas aplicadas à reprodução animal. 2.ed. Porto Alegre: Roca, 2008. 395p. GRUNERT, E.; BIRGEL, E. H.; VALE, W. G. Patologia e Clínica da Reprodução dos animais Mamíferos Domésticos - Ginecologia. 1.ed. São Paulo: Livraria Varela, 2005, 551p. HAFEZ, E. S. E.; HAFEZ, B. Reprodução animal. 7.ed., São Paulo: Manole, 2004, 513p. NASCIMENTO, E. F.; SANTOS, R. L. Patologia da reprodução dos animais domésticos. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, 153p. PALLHANO, H. B. Reprodução em bovinos - fisiopatologia, terapêutica, manejo e biotecnologia. 1.ed. São Paulo: LF livros de veterinária LTDA, 2008, 250p.</p> <p>Bibliografia Complementar APPARÍCIO, M.; VICENTE, W. R. R. Reprodução e obstetrícia em cães e gatos. São Paulo: MedVet, 2015, 480p. AISEN, E. G. Reprodução ovina e caprina. 1.ed. São Paulo: MedVet, 2008, 203p. FERREIRA, A. M. Reprodução da Fêmea Bovina. 1.ed., Juiz de Fora: Editar, 2010, 422p.</p> <p>Bibliografia Recomendada FEITOSA, F. L. F. Semiologia Veterinária - A Arte do Diagnóstico. 3.ed., São Paulo: Roca, 2014, 640p. LIMA, A. F. M.; LUNA, S. P. L.; PAYNE, W. J. Contracepção cirúrgica em cães e Gatos. São Paulo: MedVet, 2015, 141p. PRESTES, N. C.; LANDIM-ALVARENGA, F. C. Obstetrícia Veterinária. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2017, 236p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1036		NOME DO COMPONENTE OVINOCAPRINOCULTURA				SEMESTRE: 7°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR0008, BAR0011, BAR1020, BAR1027
EMENTA						
<p>Importância da caprinovinocultura no Brasil e no mundo. Funções zootécnicas: Raças e aptidões, exterior, julgamento e registro genealógico. Sistemas de produção. Nutrição e manejo alimentar. Reprodução e manejo reprodutivo. Controle de enfermidades e manejo sanitário. Melhoramento genético. Ambiência, manejo das instalações e equipamentos. Escrituração zootécnica. Índices zootécnicos. Planejamento de criações racionais de caprinos leiteiros e de corte e ovinos de corte.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica RIBEIRO, S. D. A. Caprinocultura: Criação Racional de Caprinos. São Paulo: Nobel, 1998. 320p. SANTA ROSA, J. Enfermidades em Caprinos -Diagnóstico, Patogenia, Terapêutica e Controle. Brasília: EMBRAPA - CNPC. 1996. 220 p. SELAIVE, A. B. Produção de Ovinos no Brasil. 1.ed. São Paulo: Roca,2014, 656p. SILVA SOBRINHO, A. G.; BATISTA, A. M. V.; SIQUEIRA, E. R. Nutrição de Ovinos. Jaboticabal: Funep, 1996. 258p. SILVA SOBRINHO, A. G. Criação de Ovinos. Jaboticabal: Funep, 2001. 302p. SOUZA, W. H.; SANTOS, E. S. Criação de Caprinos Leiteiros: Uma Alternativa para o Semi-Árido. João Pessoa: EMEPA-PB, 1999. 207 p. VOLTOLINI, T. V. Produção de caprinos e ovinos no Semiárido. 1.ed. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2011, 568p.</p> <p>Bibliografia Complementar AISEN, E. G. Reprodução Ovina e Caprina. 1.ed. São Paulo: Editora MedVet, 2008. 203 p CAVALCANTI, A. C. R. Caprinos e Ovinos de Corte, 500 perguntas/ 500 respostas. 1.ed. Editora EMBRAPA, 2005. 241 p. GOMIDE, C. A.; MIRANDA, de. Alternativas Alimentares para Ruminantes. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006. 206 p. SOBRINHO, A. G. S. Criação de Ovinos. 3.ed. São Paulo: Editora FUNEP, 2006. 302 p. SÓRIO, A. Sistema Agroindustrial de Carne Ovina. 1.ed. Editora Méritos, 2009. 112 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada FREER, M.; DOVE, H. Sheep Nutrition. Canberra: CSIRO Plant Industry, 2002, 440p. NATIONAL RESEARCH COUNCIL – NRC. Nutrient Requirements of Small Ruminants: Sheep, Goats, Cervids and New World Camelids. Washington: National Academy Press, 2007, 384p. RESENDE, M. D. V. Genética e melhoramento de ovinos. Curitiba: UFPR, 2002. 183 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1037			NOME DO COMPONENTE CLÍNICA E MANEJO DE SUÍNOS			SEMESTRE: 7º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	BAR1023, BAR1024, BAR1031
EMENTA						
<p>Importância da biossegurança na produção de suínos. Exame clínico individual e do rebanho. Coleta e remessa de material para exames laboratoriais. Estudo das principais afecções que acometem os suínos, com ênfase no histórico, etiologia, epidemiologia, diagnóstico clínico e laboratorial, tratamento, profilaxia e controle.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BARCELLOS, D. E. S. N.; SOBESTIANSKY, J. Doenças dos suínos. 2.ed. Goiânia: Cànone Editorial, 2012. 959 p. BARCELLOS, D. E. S. N.; SOBESTIANSKY, J. Uso de antimicrobianos em suinocultura. 1. ed. Goiânia: Art 3 impressos especiais, 1998. 107p. SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. E. S. N.; MORES, N.; CARVALHO, L. F.; OLIVEIRA, S. J. DE Clínica e Patologia Suína. 2.ed. Goiânia: Art 3 impressos especiais, 1999. 464 p. SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. E. S. N. Clínica Veterinária em sistemas intensivos de produção de suínos e relatos de casos clínicos. 1.ed. Goiânia: Art 3 impressos especiais, 2001. 153p. ZIMMERMAN, J. J.; KARRIKER, L.; RAMIREZ, A.; SCHWARTZ, K. J.; STEVENSON, G. W. Diseases of swine. 10th ed. Iowa, Ames: Wiley Blackwell, 2012.</p> <p>Bibliografia Complementar CAVALCANTI, S. S. Suinocultura dinâmica. Belo Horizonte: FEP/MVZ, 2000. 494 p. OLIVEIRA, C. G. Instalações e manejo para suinocultura empresarial. São Paulo: Ícone, 1997. 96 p. SOBESTIANSKY, J. et al. Suinocultura intensiva: produção, manejo e saúde do rebanho. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1998. 388 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada STRAW, B. E.; DÁLLAIRE, S.; MENGELING, W.; TAYLOR, D. J. Diseases of Swine. 8.ed. Ames: Iowa State University Press, 1999. 1209 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1038		NOME DO COMPONENTE CLÍNICA E MANEJO DE AVES				SEMESTRE: 7°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	BAR1023, BAR1024, BAR1028
EMENTA						
<p>Estudo das enfermidades das aves domésticas com ênfase na incidência, distribuição geográfica, etiopatogenia, diagnóstico, prognóstico, tratamento, profilaxia e controle das doenças infecciosas, parasitárias, nutricionais e metabólicas das aves domésticas. Interpretação de resultados laboratoriais frente aos casos clínicos. Estudo de colheita e remessa de material biológico para exames de laboratório.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica ANDREATTI FILHO, R. L. Saúde Aviária e Doenças. São Paulo: Roca, 2007. 328 p. BERCHIERI JR, A.; SILVA, E. N.; DI FÁBIO, J.; SESTI, L.; ZUANAZE, M. A. F. Doenças das aves. 2.ed. Campinas: Fund. FACTA, 2009. 1.104 p. PALERMO-NETO, J.; SPINOSA, H. S.; GÓRNIAC, S. L. Farmacologia aplicada a avicultura. São Paulo: Roca, 2005. 366 p. REVOLLEDO, L.; FERREIRA, A. J. P. Patologia aviária. Manole, 2008. 510 p. RUPLEY, A.E. Manual de clínica aviária. São Paulo: Roca, 1999. 595 p.</p> <p>Bibliografia Complementar COELHO, H. E. Patologia das Aves. São Paulo: Tecmedd, 2006. 212 p BENEZ, S. M. Aves: criação, clínica, teoria, prática: silvestres, ornamentais. 4.ed. São Paulo: Tecmedd, 2004. 600 p. MARIETTO-GONÇALVES, G. A. Manual de emergências aviárias. 2.ed. Medvet, 2016. 201 p. THRALL, M. A.; WEISER, G.; ALLISON, R. W.; CAMPBELL, T.W. Hematologia e bioquímica clínica veterinária. 2.ed. Roca, 2014, 688 p. TULLY JR., T. N.; DORRESTEIN, G. M.; JONES, A. K. Clínica de aves. 2.ed. Elsevier, 2010. 344 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada GARCIA-NAVARRO, C. E. K.; PACHALY, J. R. Manual de hematologia veterinária. 2.ed. São Paulo: Varela, 2005.169 p. MATOS, M. S.; MATOS, P. F. Laboratório clínico médico veterinário. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 1988. 238p. TEIXEIRA.M. Manual de necropsia de aves. São Paulo: Editus, 2011.93 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1039			NOME DO COMPONENTE BOVINOCULTURA DE CORTE E DE LEITE			SEMESTRE: 7°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	23	OB	BAR0008, BAR0011, BAR1020 e BAR1027
EMENTA						
<p>Importância da Bovinocultura de corte e de leite no Brasil e no mundo. Estudo do exterior dos bovinos, raças e aptidões. Seleção e melhoramento genético de bovinos de corte e leite. Instalações para bovinos de corte e de leite. Manejo de bovino de corte e leite nas fases de cria, recria e produção. Manejo reprodutivo, sanitário e lactacional de bovinos. Aspectos relativos à alimentação e suplementação de bovinos de corte e de leite. Sistemas de produção de novilhos precoces e super-precoces. Sistemas de rastreabilidade, classificação de carnes e carcaças. Bem-estar animal no planejamento dos rebanhos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica MACHADO AUAD, A. S.; CARNEIRO, A. M. B.; RIBEIRO, A. V.; CARVALHO, A. C. D. C. L.; COSTA FREITAS, A.; CARVALHO, A. F.; EUGENIO, C. Manual de bovinocultura de leite. Brasília: LK Editora e Comércio de Bens Editoriais e Autorais. 2010. OLIVEIRA, R. L.; BARBOSA, M. A. Bovino de Corte: Desafios e Tecnologias. 1.ed. Salvador: EDUFBA, 2007. OLIVEIRA, M. D.; SOUSA, C. C. Bovinocultura Leiteira: Fisiologia, Nutrição E Alimentação de Vacas Leiteiras. Jaboticabal: Funep, 2009. PEIXOTO, A. M.; MOURA, J. C.; FARIA, V. P. Bovinocultura de corte. Fundamentos e Exploração Racional. 3.ed. Piracicaba, São Paulo: FEALQ, 2000. 581 p. PIRES, A. V. Bovinocultura de corte volume I. Jaboticabal: Funep, 2010, 760p. PIRES, A. V. Bovinocultura de corte volume II. Jaboticabal: Funep, 2010, 761p. TEIXEIRA, J. C.; DAVID, F. M.; ANDRADE, G. A.; NETO, A. I.; TEXEIRA, L. F. A. C. Avanços em Produção e Manejo de Bovinos Leiteiros. 1.ed. Lavras: UFLA. 2002, 266 p.</p> <p>Bibliografia Complementar LEDIC, I. L. Manual de Bovinotecnica Leiteira: Alimentos, Produção e Fornecimento. 2.ed. São Paulo: Varela, 2002. LUCCI, C. S. Nutrição e manejo de bovinos leiteiros. São Paulo: Manole, 1997. 169 p. MARQUES, D. C. Criação de Bovinos. 7.ed. Belo Horizonte: Consultorias Veterinária e Publicações (CVP), 2006. 586p. PEDREIRA, C. G. S.; MOURA, J. C.; SILVA, S. C. Produção de ruminantes em pastagens. 1.ed. São Paulo: FEALQ, 2007. 472p. SAMPAIO, A. A. M.; FERNANDES, A. R. M.; HENRIQUE, W. Avanços na Exploração de Bovinos Para a Produção de Carne. Jabotical: Funep, 2006.</p> <p>Bibliografia Recomendada LUCCI, C. S. Bovinos leiteiros jovens nutrição, manejo e doenças. São Paulo: Nobel, 1989. 371 p. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient Requirements of Dairy Cattle. 7.ed. Washington: National Academy Press, 2001. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient Requirements of Beef Cattle. 7.ed. Washington: National Academy Press, 2000.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1040			NOME DO COMPONENTE EQUIDEOCULTURA			SEMESTRE: 7°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OB	BAR0008, BAR0011, BAR1020 e BAR1027
EMENTA						
<p>Abordagem sobre conhecimentos básico da equideocultura; classificação zoológica, origem e domesticação; importância econômica, criação e produção de equinos; identificação e caracterização das raças: Introdução ao estudo do exterior do cavalo, cronologia dentária, andamentos dos equinos, escolha de raças e reprodutores, com ênfase às de maior interesse para região; instalações e equipamentos de um haras; manejo reprodutivo, nutricional e sanitário; cuidados com os potros recém-nascidos e seu manejo do nascimento à doma; escrituração zootécnica dos equinos; utilização do cavalo em esportes e particularidades de mueres e jumentos.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BECK, S.L. Equinos: Raças, Manejo, Equitação. São Paulo: Editora dos Criadores, 1985. 479p. CAMARGO, M. X.; CHIEFFI, A. Ezoognósia: Exterior dos Grandes Animais Domésticos. São Paulo: Instituto de Zootecnia de São Paulo, 1971. 320 p. FRAPE, D. Nutrição e Alimentação de Equinos. 3.ed. São Paulo: Roca, 2008. 616 p. GALVÃO, C. C. A. O Cavalo - Características, Manejo e Alimentação. 1.ed. São Paulo:Roca, 2011. LEY, W. B. Reprodução em Éguas para Veterinários de Equinos. 1.ed. São Paulo:Roca, 2006. RESENDE, A. Pelagem dos Equinos: Nomenclatura e genética. 2.ed. Belo Horizonte: FEPMVZ, 2007. TORRES, A. P.; JARDIM, W. R. Criação do Cavalo e Outros Equinos. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1992. 654 p.</p> <p>Bibliografia Complementar JONES, W. E. Genética e Criação de Cavalos. São Paulo: Roca, 1987. 666 p. LEWIS, L. D. Nutrição Clínica Equina - Alimentação e Cuidados. 1.ed. São Paulo:Roca, 2000. PARKER, R. Equine Science. 4.ed. Publisher: Cengage Learning, 2012. SAMPER, J. C. Equine Breeding Management and Artificial Insemination. 2.ed. Publisher: Saunders, 2008. SILVA, A. E. D. F.; UNANIAM, M. M.; ESTEVES, S. N. Criação de Equinos. 1.ed. Brasília: Embrapa/Cenargen, 1998.</p> <p>Bibliografia Recomendada CARVALHO, R. T. L.; HADDAD, C. M.; DOMINGUES, J. L. Alimentos e Alimentação de Cavalos. Piracicaba: FEALQ, 1992. 130 p. LAZZERI, L. Lições de Podologia Equina. 1.ed. Belo Horizonte: EV/UFMG, 1992. MEYER, H. Alimentação de Cavalos. São Paulo: Varela, 1995. 222 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1041			NOME DO COMPONENTE DOENÇAS PARASITÁRIAS		SEMESTRE: 7º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	15	OB	BAR1015, BAR1017 e BAR1019
EMENTA						
Aspectos epidemiológicos das enfermidades causadas por protozoários, helmintos e artrópodes; abordando: etiologia, patogenia, sinais e sintomas, epidemiologia, diagnóstico clínico e laboratorial, tratamento, profilaxia, controle, importância econômica e para a saúde pública e ambiental.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica: AMATO NETO, V. Parasitologia: uma abordagem clínica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. xix, 434 p. FORTES, E. Parasitologia veterinária. 4. ed. São Paulo: Ícone, 2004. MARCONDES, C. B. Entomologia Médica e Veterinária. 2ª ed. Atheneu, 2011. MONTEIRO, S. G. Parasitologia na Medicina Veterinária. 2ª ed. Roca, 2017. NEVES, D. P. Parasitologia Humana, 12ª ed. Atheneu, 2011. TAYLOR, M. A; COOP, R. L; WALL, R. L. Parasitologia veterinária. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, 742p.</p> <p>Bibliografia Complementar: REY, L. Bases da Parasitologia Médica. 4ª ed. Guanabara Koogan, 2008 URQUHART, S. Parasitologia Veterinária. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2010. 768p. BOWMAN, D. D. G. Parasitologia Veterinária. 3ª ed. São Paulo: Elsevier, 2010. 448 p. FOREYT, W. J. Parasitologia Veterinária: manual de referência. 5ª ed. São Paulo: Roca, 2005, 240p. UENO, H.; GONÇALVES, P. C. Manual de Diagnósticos dos Helmintos de Ruminantes. 4ª ed., Tokyo, JICA, 143 p. 1998.</p> <p>Bibliografia Recomendada: KOHEK, I. Guia de controle de parasitas internos em animais domésticos. São Paulo, Nobel. LEMOS, R. A. A.; BARROS, N.; BRUM, K. B. Enfermidades de interesse econômico em bovinos de corte. Campo Grande: UFMS, 2002. SLOSS, M. W.; ZAJAC, A. M.; KEMP, R. L. Parasitologia Clínica Veterinária. 6ª ed. Rio de Janeiro: Manole, 1999.</p>						



8º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: 8º
BAR 1042		INSPEÇÃO E TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL I				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	15	OB	BAR1033
EMENTA						
<p>Carne e derivados. Pescado. Inspeção ante-mortem. Inspeção post-mortem. Principais enfermidades observadas nas carnes dos animais e seus destinos. Indústria e inspeção de carnes nas diferentes espécies domésticas destinadas ao consumo: bovinos, bubalinos, equinos, caprinos, ovinos, suínos e aves, e do pescado. Inspeção de derivados cárneos. Análises microbiológicas e físico-químicas das carnes e derivados. Noções sobre inspeção de pescados e ovos.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica DAMODARAN, S.; PARKIN, K. L.; FENNEMA, O. R. Química de alimentos de Fennema, 4.ed., 2010, 900p. INFANTE GIL, J. Manual de inspeção sanitária de carnes. Geral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ed, 2000. 653p. PRATA, L. F., FUKUDA, R. T. Fundamentos de Higiene e Inspeção de carnes. Jaboticabal: Funep, 2001, 326p. RAMOS, E. M. Avaliação da qualidade de carnes: fundamentos e metodologias. Viçosa: UFV, 2007. 599p. SHIMOKOMAKI, M. et al. Atualidades em ciência e tecnologia de carnes. São Paulo: Varela, 2006. TERRA, N. N. Defeitos nos produtos cárneos: origens e soluções. São Paulo: Varela, 2004. 88p. VIEIRA, R. H. S. F. et al. Microbiologia, Higiene e Qualidade do Pescado. São Paulo: Livraria Varela. 2004. 380p.</p> <p>Bibliografia Complementar EUZÉBY, J. Los parásitos de las carnes: Epidemiologia, fisiopatologia, incidências zoonósicas. Acribia, 2001. 430 p. INFANTE GIL, J. Manual de inspeção sanitária de carnes. Aspectos especiais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ed, 2000. 485p. LAWRIE, R. A. Ciencia de la carne. Zaragoza: Acribia, 2005. MARQUARD, L.; BACCAR, N. M. Manual para a fabricação de produtos cárneos processados. Santa Cruz-RS: Editora da UNISC, 2003. PEREDA, J. A. O.; RODRÍGUEZ, M. I. C.; ÁLVAREZ, L. F.; SANZ, M. L. G.; MINGUILLÓN, G. D. G. F.; WILSON, W. G. Wilson's Inspeção Prática da Carne. São Paulo:Roca, 2010.</p> <p>Bibliografia Recomendada OCKERMAN, H. W.; HANSEN, C. L. Industrializacion de subproductos comestibles de matadero. Zaragoza: Acribia, 1995. 380 p. PERALES, L. H.; CORTECERO, M. D. S. Tecnología de los Alimentos. Alimentos de Origen Animal. Madrid: Editorial Síntesis S. A., 1998.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1043			NOME DO COMPONENTE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE EQUÍDEOS I		SEMESTRE: 8º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	30	75	45	15	OB	BAR1023, BAR1024, BAR1032, BAR1033
EMENTA						
<p>Abordagem da importância da anamnese, exame clínico e exames complementares, para o correto diagnóstico e prognóstico, além da conduta terapêutica e cirúrgica apropriada para as enfermidades que acometem os sistemas tegumentar, locomotor, digestório, respiratório, nervoso, reprodutor e urinário dos equídeos, através de aulas teóricas e treinamento em aulas práticas. Estudo da neonatologia equina.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica ADAMS, O. R.; STASHAK, T. S. Claudicação em Equinos Segundo Adams. São Paulo: Roca, 2006, 1093p. RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica Veterinária. Um Tratado de Doenças dos Bovinos, Ovinos, Suínos, Caprinos e Equinos. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1770 p. REED, S. M.; BAYLY, W. M. Medicina Interna Equina. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000, 938p. SCHUMACHER, J.; MOLL, H. D. Manual de procedimentos e diagnósticos em equinos. 1.ed. São Paulo: Roca, 2007. SMITH, B. P. Medicina Interna de Grandes Animais. 3.ed. Editora: Manole, 2006. THOMASSIAN, A. Enfermidades dos Cavalos. 4.ed. São Paulo: Varela, 2005, 573p. TURNER, A. S.; Mc ILWRAITH, C. W. Técnicas Cirúrgicas em Animais de Grande Porte. São Paulo: Roca, 1985. 341 p.</p> <p>Bibliografia Complementar AUER, G. J.; EASLEY, J. Equine Dentistry. Edinburgh: Elsevier Saunders, 2005, 353 p. FARROW, C. S. Veterinary Diagnostic Imaging: The Horse. St. Louis: Mosby, 2006. 570 p. UER, J. A.; STICK, J. A. Equine surgery. 3.ed. Philadelphia, CO: W.B. Saunders, 2006. 1214 p. KNOTTENBELT, D.C. Handbook of Equine Wound Management. London: Saunders, 2003. 136p. WILSON, D.; BRANSON, K.; KRAMER, J. Equine Field Surgery. Saunders - Elsevier, 2006.</p> <p>Bibliografia Recomendada BROWN, C. M. Consulta veterinária em 5 minutos: espécie equina. 1.ed. Barueri: Manole, 2005. 1153p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1044			NOME DO COMPONENTE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS I		SEMESTRE: 8º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	15	OB	BAR1023, BAR1024, BAR1032, BAR1033
EMENTA						
<p>Estudo da etiologia, epidemiologia, fisiopatologia e sintomas das principais enfermidades dos pequenos animais domésticos: determinação de diagnóstico, prognóstico e tratamento terapêutico e cirúrgico dos sistemas nervoso, respiratório e cardiovascular. Terapêutica em Clínica Geral: Equilíbrio acidobásico e hidroeletrólítico; Fluidoterapia; Terapêutica hematológica (transfusões); Utilização de Antimicrobianos; Anti-inflamatórios esteroides e não esteroides. Receitas e Receituários. Interpretação de exames complementares. Conceitos gerais sobre cirurgia de pequenos animais aplicados a terapia das doenças. Neonatologia e esquemas de imunização em cães e gatos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. Manual saunders: Clínica de Pequenos Animais. 3.ed. São Paulo: Roca, 2008. 2072 p. ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna Veterinária: doenças do cão e do gato. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais. 4.ed. São Paulo: Editora Roca, 2014. 1640 p. MANN, F. A.; CONSTANTINESCU, G. M.; YOON, H. Y. Fundamentos de Cirurgia em Pequenos Animais. São Paulo: Roca, 2014. 376 p. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais. 5.ed. Rio de Janeiro: Mosby, 2015. 1512 p RABELO, R. Emergências Em Pequenos Animais - Condutas Clínicas e Cirúrgicas No Paciente Grave. 1.ed. Elsevier, 2013. 1184 p.</p> <p>Bibliografia Complementar FEITOSA, F. L. F. Semiologia veterinária – A arte do diagnóstico. 1.ed. Roca, 2004. 807 p. HUTCHINSON, T.; BAINES, S.; LIPSCOM, V. Manual de Cirurgia Em Cães e Gatos. 1.ed. São Paulo: Roca, 2014. 364 p. SANTOS, M. M.; FRAGATA, F. S. Emergência e Terapia Intensiva Veterinária em Pequenos Animais. 1.ed. São Paulo:Roca, 2008. 912 p. FITZMAURICE, S. N. Neurologia em Pequenos Animais. 1.ed. Elsevier, 2011. 352 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada TILLEY, L. P.; SMITH JR, F. W. K. Consulta Veterinária em 5 Minutos - Espécies Canina e Felina. 5.ed. Manole, 2015. 1560 p. PANCIERA, C. Endocrinologia para o Clínico de Pequenos Animais, Roca, 1.ed São Paulo: Roca, 2007, 176 p. PRATS, A. Neonatologia e pediatria canina e felina. São Caetano do Sul: Interbook, 2005, 469 p.</p>						
DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1045			NOME DO COMPONENTE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE RUMINANTES I		SEMESTRE: 8º	



CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	30	75	45	15	OB	BAR1023, BAR1024, BAR1032, BAR1033

EMENTA

Estudo dos aspectos clínicos, diagnósticos, terapêuticos, cirúrgicos e prognósticos das principais enfermidades e afecções dos bovinos, ovinos e caprinos no Estado da Bahia e no Brasil. Exame clínico, estados patológicos gerais, neonatologia, doenças dos sistemas sensorial, cardiovascular, respiratório, digestório, urinário, hematopoiético, nervoso, musculoesquelético, tegumentar e endócrino dos bovinos, ovinos e caprinos. Avaliação do grau de desidratação e fluidoterapia. Relação entre a clínica médica e a produção desses animais.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Básica

- ANDREWS, A. H.; BLOWEY, R. W.; BOYD, H.; EDDY, R. **Medicina Bovina: Doenças e Criação de Bovinos**. 2.ed. São Paulo: Roca, 2010. 1080 p.
- PUGH, D. G. **Clínica de Ovinos e Caprinos**. São Paulo: Roca, 2005. 513 p.
- RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. **Clínica Veterinária. Um Tratado de Doenças dos Bovinos, Ovinos, Suínos, Caprinos e Equinos**. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1770 p.
- REBHUN, W. C. **Doenças do Gado Leiteiro**. São Paulo: Roca, 2000. 642 p.
- ROSENBERGER, G. **Exame clínico dos bovinos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. 420 p.

Bibliografia Complementar

- DIRKSEN, G.; GRUNDER, H. D.; STOBER, M. **Medicina Interna y Cirugía del Bovino**. 4. ed. Buenos Aires: Inter-Médica, 2005. 1248 p.
- GARCIA, M.; DELLA LIBERA, A. M. M. P.; BARROS FILHO, I. R. **Manual de Semiologia e Clínica dos Ruminantes**. São Paulo: Varela, 1996. 247 p.
- NICOLETTI, J. L. M. **Manual de Podologia Bovina**. Barueri: Manole, 2004. 126 p.
- RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A. et al. **Doenças de Ruminantes e Equinos**. 3.ed, Santa Maria: Pallotti, v 1. 719 p. 2007.
- RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A. et al. **Doenças de Ruminantes e Equinos**. 3.ed, Santa Maria: Pallotti, v 2. 677 p. 2007.

Bibliografia Recomendada

- AIELLO, S. E. **Manual Merck de Veterinária**. 9.ed. São Paulo: Roca, 2008.
- ANDERSON, D. E.; RINGS, D. M. **Current Veterinary Therapy – Food Animal Practice**. 5. ed. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 2009.
- SCOTT, P. R. **Sheep Medicine**. London: Manson Publishing, 2007.



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2056			NOME DO COMPONENTE AQUICULTURA		SEMESTRE: 8º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OB	BAR0008, BAR1020, BAR1027
EMENTA						
<p>Introdução a Aquicultura. Conceitos em aquicultura. Mercado, situação e perspectiva da aquicultura no Mundo, Brasil e na Bahia. Anatomia e fisiologia de organismos aquáticos. Sistemas de criação de espécies de interesse comercial. Construção e instalações de viveiros. Projetos, viabilidade econômica e elaboração. Espécies mais cultivadas e comercializadas no Brasil. Policultivo e consórcio entre espécies. Qualidade de água no cultivo. Reprodução, tipos de reprodução, artificial, induzida, natural. Nutrição e alimentação de espécies de interesse comercial. Formulação de dietas e manejo alimentar. Larvicultura. Alevinagem. Engorda. Boas práticas de manejo. Gestão ambiental na produção. Parasitologia e doenças em espécies cultivadas. Avaliação de intermediário metabólicos e hematológicos em peixes. Industrialização e comercialização de pescado.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BALDISSEROTTO, B; GOMES, L. C. Espécies nativas para piscicultura no Brasil. 2.ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. v. 1. 606 p. CYRINO, J. E. P. et al. Tópicos especiais em piscicultura de água doce tropical intensiva. São Paulo: Sociedade Brasileira de Aquicultura e Biologia Aquática, 2004. 533 p. KUBITZA, F. Qualidade da Água no Cultivo de Peixes e Camarões. 1.ed. Jundiaí: Fernando Kubitz, 2003. 229 p. LIMA, S. L.; AGOSTINHO, C. A. A Tecnologia de Criação de Rãs. 1.ed. Viçosa: UFV, 1995. 168p. POLI, C. R. et al. Aquicultura: experiências brasileiras. Florianópolis: Multitarefa Editora, 2004. 455 p. RODRIGUES, A. P. O. et al. Piscicultura de água doce: multiplicando conhecimentos. 1. ed. Brasília: Embrapa, 2013. 440 p. VALENTI, W. C. Carcinicultura de água doce: tecnologia para produção de camarões. Brasília: IBAMA/FAPESP, 1998. 383 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BALDISSEROTTO, B. Fisiologia de peixes aplicada à piscicultura. 3.ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. 349 p. FRACALOSSO, D. M.; CYRINO, J. E. P. NUTRIAQUA: nutrição e alimentação de espécies de interesse para a aquicultura brasileira. 1.ed. Florianópolis: Sociedade Brasileira de Aquicultura e Biologia Aquática, 2012, 375 p. KUBITZA, F. Tilápia: tecnologia e planejamento na produção comercial. Jundiaí: Fernando Kubitz, 2000. 285 p. LIMA, A. F. et al. Manual de piscicultura familiar em viveiros escavados. 1.ed. Brasília: Embrapa, 2015. v. 1. 143 p. ONO, E. A.; KUBITZA, F. Cultivo de peixes em tanques-rede. Jaboticabal: Funep, 2003. 112 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada SIPAÚBA-TAVARES, L. H. Uso Racional da Água em Aquicultura. 1.ed. Jaboticabal: Maria de Lourdes Brandel - ME, 2013. 190 p. TAVARES-DIAS, M. Manejo e Sanidade de Peixes em Cultivo. 1.ed. Macapá: Embrapa Amapá, 2009. 723 p. TAVARES-DIAS, M.; MARIANO, W. S. Aquicultura no Brasil: novas perspectivas. 1.ed. São Carlos: Pedro & João, 2015. v. 2. 745 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 8°	
BAR 2118		Projeto de Pesquisa				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	-	45	45	-	OB	BAR0003, BAR1009
EMENTA						
Introdução ao Projeto de Pesquisa e as suas regulamentações. Definições de temas e linhas de pesquisa. Projeção da pesquisa: aspectos conceituais. Elaboração e qualificação do projeto.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica . 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005. MEDEIROS, J. B.; ANDRADE, M. M. Manual de elaboração de referências bibliográficas: a nova NBR 6023:2000 da ABNT: exemplos e comentários . São Paulo: Atlas, 2001. SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007. VOLPATO, G. L. Guia Prático para Redação Científica . Best Writing, 268 p, 2015. VOLPATO, G. L. Método Lógico para Redação Científica . Best Writing, 1.ed. 320 p, 2011. VOLPATO, G. L. Dicas para Redação Científica . Cultura Acadêmica, 3.ed. 52p, 2010. VOLPATO, G. L. Ciência: da filosofia à publicação . Cultura Acadêmica, 6.ed. 377 p. 2013.						
Bibliografia Complementar APPOLINÁRIO. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa . São Paulo: Pioneira Thomson, 2006. D'ACAMPORA, A. J. Investigação científica . Blumenau: Nova Letra, 2006. GALLIANO, A. G. O Método Científico: teoria e prática . São Paulo: HARBRA, 1986. GIACOIA JR., O. H. J. O princípio responsabilidade . In: OLIVEIRA, M. A. Correntes fundamentais da ética contemporânea . Petrópolis: Vozes, 2000. p. 193-206. GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social . 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.						
Bibliografia Recomendada GONSALVES, E. P. Iniciação à Pesquisa Científica . Campinas: Alínea, 2001. REY, L. Planejar e Redigir Trabalhos Científicos . 4.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2003. SANTOS, A. R. Metodologia científica: a construção do conhecimento . 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.						



9º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1048		NOME DO COMPONENTE INSPEÇÃO E TECNOLOGIA DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL II				SEMESTRE: 9º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	15	OB	BAR1042
EMENTA						
<p>Tecnologia de leite e produtos derivados: composição do leite, propriedades físico-químicas. Análises laboratoriais e testes enzimáticos. Leite: alterações e adulterações. Tipos de leite de consumo. Organização de uma usina de leite; métodos de conservação e transporte do leite, pasteurização, esterilização e refrigeração. Obtenção higiênica do leite. Alterações da secreção láctea: Leites anormais. Microbiologia do leite. Enfermidades transmitidas ao homem pelo leite e derivados. Tendências de modernização do setor lácteo: Contagem de células somáticas e qualidade do leite. Resíduos de antimicrobianos no leite e saúde pública. Legislação, condições higiênicas e sanitárias da obtenção e processamento do leite e derivados; condições de funcionamento dos estabelecimentos; rotina de inspeção e julgamento de leite e produtos lácteos. Higiene e inspeção do mel e derivados. Qualidade físico-química e microbiológica de mel e derivados. Higiene e inspeção dos ovos e derivados/legislação relacionada. Qualidade físico-química e microbiológica de ovos e derivados. Rotulagem e embalagens. Critérios de inspeção; Microbiologia de alimentos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ALMEIDA-MURADIAN, L. B.; BERA, A. Manual de controle de qualidade do mel. São Paulo: APACAME, 2008, 32p. BEMMER, M. L. A., Tecnologia do leite, industrialização e análise. São Paulo: Nobel, 1981. BRASIL. Resolução-RDC nº 12, de 02 de Janeiro de 2001. Regulamento técnico sobre padrões microbiológicos para alimentos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasil, nº 7-E, p. 46-53, 10 Jan. 2001, seção I. CECCHI, H. M. Fundamentos teóricos e práticas em análise de alimentos. Campinas: UNICAMP, 2003. 208 p CRANE, E. O livro do mel. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1985. LERCHE, M. Inspección veterinaria de la leche. 1.ed. Zaragoza: Acribia, 1987. TRONCO, V. M. Manual para a inspeção da qualidade do leite. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997, 166p.</p> <p>Bibliografia Complementar JAY, J. M. Microbiologia de alimentos. 6.ed. Artmed, 683 p. 2005. Ministério da Agricultura, LANARA. Métodos Analíticos Oficiais para Controle de Produtos de Origem Animal e Ingredientes. ORDÓÑEZ, J. A. Tecnologia de Alimentos, vol 1. São Paulo: Artmed, 2005. 263p. ORDÓÑEZ, J. A. Tecnologia de Alimentos, vol 2. São Paulo: Artmed, 2005. 280p. SANTOS, M. V.; FONSECA, L. F. L. Estratégias Para Controle de Mastite e Melhoria da Qualidade do Leite. São Paulo: Manole, 2007. 328p.</p> <p>Bibliografia Recomendada SOUZA-SOARES, L. A. S., SIEWEDT, F. Aves e Ovos. Pelotas: Editora da UFPel, 2005, 137p. VARNAN, A., H.; SUTHERLAND, J.P. Leche y Productos lácteos. Zaragoza: Acribia, 1994. 476p. WIESE, H. Nova Apicultura, Porto Alegre: Agropecuária, 1985, 492p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1049			NOME DO COMPONENTE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE EQUÍDEOS II			SEMESTRE: 9°
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	30	75	45	15	OB	BAR1043
EMENTA						
Abordagem clínico-cirúrgicas das principais enfermidades que acometem os sistemas tegumentar, locomotor, digestório, respiratório, nervoso, reprodutor e urinário dos equídeos. Avaliação do grau de desidratação e os procedimentos da fluidoterapia. Tratamento das alterações hidroeletrólíticas, hemodinâmicas e infecções cirúrgicas e cicatrização tecidual.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
ADAMS, O. R.; STASHAK, T. S. Claudicação em Equinos Segundo Adams . São Paulo: Roca, 2006, 1093p.						
RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica Veterinária . Um Tratado de Doenças dos Bovinos, Ovinos, Suínos, Caprinos e Equinos. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1770 p.						
REED, S. M.; BAYLY, W. M. Medicina Interna Equina . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000, 938p.						
SMITH, B. P. Medicina Interna de Grandes Animais . 3.ed. Manole, 2006.						
THOMASSIAN, A. Enfermidades dos Cavalos . São Paulo: Varela, 4.ed. 2005, 573p.						
Bibliografia Complementar						
AUER, G. J.; EASLEY, J. Equine Dentistry . Edinburgh: Elsevier Saunders, 2005, 353 p.						
FARROW, C. S. Veterinary Diagnostic Imaging: The Horse . St. Louis: Mosby, 2006. 570 p.						
KNOTTENBELT, D. C. Handbook of Equine Wound Management . London: Saunders, 2003. 136p.						
UER, J. A.; STICK, J. A. Equine surgery . 3.ed. Philadelphia, CO: W.B. Saunders, 2006. 1214 p.						
WILSON, D.; BRANSON, K.; KRAMER, J. Equine Field Surgery . Saunders - Elsevier, 2006.						
Bibliografia Recomendada						
BROWN, C. M. Consulta veterinária em 5 minutos: espécie equina. 1° ed. Barueri: Manole, 2005. 1153p.						
SCHUMACHER, J.; MOLL, H. D. Manual de procedimentos e diagnósticos em equinos . 1° ed. São Paulo: Roca, 2007.						
TURNER, A. S.; Mc ILWRAITH, C. W. Técnicas Cirúrgicas em Animais de Grande Porte . São Paulo: Roca, 1985. 341 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE:
BAR 1050		9º CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS II				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	30	90	45	15	OB	BAR1044
EMENTA						
Estudo da etiologia, epidemiologia, fisiopatologia e sintomas das principais enfermidades dos pequenos animais domésticos: determinação de diagnóstico, prognóstico e tratamento terapêutico e cirúrgico dos sistemas digestório, urinário, hematopoiético, musculoesquelético, tegumentar e endócrino. Emergências clínicas e cirúrgicas. Tópicos especiais em terapêutica.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica						
BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. Manual saunders: Clínica de Pequenos Animais . 3.ed. São Paulo: Roca, 2008. 2072 p.						
ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna Veterinária: doenças do cão e do gato . 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 2 v.						
FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais . 4.ed. São Paulo: Roca, 2014. 1640 p.						
MANN, F. A.; CONSTANTINESCU, G. M.; YOON, H. Y. Fundamentos de Cirurgia em Pequenos Animais . São Paulo: Roca, 2014. 376 p.						
NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais . 5.ed. Rio de Janeiro: Mosby, 2015. 1512 p						
RABELO, R. Emergências Em Pequenos Animais - Condutas Clínicas e Cirúrgicas No Paciente Grave . 1.ed. Elsevier, 2013. 1184 p.						
Bibliografia Complementar						
FEITOSA, F. L. F. Semiologia veterinária – A arte do diagnóstico . 1.ed. Roca, 2004. 807 p.						
FITZMAURICE, S. N. Neurologia em Pequenos Animais . 1.ed. Elsevier, 2011. 352 p.						
HUTCHINSON, T.; BAINES, S.; LIPSCOM, V. Manual de Cirurgia Em Cães e Gatos . 1.ed. São Paulo: Roca, 2014. 364 p.						
SANTOS, M. M.; FRAGATA, F. S. Emergência e Terapia Intensiva Veterinária em Pequenos Animais . 1.ed. São Paulo: Roca, 2008. 912 p.						
Bibliografia Recomendada						
MORRIS, J.; DOBSON, J. M. Oncologia em pequenos animais . São Paulo: Roca, 2007, 300p.						
PANCIERA, C. Endocrinologia para o Clínico de Pequenos Animais , 1.ed São Paulo: Roca, 2007, 176 p.						
TILLEY, L. P.; SMITH JR, F. W. K. Consulta Veterinária em 5 Minutos - Espécies Canina e Felina . 5.ed. Manole, 2015. 1560 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1051			NOME DO COMPONENTE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE RUMINANTES II			SEMESTRE: 9º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	30	75	45	15	OB	BAR1045
EMENTA						
Abordagem clínico-cirúrgicas das principais enfermidades que acometem os bovinos, caprinos e ovinos que necessitam de intervenção cirúrgica por meio de aulas teóricas e treinamento em aulas práticas. Avaliação do grau de desidratação e os procedimentos da fluidoterapia. Tratamento das alterações hidroeletrólíticas, hemodinâmicas e infecções cirúrgicas. Cicatrização tecidual. Relação entre a clínica médica e a produção desses animais.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
DIRKSEN, G.; GRUNDER, H. D.; STOBER, M. Medicina Interna y Cirugía del Bovino . 4.ed. Buenos Aires: Inter-Médica, 2005. 1248 p.						
FUBINI, S. L.; DUCHARME, N. Farm animal surgery . 1.ed. Philadelphia: WB Saunders, 2004.						
HENDRICKSON, D. A. Técnicas Cirúrgicas em Grandes Animais . 1.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.						
RABELO, R. E.; SILVA L. A. F.; Silva O. C.; VULCANI V. A. S. Cirurgias do Aparelho Reprodutor de Machos Bovinos e Equinos . 1.ed. MedVet. 2017. 292p.						
REBHUN, W. C. Doenças do Gado Leiteiro . São Paulo: Roca, 2000. 642 p.						
Bibliografia Complementar						
LEMONS, R. A. A.; BARROS, N.; BRUM, K. B. Enfermidades de interesse econômico em bovinos de corte . Campo Grande: UFMS, 2002.						
NICOLETTI, J. L. M. Manual de Podologia Bovina . Barueri: Manole, 2004. 126 p.						
PUGH, D. G. Clínica de Ovinos e Caprinos . São Paulo: Roca, 2005. 513 p.						
RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica Veterinária. Um Tratado de Doenças dos Bovinos, Ovinos, Suínos, Caprinos e Equinos . 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1770 p.						
RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A. et al. Doenças de Ruminantes e Equinos . 3.ed., Santa Maria: Pallotti 677 p. 2007.						
Bibliografia Recomendada						
AIELLO, S. E. Manual Merck de Veterinária . 9.ed. São Paulo: Roca, 2008.						
ANDREWS, A. H.; BLOWEY, R. W.; BOYD, H.; EDDY, R. Medicina Bovina: Doenças e Criação de Bovinos . 2.ed. São Paulo: Roca, 2010. 1080 p.						
GARCIA, M.; DELLA LIBERA, A. M. M. P.; BARROS FILHO, I. R. Manual de Semiologia e Clínica dos Ruminantes . São Paulo: Varela, 1996. 247 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: 9º	
BAR 1052		DEFESA SANITÁRIA ANIMAL				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	15	OB	BAR1016, BAR1034, BAR1041
EMENTA						
<p>Conhecimento sobre higiene, profilaxia e saneamento no ambiente rural. Definição de Defesa Sanitária Animal, sua estruturação, legislação, funcionamento e atribuições. Programas Nacionais e Regionais de vigilância e controle de enfermidades animais de interesse econômico e zootécnico. Funções dos organismos internacionais de regulamentação do comércio internacional (OMC), de regulamentação internacional de conformidade de produtos e da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) na Vigilância Epidemiológica Internacional. Doenças de Notificação Obrigatórias para os animais domésticos. Enfermidades da lista A e B da OIE. Sistema de informação na Vigilância Epidemiológica usado pelos Serviços de Defesa Sanitária animal.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. Plano Diretor de Reforma da Política Sanitária Brasileira. Brasília, DF, 1996. 101 p. BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. Programa de Reorientação Institucional do Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Brasília, DF, 1997. 105 p. (Série de Documentos de Serviço e Programas 04). DOMINGUES, P. F.; LANGONI, H. Manejo sanitário animal. Rio de Janeiro: EPUB, 2001, 209 p. OFFICE INTERNACIONAL DES ÉPIZOOTIES - OIE. Manual de padronização. Disponível em: <http://www.oie.int/eng/normes/manual/A-000550.htm>. OPAS-WHO-BID. Programa de Adiestramento em Salud Animal para America Latina. Cuarentena Animal, Cuarentenas Exteriores. OPAS-WHO-BID, 1986. v. 2.</p> <p>Bibliografia Complementar DEFESA SANITÁRIA ANIMAL. Ministério da Agricultura. Manual técnico do programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose (PNCEBT) e outros programas: Disponível em http://www:agricultura.gov.br/sda/dda DOMINGUES, P. F.; LANGONI, H. Manejo sanitário animal. Rio de Janeiro: EPUB, 2001, 209 p. FERNANDES BALMACEDA, O. Programación, administración y evaluación de campanas sanitárias. In: ORGANIZACION PANAMERICANA DE LA SALUD. IV HANSON, R. P. Animal Disease Control: Regional Programs. 1983. OPS/OMS/CPFA. Seminário Internacional sobre Control Sanitário Total de la Cadena de Producción Agropecuaria. 1997.</p> <p>Bibliografia Recomendada OFFICE INTERNACIONAL DES ÉPIZOOTIES - OIE. Código zoonosológico internacional. Disponível em: <http://www.OIE.int/eng/normes/manual/A-000550.htm> OPAS-WHO-BID. Programa de Adiestramento em Salud Animal para America Latina. Cuarentena Animal, Enfermidades Cuarentenables. OPAS-WHO-BID, 1986. 371 p. v. 1. OPS/OMS/CPFA. Seminario Internacional sobre sistemas de Vigilancia Epidemiologica con Especial Referencia para la Prevencion de las Enfermedades Exoticas. Rio de Janeiro, 1991. 65 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1053			NOME DO COMPONENTE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA VETERINÁRIA		SEMESTRE: 9º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	30	75	45	15	OB	BAR1032, BAR1035
EMENTA						
Introdução ao estudo da obstetrícia veterinária. Fisiologia da gestação. Diagnóstico gestacional nas espécies domésticas. Patologias da gestação. Parto eutócico e distócico. Interrupção da gestação e indução do parto. Exame obstétrico e estática fetal. Procedimentos obstétricos: Tração forçada, episiotomia, cesariana, fetotomia e hysterectomia. Fisiopatologia do puerpério. Manejo do neonato.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica JACKSON, P. G. G. Obstetrícia Veterinária. 2.ed. São Paulo: Rocca, 2006. 344 p. GRUNERT, E.; BIRGEL, E. H. Obstetrícia Veterinária. Porto Alegre: Sulina, 1989. GRUNERT, E. Patologia e clínica da reprodução dos animais mamíferos domésticos: ginecologia. São Paulo: Varela, 2005. 551 p. HAFEZ, E. S. E.; HAFEZ, B. Reprodução animal. 7.ed. São Paulo: Manole, 2004. 513 p. NASCIMENTO, E. F.; SANTOS, R. L. Patologia da reprodução dos animais domésticos. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, 153p. PRESTES, N. C.; LANDIM-ALVARENGA, F. C. Obstetrícia Veterinária. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. 236p. TONIOLLO, G. H.; VICENTE, W. R. R. Manual de Obstetrícia Veterinária. 2.ed. São Paulo: Livraria Varela, 2003. 124 p.</p> <p>Bibliografia Complementar ALLEN, E. W. Fertilidade e Obstetrícia no Cão. São Paulo: Livraria Varela, 1995. APPARICIO, M.; VICENTE, W. R. R. Reprodução e obstetrícia em cães e gatos. São Paulo: MedVet, 2015. BALL, P.J.H.; PETERS, A.R. Reprodução em bovinos. 3.ed. São Paulo: Roca, 2006, 232p. FERREIRA, A.M. Reprodução da Fêmea Bovina. 1.ed., Juiz de Fora: Editora Editar, 2010, 420p. PALHANO, H.B. Reprodução em bovinos: fisiopatologia, terapêutica, manejo e biotecnologia. 2.ed. Rio de Janeiro: L. F. Livros, 2008, 249p.</p> <p>Bibliografia Recomendada BRINSKO, S.P.; BLANCHARD, T.L.; VARNER, D.D. et al. Manual of Equine Reproduction. 3.ed. Missouri: Mosby Elsevier, 2011, 325p. HENDRICKSON, D.A. Técnicas cirúrgicas em grandes animais. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 312p. HEUWIESER, W.; MÜLLER, K. Exame de gestação em bovinos por meio da ultrassonografia: guia para diagnóstico preciso e conduta econômica na prática veterinária. São Paulo: Editora MedVet, 2010, 55p. NOAKES, D.E.; PARKINSON, T. J.; ENGLAND, G.C.W. Veterinary Reproduction and Obstetrics. 9. ed., Philadelphia: Saunders, 2009, 950p.</p>						



10º Semestre

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2120		NOME DO COMPONENTE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO			SEMESTRE: 10º	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	-	540	-	-	OB	-
EMENTA						
Diretrizes básicas do estágio supervisionado no curso de Medicina Veterinária. Desenvolvimento de estágio em locais públicos ou privados, que abrangem em seu perfil as grandes áreas da Medicina Veterinária como Saneamento ambiental, Ecologia e Proteção ao Meio Ambiente; Zootecnia e Produção Animal; Saúde Animal e Clínica Veterinária; Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública; e Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal, conforme a Resolução CNE/CES 1, de 18 de fevereiro de 2003 tratando dos conteúdos essenciais para o curso visando à formação generalista e perfil do profissional Médico Veterinário. Elaboração e entrega do relatório de atividades desenvolvidas no período de estágio.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724 . Informação e documentação: Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. ANDRADE, M.M. Redação científica : elaboração de TCC passo a passo. 1.ed. São Paulo: Factash, 2007. 198p. BASTOS, L. da R. et al. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias . Rio de Janeiro: LTC, 2000. BIANCHI, A.C.M. Manual de orientação : estágio supervisionado. São Paulo: Thomson Pioneira, 2005. BURIOLLA, M.A.F. O estágio supervisionado . 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 176 p. SALOMON, D.V. Como fazer uma monografia . 10.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 412p.						
Bibliografia Complementar OLIVEIRA, S.L. Tratado de metodologia científica : projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 2000. 320p. PARRA FILHO, D.; SANTOS, J.A. Apresentação de trabalhos científicos : monografia, TCC, teses e dissertações. 7.ed. São Paulo: Futura, 2002. 142p. VOLPATO, G.L. Guia Prático para Redação Científica . Ed.: Best Writing, 268 p, 2015.						
Bibliografia Recomendada ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520 . Informação e documentação: Apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. _____. NBR 6023 . Informação e documentação: Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. _____. NBR 15287 . Informações e documentação: Projeto de pesquisa - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. _____. NBR 6028 . Resumos. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2119			NOME DO COMPONENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC			SEMESTRE: 10º
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
15	-	15	45	-	OB	BAR2118
EMENTA						
Elaboração final e revisão do TCC e as suas regulamentações. Apresentação do TCC e arguição por banca formada por docentes da área.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ALVES, R. Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e as suas regras. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002. MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005. MEDEIROS, J. B.; ANDRADE, M. M. Manual de elaboração de referências bibliográficas: a nova NBR 6023:2000 da ABNT: exemplos e comentários. São Paulo: Atlas, 2001. SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007. VOLPATO, G. L. Guia Prático para Redação Científica. Best Writing, 268 p, 2015. VOLPATO, G. L. Método Lógico para Redação Científica. Best Writing, 1.ed. 320 p, 2011. VOLPATO, G. L. Dicas para Redação Científica. Cultura Acadêmica, 3.ed. 52p, 2010.</p> <p>Bibliografia Complementar ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. Educação e emancipação. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. APPOLINÁRIO. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2006. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. D'ACAMPORA, A. J. Investigação científica. Blumenau: Nova Letra, 2006. VOLPATO, G. L. Ciência: da filosofia à publicação. Cultura Acadêmica, 6.ed, 377 p.,2013.</p> <p>Bibliografia Recomendada GONSALVES, E. P. Iniciação à Pesquisa Científica. Campinas: Alínea, 2001. REY, L. Planejar e Redigir Trabalhos Científicos. 4.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2003. SANTOS, A. R. Metodologia científica: a construção do conhecimento. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.</p>						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA DOS COMPONENTES CURRICULARES OPTATIVOS (OP)

CÓDIGO BAR2005			NOME DO COMPONENTE ANATOMIA E MORFOLOGIA VEGETAL		SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR0004
EMENTA						
Organografia e evoluções morfológicas. Noções básicas de morfologia de raiz, caule, folha, flor, fruto e semente de fanerógamas. Do embrião à Planta Adulta: Crescimento e Diferenciação. Meristemas. Sistemas de tecidos: dérmico, fundamental e condutor. Estrutura primária e secundária da raiz e do caule. Anatomia dos órgãos vegetativos e reprodutivos. Relações estruturais com a fotossíntese. Estruturas secretoras.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
APEZZATO-DA-GLÓRIA, B.; CARMELLO-GUERREIRO, S.M. Anatomia Vegetal . 2a ed. Viçosa, Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2006.						
BARROSO, G. M. et al. Sistemática de Angiospermas do Brasil . 2. ed. Viçosa: UFV, 2002.						
FERRI, M. G. Botânica: morfologia interna das plantas (anatomia) . 9. ed. São Paulo: Nobel, 1999. 113p.						
NULTSCH, W. Botânica Geral . 10ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2000. 489p.						
RAVEN, P.H.; EVERT, R.F.; EICHCHORN, S.E. Biologia vegetal . 8a ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2014.						
SOUZA, L.A. de. Morfologia e Anatomia Vegetal: célula, tecidos, órgãos e plântula . Ponta Grossa: UEPG. 2003. 258 p.						
VIDAL, W.N.; VIDAL, M.R.R. Botânica - organografia: quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos . 4. ed., Viçosa:UFV, 2004. 124 p.						
Bibliografia Complementar						
ESAU, K. Anatomia das Plantas com Sementes . São Paulo: Edgard Blucher, 2002. 293p.						
GONÇALVES, E. G. & LORENZI, H. Morfologia Vegetal . Editora Plantarum. 448 p. 2008.						
GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. Morfologia Vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares . Instituto São Paulo: Plantarum, 2007. 441p.						
PIQUE, M. P. R. Manual de Histologia Vegetal . São Paulo: Ícone, 2005. 91p.						
VANNUCCI, A.L.; REZENDE, M.H. Anatomia vegetal. Noções básicas . Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 2003						
Bibliografia Recomendada						
APEZZATO-DA-GLÓRIA, B. Morfologia de sistemas subterrâneos – histórico e evolução do conhecimento no Brasil . M&F Academic Books Services, Rio de Janeiro, 2003						
BARROSO, G.M.; MORIM, M.P.; PEIXOTO, A.L.; ICHASO, C.L.F. Frutos e sementes. Morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas . Viçosa, Editora da Universidade Federal de Viçosa, 1999.						
CUTTER, E. G. Anatomia Vegetal: Parte I - Células e Tecidos . 2. ed. São Paulo: Roca, 1986. 320p.						
CUTTER, E. G. Anatomia Vegetal: Parte II - Órgãos, Experimentos e Interpretação . São Paulo: Roca, 1987. 340p.						
FERRI, M. G. Morfologia Externa das Plantas (Organografia) . São Paulo: Nobel, 1983. 149p.						
SCHULTZ, A. R. H. Introdução a Botânica Sistemática . Porto Alegre: UFRGS, 1984.						



CÓDIGO BAR 1065			NOME DO COMPONENTE ANATOMIA TOPOGRÁFICA		SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	60	60	45	-	OP	BAR1006
EMENTA						
Estudo da pele e anexos cutâneos e anatomia de superfície das seguintes regiões: parótido-auricular; cervical ventral; torácica lateral; abdominal ventral; medial do braço; lateral do braço; medial da coxa; lateral da coxa; inguino-escrotal e perineal.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
FRANS-VIKTOR, S.; HANS, G. Atlas de anatomia aplicada dos animais domésticos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 242p.						
GETTY, R. Sisson/Grossman - Anatomia dos Animais Domésticos . 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2 v. 1986. 2048 p. DYCE, K. M. Tratado de Anatomia Veterinária . 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 840 p.						
MERIGHI, A. Anatomia Topográfica Veterinária . 1 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010, 337 p.						
BUDRAS, K. <i>et al.</i> Anatomia do cão. Texto e Atlas . 5 ed. São Paulo: Manole: 2012. 219 p..						
EVANS, H.E.; LAHUNTA, A. Guia para a dissecação do cão . 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001, 206 p.						
DONE, S.H.; GOODY, P.C.; EVANS, S.A.; STICKLAND, N.C. Atlas colorido de Anatomia Veterinária do Cão e Gato . 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, 544 p.						
DYCE, K. M. Tratado de Anatomia Veterinária . 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 840 p.						
Bibliografia Complementar						
POPESKO, P. Atlas de Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos . 5 ed. São Paulo: Manole, 2012. 608 p.						
BOYD, J. S. Atlas de Anatomia Clínica do Cão e do Gato . 2. ed. São Paulo: Manole, 2002. 190 p.						
KONIG, H. E. & LIEBICH, H-G. Anatomia dos Animais Domésticos: Texto e Atlas colorido . 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2016.						
Bibliografia Recomendada						
BERG, R. Anatomia topográfica y aplicada de los animales domésticos . Madrid: Editorial AC, 1978.						
SHALLER, O. Nomenclatura anatômica veterinária ilustrada . São Paulo: Manole, 1999.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1061			NOME DO COMPONENTE ANIMAIS DE LABORATÓRIO E BIOTERISMO			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	BAR1027
EMENTA						
<p>Histórico da experimentação animal e apresentação dos biomodelos atuais; Ética e Legislação referente a experimentação animal; Anatomia, fisiologia, comportamento, reprodução e genética de roedores (animais transgênicos e <i>knock-out</i>); Tópicos sobre edificação, barreiras físicas e controle ambiental (micro e macroambientes) em biotérios; Doenças infecciosas, parasitárias e zoonoses em animais de biotério e princípios elementais de biossegurança; Técnicas de contenção, vias de administração de medicamentos e coleta de material biológico; Princípios da analgesia, anestesia e cuidados nos procedimentos experimentais invasivos; Eutanásia e descarte apropriado de resíduos biológicos provenientes de biotério; Comissões de Ética no Uso de Animais (CEUAs) e sua relação com o ensino e pesquisa.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ANDERSEN, M. L.; D'ALMEIDA, V.; KO, G. M.; KAWAKAMI, R.; MARTINS, P. J. F.; MAGALHÃES, L. E.; TUFIK, S. Princípios éticos e práticos do uso de animais de experimentação. São Paulo: UNIFESP, 2004. ANDRADE, A.; PINTO, S. C.; OLIVEIRA, R. S. Animais de Laboratório Criação e Experimentação. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. CONCEA - Diretriz brasileira para o cuidado e a utilização de animais em atividades de ensino ou de pesquisa científica – DBCA – 2016. MEZADRI, T. J. Animais de laboratório: cuidados na iniciação experimental. Florianópolis: Ed. UFSC, 2004. RHODEN, E. L.; RHODEN, C. R. Princípios e técnicas em experimentação animal. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.</p> <p>Bibliografia Complementar SIROIS, M. Medicina de Animais de Laboratório Princípios e Procedimentos. São Paulo: Rocca, 2008. GILIOLI, R. Avaliação do Perfil Sanitário de Colônias de Ratos e Camundongos em Biotério Brasileiros: Ocorrência de Bactérias, Parasitos e Vírus Murinos. 2003. 155f. Dissertação (Doutorado em Microbiologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Guide for the care and Use of Laboratory Animals, Washington: National Academy Press, 1996. GAILLARD, E. T.; CLIFFORD, C. B. Common Diseases. In: ACADEMIC PRESS Rat Pathogens, USA, 2000.</p> <p>Bibliografia Recomendada ZUTPHEN, L.F.M.; BAUMANS, V.; BEYNEN, A.C. Principles of Laboratory Animal Science. Amsterdam: Elsevier, 1993. BAKER, D.G. Natural pathogens of laboratory mice, rats, and rabbits na their effects on research. Clin Microbiol Rev, 11(2):231, 1998.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2081			NOME DO COMPONENTE APICULTURA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	-	OP	-
EMENTA						
<p>Introdução ao estudo da apicultura. Importância sócio-econômica da apicultura. Morfologia e biologia das abelhas melíferas. Aspectos de segurança no manejo com abelhas. Povoamento de apiários. Instalações e equipamentos em apicultura. Manejo das abelhas. Classificação das abelhas. Produtos elaborados pelas abelhas e polinização. Cuidados, higiene e profilaxia apícola. Análise da organização e cadeia produtiva da apicultura brasileira. Alimentos e alimentação das abelhas. Meliponicultura.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica COUTO, R. H. N.; COUTO, L. A. Apicultura – manejo e produtos. Jaboticabal: FUNEP, 2002. GONZAGA, G. R. Como criar abelhas sem ferrão – meliponídeos. Cuiabá: SEBRAE, 2004. SCHIRMER, L. R. Abelhas Ecológicas. São Paulo: Nobel, 1986. SPURGIN, A. A Apicultura. Lisboa: Presença, 1997. WIESE, H. Novo Manual de Apicultura. Guaíba: Agropecuária, 1995.</p> <p>Bibliografia Complementar MARTINHO, M. R. A Criação de Abelhas. Rio de Janeiro: Globo, 1988. ESPÍNDOLA, E. A. et al. Curso Profissionalizante de Apicultura. Florianópolis: EPAGRI, 2003. SOUZA, D. C. Apicultura – manual do agente de desenvolvimento rural. SEBRAE, 2003.</p> <p>Bibliografia Recomendada WIESE, H. Nova Apicultura. Porto Alegre: Agropecuária, 1985.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1067			NOME DO COMPONENTE BIOTÉCNICAS APLICADAS À REPRODUÇÃO			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático	OP	BAR1035
30	30	60	45	23		
EMENTA						
<p>O estado de arte das biotécnicas aplicadas à reprodução. Estação de monta. Inseminação artificial. Controle farmacológico do ciclo estral. Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF). Múltipla ovulação e transferência de embriões (MOET). Produção <i>in vitro</i> de embriões (PIVE). Transferência de embrião propriamente dita: Seleção e manejo de receptoras, metodologia e protocolos de sincronização para receptoras. Preservação e criopreservação de sêmen: Etapas das técnicas preservação e criopreservação espermática. Noções sobre sexagem de espermatozoides. Noções sobre criopreservação e vitrificação de embriões.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica APPARÍCIO, M.; VICENTE, W. R. R. Reprodução e obstetrícia em cães e gatos. São Paulo: MedVet, 2015. GONÇALVES, P. B; FIGUEIREDO, J. R.; FREITAS, V. J. F. Biotécnicas aplicadas à reprodução animal. 2. ed. São Paulo: Rocca, 2008. HAFEZ, B.; HAFEZ, E. S. E. Reprodução Animal. 7. ed. São Paulo: Manole, 2004. OLIVEIRA, M. E. F.; TEXEIRA, P. P.; VICENTE, W. R. R. Biotécnicas Reprodutivas em Ovinos e Caprinos. São Paulo: MedVet, 2013. PALLHANO, H. B. Reprodução em bovinos - fisiopatologia, terapêutica, manejo e biotecnologia. 1.ed. São Paulo: LF, 2008.</p> <p>Bibliografia Complementar GRUNERT, E.; BIRGEL, E. H.; VALE, W. G. Patologia e Clínica da Reprodução dos animais Mamíferos Domésticos - Ginecologia. 1. ed. São Paulo: Livraria Varela, 2005. HENRY, M.; NEVES, J. P. Manual para Exame Andrológico e Avaliação de sêmen animal. Belo Horizonte: Colégio Brasileiro de Reprodução Animal, 2013. SANTOS, M. H. B.; OLIVEIRA, M. A. L.; LIMA, P. F. Diagnóstico de Gestação na Cabra e na Ovelha. 1. ed. São Paulo: Varela, 2004.</p> <p>Bibliografia Recomendada FELICIANO, M. A. R.; OLIVEIRA, M. E. F.; VICENTE, W. R. R. Ultrassonografia na Reprodução Animal. São Paulo: Editora MedVet, 2013. HEUWIESER, W.; MÜLLER, K. Exame de gestação em bovinos por meio da ultrassonografia: guia para diagnóstico preciso e conduta econômica na prática veterinária. São Paulo: MedVet, 2010. LIMA, A. F. M.; LUNA, S. P. L.; PAYNE, W. J. Contracepção cirúrgica em cães e Gatos. São Paulo: MedVet, 2015.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: -
BAR 1068		BUBALINOCULTURA				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	-	OP	BAR0008, BAR 0011, BAR1020, BAR1027

EMENTA

A bubalinocultura de corte e leite no Brasil e no mundo. Raças bubalinas. Adaptação do ambiente tropical. Manejo produtivo das diferentes categorias para corte e leite. Manejo reprodutivo. Manejo sanitário. Melhoramento genético. Instalações. Leite de búfala e seus derivados.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Básica

ABCB – Brasil. **Manejo de Búfalas Leiteiras**. São Paulo: Buffalo TEC, 2007
BARNABE, V. H.; TONHATI, H.; BARUSELLI, P. S. **Bubalinos: Sanidade, reprodução e produção**. In: 1º Simpósio Paulista de Bubalinocultura. Anais... Jaboticabal: FUNEP, 1999.
BERCHIELLI, T. T.; PIRES, A. V.; OLIVEIRA, S. G. **Nutrição de ruminantes**. 2. ed. Jaboticabal: Funep, 2011.
FRANDSON, R. D.; WILKE, W. L.; FAILS, A. D. **Anatomia e fisiologia dos animais de fazenda**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
LÁU, H. D. **Doenças em Búfalos no Brasil**. 1. ed. Embrapa, 2000.

Bibliografia Complementar

ASSUMPCÃO, J. C. **Bufalando Sério**. Guaíba- Agropecuária, 1996.
LANA, R. P. **Nutrição e alimentação animal: mitos e realidades**. 2. ed. Viçosa: UFV, 2007.
ZAVA, M. **Produção de Búfalos**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984.

Bibliografia Recomendada

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BÚFALOS – ABCB. **Manejo de búfalas leiteiras**. 2007. Disponível em: <http://www.abcb.com.br>
COUTO, A.G. **Manejo de bezerros bubalinos em uma pecuária de leite**. Circular técnica, n. 1. 2005. Disponível em: http://www.fmzv.unesp.br/bufalos/HPBufalos_files/Mat_Didatico/12-Manejo_Bez_Bub_Leite.pdf
COUTO, A.G. **Como aumentar a produção de leite em búfalos**. Circular técnica, n. 4. 2008. Disponível em: http://www.fmzv.unesp.br/bufalos/HPBufalos_files/Circulares_Tecnicas/Circular_Tecnica_4.pdf



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1069			NOME DO COMPONENTE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	BAR1009
EMENTA						
<p>Conceitos de ciência, tecnologia e inovação. Relação entre ciência, tecnologia, inovação, e sociedade ao longo da história. Inovação como o motor de transformação econômica e social. O impacto da ciência, da tecnologia na sociedade contemporânea. A participação da sociedade na definição de políticas relativas às questões científicas, tecnológicas, econômicas e ecológicas.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BOOTH, A. Tecnologia, inovação, crescimento e capitalismo. Marxismo, 2013. LIMA JUNIOR, P.; DECONTO, D. C. S.; ANDRELLA NETO, R.; CAVALCANTI, C. J. H.; OSTERMANN, F. Marx como referencial para análise de relações entre ciência, tecnologia e sociedade. São Paulo: Ciência e Educação, 2014. SASAKI, C. Introdução à Teoria da Ciência. EDUSP, 2010. SANTOS, A. B. A; FAZION, C. B. Inovação: Um Estudo Sobre a Evolução. Caderno de Administração, 2011. TAKAHASHI, T. Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.</p> <p>Bibliografia Complementar BAZZO, W. A. Ciência, Tecnologia e Sociedade e o Contexto da Educação Tecnológica. 1. ed. Editora da UFSC, GALBRAITH, J. K. The Essential Galbraith. Boston, New York: Houghton Mifflin Company, 2001. COURVISANOS, J. Technological Innovation: Galbraith, the Post Keynesians, and a Heterodox Future Author. Journal of Post Keynesian Economics, 2005.</p> <p>Bibliografia Recomendada MAMIGONIAN, A. Tecnologia e Desenvolvimento Desigual no Centro do Sistema Capitalista. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: Editora da UFSC, 1982. SCHUMPETER, J. A. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0018			NOME DO COMPONENTE COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OP	-
EMENTA						
O agronegócio. O papel da comercialização no agronegócio. Peculiaridades do produto e da produção agrícola e suas inter-relações com a comercialização. Estratégias de comercialização agrícola. Mercado a termo. Cédula do Produtor Rural - CPR. Mercados de futuros. Mercado de opções. Análise fundamentalista e grafista.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ARAÚJO, M. J. Fundamentos de agronegócio. São Paulo: Atlas, 2003. 147 p. BATALHA, M. O. Gestão Agroindustrial. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. 800p. Vol 1. BESSADA, O. BARBEDO, C. ARAUJO, G. Mercado de derivativos no Brasil: conceitos, operações e estratégias. Rio de Janeiro: editora Record. MENDES, J. T. G.; PADILHA JR., J. B. Agronegócio: uma abordagem econômica. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. TEJON, J.L.; XAVIER, C. Marketing e Agronegócio: A nova gestão – diálogo com a sociedade. 1. ed. São Paulo: Pearson, 2009. 336 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BARROS, G.S.C. Economia da comercialização agrícola. Piracicaba: FEALQ, 1987. 306 p. FAGUNDES, M.A. Políticas agrícolas e o comércio mundial. Brasília: IPEA, 1994. Série Estudos de Políticas Agrícolas n° 28. MARQUES, P. V. Mercados futuros agropecuários. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2008. MICELI, W. M. Derivativos de agronegócios: gestão de riscos de mercado. São Paulo: Editora Saint Paul, 2008. SCHOUCHANA, F. Introdução aos mercados futuros e opções agropecuários no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Bolsa de Mercadorias e Futuros, 2004.</p> <p>Bibliografia Recomendada FONSECA, R.B. A reforma das políticas agrícolas dos países desenvolvidos: impactos sobre o comércio mundial. Brasília: IPEA, 1978. 325 p. Estudos de Políticas Agrícolas - n°8. HOFFMANN, R, et al. Administração da empresa agrícola. São Paulo: Pioneira, 1978. 325 p. JAKUBASZKO, R. et al. Marketing da Terra 1. ed. Viçosa: UFV, 2005. 279 p. JAKUBASZKO, R. Marketing Rural. 2. ed. Viçosa: UFV, 2006. 205 p. KOTLER, P.; KELLER, K. L. Administração de marketing. 12. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006. 776 p. MARQUES, P.V.; AGUIAR, D.R.D. <i>Comercialização de Produtos Agrícolas</i>. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 295 p. MARQUES, P.V.; MELLO, P. C; MARTINES, J.G. Mercados Futuros e de Opções Agropecuárias. Piracicaba, S.P., Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP, 2006, Série Didática n° D-129. MEGIDO, J.L.T.; XAVIER, C. Marketing e agribusiness. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1998. 360 p. WAQUIL, P. D; MIELE, M.; SCHULTZ, G. Mercados e comercialização de produtos agrícolas. Porto Alegre: UFRGS, 2010</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2035			NOME DO COMPONENTE CONSTRUÇÕES RURAIS		SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR2004
EMENTA						
<p>Estudo dos diversos materiais e técnicas de construção civil aplicados nas construções rurais. Técnicas de acondicionamento térmico natural e artificial das instalações. Técnicas de tratamento de resíduos da agropecuária. Noções básicas de instalações hidrossanitárias e elétricas em edificações rurais. Instalações para criações zootécnicas e complementares. Obras de infraestrutura interna (abrigos, depósitos, barragens, canais, estradas, silos, estufas e cercas). Memorial descritivo, orçamento e cronograma físico-financeiro. Aulas de campo e visita técnica.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BAÊTA, F. C.; SOUSA, C. F. Ambiência em edificações rurais: conforto animal. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 2010. 269p. FREIRE, W. J.; BERALDO, A. L. Tecnologias e materiais alternativos de construção. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. 333p. HIBBELER, R. C. Resistência dos materiais. 7^a ed. Editora Pearson, 2010, 656p. LAZZARINI NETO, S. Instalações e benfeitorias. 2. ed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000. 110p. PEREIRA, M. F. Construções Rurais. São Paulo: Nobel. 2009. 330p. PETRUCCI, E. G. R. Materiais de construção. 12. ed. Editora Globo, 2003. 435p. BORGES, A. C. Prática das pequenas construções. 9. ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2009. 400p.</p> <p>Bibliografia Complementar PFEIL, W.; PFEIL, M. Estruturas de aço – dimensionamento prático de acordo com a NBR8800:2008. 8. ed. Editora LTC. 2009. 357p. PFEIL, W.; PFEIL, M. Estruturas de madeira. 6. ed. Editora LTC. 2003. 224p. REBELLO, Y. C. P. Estruturas de aço, concreto e madeira. São Paulo: Editira Zigurate, 2000. 376p. NEUFERT, P. Arte de projetar em arquitetura. 17. ed. Editora G. Gili, 2013, 567p. SOUZA, J. L. M. Manual de construções rurais. Curitiba: Editora UFPR, 1997. 165p.</p> <p>Bibliografia Recomendada ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS _____ NBR13531_1995 - Elaboração de projeto de edificações – Atividades técnicas _____ NBR6120_1980 - Cargas para o cálculo de estruturas de edificações. _____ NBR6123_1988 - Forças devidas ao vento em edificações. _____ NBR6122_1996 - Projeto e execução de fundações. _____ NBR7190_1997 - Projeto de estruturas de madeira. _____ NBR6118_2007 - Projeto de estruturas de concreto – Procedimento. _____ NBR8800_2008 - Projeto e execução de estruturas de aço e de estruturas mistas aço-concreto de edifícios – Procedimento. _____ NBR7229_1993 - Projeto, construção e operação de sistemas de tanques sépticos.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2087			NOME DO COMPONENTE COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OP	-
EMENTA						
Teoria e origem das organizações do meio rural: cooperativas, associações e sindicatos. Fundamentos filosóficos da cooperação. Princípios do cooperativismo. Classificação e organização das cooperativas. Fundação e administração de cooperativas agrícolas. Associativismo. Estrutura e funcionamento das associações. Estrutura e funcionamento dos sindicatos rurais. Experiências cooperativas no Brasil e no mundo. Políticas públicas e programas de incentivo ao associativismo e cooperativismo. Legislação vigente. Visitas técnicas a cooperativas, associações e/ou sindicatos..						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BATALHA, M. O. Gestão Agroindustrial. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. 800p. Vol 2. BIALOSKORKI, NETO, S. Economia e gestão de organizações cooperativas. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012, 231 p. CRUZIO, H.O. Como organizar e administrar uma cooperativa. 4. ed. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2007. 156 p. MARTINS, S. P. Cooperativas de trabalho. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2015. 200 p. SPERRY, S.; MERCOIRET, J. Associação de pequenos produtores rurais. 1. ed. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2003. 130 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BARBOSA, R.N. A economia solidária como política pública. Uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 320 p. CAMPOS JUNIOR, L.C. O cooperativismo no vale do Paranapanema: estudo das cooperativas Riograndense, agropecuária de Pedrinhas Paulista e Coopermota (1980 - 1995). 1. ed. Marília: UNIMAR, 2000. 251 p. CRUZIO, H.O. Cooperativas em rede e autogestão do conhecimento. 1. ed. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2006. 174 p. HIRIART, M.M.M. Projeto de desenvolvimento integrado do cooperativismo de São Paulo: PDICOOP III: modalidade: cooperativas agropecuárias. 1. ed. São Paulo: ICA, 2002. 188 p. SINGER, P.; MACHADO, J. Economia socialista. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000. 81 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada BRAGA, M.J.; REIS, B.S. Agronegócio Cooperativo: reestruturação e estratégias. 1. ed. Viçosa: EFV, 2002. 305 p. FARIA, J.H. Gestão Participativa: relações de poder e de trabalho nas organizações. 1. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009. v. 1. 407 p. FIORINI, C. G. ZAMPAR, A. C. Cooperativismo e empreendedorismo. Cotia: Pandorga, 2015. 312p. GAIGER, L.I. Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 417 p. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Lei cooperativista – Nº 5.640 de 16/12/71. Brasília: 1971. PINHO, D.B. Administração de cooperativas. São Paulo: CNPq, 1982. 280p. TEVOEDJRE, A. A pobreza, riqueza dos povos: a transformação pela solidariedade. São Paulo: Cidade Nova. 1981. 205 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2004		NOME DO COMPONENTE DESENHO TÉCNICO BÁSICO			SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	60	60	-	23	OP	-
EMENTA						

Introdução ao Desenho Técnico. Instrumentos e Materiais de desenho. Noções de Geometria Descritiva: representação no espaço e em é pura de pontos, retas e planos. Escalas numérica e gráfica simples. Vistas ortográficas e perspectivas. Introdução ao Desenho Arquitetônico: plantas, cortes e fachadas. Normas Técnicas Segundo ABNT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Básica

- FRENCH, T. E.; VIERCK, C. J. **Desenho técnico e tecnologia gráfica**. 8ª.ed. Porto Alegre: Globo, 2005. 1093 p.
- MONTENEGRO, G. A. **Desenho arquitetônico**. 4ª. ed. revisada. e atual. São Paulo: Edgard Blücher, 2001. 167 p.
- MONTENEGRO, G. A. **Geometria Descritiva**, v.1. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- SILVA, A.; RIBEIRO, C.T.; DIAS, J.; SOUSA, L. **Desenho técnico moderno**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2010. 496 p.
- SILVA, E. O.; ALBIERO, E. **Desenho técnico fundamental**. 5ª ed. São Paulo: E.P.U, 2009, 130p.

Bibliografia Complementar

- ALMEIDA NETO, J. T. P. **Desenho técnico para a construção civil 2**. São Paulo: EPU-Edusp, 1976. 68p. (Coleção Desenho Técnico).
- RIBEIRO, A. C.; PERES, M. P.; IZIDORO, N. **Desenho técnico e AutoCAD**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013. 363p.
- RIBEIRO, C. P. B. V.; PAPA ZOGLOU, R. S. **Desenho técnico para engenharias**. Curitiba: Juruá, 2008 196 p.
- SATHLER, N. S. **Notas de aula de desenho: ponto, reta, plano, escalas numérica e gráfica e vistas ortográficas**. 2ª ed. Mossoró-RN: ENA/ESAM, 1999. 185p. (Boletim Técnico-Científico, 26).
- SILVA, G. S. **Curso de desenho técnico**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

Bibliografia Recomendada

- FREDO, B. Noções de geometria e desenho técnico. São Paulo: Ícone, 1997.
- XAVIER, N. Desenho técnico básico. São Paulo: Ática, 1993
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS
- _____ NBR5984 -1970: Norma geral de desenho técnico.
- _____ NBR6492 -1994: Representação de projetos de arquitetura
- _____ NBR8196 - 1999: Desenho técnico - Emprego de escalas
- _____ NBR8402 - 1994: Execução de caracter para escrita em desenho técnico – Procedimento
- _____ NBR8403 - 1984: Aplicação de linhas em desenhos - Tipos de linhas – Larguras das linhas - Procedimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

_____	NBR10067 - 1995: Princípios gerais de representação em desenho técnico - Procedimento
_____	NBR10068 - 1987: Folha de desenho - Leitura e dimensões
_____	NBR10126 - 1987: Versão Corrigida: 1998 - Cotagem em desenho técnico - Procedimento
_____	NBR10582 - 1988: Apresentação da folha para desenho técnico - Procedimento
_____	NBR10647 - 1989: Desenho técnico – Terminologia
_____	NBR12298 - 1995: Representação de área de corte por meio de hachuras
_____	NBR13142 - 1999: Desenho técnico - Dobramento de cópia



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2018			NOME DO COMPONENTE ECOLOGIA E GESTÃO AMBIENTAL NA AGRICULTURA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	-
EMENTA						
<p>Fatores ecológicos abióticos e bióticos. Biocenose e ecossistema. Fluxo de energia e matéria através dos ecossistemas. Ciclos biogeoquímicos. Principais ecossistemas do mundo e do Brasil. Sustentabilidade de atividades humanas. Classificação e proteção aos recursos naturais. Poluição e desequilíbrios ecológicos. O agroecossistema. Sistemas alternativos de produção. Meio ambiente e desenvolvimento. Legislação e normas ambientais ligadas aos recursos naturais renováveis. Licenciamento ambiental: EIA/RIMA. Certificação ambiental.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ALBUQUERQUE, J. L. (org.) Gestão ambiental e responsabilidade social. Conceitos, ferramentas e aplicações. São Paulo: Atlas, 2010. ALMEIDA, J. R. Gestão ambiental: para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Thex, 2006. BRAGA, B. et al. Introdução à Engenharia Ambiental. Ed. Prentice Hall, São Paulo, 2002. 305p. DAJOZ, R. Princípios de ecologia. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 519p. DIAS, R. Gestão ambiental. Responsabilidade social e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2007. GLIESSMAN, S.R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. 653p. PRIMAVERESI, A. Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais. São Paulo: Nobel, 2002. 549 p.</p> <p>Bibliografia Complementar HESS, A.A. Ecologia e produção agrícola. São Paulo: NOBEL, 1980. 126p. MARQUES, J. F.; SKORUPA, L. A.; FERRAZ, J. M. G. (Ed.). Indicadores de sustentabilidade em agroecossistemas. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente. 2003, p.15-35. ODUM, E. O. Fundamentos de Ecologia. 6. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2001. 930 p. RAMAZZO, L.; SILVA, P. C. Questões atuais de direito, ética e ecologia. 1.ed. Campinas: Alinea, 2007. 196p TOWNSEND, C.R.; BEGON, M.; HARPER, J.L. Fundamentos em Ecologia. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006. 592 p.</p>						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2020			NOME DO COMPONENTE ENTOMOLOGIA AGRÍCOLA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR2013
EMENTA						
O conceito de pragas. Ecologia dos insetos. Insetos e plantas. Métodos de controle. Manejo integrado de pragas. Toxicologia dos Inseticidas. Tecnologia de aplicação de defensivos. Insetos vetores de patógenos de plantas. pragas das principais culturas agrícolas. Receituário agrônomo e legislação. Aulas de campo						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica ANDREI, E. Compêndio de Defensivos Agrícolas . São Paulo, 9ª Edição. Andrei Editora, 2013. 1380p. CROCOMO, W.B. (Org.) Manejo Integrado de pragas . Botucatu (SP): Editora UNESP, 1990. 357p. GALLO, D. et al. Entomologia agrícola . Piracicaba, SP: FEALQ, 2002. 920 p. MINGUELA, J. V. Manual de Aplicação de Produtos Fitossanitários . Aprenda Fácil Editora, 2011. 588p. PARRA, J.R.P.; BOTELHO, P.S.M.; CORREA-FERREIRA, B.S.; BENTO, J.M.S. (eds.). Controle biológico no Brasil – parasitóides e predadores . São Paulo:Manole, 2002. 635p. VENZON, M. et al. Controle alternativo de pragas e doenças . Viçosa: Epamig, 2006. 358 p. ZAMBOLIM, L.; ZUPPI, M.; SANTIAGO, T. O Que Engenheiros Agrônomos Devem Saber para Orientar Uso de Produtos Fitossanitários . 2008, 464p.						
Bibliografia Complementar FUJIHARA, R. T. et al. Insetos de Importância Econômica: Guia Ilustrado para Identificação de Famílias . Botucatu, SP: Editora FEPAF, 2011. 391 p. GULLAN, P. J.; CRANSTON, P. S. Os insetos: um resumo de entomologia . 3. ed. São Paulo: Roca, 2008. 440 p. VENZON, M. et al. Controle alternativo de pragas e doenças . Viçosa: Epamig, 2006. 358 p. TRIPLEHORN, C. A.; JOHNSON, N. F. Estudo dos insetos . São Paulo: Cengage, 2011. 816 p. ZUCCHI, R.A.; SILVEIRA NETO, S.; NAKANO, O. Guia de identificação de pragas agrícolas . Piracicaba: FEALQ, 1997. 139p.						
Bibliografia Recomendada GARCIA, F. R. M. Zoologia agrícola: manejo ecológico de pragas . 3. ed. ampl. Porto Alegre: Rigel, 2008. 256 p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2013			NOME DO COMPONENTE ENTOMOLOGIA GERAL			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR2006
EMENTA						
<p>Importância e diversidade dos insetos. Biologia de insetos. Ecologia de insetos. Cor e mimetismo. Morfologia geral dos insetos. Anatomia interna e fisiologia dos insetos. Taxonomia geral dos insetos. Principais ordens dos insetos de interesse agrícola. Insetos aquáticos, de solo e detritívoros. Coleções Entomológicas. Noções sobre acarologia.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica CARRANO-MOREIRA, A.F. Insetos - Manual de Coleta e Identificação - 2ª Ed. 2014. FUJIHARA, R.T.; FORTI, L.C.; ALMEIDA, M.C.; BALDIN, E.L.L. Insetos de Importância Econômica: Guia Ilustrado para Identificação de Famílias. Editora FEPAF, Botucatu, SP, 2011, 391 p. GALLO, D.; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R.P.L.; BATISTA, G.C. DE; BERTI FILHO, E.; PARRA, J.R.P.; Entomologia agrícola. Piracicaba, SP: FEALQ, 2002. 920 p. GULLAN, P. J. & P. S. CRANSTON. Os Insetos – um resumo de entomologia. São Paulo: Editora Roca. 2007. 456p. MORAES, G. J.; FLECHTMANN, C. H. W. Manual de Acarologia: Acarologia Básica e Ácaros de Plantas Cultivadas no Brasil. Ribeirão Preto: Editora Holos Ltda., 2008. 288p. RAFAEL, J.A.; MELO, G.A.R.; CARVALHO, C.J.B. de; CONSTANTINO, R. 2012. Insetos do Brasil, Diversidade e Taxonomia. Holos Editora, Ribeirão Preto. 810p. TRIPLEHORN, C. A.; JOHNSON, N. F. Estudo dos insetos. 2ª ed. São Paulo: Cengage, 2015. 766 p.</p> <p>Bibliografia Complementar ALMEIDA, A.C.; FREITAS, A.V.L. Lepidoptera: borboletas e Mariposas do Brasil, Exclusivas Primeira Ed. São Paulo. 2012. Publicações LTDA Grupo Direcional. 208p. BUZZI, Z. J. Entomologia didática. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2002. 348p. CELSO L. GODINHO JR. Besouros e Seu Mundo. 2010. Technical Books Editora. 477p. FLECHTMANN, C.H.W. Ácaros de importância agrícola. São Paulo, Nobel, 1989, 189p.</p> <p>Bibliografia Recomendada GARCIA, F. R. M. Zoologia agrícola: manejo ecológico de pragas. 3. ed. ampl. Porto Alegre: Rigel, 2008. 256 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1072			NOME DO COMPONENTE ENTOMOLOGIA MÉDICA E VETERINÁRIA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OP	BAR1015
EMENTA						
<p>Introdução; importância dos insetos para o sistema e para o ser humano; Taxonomia, morfologia, biologia e ecologia dos principais táxons de artrópodes endo e ectoparasitas e/ou vetores de agentes causadores de doenças para o homem e outros animais. Coevolução parasita-hospedeiro, conceitos de vetor, epidemiologia de transmissão de doenças; Classificação dos artrópodes de importância médica e veterinária; Doenças e afecções associadas aos artrópodes. Controle e manejo de insetos e outros artrópodes; Controle biológico; Ecologia Química de insetos; Monitoramento e Vigilância Entomológica; Prevenção e Educação Ambiental.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica MARCONDES, C. B. Doenças transmitidas e causadas por artrópodes. São Paulo: Atheneu, 2009. MARCONDES, C.B. Entomologia Médica e Veterinária. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2011. MONTEIRO, S. G. Parasitologia na Medicina Veterinária. 2. ed. São Paulo: Roca, 2017. NEVES, D. P. Parasitologia Humana. 12. Ed. São Paulo: Atheneu, 2011. TAYLOR, M. A., COOP, R. I., WALL, R. L. Parasitologia Veterinária. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.</p> <p>Bibliografia Complementar AMATO NETO, V. Parasitologia: uma abordagem clínica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. FORTES, E. Parasitologia veterinária. 4. ed. São Paulo: Ícone, 2004. GUIMARÃES, J. H.; TUCCI, E. C. D.; BARROS-BATTESTI M. Ectoparasitas de Importância Veterinária. São Paulo: Plêiade, 2001. RAFAEL, J. A.; MELO, G. A. R.; CARVALHO, C. J. B.; CASARI, S. A.; CONSTANTINO, R. Insetos do Brasil. Ribeirão Preto: Holos, 2012. REY, L. Bases da Parasitologia Médica. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>Bibliografia Recomendada BARROS-BATTESTI, D. M.; ARZUA, M.; BECHARA, G. H. Carrapatos de importância médico veterinária da região neotropical: um guia ilustrado para identificação de espécies. 1. ed. São Paulo: Instituto Butantan, 2006. BOWMAN, D. D. G. Parasitologia Veterinária. 3. ed. São Paulo: Elsevier, 2010. CONSOLI R. A. G. B.; LOURENÇO DE OLIVEIRA, R. Principais Mosquitos de Importância Sanitária no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. FOREYT, W. J. Parasitologia Veterinária: manual de referência. 5. ed. São Paulo: Roca, 2005. URQUHART, S. Parasitologia Veterinária. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2010.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1059			NOME DO COMPONENTE EPIDEMIOLOGIA DE ZOOSE			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	BAR1013, BAR1015
EMENTA						
Estudo das principais zoonoses de interesse Médico Veterinário, incluindo aquelas de origem bacterianas, virais, parasitárias e priônicas que sejam mais endêmicas no Brasil. Discutindo os principais aspectos relacionados aos hospedeiros, mecanismos de transmissão, bem como as principais medidas de prevenção e controle destas endemias.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BARR, S. C. Doenças Infecciosas e Parasitárias em Cães e Gatos. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. BOWMAN, D. D. G. Parasitologia Veterinária. 3. ed. São Paulo: Elsevier, 2010. CARTER, W. J.; DONELLY, F. C.; LEONARD, M. E.; QUINN, P. J. Microbiologia veterinária e doenças Infecciosas. Porto Alegre: Artmed, 2005. MONTEIRO, S. G. Parasitologia na Medicina Veterinária. 1. ed. São Paulo: Roca, 2011. THURSFIELD, M. Epidemiologia Veterinária. 2. ed. São Paulo: Roca, 2004. QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; CARTER, M. E.; DONNELLY, W. J.; LEONARD, F. G. Microbiologia Veterinária e Doenças Infecciosas. São Paulo: Artmed, 2005.</p> <p>Bibliografia Complementar CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. Promoção de saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. FRANCO, B. D. G. M.; LANDGRAF, M. Microbiologia dos Alimentos. São Paulo: Atheneu, 2005. NEVES, D. P. - Parasitologia Humana, 10. ed. São Paulo: Atheneu, 2000. RAMSEY, I. K.; TENNANT, B. J. Manual de Doenças Infecciosas Em Cães e Gatos. 1. ed. Editora: São Paulo: Roca, 2010. TORTORA, G. T.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. Microbiologia. 8. ed. São Paulo: Artmed, 2005.</p> <p>Bibliografia Recomendada FLORES, E. F. Virologia veterinária - virologia geral e doenças víricas. 2. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2012 MARCONDES, C. B. Entomologia médica e veterinária. São Paulo: Atheneu, 2001 PELCZAR, M. J.; CHAN, E. C. S.; EDWARDS, D. D. Microbiologia - Conceitos e Aplicações. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2023			NOME DO COMPONENTE ESTATÍSTICA EXPERIMENTAL			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	BAR1008
EMENTA						
<p>Importância e conceitos em Estatística Experimental. Princípios básicos da experimentação. Planejamento de experimentos. Análise de variância. Delineamentos experimentais. Experimentos fatoriais. Experimentos em parcelas subdivididas. Análise de grupos de experimentos. Contrastes e procedimentos para comparações múltiplas. Regressão na análise de variância. Programas computacionais estatísticos e análise de experimentos.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BANZATTO, D.A.; KRONKA, S. do N. Experimentação agrícola. 4. ed. Jaboticabal: Funep, 2006. 237 p. PIMENTEL-GOMES, F.; GARCIA, C.H. Estatística Aplicada a Experimentos Agrônomicos e Florestais. 1. ed. Piracicaba: FEALQ, 2002. 309 p. PIMENTEL-GOMES, F. Curso de estatística experimental. 15. ed. Piracicaba: FEALQ, 2009. 451 p. RAMALHO, M.A.P.; FERREIRA, D.F.; OLIVEIRA, A.C. Experimentação em genética e melhoramento de plantas. 3. ed. Lavras: UFLA, 2012. v. 1. 305 p. STORCK, L. et al. Experimentação vegetal. 3. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2016. 198 p. VIEIRA, S. Análise de Variância: Anova. São Paulo: Atlas, 2006. 204 p. ZIMMERMANN, F.J.P. Estatística aplicada à pesquisa agrícola. 2. ed. Brasília: Embrapa, 2014. 582 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BARBOSA, J.C.; MALDONADO JÚNIOR, W. Experimentação Agronômica & AgroEstat: Sistema para Análises Estatísticas de Ensaios Agrônomicos. Jaboticabal: Multipress, 2015. 396 p. CRUZ, C.D. Programa Genes: Estatística Experimental e Matrizes. 1. ed. Viçosa: UFV, 2006. 285 p. MELLO, M.P.; PETERNELLI, L.A. Conhecendo o R: Uma Visão mais que Estatística. 1. ed. Viçosa: Editora UFV, 2013. 222 p. RIBEIRO JÚNIOR, J.I.; MELO, A.L.P. Guia prático para utilização do SAEG. 1. ed. Viçosa: Editora independente, 2009. 287 p. SAMPAIO, I.B.M. Estatística aplicada à experimentação animal. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação de Estudo e Pesquisa em Medicina Veterinária e Zootecnia, 2010. 264 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada ANDRADE, D.F.; OGLIARI, P.J. Estatística para ciências agrárias e biológicas: com noções de experimentação. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2010. 470 p. DIAS, L.A.S.; BARROS, W.S. Biometria Experimental. 1. ed. Viçosa: UFV, 2009. 408 p. MISCHAN, M.M.; PINHO, S.Z. Experimentação agrônômica: dados não balanceados. Botucatu: FUNDIBIO, 1996. 456 p. RESENDE, M.D.V. Matemática e estatística na análise de experimentos e no melhoramento genético. Colombo: Embrapa Florestas, 2007. 561 p. SILVA, I.P.; SILVA, J.A.A. Métodos estatísticos aplicados à pesquisa científica: uma abordagem para profissionais da pesquisa agropecuária. Recife: UFRPE, 1999. 309 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2024		NOME DO COMPONENTE FISIOLOGIA VEGETAL			SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR1005, BAR2005
EMENTA						
Funções da planta. Fotossíntese (plantas C3, C4 e CAM). Respiração. Relações hídricas. Transporte de solutos orgânicos. Desenvolvimento vegetativo. Hormônios e Fitoreguladores. Desenvolvimento reprodutivo. Dormência e germinação. Senescência e abscisão. Fisiologia ambiental. A planta sob condições adversas.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica						
CASTRO, P.R.A.; KLUGE, R.A.; PERES, L.E.P. Manual de Fisiologia Vegetal – Teoria e Prática . Campinas: CERES. 2005. 650p.						
KERBAUY, G.B. Fisiologia Vegetal . Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. 2004. 452 p.						
LACHER, W. Ecofisiologia vegetal . São Carlos: RIMA Artes e Textos. 2000. 531p.						
MARENCO, R. A.; LOPES, N. F. Fisiologia Vegetal . Viçosa: Editora UFV. 2005. 451p.						
SALISBURY, F.B. & Ross, C.W. Fisiologia das Plantas . Tradução da 4ª Edição Norte-americana. Ed. Cengage Learning. 2013. 792p.						
SANTANA, D.G. & RANAL, M.A. 2004. Análise da germinação: um enfoque estatístico . Brasília, Editora Universidade de Brasília. 247p.						
TAIZ, L.; ZEIGER, E. Fisiologia Vegetal . 5. ed. Porto Alegre: Artemed. 2013. 954p.						
Bibliografia Complementar						
FERRI, M.G. Fisiologia vegetal . 2. ed. Volume 1. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária. 1985, 392p.						
FERRI, M.G. Fisiologia vegetal . 2. ed. Volume 2. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária. 1985, 401p.						
GLORIA, B.A.; GUERREIRO, S.M.C. Anatomia vegetal . Viçosa: Editora UFV. 2003. 438p.						
RAVEN, P.H.; EVERT, R.F. & CURTIS, H. 2001. Biologia vegetal . 6ª ed. Editora Guanabara Dois. Rio de Janeiro. 906p.						
Bibliografia Recomendada						
HALL, D.O.; RAO, K.K. Photosynthesis . Cambridge:University Press, 1994. 211p.						
HELD, H.W. Plant biotechnology and molecular biology . Oxford: Oxford University Press, 1997, 522p.						
SALISBURY, F.B.; ROSS, C.W. Plant physiology . Belmont:Wadsworth Publishing Co;. 1992. 422p.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0021			NOME DO COMPONENTE FONTES ALTERNATIVAS DE ENERGIA NA AGRICULTURA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OP	BAR2018
EMENTA						
Introdução. Conceitos básicos em energia. Combustão, combustíveis e fornalhas. Biodigestores rurais. Aproveitamento de pequenas quedas d'água. Energia solar. Energia eólica. Energia hidráulica. Energia da Biomassa. Outras fontes de energia.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica FARRET, F.A. Aproveitamento de Pequenas Fontes de Energia Elétrica. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2014. 320 p. GOLDEMBERG, J. Energia e Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Edgard Blucher, 2010. 94 p. PINTO, M. Fundamentos de energia eólica. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 392 p. SOUZA, T.M. Sistemas Alternativos de Energia e os Cálculos Práticos. 2. ed. Lorena: Editora Lighthouse, 2014. 52 p. VILLELA, A.A.; FREITAS, M.A.V.; ROSA, L.P. O Uso de Energia de Biomassa no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2015. 196 p.</p> <p>Bibliografia Complementar BRANCO, S.M. Energia e meio ambiente. 13. ed. São Paulo: Moderna, 1996. 96 p. GOLDEMBERG, J.; PALETTA, F.C. Energias Renováveis. 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2012. 110 p. LOPEZ, R.A. Energia Eólica. 4. ed. São Paulo: Artliber, 2002. 156 p. LOPEZ, R.A. Energia Solar. 4. ed. São Paulo: Artliber, 2002. 155 p. LUCAS JÚNIOR, J., SOUZA, C.F., LOPES, J.D.S. Construção e operação de biodigestores. Viçosa: CPT, 2003. 176 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada BEZERRA, A.M. Aplicações térmicas da energia solar. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1984. 224 p. BEZERRA, A.M. Aplicações Práticas da Energia Solar. Nobel, 1990. 134 p. EMBRAPA. Construção e funcionamento de biodigestores. Circular Técnica, n. 04, 1987. 85 p. MELLO, M.G. Biomassa: energia dos trópicos em Minas Gerais. Belo Horizonte: Labmídia, 2001. 268 p. PALZ, W. Energia solar e fontes alternativas. São Paulo: Hemus Livraria e Editora Ltda, 1980. 358 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0022			NOME DO COMPONENTE FORMULAÇÃO E FABRICAÇÃO DE RAÇÕES			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	BAR0011
EMENTA						
<p>Introdução à formulação de rações; classificação dos alimentos, destacando os mais usados na formulação de rações e as principais restrições; produção de rações para as principais espécies domésticas; aspectos práticos e econômicos da alimentação animal; tabelas de exigências e composição nutricional dos alimentos; formulação de suplementos minerais e vitamínicos e sais mineralizados; metodologia do balanceamento de rações; utilização de programação linear no balanceamento de rações de mínimo custo; controle de qualidade de ingredientes e rações; fluxograma de uma fábrica de ração; normas e padrões da alimentação para animais.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica DETMANN, E., SOUZA, M.A.DE, VALADARES FILHO, S.C., QUEIROZ, A.C.DE, BERCHIELLI, T.T., SALIBA, E.O.S., CABRAL, L.S., PINA, D.S., LADEIRA, M.M., AZEVEDO, J.A.G., 2012. Métodos para Análise de Alimentos. Inst. Nac. Ciênc. Tecnol. Ciênc. Anim. (Suprema, Visconde do Rio Branco).</p> <p>LANA, R.P. Nutrição e alimentação animal: mitos e realidades. Viçosa: UFV, 2007. 344 p.</p> <p>LANA, R.P. Sistema Viçosa de Formulação de Rações. Editora UFV. 2007. 91p.</p> <p>ROSTAGNO, H.S. et al. Composição de alimentos e exigências nutricionais de aves e suínos (tabelas brasileiras). 3. ed. Viçosa: Editora UFV, 2001.</p> <p>VALADARES FILHO, S.C.; ROCHA JR., V.R.; CAPPELLE, E.R. Tabelas Brasileiras de Composição de Alimentos para Bovinos. Viçosa: Editora UFV, 2002.</p> <p>Bibliografia Complementar ANDRIGUETTO, J.M. et al. Normas e Padrões de Nutrição e Alimentação Animal. Curitiba: Nobel. Revisão 2000/2001.</p> <p>CAMPOS, F.P. Métodos de Análise de Alimentos. 1. ed. Piracicaba: ESALQ, 2004.</p> <p>LOURENÇO, F.F. Qualidade no processo de produção de rações para aves e suínos em propriedades rurais. Editora CRV, 2011. 130p.</p> <p>SILVA, D.J.; QUEIROZ, A.C. Análise de Alimentos: Métodos Químicos e Biológicos. 3. ed. Viçosa: Editora UFV, 2002.</p> <p>VALADARES FILHO, S.C., MACHADO, P.A.S., CHIZZOTTI, M.L. et al. BR-CORTE 1.0. Cálculo de Exigências Nutricionais e Formulação de Dietas. 2012..</p> <p>Bibliografia Recomendada CAMPOS, J. Tabelas para cálculo de rações. 2. ed. Viçosa: Editora UFV, 1995. 64 p.</p> <p>COUTO, H.P. Fabricação de rações e suplementos para animais. Editora Aprenda Fácil, 2008. 263p.</p> <p>ISLABÃO, N.; RUTZ, F. Manual de cálculo de rações para os animais domésticos. 6. ed. Pelotas: Editora Hemisfério Sul do Brasil, 1995.</p> <p>N.R.C. National Research Council. Nutrient Requirements of Beef Cattle, 7th ed. Reviewed edition. National Academy Press. Washington, D.C., 2000.</p> <p>NUNES, I.J. Cálculo e avaliação de rações e suplementos. Belo Horizonte: FEP-MVZ Editora, 1998. 185p.</p> <p>NUNES, I.J. Nutrição animal básica. Belo Horizonte: FEP - MVZ, 1998. 387 p.</p> <p>SINDIRAÇÕES. Compêndio brasileiro de alimentação animal, 2005.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2046		NOME DO COMPONENTE GESTÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR				SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	-
EMENTA						
<p>A reprodução social da unidade de produção. Especificidades da unidade de produção e vida familiar. Medidas de resultado econômico. Teoria da Produção: relações fator produto, relações fator-fator, relações produto-produto. Condicionantes econômicos dos critérios de decisão na agricultura familiar. Análise da capacidade de reprodução social. A composição dos resultados econômicos da unidade de produção. Racionalidade da agricultura camponesa (Chayanov e Marx) e suas implicações na gestão e na extensão rural.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica CLEMENTE, F. M. V. T. Produção de hortaliças para a agricultura familiar. Brasília: Embrapa, 2015. 108 p. COSTA, S. I. R. B. Tecnologias alternativas: repensando a agricultura familiar. Curitiba: Appris, 2015. 283 p. SOUZA FILHO, H. M.; BATALHA, M. O. Gestão integrada da agricultura familiar. São Carlos: Edufscar, 2005. 359 p. GUANZIROLI, C. Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 288 p. PLEIN, C. Desenvolvimento, mercados e agricultura familiar: uma abordagem institucional da pobreza rural. Curitiba: CRV, 2016. 78 p. ROCHA, F. E. de C.; PADILHA, G. de C. Agricultura familiar: dinâmica de grupo aplicada às organizações de produtores rurais. Brasília: Embrapa, 2004. 170 p. SCHMITZ, H. Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa. São Paulo: Annablume, 2010. 348 p.</p> <p>Bibliografia Complementar ALVES, E. Migração rural-urbana, agricultura familiar e novas tecnologias: coletânea de artigos revistos. Brasília: Embrapa, 2006. 181 p. ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p. CEDRO, R. R. Desenvolvimento rural e a OMC: a experiência do Brasil. Curitiba: Juruá, 2011. 232 p. ESTEVAM, D. de O. Casa familiar rural. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2012. 232 p. STIGLITZ, J. E.; WALSH, C. E. Introdução à Microeconomia. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 408 p.</p>						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: -
BAR2073		INFORMÁTICA INSTRUMENTAL				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	45	45	-	23	OP	-
EMENTA						
<p>Conceitos de sistemas componentes de um computador: hardware e software. Sistema operacional e ambiente de trabalho com interface gráfica. Utilização de editores de texto. Utilização de planilhas eletrônicas. Rede mundial de computadores. Softwares para análise estatística de dados e plotagem de gráficos.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica LOPES, M.A. Introdução à Agroinformática. Maceió: Editora EDUFAL, 2005. 127p. MANZANO, A.L.N.G. Estudo dirigido de Microsoft Office Excel 2013. Editora Érica, 2013. MANZANO, A.L.N.G. MANZANO, M.I.N.G. Estudo Dirigido de Microsoft Office Word 2013. Editora Érica, 2013. MELLO, M.P.; PETERNELLI, L.A. Conhecendo o R: uma visão mais que Estatística. Viçosa-MG: Editora UFV, 2013. 222p. NAVARRO, F.C. Excel 2013 – Técnicas avançadas. Editora Brasport, 2014. 320p. RIBEIRO JR., J.I. Análises estatísticas no Excel. 2ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2013. 311p. SOUZA, J. B. Windows 10. Joinville: Clube de Autores, 2015. 93p.</p> <p>Bibliografia Complementar KATORI, R. AutoCAD 2015. Editora SENAC, 2015. 484p. MANZANO, A.L.N.G.; MANZANO, M.I.N.G. TCC - Trabalho de Conclusão de Curso Utilizando o Microsoft Word 2013. Editora Iátria, 2013. 208p. RIBEIRO, A.C. Curso de Desenho Técnico e Autocad. Editora Pearson, 2013. 384p. SOUZA, J. B. Microsoft Office. Joinville: Clube de Autores, 2013. 295p. RIBEIRO JR., J.I. Análises estatísticas no SAEG. Viçosa: Editora UFV, 2001. 301p.</p> <p>Bibliografia Recomendada BARRIVIERA, R.; CANTERI, M.G. Informática Aplicada as Ciências Agrárias. Londrina: EDUEL, 2013. 183p. FERREIRA, D.F. Manual do Sistema SISVAR para análises estatísticas. Lavras: UFLA, 2000. 69p. SILVA, R.B.V. Uso do SISVAR na Análise de Experimentos. Patos de Minas: UFLA, 2007. 68p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR					
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: -
BAR1071		INTRODUÇÃO À PRODUÇÃO ANIMAL			
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático	
60	-	60	45	-	OP
EMENTA					
<p>História e Evolução da zootecnia. Importância social e econômica da agropecuária no Brasil e no mundo. Os animais domésticos. Filogenia das espécies domésticas. Classificação zoológica das espécies domésticas. Utilidade, serviços e funções dos animais domésticos. Estudo do exterior dos animais. Conceituação de raças e dos demais grupos zootécnicos. Objetivo e características das raças de bovinos, bubalinos, caprinos, ovinos, suínos e equídeos. Sistemas de criação.</p>					
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS					
Bibliografia Básica					
MARQUES, D. C. Criação de Bovinos . 7. ed. Belo Horizonte: Consultorias Veterinária e Publicações, 2006.					
PIRES, A. V. Bovinocultura de corte volume I . Jaboticabal: Funep, 2010.					
RIBEIRO, D. B. O cavalo: Raças, qualidades e defeitos . Rio de Janeiro: Globo, 1988.					
SELAIVE, A. B. Produção de Ovinos no Brasil . 1. ed. São Paulo: Roca, 2014.					
VOLTOLINI, T. V. Produção de caprinos e ovinos no Semiárido . 1. ed. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2011.					
Bibliografia Complementar					
GOMIDE, C. A. Alternativas Alimentares para Ruminantes . Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2006.					
PIRES, A. V. Bovinocultura de corte volume II . Jaboticabal: Funep, 2010.					
TORRES, G. C. V. Bases para o estudo da Zootecnia . Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA e UFPel, 1990.					
Bibliografia Recomendada					
SOUZA, W. H.; SANTOS, E. S. Criação de Caprinos Leiteiros: Uma Alternativa para o Semi-árido . João Pessoa: EMEPA-PB, 1999.					
RESENDE, M. D. V. Genética e melhoramento de ovinos . Curitiba: UFPR, 2002.					



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1073		NOME DO COMPONENTE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS				SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	
EMENTA						
Breve estudo sobre a surdez e a deficiência auditiva; A pessoa surda e seus aspectos históricos, socioculturais e linguísticos; Introdução e prática das estruturas elementares da LIBRAS: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, léxico e gramática.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
CAPOVILLA, Fernando César 1960-; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina (Ed). Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira. 3.ed. rev. ampl. São Paulo, SP: EDUSP, 2013						
CAPOVILLA, Fernando César 1960-; RAPHAEL, Walkiria Duarte. Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em Libras. São Paulo, SP: Edusp, 2004. 2009						
GOLDFELD, Marcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 7. ed. São Paulo, SP: Plexus, 2002.						
QUADROS, Ronice Müller de ; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2008.						
SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6.ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2013.						
Bibliografia Complementar						
BRITO, L. F. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.						
FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. LIBRAS em contexto. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.						
GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.						
MAZZOTTA, M. J. S. Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas. São Paulo: Cortez Editor, 2001						
VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e linguagem. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.						
Bibliografia Recomendada						
ARANTES, V. A. (Org.). Educação de surdos: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.						
LYONS, J. Língua(gem) e lingüística. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.						
MOURA, M. C de. História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, O. de C. (Org.). Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997.						
PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.						
SACKS, Oliver. Vendo Vozes. São Paulo: Companhia das letras, 1998.						
SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística geral. 16a ed. São Paulo: Cultrix, 1991.						
SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. Sign language and linguistic universals. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.						
SILVA, Marília da Piedade Marinho. A construção de sentidos na escrita do aluno surdo. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2001.						
SOARES, M. A. L. A Educação do Surdo no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, EDUSF, 1999.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1074			NOME DO COMPONENTE MANEJO DE DEJETOS ANIMAIS			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	-
EMENTA						
Origem e composição dos dejetos animais. Formas de tratamento e utilização dos dejetos produzidos na criação de animais. Estudos das inter-relações entre o ambiente, o animal e a eficiência econômica dos sistemas de produção. Educação ambiental. Legislação ambiental. Estudo e avaliação de impacto ambiental.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica BARREIRA, P. Biodigestores: energia, fertilidade e saneamento para a zona rural . 3. ed. São Paulo: Ícone, 2011. INÁCIO, C. T.; MILLER, P. R. M. Compostagem: ciência e prática para a gestão de resíduos orgânicos . Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2009. KONZEN, E. A. Alternativas de manejo, tratamento e utilização de dejetos animais em sistemas integrados de produção . Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2000. MATOS, A. T. Manual de Análise de Resíduos Sólidos e Águas Residuárias . 1. ed. Viçosa: UFV, 2015. MATOS, A. T. Tratamento e Aproveitamento Agrícola de Resíduos Sólidos . 1. ed. Viçosa: UFV, 2014.						
Bibliografia Complementar LINDNER, E. A. Legislação Ambiental vigente . Concórdia: EPAGRI/EMBRAPA-CNPSA, 1995. OLIVEIRA, P. A. V. Manual de manejo e utilização de dejetos suínos . Concórdia: Embrapa-CNPSA, 1993. PEREIRA NETO, J. T. Manual de Compostagem: Processo de baixo custo . 1. ed. Viçosa: UFV, 2007. SEGANFREDO, M. A. Questão ambiental na utilização de dejetos de suínos como fertilizante do solo . Concórdia: EMBRAPA/CNPSA, 2000. VON SPERLING, M. Lagoas de estabilização: princípios do tratamento biológico de águas residuárias . Belo Horizonte: DESA-UFMG, 1996.						
Bibliografia Recomendada KIEHL E. J. Manual de compostagem: maturação e qualidade do composto . Piracicaba: E. J. Kiehl, 2004. LINDNER, E. A. Aspectos práticos do manejo de dejetos suínos . Florianópolis: EPAGRI/EMBRAPA-CNPSA, 1995.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE			SEMESTRE: -	
BAR2049		MANEJO E CONSERVAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	-

EMENTA

Funções do solo nos agroecossistemas e no ecossistema. Planejamento do uso das terras. Fatores, processos e efeitos da degradação física, química e biológica do solo. Recuperação física, química e biológica do solo. Sistemas de manejo e práticas conservacionistas de solos. Legislação em conservação do solo e da água. Bacias hidrográficas. Uso e gestão de recursos hídricos. Recursos hídricos e seus aspectos físicos. Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil e em outros países: Instrumento de gestão, gestão participativa, valoração da água e estruturação de seus mercados. Caracterização socioeconômica, balanço de recursos hídricos e política de desenvolvimento socioeconômico.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Básica

BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. **Conservação do Solo**. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2014.
GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. **Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
PIRES, F. R.; SOUZA, C. M. **Práticas mecânicas de conservação do solo e da água**. 3. ed. Viçosa: UFV, 2006.
PRUSKI, F. F. **Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica**. 2. ed. Viçosa: UFV, 2009.
VALENTE, O. F.; GOMES, M. A. **Conservação de nascentes: Produção de água em pequenas bacias hidrográficas**. 1. ed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2011.

Bibliografia Complementar

FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; LEME, A. A. **Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: velhos e novos desafios para a cidadania**. 2. ed. São Carlos: Rima, 2006.
FERREIRA, T. N.; SCHWARZ, R. A.; STRECK, E. V. **Solos: manejo integrado e ecológico - elementos básicos**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2000.
LEPSCH, I. F. **Formação e conservação dos solos**. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2010.
MARTINS, S. V. **Recuperação de áreas degradadas: como recuperar áreas de preservação permanente, voçorocas, taludes rodoviários e áreas de mineração**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2013.
MORAES, M. H.; MÜLLER, M. M. L.; FOLONI, J. S. S. **Qualidade física do solo: métodos de estudo - sistemas de preparo e manejo do solo**. Jaboticabal: FUNEP, 2002.

Bibliografia Recomendada

MACHADO, C. J. S. **Gestão de águas doces**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.
SILVA, L. S. et al. **Fundamentos da Matéria Orgânica do Solo: Ecossistemas tropicais e subtropicais**. Porto Alegre: Metrópole, 2008.
VALENTE, O. F.; GOMES, M. A. **Conservação de nascentes: hidrologia e manejo de bacias hidrográficas de cabeceiras**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005.

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR



CÓDIGO BAR 1075			NOME DO COMPONENTE MEDICINA VETERINÁRIA LEGAL		SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OP	BAR1026
EMENTA						
<p>Introdução à medicina legal veterinária; Legislação na área de Medicina Veterinária Legal; Atuação do profissional em Medicina Veterinária Legal. Noções: Direito e Criminalística; Identificação e Genealogia; Tanatologia médico-legal; Traumatologia forense; Toxicologia forense; Patologia Forense; Exames Laboratoriais em perícias; Fraudes vícios redibitórios; Morte intencional: criminosa, eutanásia, sacrifício, abate, eliminação; Morte acidental: imperícia, sinistro. Maus tratos dos animais e danos ao meio ambiente; Fotodocumentação legal; Perícia civil e perícia criminal; Conceituação de perícia e avaliação; Exames periciais por Médicos Veterinários e Elaboração de laudos, pareceres técnicos e demais documentos judiciais. Normas relativas aos produtos de origem animal e funcionamento de estabelecimentos veterinários e correlatos. Normas relativas à produção, testes, armazenamento, comercialização e controle de medicamentos de uso animal. Legislação e exames de determinação de resíduos de medicamentos em produtos de origem animal. Normas relativas ao trânsito nacional e internacional de animais.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica						
ALMEIDA JUNIOR, A. Lições de Medicina Legal . 4.ed. Rio de Janeiro: Nacional de Direito, 1957.						
FRANÇA, G. V. Fundamentos de Medicina Legal . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.						
FRANÇA, G. V. Medicina legal . 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.						
PAARMANN, K. Medicina Veterinária Legal . São Paulo: Editora do Autor, 2005.						
PASSAGLI, M. Toxicologia Forense - Teoria e Prática . 3. ed. Campinas: Millennium, 2011.						
TOCHETTO, D.; ESPINDULA, A. Criminalística: Procedimentos e Metodologias . 3. ed. Campinas: Millennium, 2016.						
TOCHETTO, D. Perícia Ambiental Criminal . 3. ed. Campinas: Millennium, 2014.						
Bibliografia Complementar						
ALCANTARA, H. R. Perícia Médico Judicial . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.						
ESPINDULA, A. Perícia Criminal e Cível Uma Visão Geral para Peritos e Usuários da Perícia . 4. ed. Campinas: Millennium, 2013.						
OLIVEIRA-COSTA, J. Insetos “Peritos” – A Entomologia Forense no Brasil . 1. ed. Campinas: Millennium, 2013.						
TOCHETTO, D. Balística Forense: Aspectos técnicos e jurídicos . 8. ed. Campinas: Millennium, 2016.						
BRUNI, A. T.; VELHO, J. A.; OLIVEIRA, M. F. Fundamentos de Química Forense – Uma análise prática da química que soluciona crimes . 1. ed. Campinas: Millennium, 2012.						
Bibliografia Recomendada						
McGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. Bases da Patologia em Veterinária . 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1076			NOME DO COMPONENTE OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR1032, BAR1021
EMENTA						
Abordará os principais temas e técnicas relacionadas a oftalmologia diagnóstica e terapêutica em animais domésticos e silvestres: Anatomia e fisiologia ocular; semiotécnica oftálmica; principais afecções dos olhos e anexos; principais cirurgias oculares, intraoculares e perioculares. As aulas práticas serão realizadas em cadáveres.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica GELATT, K. N.; GILGER, B. C.; KERN, T. J. Veterinary Ophthalmology. 5. ed. Wiley, 2013. GELATT, K. N. Essentials of Veterinary Ophthalmology. 2. ed. Wiley, 2008. HERRERA, D. Oftalmologia clínica em animais de companhia. Medvet. 2008. MAGGS, D.; MILLER, P.; OFRI, R. Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology. 5. ed. Saunders, 2013. MARTIN, C. L. Ophthalmic Disease in Veterinary Medicine. CRC Press, 2009.</p> <p>Bibliografia Complementar GILGER, B. C. Equine Ophthalmology. John Wiley & Sons. 2016. TURNER, S. M. Small Animal Ophthalmology. Elsevier Health Sciences. 2008. WILLIAMS, D. L. Ophthalmology of exotic pets. John Wiley Professio. 2012.</p> <p>Bibliografia Recomendada ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna Veterinária: doenças do cão e do gato. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica Veterinária. Um Tratado de Doenças dos Bovinos, Ovinos, Suínos, Caprinos e Equinos. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. SMITH, B. P. Medicina Interna de Grandes Animais. 3. ed. São Paulo: Manole, 2006.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1077			NOME DO COMPONENTE ORTOPEDIA VETERINÁRIA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR1032, BAR1033
EMENTA						
Proporcionar conhecimentos acerca das principais afecções ortopédicas, bem como abordagem e planejamento das fraturas dos principais ossos de pequenos animais. Exame ortopédico, acessos aos ossos longos e principais articulações, fixação interna e externa das fraturas, métodos de estabilização rígida e flexível com base na configuração das fraturas, tratamento das principais afecções articulares e das vias de acesso cirúrgico.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
Bibliografia Básica DENNY, H. R.; BUTTERWORTH, S. J. Cirurgia Ortopédica em Cães e Gatos . 4. ed. São Paulo: Roca, 2006. FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais . 4. ed. São Paulo: Roca, 2014. KOVAL, K. J; ZUCKERMAN, J. D. Manual de Fraturas – Koval. 5. ed. DiLivros. 2017. PIERMATTEI, D. L.; FLO, G. L.; DECLAMP, C. E. Ortopedia e Tratamento das Fraturas de Pequenos Animais . São Paulo: Manole, 2009. SLATTER, D. H. Manual de cirurgia dos pequenos animais . 3. ed. São Paulo: Manole, 2007.						
Bibliografia Complementar BOJRAB, M. J. Técnicas Atuais em Cirurgia de Pequenos Animais . 1. ed. São Paulo: Editora Roca, 1996. TUDURY, E. A; POTIER, G. M. A. Tratado de técnica cirúrgica veterinária . São Paulo: MedVet, 2009. LEVINE, D.; MILLIS, D. L.; MARCELLIN-LITTLE, D. J.; TAYLOR, R. Reabilitação e Fisioterapia na prática de pequenos animais . São Paulo: Roca, 2008. THRALL, D. E. Textbook of veterinary diagnostic radiology . 4. ed. Philadelphia: W.B. Saunders, 2002.						
Bibliografia Recomendada ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna Veterinária: doenças do cão e do gato . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. MANN, F. A.; CONSTANTINESCU, G. M.; YOON, H. Y. Fundamentos de Cirurgia em Pequenos Animais . São Paulo: Roca, 2014. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais . 5. ed. Rio de Janeiro: Mosby, 2015.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1060			NOME DO COMPONENTE PLANTAS TÓXICAS			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
45	15	60	45	23	OP	BAR1026
EMENTA						
Abordagem conceitual das principais plantas tóxicas que acometem os animais de produção, destacando sua classificação, reconhecimento, princípios tóxicos e controle, discutidos de acordo com a sua ação patológica. Além de enfatizar o estudo das manifestações clínicas, achados de necropsia, às alterações histopatológicas, ao diagnóstico e aos diagnósticos diferenciais, tratamento e profilaxia, bem como às condições em que ocorrem.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica MAXIE, M. G. JUBB. Kennedy & Palmer's Pathology of Domestic Animal . 6. ed. Elsevier. 2007. RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A.; BORGES, R. J. Plantas Cardiotóxicas . In Doenças de Ruminantes e Equídeos. Vol. 1 e 2. Pallotti. 2007. RADOSTITS, O. M., GAY, C. C., BLOOD D. C., KENNETH W. H. Clínica Veterinária. Um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. SMITH, B. P. Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais . São Paulo: Manole, 1993. TOKARNIA, C. H.; BRITO, M. F.; BARBOSA, J. D.; PEIXOTO, P. V.; DÖBEREINER, J. II. Parte Especial: Plantas tóxicas que afetam o funcionamento do coração . In: Plantas tóxicas do Brasil para animais de produção. 2. ed. Rio de Janeiro: Helianthus, 2012.						
Bibliografia Complementar AIELLO, S. E. Manual Merck de Veterinária . 9. ed. São Paulo: Roca, 2008. DIRKSEN, G.; GRUNDER, H. D.; STOBER, M. Medicina Interna y Cirugía del Bovino . 4. ed. Buenos Aires: Inter-Médica, 2005. PEREIRA, C. A. Plantas tóxicas e intoxicações na veterinária . Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992. PUGH, D. G. Clínica de Ovinos e Caprinos . São Paulo: Roca, 2005. REBHUN, W. C. Doenças do Gado Leiteiro . São Paulo: Roca, 2000.						
Bibliografia Recomendada Periódicos Sugeridos Pesquisa Veterinária Brasileira. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia. Australian Veterinary Journal. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science. Small Ruminant Research.						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 0019			NOME DO COMPONENTE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO RURAL			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OP	BAR0003
EMENTA						
Introdução: o papel do campo na dinâmica da sociedade brasileira. Formação histórica da agricultura brasileira. Agricultura brasileira: diversidade socioeconômica e conflitos sociais. Processos fundamentais do desenvolvimento rural. Sustentabilidade do desenvolvimento rural. Diversidade regional do desenvolvimento rural no Brasil e na Bahia.						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica BATALHA, M. O. Gestão Agroindustrial. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. 800p. Vol 2. CEDRO, R.R. Desenvolvimento rural e a OMC – a experiência do Brasil. Editora Juruá. 2011. 232 p. CHAVES FEIJÓ, R.L. Economia agrícola e desenvolvimento rural. Editora LTC. 2011. 362 p. TEIXEIRA, E. C; MIRANDA, M. H.; FREITAS, C. O. Políticas governamentais aplicadas ao agronegócio. Viçosa: Editora UFV, 2014. VEIGA, J.E. O desenvolvimento agrícola: uma versão histórica. Editora EDUSP. 2007. 234 p.</p> <p>Bibliografia complementar ABRAMOVAY, R. O futuro das regiões rurais. Editora UFRGS. 2003. CONTERATO, M.A.; RADOMSKY, G.F.W.; SCHNEIDER, S. Pesquisa em desenvolvimento rural: aportes teóricos e proposições metodológicas. Editora UFRGS. 2014. 320 p. COVAS, A. Política agrícola e desenvolvimento rural. Editora Colibri. 2004. 200 p. SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Editora UFRGS. 2011. 323 p. FROELICH, J.M.; DIESEL, V. Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos. Editora Unijui. 2009. 2 ed. 192 p.</p> <p>Bibliografia Recomendada MAZOYER, M.; ROUDART, L. Histórias das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea. Editora UNESP. 2010. 520 p. VEIGA, J.E. Metamorfose da política agrícola dos Estados Unidos. Editora Annablume. 206 p.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1078			NOME DO COMPONENTE PRÁTICA HOSPITALAR EM GRANDES ANIMAIS			SEMESTRE: - CIRURGIA DE
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	60	60	-	23	OP	BAR1032
EMENTA						
Consistirá no acompanhamento dos atendimentos a grandes animais na área cirúrgica da Clínica/Hospital Veterinário da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, visando ao aluno maior vivência profissional nessa área.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica						
GARNERO, O.; PERUSIA, O. Manual de Anestesia e Cirurgia de Bovinos . Tecmed, 2006.						
HENDRICKSON, D. A. Técnicas Cirúrgicas em Grandes Animais . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.						
KNECHT, C. D.; ALLEN, A. R.; WILLIAMS, D. J.; JOHNSON, J. H. Técnicas Fundamentais em Cirurgia Veterinária . 2. ed. São Paulo: Roca, 1997.						
MADORRÁN, A. C. Manual de Técnicas Cirúrgicas e Anestésicas em Clínica Equina . 1. ed. São Paulo: Medvet, 2015.						
TUDURY, E. A.; POTIER, G. M. A. Tratado de técnica cirúrgica veterinária . São Paulo: MedVet, 2009.						
Bibliografia Complementar						
DIRKSEN, G.; GRUNDER, H. D.; STOBBER, M. Medicina Interna y Cirugía del Bovino . 4. ed. Buenos Aires: Inter-Médica, 2005.						
RABELO, R. E.; SILVA L. A. F.; SILVA O. C.; VULCANI V. A. S. Cirurgias do Aparelho Reprodutor de Machos Bovinos e Equinos . 1. ed. São Paulo: MedVet. 2017.						
TURNER, A. S.; McILWRAITH, C. W. Técnicas cirúrgicas em animais grande porte . 1. ed. São Paulo: Roca, 1985.						
Bibliografia Recomendada						
PUGH, D. G. Clínica de Ovinos e Caprinos . São Paulo: Roca, 2005.						
RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Clínica Veterinária. Um Tratado de Doenças dos Bovinos, Ovinos, Suínos, Caprinos e Equinos . 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.						
RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A. et al. Doenças de Ruminantes e Equinos . 3. ed. Santa Maria: Pallotti, 2007						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1079			NOME DO COMPONENTE PRÁTICA HOSPITALAR EM PEQUENOS ANIMAIS			SEMESTRE: - CIRURGIA DE
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	60	60	-	23	OP	BAR1032
EMENTA						
Consistirá no acompanhamento dos atendimentos a pequenos animais na área cirúrgica da Clínica/Hospital Veterinário da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, visando ao aluno maior vivência profissional nessa área.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica BOJRAB, M. J. Técnicas Atuais em Cirurgia de Pequenos Animais . 1. ed. São Paulo: Roca, 1996. FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais . 4. ed. São Paulo: Roca, 2014. KNECHT, C. D.; ALLEN, A. R.; WILLIAMS, D. J.; JOHNSON, J. H. Técnicas Fundamentais em Cirurgia Veterinária . 2. ed. São Paulo: Roca, 1997. SLATTER, D. H. Manual de cirurgia dos pequenos animais . 3. ed. São Paulo: Manole, 2007. TUDURY, E. A; POTIER, G. M. A. Tratado de técnica cirúrgica veterinária . São Paulo: MedVet, 2009.						
Bibliografia Complementar BOJRAB, M. J. Mecanismos das doenças em cirurgia de pequenos animais . 3. ed. São Paulo: Roca, 2014. 1040 p. OLIVEIRA, A. L. A. Técnicas Cirúrgicas em Pequenos Animais . Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 492 p. TOBIAS, K. M. Manual de Cirurgia de Tecidos Moles em Pequenos Animais . 1. ed. São Paulo: Roca, 2012.						
Bibliografia Recomendada ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna Veterinária: doenças do cão e do gato . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. MANN, F. A.; CONSTANTINESCU, G. M.; YOON, H. Y. Fundamentos de Cirurgia em Pequenos Animais . São Paulo: Roca, 2014. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais . 5. ed. Rio de Janeiro: Mosby, 2015.						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1058			NOME DO COMPONENTE SAÚDE ÚNICA, CULTURA E SOCIEDADE			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	OP	-
EMENTA						
<p>Discussões contextualizadas sobre temas avançados pertinentes ao universo de atuação da Medicina Veterinária no País e no Mundo contemporâneo; o Médico Veterinário na formulação e execução das políticas públicas das áreas de produção animal, reforma agrária, defesa sanitária, saúde pública, meio ambiente, agronegócio, difusão de conhecimento, pesquisa/inação, educação, iniciativa privada e demais áreas com interface participativa da Medicina Veterinária; Fundamentação histórico e conceitual da complexidade da relação saúde humana, animal e ambiental dentro do conceito de Saúde Única; Avaliação contextualizada das intervenções tecnológicas no meio ambiente e suas contribuições e impactos sobre a saúde humana e sobre a manutenção dos ciclos ecológicos; Comunicação e mídias na promoção da conscientização ambiental.</p>						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica: BERTOLLI FILHO, C. História da saúde pública no Brasil. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2008. BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. Plano Diretor de Reforma da Política Sanitária Brasileira. Brasília, 1996. CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. Promoção de saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. DIAS, G. F. Educação Ambiental: Princípios e Prática. São Paulo: Gaia, 2004. DOMINGUES, P. F.; LANGONI, H. Manejo sanitário animal. Rio de Janeiro: EPUB, 2001. RICHARD, B.; RODRIGUES, E. Biologia da conservação. Editora Planta. 2001</p> <p>Bibliografia Complementar: DIAS, G.F. Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental. São Paulo: Gaia, 2006. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Human health and the Rio Conventions: biological diversity, climate change and desertification. World Health Organization 2012. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Our Planet, Our Health. Genebra, Report of the WHO Comission on Health and Environment. 1992. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Climate Change and Human Health. Geneva, World Health Organization, 1996.</p> <p>Bibliografia Recomendada: Durante a disciplina serão discutidos vídeo documentários, artigos científicos e textos não acadêmicos sobre temas que abordem a temática interessada. Sites e revistas também serão disponibilizados para busca de maiores informações.</p>						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2109			NOME DO COMPONENTE SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	-	30	45	-	OP	-
EMENTA						
Noções históricas e conjuntura nacional e mundial da produção e abastecimento alimentar. Construção conceitual das noções de soberania e segurança alimentar e direito humano à alimentação adequada. Estruturação do sistema agroalimentar: produção, processamento, abastecimento e as alternativas em construção agricultura familiar, sustentabilidade, culturas e hábitos alimentares.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica CERVATO-MANCUSO, A.M.; FIORE, E.G.; REDOLFI, S.C.S. Guia de segurança alimentar e nutricional . Editora Manole. 2015. 188 p. GRASSI NETO, R. Segurança alimentar – da produção agrária à proteção do consumidor . Editora Saraiva. 2013. 448 p. HIRAI, W.G. Segurança alimentar em tempos de (in)sustentabilidades produzidas . Editora paco Editoorial. 2011. 216 p. ROCHA, B.M. Política de segurança alimentar nutricional e sua inserção ao sistema único de assistência social . Editora Paco editorial. 2012. 164 p. SCHNEIDER, O.F. Segurança alimentar e nutricional – tecendo a rede de saberes . Editora Faperg. 2012. 208 p.						
Bibliografia complementar ALMEIDA FILHO, N.; RAMOS, P. Segurança alimentar – produção agrícola e desenvolvimento territorial . Editora Alínea. 2010. 312 p. COSTA, C.G.A. Segurança alimentar e nutricional – significados e apropriações . Editora Annablume. 2011. 332 p. JUCENE, C. Manual de segurança alimentar – boas práticas para os serviços de alimentação . Editora Rubio. 2013. 214 p. ORTEGA, A.C.; ALMEIDA FILHO, N. Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária . Editora Alínea. 2007. 308 p. SANT’ANA, D. Direito e soberania alimentar – o caso dos fertilizantes . Editora Quartier Latin/Atlântico Pacífico. 2015. 341 p..						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 2110			NOME DO COMPONENTE TECNOLOGIA DE BEBIDAS			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR1007
EMENTA						
Introdução à tecnologia de bebidas. Bebidas alcoólicas. Bebidas fermentadas. Bebidas destiladas. Bebidas destiladas e retificadas. Bebidas alcoólicas por mistura. Bebidas não-alcoólicas.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica GRANATO, D.; NUNES, D.S. Análises químicas, propriedades funcionais e controle da qualidade de alimentos e bebidas. Editora Elsevier. 2016. 576 p. OLIVEIRA, V.G. Processos biotecnológicos industriais – produção de bens de consumo com o uso de fungos e bactérias. Editora Érica. 2015. 120 p. CARDOSO, M.G. Produção de aguardente de cana. Editora UFLA. 2013. 340 p. VENTURINI FILHO, W.G. Bebidas não alcoólicas – ciência e tecnologia. Editora Blucher. 2010. 412 p. VENTURINI FILHO, W.G. Bebidas alcoólicas – ciência e tecnologia. Editora Blucher. 2016. 575 p.						
Bibliografia complementar VENTURINI FILHO, W.G. Tecnologia de Bebidas. Editora Blucher. 2005. 564 p. VENTURINI FILHO, W.G. Industria de Bebidas – inovação, gestão e produção. Editora Blucher. 2011. 536 p. AQUARONE, E.; BORZANI, W.; SCHMIDELL, W.; LIMA, U.A. Biotecnologia industrial: biotecnologia na produção de alimentos. Editora Blucher. 2001. 544 p. VENTURINI FILHO, W.G. Tecnologia de cerveja. Editora FUNEP. 2000. 84 p						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR 1080			NOME DO COMPONENTE TERAPÊUTICA VETERINÁRIA			SEMESTRE: -
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR1017
EMENTA						
<p>Introdução à terapêutica veterinária: evolução histórica do conceito saúde/doença, sistemas médicos e métodos terapêuticos. Prescrição veterinária e regulamentação de medicamentos. Terapias de supressão e controle: anticonvulsivante, analgésica, antiinflamatória, antialérgica e antineoplásica. Terapias de combate aos agentes etiológicos: antimicrobiana e antiparasitária. Terapias de reposição e substituição: fluidoterapia, hemoterapia e diálise. Terapêutica das emergências clínicas. Fisioterapia veterinária. Homeopatia veterinária. Acupuntura veterinária. Terapias complementares e integrativas.</p>						
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS						
<p>Bibliografia Básica ADAMS, H. R. Farmacologia e terapêutica em veterinária. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. ANDRADE, S. F. Manual de terapêutica veterinária. 3. ed. São Paulo: Roca, 2008. BIRCHARD, S. J.; SHERDING, R. G. Manual Saunders de Clínica de Pequenos Animais. 3. ed. São Paulo: Roca, 2008. DIBARTOLA, S., P. Anormalidades de fluidos e eletrólitos e equilíbrio ácido-base na clínica de pequenos animais. São Paulo: Roca, 2007. ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E.C. Tratado de Medicina Interna Veterinária - Doenças do Cão e do Gato. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.</p> <p>Bibliografia Complementar GOODMAN, L. S.; GILMAN, A. As bases farmacológicas da terapêutica. 11. ed. Rio de Janeiro: McGraw, 2006. NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. PAPICH, M. G. Manual Saunders Terapêutico Veterinário. 2. ed. São Paulo: Medvet, 2009. SPINOSA, H. S.; GORNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à Medicina Veterinária. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. WEBSTER, C. R. L. Farmacologia Clínica em Medicina Veterinária. São Paulo: Roca, 2005.</p> <p>Bibliografia Recomendada GIGUÈRE, S.; PRESCOTT, J. F.; BAGGOT, J. D.; WALKER, R. D.; DOULING, P. M. Terapia antimicrobiana em medicina veterinária. 4. ed. São Paulo: Roca, 2010. SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; PALERMO-NETO, J. Medicamentos em Animais de Produção. São Paulo: Roca, 2014. WEBSTER, C. R. L. Farmacologia Clínica em Medicina Veterinária. São Paulo: Roca, 2005.</p>						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR2121		NOME DO COMPONENTE TÓPICOS ESPECIAIS EM CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS			SEMESTRE: -	
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR1032
EMENTA						
Abordará os principais temas e técnicas relacionadas a cirurgia em cães e gatos, sendo abordadas as principais enfermidades clínico-cirúrgicas que afetam estes animais. As aulas práticas serão realizadas em cadáveres.						
REFERÊNCIAS						
<p>Bibliografia Básica BOJRAB, M. J. Técnicas Atuais em Cirurgia de Pequenos Animais. 1. ed. São Paulo: Roca, 1996. BOJRAB, M. J. Mecanismos das doenças em cirurgia de pequenos animais. 3.ed. São Paulo: Roca, 2014. FOSSUM, T. W. Cirurgia de pequenos animais. 4. ed. São Paulo: Roca, 2014. SLATTER, D. H. Manual de cirurgia dos pequenos animais. 3. ed. São Paulo: Manole, 2007. TUDURY, E. A.; POTIER, G. M. A. Tratado de técnica cirúrgica veterinária. São Paulo: MedVet, 2009.</p> <p>Bibliografia Complementar KNECHT, C. D.; ALLEN, A. R.; WILLIAMS, D. J.; JOHNSON, J. H. Técnicas Fundamentais em Cirurgia Veterinária. 2. ed. São Paulo: Roca, 1997. OLIVEIRA, A. L. A. Técnicas Cirúrgicas em Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. TOBIAS, K. M. Manual de Cirurgia de Tecidos Moles em Pequenos Animais. 1. ed. São Paulo: Roca, 2012.</p> <p>Bibliografia Recomendada HUTCHINSON, T.; BAINES, S.; LIPSCOM, V. Manual de Cirurgia Em Cães e Gatos. 1. ed. São Paulo: Roca, 2014. MANN, F. A.; CONSTANTINESCU, G. M.; YOON, H. Y. Fundamentos de Cirurgia em Pequenos Animais. São Paulo: Roca, 2014. RABELO, R. Emergências Em Pequenos Animais - Condutas Clínicas e Cirúrgicas No Paciente Grave. 1. ed. Elsevier, 2013.</p>						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1062			NOME DO COMPONENTE		SEMESTRE:	
TÓPICOS ESPECIAIS EM MEDICINA VETERINÁRIA I						
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
60	-	60	45	-	Optativa	-
EMENTA						
Ementa variável, de acordo com o tópico a ser estudado. O tópico especial visa proporcionar oportunidade de aprofundamento de estudos ligados a temas na área da Medicina Veterinária.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						
Bibliografia Complementar Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						
Bibliografia Recomendada Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1063			NOME DO COMPONENTE		SEMESTRE:	
TÓPICOS ESPECIAIS EM MEDICINA VETERINÁRIA II						
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	Optativa	-
EMENTA						
Ementa variável, de acordo com o tópico a ser estudado. O tópico especial visa proporcionar oportunidade de aprofundamento de estudos ligados a temas na área da Medicina Veterinária. A critério do professor, poderá haver aula de campo e/ou visita técnica.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						
Bibliografia Complementar Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						
Bibliografia Recomendada Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO BAR1064			NOME DO COMPONENTE		SEMESTRE:	
TÓPICOS ESPECIAIS EM MEDICINA VETERINÁRIA III						
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
-	60	60	-	23	Optativa	-
EMENTA						
Ementa variável, de acordo com o tópico a ser estudado. O tópico especial visa proporcionar oportunidade de aprofundamento de estudos ligados a temas na área da Medicina Veterinária. A critério do professor, poderá haver aula de campo e/ou visita técnica.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						
Bibliografia Complementar Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						
Bibliografia Recomendada Variável de acordo com os tópicos abordados, considerando sempre as bibliografias disponíveis na biblioteca do <i>campus</i> .						



DADOS DO COMPONENTE CURRICULAR						
CÓDIGO		NOME DO COMPONENTE				SEMESTRE: -
BAR2006		ZOOLOGIA AGRÍCOLA				
CARGA HORÁRIA			MÓDULO		NATUREZA	PRÉ-REQUISITO
T	P	Total	Teórico	Prático		
30	30	60	45	23	OP	BAR0004
EMENTA						
Introdução e importância da Zoologia para a Agronomia. Conceitos e definições sobre zoologia. Classificação e nomenclatura zoológica. Níveis de organização dos animais. Características gerais das primeiras linhagens do Reino Animal, enfocando: origem, evolução e biologia das formas de interesse agrônomo para Protozoa, Platyhelminthes, Nematoda, Mollusca, Annelida, Arthropoda e Chordata.						
REFERÊNCIAS						
Bibliografia Básica FRANSOZO, A. & M.L. NEGREIROS-FRANSOZO (eds.), 2016. Zoologia dos Invertebrados . 1ª edição, Rio de Janeiro, Roca, ISBN: 978-85-277-2806-5, 2016 HICKMAN JR, C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON, A. 2004. Princípios integrados de zoologia . 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 846p. HILDEBRAND, M.; GOSLOW Jr., G.E. 2006. Análise da estrutura dos vertebrados . 2.ed. São Paulo: Atheneu Editora São Paulo, 2006. 637p. POUGH, F.H; JANIS, C.M.; HEISER, J.B. A vida dos vertebrados . 4.ed. São Paulo: Atheneu Editora São Paulo, 2008. 684p. RUPPERT, E. E.; FOX, R. S.; BARNES, R.D. 2005. Zoologia dos Invertebrados . 7. ed. São Paulo: Roca, 2005. 1145p.						
Bibliografia Complementar BARNES, R.S.K.; P. CALOW; P.J.W. OLIVE; D.W.GOLDING; J.I.SPICER. 2008. Os Invertebrados, uma síntese . São Paulo, Atheneu Editora São Paulo. 2008. 504p BRUSCA, R.C.; G.J. BRUSCA. 2007. Invertebrados . Guanabara-Koogan. 2007. 1098p. FUJIHARA, R.T.; FORTI, L.C.; ALMEIDA, M.C.; BALDIN, E.L.L. Insetos de Importância Econômica: Guia Ilustrado para Identificação de Famílias . Editora FEPAF, Botucatu, SP, 2011, 391 p. MORAES, G. J.; FLECHTMANN, C. H. W. Manual de Acarologia: Acarologia Básica e Ácaros de Plantas Cultivadas no Brasil . Ribeirão Preto: Editora Holos Ltda., 2008. 288p. TRIPLEHORN, C. A.; JOHNSON, N. F. Estudo dos insetos . São Paulo: Cengage, 2011. 816 p.						



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

APÊNDICE B - REGULAMENTO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

APRESENTAÇÃO

As Normas do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório e do Estágio Extracurricular Não-Obrigatório de Medicina Veterinária da UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia) aqui apresentadas, tiveram como base o Regulamento Geral do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Goiás (2013), com embasamento na Lei de Estágio nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008 e na Resolução CNE/CES 1, de 18 de fevereiro de 2003.

CAPÍTULO I

CONCEPÇÃO, COMPETÊNCIAS E OBJETIVOS DO ESTÁGIO

Art. 1º Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (Art. 1º da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008).

Art. 2º O Curso de Graduação em Medicina Veterinária tem, de acordo com Art. 3º, da resolução CNE/CES 1/2003, como perfil do formando egresso/profissional o Médico Veterinário, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, apto a:

I - Compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação às atividades inerentes ao exercício profissional, no âmbito de seus campos específicos de atuação em saúde animal e clínica veterinária; saneamento ambiental e medicina veterinária preventiva, saúde pública e inspeção e tecnologia de produtos de origem animal; zootecnia, produção e reprodução animal e ecologia e proteção ao meio ambiente.

II - Ter conhecimento dos fatos sociais, culturais e políticos da economia e da administração agropecuária e agroindustrial.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

III – Demonstrar capacidade de raciocínio lógico, de observação, de interpretação e de análise de dados e informações, bem como dos conhecimentos essenciais de Medicina Veterinária, para identificação e resolução de problemas.

Art. 3º Em atendimento ao conjunto de diretrizes e aos procedimentos elencados no item 8.4 desse projeto pedagógico de Medicina Veterinária, e em concordância com a política de estágio supervisionado da UFOB, tem-se os seguintes objetivos do Estágio Curricular Supervisionado:

I - Permitir experiência prática na área de interesse do acadêmico, respeitando-se a multidisciplinaridade do curso;

II - Permitir aprimoramento e preparação para a futura vida profissional;

III - Contextualizar a matriz curricular do Curso de Medicina Veterinária da UFOB com o trabalho profissional e com a prática social do cidadão;

IV - Ampliar os espaços que conduzam os acadêmicos à vivência de fundamentos científico-tecnológicos;

V - Incentivar a participação do formando em empreendimentos e/ou projetos de interesse no desenvolvimento das Ciências Agrárias e da Saúde.

Parágrafo Único: Em conformidade com o Art. 2º da lei nº 11.788, “o estágio poderá ser obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso”, definindo no parágrafo 1, o estágio obrigatório como pré-requisito para obtenção de diploma.

CAPÍTULO II

ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

Art. 4º O Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório deverá ser realizado após a aprovação em todos os componentes curriculares de acordo com o projeto pedagógico do curso de Medicina Veterinária, com total de 4.405 horas, com exceção do componente TCC, que será cursado concomitantemente, no décimo semestre do curso.

Parágrafo Único: Casos específicos serão encaminhados ao Colegiado do Curso.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Art. 5º A aprovação mediante nota mínima igual ou superior a 5,0 é obrigatória para conclusão e obtenção do diploma do curso.

§ 1º - O graduando que não atingir nota mínima será automaticamente reprovado, tendo a oportunidade de realizá-lo novamente no semestre seguinte.

§ 2º - O estágio poderá ser concluído nos semestres par ou ímpar do ano letivo e/ou durante as férias letivas, sendo tais situações julgadas e aprovadas pelo Colegiado do Curso.

Art. 6º A carga horária mínima a ser cumprida será de 540 horas/aula, 10% da carga horária total do curso, distribuídas em 40 horas semanais, em acordo com o parágrafo 1º do Art. 10º da Lei nº. 11.788, de 2008.

Art. 7º O estágio do curso se compromete com a formação do Médico Veterinário e será desenvolvido sob supervisão de docente da UFOB.

Art. 8º O estágio curricular obrigatório pode ser realizado na Instituição de Ensino Superior e/ou fora dela, em instituição/empresa credenciada, com orientação docente e supervisão local.

Art. 9º A empresa ou Instituição concedente ao estágio deverá estar vinculada à UFOB, de acordo com as normas vigentes na Universidade.

Art. 10 O acadêmico poderá estagiar em locais públicos ou privados, que abrangem em seu perfil as grandes áreas da Medicina Veterinária como:

- I - Saneamento ambiental, Ecologia e Proteção ao Meio Ambiente;
- II - Zootecnia e Produção Animal; Saúde Animal e Clínica Veterinária;
- III - Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Pública;
- IV - Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal.

Art. 11 Ao final do estágio, o estudante deve entregar a carta de avaliação realizada pelo Supervisor de Estágio e o Relatório de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório ao orientador de Estágio do curso de Medicina Veterinária da UFOB, para composição da nota.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

CAPÍTULO III

DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Seção I

Responsabilidades do Acadêmico

Art. 12 Antes de iniciar o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório, o estudante deverá definir o Orientador, mediante entrega de Carta de Aceite de Orientação.

Parágrafo Único: Estudante e docente orientador, juntos definirão o local do estágio e farão o Plano de Atividade de Estágio, juntamente com o Supervisor de Estágio.

Art. 13 São atribuições do acadêmico do curso de Medicina Veterinária da UFOB para o Estágio Curricular Supervisionado:

- I - Estar regularmente matriculado no curso e com aprovação em todas as outras disciplinas, não podendo cursar disciplina dependente ao mesmo tempo do período de estágio, exceto o componente curricular TCC que será cursado no décimo semestre;
- II - Solicitar ao Coordenador do curso, com um ano de antecedência do início do estágio, a formalização do convênio entre a parte concedente e UFOB, caso ainda não exista;
- III - Entregar à Coordenação do Curso o **TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO**;
- IV - Entregar a **CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR** e este deverá estar ciente da orientação antes do início do estágio;
- V - Preencher e encaminhar o **PLANO DE ATIVIDADE DE ESTÁGIO** em acordo com o Orientador e supervisor de Estágio, com no mínimo 25 dias antes do início do estágio;
- VI - Entregar no início do estágio **CARTA DE APRESENTAÇÃO** à Empresa/Instituição;
- VII - Permanecer em contato com o Orientador para auxílio na preparação do Relatório de Estágio;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

VIII - Redigir o Relatório de Estágio obedecendo às normas segundo o formulário de RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO, conforme ABNT;

IX - Entregar ao orientador de Estágio, no final do período de estágio, a FICHA DE CONTROLE DE FREQUÊNCIA DO ESTAGIÁRIO, juntamente com o FICHA DE AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO PELO SUPERVISOR em envelope lacrado pelo Supervisor;

X - Entregar o Relatório Final ao Orientador de estágio, cópia impressa e encadernada, no prazo máximo de 10 (dez) dias após a finalização do estágio;

§ 1º Após a Avaliação do Relatório, se necessário, o estudante terá um prazo de 15 dias para as correções sugeridas pela banca julgadora, podendo ser reprovado se não cumprir o prazo.

§ 2º O Relatório deverá ser entregue em cópia digital (formato PDF) gravada em CD identificado com o nome do acadêmico, nome do Orientador de Estágio e data, juntamente com a Ata com a composição final da nota;

§ 3º O estudante será considerado aprovado no estágio se, após cálculo das médias, atingir nota final igual ou superior a 5,0.

§ 4º O não cumprimento dos prazos estabelecidos ou entrega da documentação exigida implicará em cancelamento do estágio no semestre;

§ 5º Os formulários institucionais da UFOB para estágio curricular obrigatório e não-obrigatório estão disponíveis no site da Instituição.

Seção II

Responsabilidades do Orientador de Estágio

Art. 14 Ao Orientador de Estágio caberá as responsabilidades pela execução das funções detalhadas abaixo:

I - Solicitar ao Colegiado do Curso de Medicina Veterinária a relação de alunos aptos a execução do Estágio Curricular Supervisionado;

II - Conferir documentação necessária entregue pelo estudante;

III - Encaminhar os resultados finais dos estudantes ao Colegiado do Curso;

IV - Orientar no máximo cinco estudantes por semestre;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- V – Indicar, quando couber, um Coorientador para os estudantes;
- VI - Solicitar certificado para o supervisor de estágio.

Seção III

Responsabilidades do supervisor

Art. 15 O supervisor de Estágio Curricular Supervisionado deverá ser um profissional com curso superior na área de Ciências Agrárias, da Saúde ou Biológicas, que acompanhará o estudante nas atividades do Estágio Curricular Supervisionado.

Parágrafo Único: O supervisor de estágio será responsável pela orientação, acompanhamento da frequência e cumprimento do plano de estágio preparado previamente em conjunto com o Orientador de Estágio.

Art. 16 São atribuídas ao Supervisor de Estágio, as seguintes funções:

- I - Participar do planejamento do Plano de Atividades de Estágio em comunhão com o estudante e Orientador;
- II - Informar imediatamente ao Orientador de Estágio caso tenha problemas de qualquer ordem com o estudante;
- III - Acompanhar a execução do Plano de Atividades elaborado e a frequência do estudante;
- IV - Avaliar o rendimento do estudante durante a realização e ao final do estágio;
- V - Preencher a Ficha de avaliação do estagiário, colocando-a, juntamente com o Controle de frequência de estágio, em envelope lacrado para que o estudante possa encaminhar ao Orientador de Estágio.

Seção IV

Avaliação do estagiário

Art. 17 A nota do Estágio Supervisionado será obtida pela média aritmética da nota atribuída pelo Supervisor e a Nota do Orientador de Estágio, dividido por dois para obtenção da média final.

Parágrafo Único: Para aprovação o estudante deverá atingir a média igual ou superior a 5,0, com frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) durante o período de estágio.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

CAPÍTULO V

Estágio Não-Obrigatório

Art. 18 O Estágio não-obrigatório trata-se de uma atividade prevista no PPC do curso e portanto, o cumprimento de no máximo 90 horas poderão ser aproveitados conforme Barema das Atividades Complementares Curriculares (ACC).

Parágrafo Único: O estágio não obrigatório é experiência para uma oportunidade de conhecer as diferentes áreas que abrangem o curso de Medicina Veterinária, capacitando o estudante para a atuação profissional.

Art. 19 Os graduandos poderão iniciar o Estágio Extracurricular Não-Obrigatório a partir do terceiro semestre do curso, quando um nível de conhecimento mínimo é exigido.

Art. 20 O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de Estágio Não-Obrigatório, conforme legislação vigente.

Art. 21 Para aproveitamento do Estágio Extracurricular Não-Obrigatório deverá ser apresentada declaração ou certificado fornecido pela instituição, ou empresa ou profissional autônomo, devidamente assinada.

Art. 22 Casos omissos serão tratados pelo Colegiado do Curso de Medicina Veterinária.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

APÊNDICE C - REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

CAPÍTULO I CONCEPÇÃO E OBJETIVOS

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso-TCC é um componente curricular obrigatório como requisito para a obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária na Universidade Federal do Oeste da Bahia-UFOB.

Parágrafo Único: Consiste na elaboração de um trabalho acadêmico individual que deverá ser desenvolvido ao cursar os componentes curriculares obrigatórios Projeto de Pesquisa e TCC, como consta na Matriz Curricular do Curso.

Art. 2º São objetivos do trabalho de conclusão do curso de Medicina Veterinária:

- I - Proporcionar a produção acadêmica que reúna conhecimento adquiridos ao longo do curso de graduação, de forma sistemática, organizada e com aprofundamento teórico.
- II - Incentivar a postura ativa e criativa do estudante na construção do conhecimento por meio de pesquisa, investigação e escrita.
- III - Estimular habilidades de planejamento, elaboração, execução, redação e apresentação de projetos e trabalhos técnicos, seguindo princípios técnico-científicos.
- IV - Promover a consolidação das técnicas de pesquisa, resultando em sólida formação científica e profissional que possibilite, ao futuro profissional, absorção e desenvolvimento tecnologia.
- V - Incentivar o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa do estudante na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade.
- VI - Avaliar o estudante quanto à capacidade de síntese, arguição, proposição e solução de situações-problema para lhe permitam acesso ao exercício profissional.

CAPÍTULO II DAS CARACTERÍSTICAS E ORGANIZAÇÃO



Seção I

Composição e estrutura do TCC

Art. 3º Compreende-se e admite-se como TCC a realização de um trabalho de pesquisa individual, que deverá ser concebido na forma de artigo científico ou, relato de caso ou revisão de literatura, desenvolvidos a partir de um projeto previamente elaborado.

Art. 4º O tema sobre o qual versará o TCC será escolhido pelo estudante, em consenso com seu orientador, devendo a temática estar relacionada às áreas de formação e atuação do Médico Veterinário.

Art. 5º O TCC será desenvolvido em duas etapas, sendo estas constituídas pelos componentes curriculares Projeto de Pesquisa e TCC:

I - O componente curricular Projeto de Pesquisa apresenta carga horária de 45 horas-aula e é destinado à elaboração e apresentação escrita de um projeto de pesquisa teórica, experimental ou de outra natureza.

§1º O projeto, elaborado e apresentado de forma escrita, será objeto de avaliação do estudante no componente curricular Projeto de Pesquisa.

§2º Será considerado aprovado o estudante que obtiver nota igual ou superior a 5,0 (cinco virgula zero), além de cumprir prazos e frequência estabelecidos pelo professor do componente.

II - O componente curricular TCC apresenta carga horária de 15 horas-aula e é destinado à execução do projeto elaborado no componente curricular Projeto de Pesquisa, com subsequente elaboração do artigo científico, ou relato de caso ou revisão de literatura.

Art. 6º É facultada ao estudante a condução do seu projeto de TCC no interstício entre o semestre de oferecimento do componente curricular Projeto de Pesquisa e do TCC.

Art. 7º O artigo científico, ou relato de caso ou revisão de literatura, elaborado e apresentado de forma escrita e oral, será objeto de avaliação no componente curricular TCC.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Art. 8º A nota final do componente TCC será obtida pela média aritmética entre a nota atribuída ao trabalho escrito e a nota atribuída à apresentação oral e arguição do TCC, perante banca examinadora.

§1º A nota atribuída à apresentação oral e arguição do TCC corresponderá à média aritmética da nota atribuída pelos examinadores que integram a banca.

§2º Será considerado aprovado no TCC, o estudante que obtiver nota final igual ou superior a 5,0 (cinco vírgula zero), além de cumprir os prazos e frequência estabelecidos pelo professor deste componente.

Art. 9º O projeto de pesquisa, bem como o artigo científico, ou relato de caso ou revisão de literatura, deverá ser elaborado de acordo com a estrutura e formatação propostas neste regulamento.

Art. 10 A banca examinadora do TCC será composta por três integrantes, dentre os quais estará o orientador do TCC, e todos deverão possuir no mínimo o título de graduado em Medicina Veterinária ou áreas correlatas.

Art. 11 A apresentação do TCC será pública e o estudante terá de 30 a 40 minutos para apresentação do seu trabalho.

Parágrafo Único: Após a apresentação, cada examinador que compõe a banca terá 15 minutos para arguição. É vetada a arguição ao discente por parte de membros externos à banca.

Art. 12 Ao estudante que durante a graduação tenha escrito projeto de pesquisa e artigo científico associado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da UFOB, é admitido o aproveitamento deste nos componentes Projeto de Pesquisa e TCC, desde que haja o consentimento do orientador do PIBIC, bem como sua certificação quanto à autoria dos documentos em questão.

Parágrafo Único: A apresentação do relatório de projeto de pesquisa do PIBIC perante a banca examinadora não será dispensada em hipótese alguma.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Art. 13 Projetos de pesquisa que envolvam animais, deverão ser submetidos ao Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA) ou Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de uma Instituição de Ensino Superior, antes de sua execução e o protocolo de aprovação deverá ser anexado ao projeto/TCC.

Seção II

Dos requisitos para matrícula

Art. 14 O componente curricular Projeto de Pesquisa é oferecido no oitavo semestre do curso de Medicina Veterinária.

Parágrafo Único: Só poderá se matricular, o aluno que tenha cumprido os pré-requisitos do componente em questão e cursado, com aprovação, um conjunto de componentes curriculares obrigatórios e/ou optativos, cujo somatório mínimo da carga horária seja de 3.045 horas/aula, o que equivale a 70% da carga horária de componentes curriculares exigida para integralização do curso.

Art. 15 O componente curricular TCC é oferecido no décimo semestre do curso de Medicina Veterinária.

Parágrafo Único: Só poderá se matricular o estudante que tenha cursado, com aprovação, todos os componentes curriculares que compõem a grade curricular do curso, exceto o componente em questão e o Estágio Curricular Supervisionado.

Seção III

Da orientação do TCC

Art. 16 O Orientador de TCC poderá ser escolhido pelo próprio estudante, perante relação de docentes aptos a orientar, conforme publicação a ser emitida pelo Colegiado do Curso, que o orientará durante os componentes curriculares Projeto de Pesquisa e TCC.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Art. 17 O Orientador de TCC deverá ser um docente da UFOB, preferencialmente lotado no Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra-CMB.

Art. 18 Sempre que necessário, o orientador poderá indicar coorientadores para auxiliar no processo de orientação do TCC, podendo estes pertencerem ao quadro de docentes da UFOB ou de outras Instituições de Pesquisa, Extensão e/ou Ensino Superior, em conformidade com o Regulamento de Ensino de Graduação.

Art. 19 O Colegiado divulgará, semestralmente, a relação de orientadores de TCC com disponibilidade para orientação, vinculando-os às suas respectivas linhas de pesquisa.

CAPÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES

Seção I

Competências do Colegiado do curso

Art. 19 Compete ao Colegiado do curso de Medicina Veterinária:

- I - Realizar levantamento e divulgação dos docentes interessados em atuar como orientadores, bem como suas respectivas linhas de pesquisa.
- II - Apresentar aos orientadores de TCC o regulamento desta atividade.
- III - Emitir declaração de participação para todos os membros das bancas examinadoras do TCC.
- IV - Emitir declaração de Orientação e Coorientação para todos os docentes que atuarem nessa função.

Seção II

Competências do Docente responsável pelo componente curricular Projeto de Pesquisa

Art. 20 Compete do Docente responsável pelo componente curricular Projeto de Pesquisa:

- I - Orientar os estudantes matriculados no componente curricular sobre a estrutura do Projeto de Pesquisa e estabelecer os prazos para as atividades a serem desenvolvidas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

II - Organizar a distribuição dos estudantes matriculados entre os docentes com disponibilidade para orientação, de acordo com a área de interesse de cada estudante e expertise de cada orientador.

III - Responder pelas atividades concernentes ao componente, tais como a elaboração do Plano de Ensino e preenchimento do Diário Acadêmico.

IV - Avaliar o desempenho do estudante no componente curricular por meio do projeto de pesquisa elaborado.

V - Informar semestralmente ao Colegiado do curso a relação de docentes que atuaram como orientadores na elaboração dos projetos de pesquisa, bem como as informações pertinentes às respectivas orientações.

Seção III

Competências do Coordenador do curso

Art. 21 Compete ao Coordenador do curso:

I - Programar com os docentes orientadores a apresentação do TCC em tempo hábil, para que possíveis correções possam ser realizadas dentro do período letivo, conforme o calendário acadêmico.

II - Responder pelas atividades concernentes ao componente TCC.

III - Notificar semestralmente a relação de docentes que atuarão como orientadores no componente curricular, bem como as informações pertinentes às respectivas orientações.

IV - Divulgar previamente para a comunidade acadêmica a ocorrência das apresentações de TCC, informando sobre temas, discentes, orientadores, bancas, datas, horários e o locais onde serão realizadas.

Seção IV

Competências do orientador de TCC

Art. 22 Compete ao orientador de TCC:

I - Definir o tema do TCC, juntamente com o estudante, dentro do prazo estabelecido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

- II - Orientar e acompanhar o desenvolvimento do TCC em todas as suas etapas, mantendo contato permanente com o orientado.
- III - Estabelecer, juntamente com o estudante e a banca, data, horário e local da apresentação e defesa do TCC de seu orientado.
- IV - Definir os membros que, juntamente consigo, comporão a banca examinadora do seu orientado e comunicar esta composição ao Coordenador do curso.
- V - Analisar a qualidade do projeto de pesquisa ou artigo científico, ou relato de caso ou revisão de literatura previamente à entrega destes documentos à banca examinadora.
- VI - Assegurar que o orientado entregue o TCC aos membros da banca examinadora até 15 dias antes da data prevista para a apresentação do mesmo.
- VII - Orientar os estudantes acerca da estrutura e dos prazos para as atividades a serem desenvolvidas no componente curricular TCC.

Seção V

Competências do estudante de TCC

Art. 23 Compete ao estudante de TCC:

- I - Selecionar, juntamente com seu orientador, o tema do trabalho a ser desenvolvido nos componentes curriculares Projeto de Pesquisa e TCC.
- II - Elaborar o projeto de pesquisa, como atividade obrigatória do componente curricular Projeto de Pesquisa.
- III - Elaborar o TCC em formato de artigo científico, ou relato de caso ou revisão de literatura, como atividade obrigatória do componente curricular TCC.
- IV - Entregar a versão escrita do TCC, apresentar oralmente em sessão pública, perante banca examinadora.
- V - Entregar uma cópia do TCC aos membros da banca examinadora com antecedência mínima de 15 dias à data prevista para a apresentação do mesmo.
- VI - Cumprir com o planejamento de trabalho e as atividades estabelecidas pelo coordenador do curso e pelo orientador.
- VII - O estudante terá um prazo de no máximo 15 dias para as correções finais do TCC.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

VIII – O estudante deverá solicitar à Biblioteca do Campus a ficha catalográfica e entregar versão final impressa (encadernada) e digitalizada em CD, devidamente identificada e assinada pela Banca para a Biblioteca e à Coordenação do Curso.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 24 Caso de plágio é considerado falta grave, estando seu praticante sujeito à reprovação no TCC e abertura de inquérito para as devidas providências legais.

Parágrafo Único: Enquanto o caso não for apurado, fica o estudante impedido de concluir o TCC.

Art. 25 Os casos omissos neste regulamento serão apreciados pelo Colegiado do curso de Medicina Veterinária da UFOB.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO I

Formulário de Avaliação do Projeto de Pesquisa

Discente: _____

Título do Projeto: _____

Orientador: _____

PARÂMETROS	Nota máxima	Nota atribuída
O tema do projeto é pertinente com a proposta do curso	1,0	
Obs:		
A data de entrega do projeto e demais exigências relativas a prazos foram cumpridas a contento pelo discente	0,5	
Obs:		
O projeto apresenta os itens pré-textuais determinados pelo regulamento de TCC: capa, folha de rosto, e sumário	0,5	
Obs:		
O projeto apresenta os itens textuais determinados pelo regulamento de TCC: Introdução, justificativa, objetivo geral e específicos, metodologia, cronograma de execução e referências bibliográficas	0,5	
Obs:		
O problema de pesquisa existe, está bem formulado e foi corretamente justificado	1,5	
Obs:		
O objetivo geral e objetivos específicos estão claros e corretamente formulados	1,5	



Obs:		
A metodologia está clara e permitirá que os objetivos propostos sejam alcançados	1,5	
Obs:		
Há articulação entre as seções que compõem o projeto e redação adequada	1,5	
Obs:		
As referências bibliográficas são adequadas e recentes	1,0	
Obs:		
O cronograma do projeto é exequível	0,5	
Obs:		
Soma das notas atribuídas:		

Barra, _____ de _____ de _____.

Nome do Avaliador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO II

Formulário para Cadastro do TCC

Discente: _____

Orientador: _____

MODELO DE DESENVOLVIMENTO DO TCC:

() Artigo Científico () Revisão Bibliográfica () Relato de Caso

TEMA ESCOLHIDO PARA A ELABORAÇÃO DO TCC

Área: _____ Grande área: _____

Dados da defesa:

Data: ___/___/___ Local/sala: _____ Horário:

Banca avaliadora:

Orientador (a):

Avaliador 1:

Avaliador 2:

Barra, ___ de _____ de _____.

Nome do discente

Nome do orientador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO III
Formulário de Avaliação do Trabalho de Conclusão do Curso

Discente: _____

Título do TCC: _____

Orientador: _____

Avaliação do trabalho escrito:

PARÂMETROS	NOTA (0,0 a 1,0)
Adequação, originalidade e relevância do tema para o curso. Obs:	
Estrutura e formatação do manuscrito de acordo com o regimento que o regulamenta. Obs:	
Qualidade da redação e articulação entre as seções que compõe o manuscrito. Obs:	
Pertinência da fundamentação, discussão e dos procedimentos metodológicos aplicados ao estudo. Obs:	
Atualidade, consistência e adequação das referências bibliográficas. Obs:	
Soma das notas atribuídas:	

Avaliação da apresentação e arguição:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

PARÂMETROS	NOTA (0,0 a 1,0)
Linguagem clara, tecnicamente correta e apropriada: dicção, postura e vocabulário.	
Obs:	
Organização e clareza na exposição do conteúdo.	
Obs:	
Qualidade e uso adequado dos recursos audiovisuais e cumprimento do tempo de apresentação.	
Obs:	
Cumprimento e distribuição apropriada do conteúdo ao tempo disponível para apresentação.	
Obs:	
Domínio do conteúdo e desenvoltura na arguição.	
Obs:	
Soma das notas atribuídas:	

NOTA FINAL (Soma da nota do trabalho escrito e nota da apresentação e arguição)	
-------------------------------------------------------------------------------------------	--

Barra, ____ de _____ de _____.

Nome do examinador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO IV **GUIA PARA ELABORAÇÃO DE TCC**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA **CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE BARRA**

Nome da instituição com fonte Times New Roman, tamanho 14, centralizado e em negrito.

Nome do Discente

Nome do discente iniciando 11 espaços após o tópico superior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, centralizado e em negrito.

TÍTULO DO TRABALHO

Título do trabalho iniciando 11 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito, espaçamento de 1,5 entre
linhas

Local e ano na penúltima e última linha da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

BARRA
2019



NOME DO DISCENTE

Nome do discente no topo da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

TÍTULO DO TRABALHO

Título do trabalho iniciando 10 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste da Bahia como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador(a): Prof(a). Msc/Dr(a). Nome do Orientador(a)

Coorientador: Prof(a). Msc/Dr(a). Nome do Co-Orientador(a)

Nota indicativa da natureza do trabalho e dos orientadores, iniciando 2 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado, com espaçamento simples entre linhas, em caixa de texto com 8 cm de largura, alinhada à margem direita da página. Os termos “Orientador” e “coorientador” destacados em negrito.

Local e ano na penúltima e última linha da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

**BARRA
2019**



NOME DO DISCENTE

Nome do discente no topo da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

Título do trabalho iniciando 9 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

Nota indicativa da natureza do trabalho iniciando 2 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado, com espaçamento simples entre linhas, em caixa de texto com 8 cm de largura, alinhada à margem direita da página.

TÍTULO DO TRABALHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste da Bahia como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária.

Barra, *dia* de *mês* de *ano*

Indicação do orientador e examinadores do TCC dispostos de forma a ocupar as últimas linhas da página, com fonte Times, tamanho 12, centralizado.

Local e ano iniciando 1 espaço após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 12, centralizado.

Orientador: _____

Prof(a). Nome do Orientador(a).

Examinador: _____

Prof(a). Nome do Examinador

Examinador: _____

Prof(a). Nome do Examinador



Elemento opcional, com fonte Times New Roman, tamanho 14, alinhado à direita, posicionado de modo que a última linha da página seja ocupada.

“Epígrafe”.

DEDICATÓRIA

Elemento opcional.
Título do tópico: com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.
Texto: iniciar 1 espaço após o tópico de identificação da página, em fonte Times, tamanho 12, espaçamento simples e justificado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

AGRADECIMENTOS

Elemento opcional.

Título do tópico: com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

Texto: iniciar 1 espaço após o tópico de identificação da página, em fonte Times, tamanho 12, espaçamento simples e justificado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

RESUMO

Termo **RESUMO** em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.
O texto do resumo deve iniciar 1 espaço após o tópico de identificação da página, em fonte Times, tamanho 12, espaçamento simples e justificado. Somado às palavras-chave, não deve ultrapassar a última linha desta página.

Palavras-chave:

Termo descrito após 1 espaço do fim do resumo, com fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado e em negrito. Descrever de 3 a 5 palavras, com fonte Times, tamanho 12, justificado, separadas por vírgula.



LISTA DE FIGURAS

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em

	Pág
Figura 1 Título da figura.....	xx

Inserir tabela com 3 colunas, iniciando 1 espaço após o tópico anterior. Na primeira coluna inserir o número da figura; na segunda o título; e na terceira o número da página em que se encontra a figura. Utilizar fonte times, tamanho 12, com alinhamento à esquerda. Deixar o espaço de 1 linha entre as figuras enumeradas.



LISTA DE TABELAS

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em

		Pág
Tabela 1	Título da tabela.....	XX
Tabela 2	Título da tabela.....	XX

Inserir tabela com 3 colunas, iniciando 1 espaço após o tópico anterior. Na primeira coluna inserir o número da tabela; na segunda o título; e na terceira o número da página em que se encontra a tabela. Utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12, com alinhamento à esquerda. Deixar o espaço de 1 linha entre as tabelas enumeradas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

LISTA DE ABREVIATURAS

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em

UFOB: Universidade Federal do Oeste da Bahia

Iniciar a descrição das siglas, conforme modelo apresentado acima, 1 espaço após o tópico que identifica a página. Utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12, com alinhamento à esquerda.



SUMÁRIO

	Pág
Artigo científico	XX
Resumo	XX
Abstract	XX
Introdução	XX
Material e métodos	XX
Resultados e discussão	XX
Conclusão	XX
Referências	XX
ANEXO	XX

Informar tipo de documento produzido:
Artigo científico, Revisão de literatura
ou Relato de caso.

Obrigatório anexar as normas de
publicação da revista utilizada
para a elaboração do Relato de
Caso, Revisão de literatura ou
Artigo científico.

Os itens aqui elencados serão de acordo
com o tipo de artigo produzido e os
tópicos exigidos pela revista a que o
artigo se destina.

Termo em fonte Times New
Roman, tamanho 14, caixa alta,
centralizado e em negrito.

Inserir tabela com 2 colunas, iniciando 1 espaço após o tópico
identificador da página. Na primeira coluna inserir os tópicos do
documento e na segunda o número da página em que se inicia o
tópico. Utilizar fonte times, tamanho 12, com alinhamento à
esquerda. Deixar o espaço de 1 linha entre tópicos subsequentes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

Inserção do Manuscrito

Acrescentar o Artigo, Relato de Caso ou Revisão Bibliográfica de acordo com as normas da revista ou periódico definido para publicação em comum acordo discente/orientador.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

APÊNDICE

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

Um espaço abaixo do tópico identificador da página, inserir as normas do periódico escolhido para publicação, relacionadas aos seguintes tópicos: i) Política editorial; ii) Secções exigidas para o tipo de publicação em questão; iii) Normas para preparo e formatação do texto para o tipo de publicação em questão. Utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado, com espaçamento simples.

☞ Informações complementares:

- Em todo o documento as margens direita, superior e inferior deverão ter 2,5 cm e a margem esquerda: deverá ter 3,0 cm.

- A paginação deve ser inserida no canto inferior à direita, com fonte tamanho 12. Todas as páginas são contadas a partir da folha-de-rosto, porém não numeradas. A indicação de número é colocada a partir da Introdução.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

ANEXO V

GUIA PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO DE TCC



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE BARRA

Nome da instituição com fonte Times New Roman, tamanho 14, centralizado e em negrito.

Nome do Aluno

Nome do aluno iniciando 11 espaços após o tópico superior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, centralizado e em negrito.

TÍTULO DO PROJETO

Local e ano na penúltima e última linha da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

BARRA
2019

Título do projeto iniciando 11 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito, espaçamento de 1,5 entre linhas.



NOME DO ALUNO

Nome do aluno no topo da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado

TÍTULO DO PROJETO

Título do projeto iniciando 10 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste da Bahia como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador(a): Prof(a). Msc/Dr(a). Nome do Orientador(a)

Coorientador: Prof(a). Msc/Dr(a). Nome do Co-Orientador(a)

Nota indicativa da natureza do trabalho e dos orientadores iniciando 2 espaços após o tópico anterior, com fonte Times New Roman, tamanho 12, justificado, com espaçamento simples entre linhas, em caixa de texto com 8 cm de largura, alinhada à margem direita da página. Os termos “Orientador” e “coorientador” destacados em negrito.

Local e ano na penúltima e última linha da página, com fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.

**BARRA
2019**

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, centralizado e em negrito.



SUMÁRIO

	Pág
1. Introdução.....	XX
2. Justificativa.....	XX
3. Objetivos.....	XX
4. Metodologia.....	XX
5. Cronograma.....	XX
6. Referências bibliográficas.....	XX

Os tópicos aqui apresentados
serão de natureza obrigatória.
Subtópicos podem ser
acrescentados a critério do autor.

Inserir tabela com 2 colunas, centralizada, iniciando 1 espaço após o tópico identificador da página. Na primeira coluna inserir os tópicos do documento e na segunda o número da página em que se inicia o tópico. Utilizar fonte times, tamanho 12, com alinhamento à esquerda. Deixar o espaço de 1 linha entre tópicos subsequentes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Centro Multidisciplinar do *Campus* de Barra

1. INTRODUÇÃO

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, alinhado à esquerda e em negrito.

Iniciar o texto um espaço após o tópico de identificação da página, em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples e justificado. Em cada parágrafo utilizar recuo de 1,25 cm para a primeira linha.



2. JUSTIFICATIVA

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, alinhado à esquerda e em negrito.

Iniciar o texto um espaço após o tópico de identificação da página, em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples e justificado. Em cada parágrafo utilizar recuo de 1,25 cm para a primeira linha.



3. OBJETIVOS

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, alinhado à esquerda e em negrito.

Inserir um tópico para Objetivo Geral e outro para Objetivos Específicos. Utilizar enumeração em segundo nível de acordo, com a numeração desse tópico. Os subtópicos devem ser inseridos um espaço o tópico de identificação da página. Deve-se manter um espaço entre o tópico e o primeiro subtópico, bem como entre subtópicos e texto. O texto deve ser em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples e justificado. Em cada parágrafo utilizar recuo de 1,25 cm para a primeira linha.



4. METODOLOGIA

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, alinhado à esquerda e em negrito.

Iniciar o texto um espaço após o tópico de identificação da página, em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples e justificado. Em cada parágrafo utilizar recuo de 1,25 cm para a primeira linha.



5. CRONOGRAMA

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, alinhado à esquerda e em negrito.

Inserir o cronograma em forma de quadro, um espaço após o tópico de identificação da página, conforme modelo sugerido abaixo. Para a descrição das atividades utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples, alinhado à esquerda. A marcação do período de execução de cada atividade deverá ser feita aplicando sombreamento cinza ao plano de fundo das células correspondentes. Ajustes ao modelo apresentado podem ser feitos.

Atividades	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
XXXXXX						
XXXXXX						
XXXXXX						
XXXXXX						
XXXXXX						



6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Termo em fonte Times New Roman, tamanho 14, caixa alta, alinhado à esquerda e em negrito.

Iniciar a descrição das referências um espaço após o tópico de identificação da página.

Para a formatação de cada tipo de referência, utilizar o padrão recomendado pela ABNT.

Quanto à formatação, o texto deve ser em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento à esquerda, espaçamento simples entre linhas e espaçamento de 6 pontos entre referências consecutivas.

☞ Informações complementares:

- Em todo o documento as margens direita, superior e inferior deverão ter 2 cm e a margem esquerda deverá ter 2,5 cm.

- A paginação deve ser inserida no canto inferior à direita, com fonte tamanho 12. Todas as páginas são contadas a partir da folha-de-rosto, porém não numeradas. A indicação de número deverá ser colocada a partir da Introdução.



APÊNDICE D – REGULAMENTO DE ACC

**BAREMA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES CURRICULARES POSSÍVEIS
PARA AS DIFERENTES CATEGORIAS PREVISTAS NO CURSO DE MEDICINA
VETERINÁRIA DA UFOB**

ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA CONTABILIZADA	MÁXIMO
ENSINO		
Componente curricular cursado com aprovação, na UFOB ou outra instituição, e não contabilizada para integralização da carga horária do curso.	30% da carga horária do componente curricular cursado.	40 h
Monitoria, remunerada ou voluntária, em componentes curriculares dos cursos de graduação da UFOB, ou projetos de natureza semelhante.	20 horas por semestre de exercício da função.	60 h
Tutoria em projetos educacionais, técnico-científico, socioambiental, artístico-cultural e de educação profissional.	10 horas por projeto.	20 h
Produção e desenvolvimento de material didático-pedagógico, instrucional ou tecnológico supervisionado por docente da UFOB (vídeos, apostilas, aplicativos, afins).	20 horas por material desenvolvido.	60 h
Premiação de trabalho acadêmico de ensino.	5 horas por trabalho premiado.	15 h
Intercâmbio acadêmico.	25 e 50 horas por semestre para intercâmbio em instituições nacionais e internacionais, respectivamente.	50 h
Participação em cursos de idiomas.	10 horas por semestre cursado.	50 h
Participação de grupos de estudos registrados e coordenados por docentes da UFOB.	10 horas por semestre de participação.	50 h
PESQUISA		
Iniciação científica, remunerada ou voluntária, em projetos registrados e coordenados por professores da UFOB.	20 horas por semestre de atividade.	80 h
Autoria ou co-autoria de capítulo de livro lançado.	30 horas por capítulo.	60 h
Autoria ou co-autoria de Artigo ou Nota Técnica publicados ou aceitos para publicação em periódicos científicos.	35 horas por artigo publicado em Periódico Qualis A1 ou A2.	70 h
	30 horas por artigo publicado em Periódico Qualis B1, B2 ou B3.	



	25 horas por artigo publicado em Periódico Qualis B4, B5 ou C.	
Autoria ou co-autoria de Trabalho Completo publicado em Anais de Eventos Científicos.	8 horas por trabalho publicado em Anais de Eventos Locais.	40 h
	10 horas por trabalho publicado em Anais de Eventos Regionais.	
	12 horas por trabalho publicado em Anais de Eventos Nacionais.	
	15 horas por trabalho publicado em Anais de Eventos Internacionais.	
Autoria ou co-autoria de Resumo Expandido publicado em Anais de Eventos Científicos.	7 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Locais.	40 h
	10 horas por Resumo Publicado em Anais de Eventos Regionais.	
	12 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Nacionais.	
	15 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Internacionais.	
Autoria ou co-autoria de Resumo simples publicado em Anais de Eventos Científicos.	10 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Locais com apresentação oral.	36 h
	14 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Regionais com apresentação oral.	
	18 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Nacionais com apresentação oral.	
	24 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Internacionais com apresentação oral.	
	6 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Locais com apresentação de pôster.	
	8 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Regionais com apresentação de pôster.	
	10 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Nacionais com apresentação de pôster.	
	12 horas por Resumo publicado em Anais de Eventos Internacionais com apresentação de pôster.	
Publicação de artigos de divulgação em jornais e revistas.	15 horas por publicação.	45 h
Participação em Eventos Científicos (Simpósio, Congresso, Seminário, Workshop etc.).	Como organizador: 15 horas por evento.	45 h
	Como ouvinte: 7 horas por evento.	
	Como palestrante: 15 horas por palestra.	
Premiação de trabalho acadêmico em pesquisa.	5 h por trabalho premiado.	15 h



EXTENSÃO		
Participação em programas/projetos de extensão registrados e coordenados por docentes da UFOB.	20 horas por semestre.	60 h
Participação em cursos de curta duração, minicursos ou oficinas de atualização pertinentes à área de formação.	Carga horária correspondente à carga horária do curso/oficina.	60 h
Trabalho voluntário em instituições públicas de ensino (aulas, cursos, monitoria, tutoria etc.).	Carga horária correspondente à carga horária da atividade desenvolvida.	60 h
Trabalho voluntário em Organizações Não Governamentais e outras instituições sem fins lucrativos.	Carga horária correspondente à carga horária da atividade desenvolvida.	40h
Participação em campanha de saúde, desportiva, de atenção a grupos vulneráveis e outras atividades de caráter humanitário e social.	5 horas por evento.	20 h
Participação em equipe/seleção desportiva e como representante da UFOB em torneios internos e externos.	5 horas por evento.	15 h
Participação em Eventos de Extensão (Simpósio, Dia de Campo, Visita Técnica etc.).	Como organizador: 15 horas por evento.	45 h
	Como ouvinte: 7 horas por evento.	
	Como palestrante: 15 horas por palestra.	
Apresentação de trabalho em Evento de Extensão.	Apresentação oral: 12 horas por trabalho.	50 h
	Apresentação de pôster: 7 horas por trabalho.	
Premiação de trabalho acadêmico em extensão.	5 h por trabalho premiado.	15 h
Participação nas atividades da Semana de Integração Universitária.	Como organizador: 15 horas por evento.	30 h
	Como ouvinte: 7 horas por evento.	
Participação nas atividades da Semana de Estudos Temáticos.	Como organizador: 15 horas por evento.	30 h
	Como ouvinte: 7 horas por evento.	
REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL		
Participação em Órgão Colegiado da UFOB.	15 horas por ano.	45 h
Participação em Diretório Acadêmico, Centro Acadêmico e outros órgãos de representação estudantil da UFOB.	20 horas por ano.	40 h
Participação em Comissão Instituída por órgão colegiado e setores diretivos da UFOB	10 horas por ano.	30 h
Participação como representante estudantil em entidades civis, constituídas formalmente.	8 horas por ano.	24 h



INICIAÇÃO AO TRABALHO		
Participação em atividade de iniciação ao trabalho técnico-profissional.	30% da carga horária realizada.	50 h
Bolsista de apoio técnico em atividades administrativas da UFOB ou em outras instituições conveniadas.	20 horas por semestre.	40 h
Realização de estágios extracurriculares relacionados à área de formação.	30% da carga horária realizada no estágio.	90 h
Participação como integrante de Empresa Júnior.	20 horas por ano.	40 h
OBS.: Cada certificado só poderá ser utilizado em uma única atividade, independente das possibilidades de inclusão desta atividade em mais de uma categoria.		